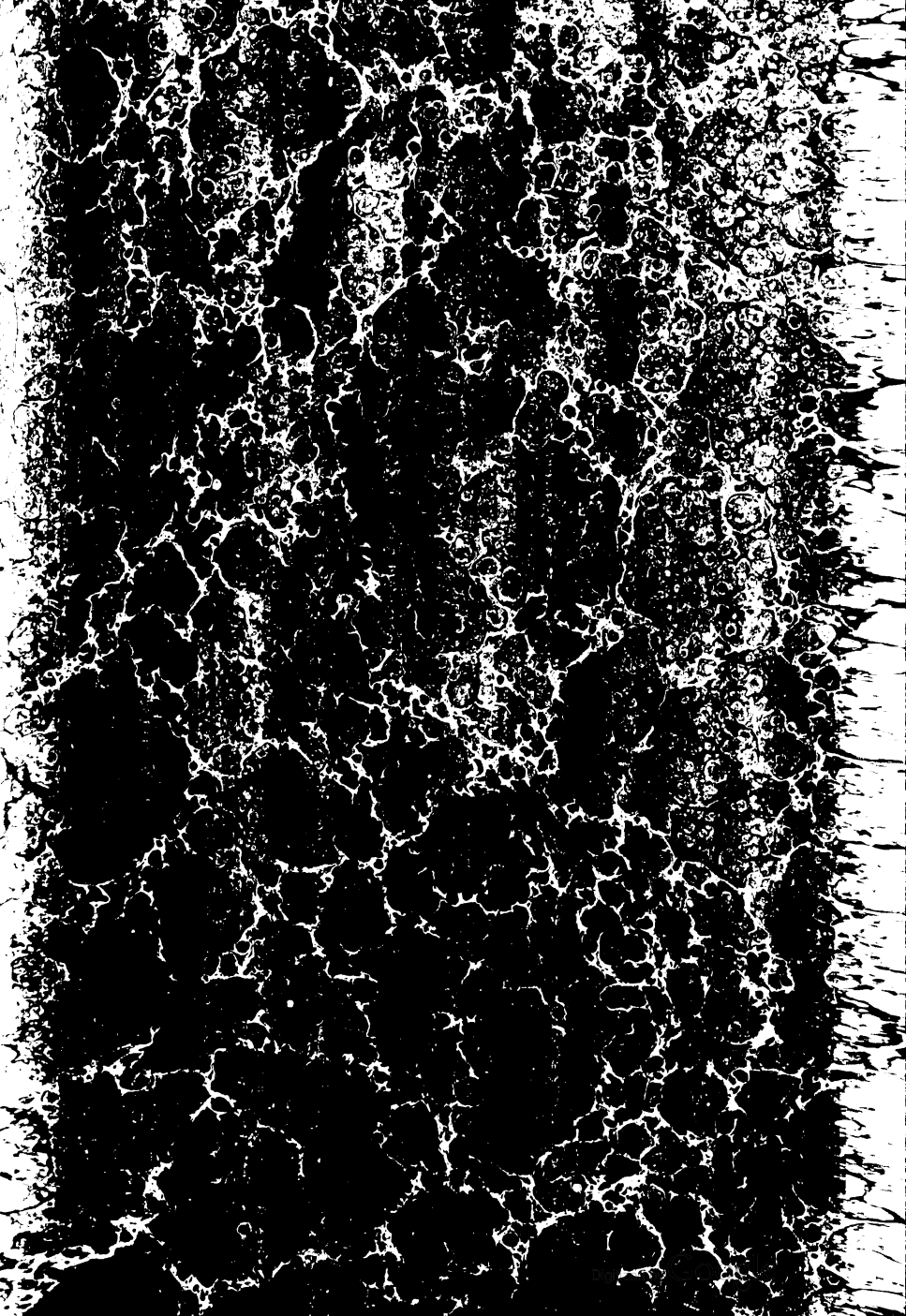




The image shows a high-contrast, black and white marbled book cover. The marbling pattern consists of intricate, swirling, and cellular shapes, creating a complex and organic texture. A solid black rectangular label is positioned on the left side of the cover, containing the text 'THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY' in a white, serif, all-caps font. The text is centered within the label and is framed by a thin white double-line border. The overall appearance is that of a classic, possibly antique, library book.







mis / 44

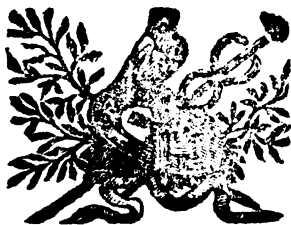
200.00



OBRAS  
POETICAS.

3

OBRAS  
POETICAS  
DE  
FRANCISCO DIAS GOMES:  
MANDADAS PUBLICAR  
POR ORDEM  
DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS,  
A BENEFICIO  
DA VIUVA E ORFAÕS DO AUTHOR.



LISBOA  
NA TYPOGRAPHIA DA ACAD. R. DAS SCIENCIAS.

ANNO DE 1799.

*Com licença de S. A. R.*

PQ9261  
D55  
1779



ROMAN



ARTIGO  
EXTRAHIDO DAS ACTAS  
DA  
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS

DE 18 DE OUTUBRO DE 1797.

**D**ETERMINA a *Academia Real das Sciencias*, que as Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, que forão julgadas dignas da luz publica, se imprimaõ á sua custa, e debaixo do seu Privilegio a beneficio da Viuva e Orfaõs do Author. Em fé do que passei a presente Certidaõ. Secretaria da Academia Real das Sciencias aos 20 de Setembro de 1799.

FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER  
Secretario da Academia.

BRE-



---

## BREVE NOTICIA

DA VIDA, E OBRAS DO AUTHOR.

**F**RANCISCO DIAS GOMES Author das Poésias , que hoje sahem á luz publica neste volume , nasceu em Lisboa no anno de 1745. Fôraõ seus Pais Fructuoso Dias , Commerciante de mercearia , e Vicencia Gomes , pessoas de mui regular e honesto procedimento , e afaz cuidadosas da educaçãõ moral de seus filhos. (\*) Como este annunciasse desde muito

---

(\*) Do disvelo que a Mãi de Francisco Dias Gomes tivera na sua educaçãõ moral , e mesmo na sua instrucçãõ litteraria , nos deixou elle hum authenticõ testimonho no Canto II. do Poema das Estações do anno , do qual adiante fallaremos ; e suposto que a passagem , aonde assim o pratica , seja algum tanto extensa , como este Poema por fallecimento do Author ficou incompleto , e he muiõ provavel que a parte d'elle , que deixou acabada , jámais saia á luz publica por meio da impressãõ , transcreveremos aqui as Oitavas , em que elle penetrado dos mais vivos sentimentos de ternura filial tributa á memoria de sua Mãi este sincero final do seu reconhecimento. O Poeta no mencionado Canto do seu Poema tratando da enxertia das arvores fructiferas , quando chega a fallar dos camoezes , fructo que o termo de Obidos , e especialmente o Reguengo Grande produz em muita abundancia , e de excellente qualidade , lembrado de que neste mesmo Paiz sua Mãi nascera , e morrera , exclama assim :

me-

menino disposições taõ favoraveis para a cultura das letras quanto se póde inferir das Elegias XIII, XIV, XV, e XVI; a primeira

---

*Oh Pomo salutifero e innocente,  
Nos amenos vergcis, que te produzem  
Aquella alma nasceu pura, excellente,  
De quem meus tristes dias se deduzem:  
Seu gesto amavel resplendor fulgente  
Das Virtudes, que aos astros me conduzem,  
Entre as sagradas sombras se educáraõ,  
Das quaes claro ornamento se ostentáraõ.*

*No vosso gremio, oh sombras deleitosas,  
Livres do Mundo avaro em paz descansãõ  
As adoradas cinzas saudosas,  
Por quem meus olhos de chorar naõ cançãõ:  
Que as minhas saudades pezarosas  
Noite e dia me assaltaõ, nem se amançaõ,  
Nem descem de seu auge hum leve ponto,  
Por mais que chore lagrimas sem conto.*

*E que a taõ vivo excesso se elevasse  
A minha inexoravel desventura,  
Que os olhos maternas me naõ deixasse  
Com pia maõ fechar... aspera e dura!  
Ah! tanto alli chorára que exhalasse  
A triste vida em fim de magoa pura,  
E por ti com voz febil e cançada  
Chamára sem cessar, Mãi adorada.*

*Nas Virtudes, que tanto cultivaste,  
E que em ii santo asylo consagraõ,  
A minha alma sollicita educaõ,  
E seus raios benignos me illustráraõ,  
Tu ao Templo das Musas me guiaste,  
Que no fogo da gloria me inflammáraõ,  
E que me prometéraõ claro assento  
No Templo do immortal Merecimento.*

das

das quaes compoz tendo 14 annos de idade, e não dez como elle por inadvertencia affirma

*Por ti fui da ignorancia libertado,  
Que o profundo saber em nada estima,  
Antes persegue com rancor irado,  
Que nem sempre se vê quem o reprima.  
Se eu sou das Santas Musas inspirado,  
Se posso alguma cousa em prosa, ou rima,  
Tu terás, cara Mãi, perpetua vida,  
E em meu Canto serás aos Ceos erguida.*

Mas não foi esta a unica vez que Francisco Dias empregou os seus talentos Poeticos em celebrar as virtudes de sua Mãi. Entre os seus papeis encontrei hum Soneto, que em louvor d'ella escreveu no dia anniversario do seu nascimento. Não he certamente hum modelo no seu genero, mas sendo mais hum testemunho do amor filial do nosso Poeta, para com sua Mãi, não se nos estranhará, que o transcrevamos tambem nesta Nota. He o seguinte :

*Com doce canto, angelica harmonia  
As Virtudes estão no Ceo cantando,  
Teu nascimento alegres celebrando,  
Oh Cara Mãi, teu natalicio dia.*

*Penetradas de altissima alegria  
Teu justo Coração, teu gesto brando  
Nas azas do Louvor vão levantando:  
Celeste som, divina melodia!*

*Padre celeste, dizem, Santo, Santo  
Mais que todos os Santos ah! desterra  
Do peito de Vicencia a dor, e o pranto.*

*Pois que em sua alma tanto bem se encerra,  
Conserva-lhe da vida o fragil manto  
Para morada nossa lá na Terra.*

no preambulo das Notas á mesma Elegia, (\*) seu Pai o foi educando com o destino de o habilitar para os empregos da Magistratura Civil. Com este intento o fez applicar a todos os estudos menores, que o Senhor Rei D. José havia estabelecido na sua reforma da Instrucção Nacional, e que ao depois no Estatuto dado por aquelle Monarca á Universidade de Coimbra vieraõ a ser os preliminares de quasi todas as Faculdades, de que ella se compoem, e que especialmente o saõ das duas Faculdades Juridicas.

Francisco Dias fez estes estudos pela maior parte nas Escolas da Congregaçaõ do Oratorio, á excepçaõ da Rhetorica e Poetica, que estudou debaixo da direcçaõ do Professor Regio Pedro José da Fonseca, procurando com discernimento naõ ordinario na sua idade ouvir sempre as lições d'aquelles Mestres, que na opiniaõ geral eraõ reputados por mais benemeritos.

Quando apenas tinha começado o estudo do primeiro anno de Leis na Universidade, hum Tio do seu mesmo nome, homem abona-

---

(\*) O anno em que aconteceu o triste successo, que o Author menciona no preambulo das Notas á Elegia XIII, foi o de 1759: e como elle nascesse no de 1745 em o mez de Março, como consta da Certidaõ do seu Baptismo, he sem duvida, que tinha 14 annos; e que só por inadvertencia podia asseverar positivamente o contrario.

do,



do, e que como tal gozava de grande authoridade na sua Familia, o desviou da honrosa carreira, para que seu Pai o havia destinado. Este homem, que deveras se interessava pela felicidade dos seus parentes, e que fazia consistir a propria nas commodidades da vida e no socego do espirito, não podendo comprehender, que a cultura d'este fosse capaz de facilitar aos seres racionais huma nova ordem de prazeres desconhecidos dos ignorantes, procurou convencer o Pai do nosso Poeta, de que devia antepôr o estabelecimento seguro e tranquillo de seu filho, posto que humilde, a hum genero de vida, em que os proveitos, por quanto honroso elle seja, são de ordinario escassos e incertos, e em que a consciencia se acha frequentemente exposta a combates perigosos.

Fructuoso Dias, que destituído como seu irmão de todos os conhecimentos, que não são simples resultado da pratica ordinaria do Mundo, ignorava como elle, que na ordem das cousas humanas houvesse outros bens além da satisfação das necessidades fysicas, com facilidade se deixou persuadir de hum conselho tão accomodado á sua maneira de pensar, como conforme aos seus immediatos interesses, e Francisco Dias foi para logo mandado retirar de Coimbra. O fio de seus estudos públicos se interrompeu assim para sempre: e como seu Tio juntamente com o conselho da mudança de

destino se offerecesse a cooperar para formar-lhe hum estabelecimento mercantil da mesma natureza do de seu Pai, a futura esperança da Toga se lhe mudou de repente na administração de huma loja de mercearia, aonde os seus talentos, sem outro exercicio que a simples prática das operações mais communs da Arithmetica ordinaria, se não se achassem já affaz desenvolvidos e fortificados para resistir a semelhante golpe, deviaõ esmorecer totalmente, ou ser como as plantas exoticas, que transplantadas para clima e terreno improprio ficam reduzidas a huma vegetação infecunda, ou quando muito capaz sómente de fructos contrafeitos e mesquinhos.

Porém se esta mudança de situação executada em tempo, em que o espirito, e o gosto do nosso Poeta se achavaõ já affaz consistentes, não foi bastante para fazello retrogradar inteiramente, nem por isso deixou de ter sensivel influencia nos seus ultiores progressos. O continuado uso de occupar o entendimento com idéas communs, baixas, ou frivolas abate sobremaneira as faculdades intellectuaes, e limita de tal forte os vôos da imaginação, que toda a composição, em que se requer elevação e força de sentimentos, delicadeza de combinações, viveza de imagens, ou amenidade e cultura constante de estylo, se resentem mais ou menos da grossaria, e  
bai-

baixeza dos exercicios habituaes do espirito : o qual , sendo obrigado a esforços continuos para allevantar-se acima da sua esfera ordinaria , não pôde deixar de mostrar-se cansado , e de approximar-se a ella de quando em quando.

Francisco Dias , que perfeitamente conhecia esta verdade , e que se via forçado pelas suas circumstancias a persistir em hum modo de vida taõ opposto ao exercicio feliz dos talentos , que desde os primeiros annos começára a cultivar , pertendeu oppôr huma barreira constante aos funestos effeitos do trato continuo das gentes rudes. A leitura assidua das producções poeticas dos homens de genio , que nos tempos antigos haviaõ illustrado a Grecia e Roma , e que depois do renascimento das Letras na Europa começáraõ a polir , e alumiar a Italia , a França , e outros Paizes diversos , entre os quaes o nosso Portugal não desmerece ser com alguma especialidade nomeado , foi o expediente , que elle escolheu para este effeito.

Este era talvez o unico meio efficaz , a que o nosso Poeta podia recorrer para impedir , que na sua alma se extinguisse de todo o fogo , que as Musas haviaõ nella soprado. A este recorreu elle effectivamente em todos os intervallos de descanso , que o laborioso exercicio da sua vida lhe permittia ; e d'aqui lhe proveio a vasta erudição , que possuia neste Ramo da

da Litteratura , e da qual apparecem vestigios não raros nas Notas das suas Elegias , e Odes , e na sua Analyse , ou Comparação das Obras de Camões , Sá de Miranda , Ferreira , Bernardes , e Caminha. Mas se a continuada leitura , contrastando poderosamente com o tracto frequente das pessoas grosseiras , obsta ao pernicioso contagio da sua rudeza assim na maneira de pensar , como na maneira de expressar os pensamentos , ella tem o grande inconveniente de acostumar o espirito a seguir sempre na sua marcha as pizadas alheias.

He huma observação constante , que tenho feito no decurso da minha vida e estudos , que os homens muito eruditos são raras vezes originaes. A imitação he o talento universal da especie humana , ou antes huma disposição constante , de que a Natureza dotou todos os homens , para supprir nelles a falta do instincto , que concedeu aos outros animaes , e por isso com alguma propriedade lhe podemos chamar o instincto dos seres racionaes. Habitua-dos desde os primeiros instantes da nossa existencia a obedecer a esta lei imperiosa da Natureza , fortificada cada vez mais pelo habito da fogueição , que lhe prestamos , já voluntariamente , já forçados da authoridade de imperitos educadores , só grandes forças são capazes de desviar-nos da direcção , que ella tende continuamente a dar ao nosso espirito.

Ha

Ha com tudo huma Epoca na vida humana , em que este parece recobrar em toda a plenitude os primitivos direitos , que lhe são concedidos por outra lei não menos poderosa , pela lei da racionalidade , e he justamente quando o desenvolvimento das faculdades intellectuaes , animado pela presença das primeiras paixões da adolescencia , põe em fermentação a massa das idéas até allí adquiridas , as quaes apresentando-se como de si mesmas ao entendimento em combinações totalmente novas , lhe communicão as primeiras faiscas da vaidade , fazendo-lhe conhecer em si pela primeira vez a força productiva de novos conceitos. Então he chegada a crise , que deve decidir se o homem ha de ser original e sublime , ou perpetuamente imitativo e rasteiro. D'esta crise deve aproveitar-se o educador habil para procurar durante ella ao mancebo , a quem dirige , situações novas , e circumstancias urgentes , que o obriguem a resolver por si mesmo os problemas mais proprios a desenvolver-lhe plenamente os talentos , que elle tiver annuciado desde os primeiros annos , sem que para o acerto , e perfeição das suas resoluções se lhe offereça prototypos , que chamando-o á obediencia da lei da imitação , o privem da liberdade de ser inventor , ou o constrengão nimiamente no exercicio d'ella.

Foi na presença d'esta melindrosa crise,  
que

que Fructuoso Dias interrompendo a serie dos estudos de seu filho , e fogueitando-o a hum genero de vida grosseiro e rude, o poz na necessidade de procurar na leitura frequente dos bons modellos o unico preservativo , que podia oppôr aos pessimos effeitos da communicação continua das pessoas da infima plebe , com quem diariamente lhe era forçoso tratar ; e d'este modo perdeu elle huma grande parte da originalidade , ou talento de invenção , de que se descobrem ainda alguns visos nas poucas producções , que nos restaõ da sua primeira mocidade. Taes saõ as Elegias II , VI , XIII , XIV , XV , e XVI , e a Carta que vai no fim das Elegias , aonde se notaõ rasgos de imaginação , e sensibilidade taõ vivos , como se naõ encontraõ com facilidade nas suas composições de idade mais madura , quando o seu estylo se achava já perfeitamente formado , e quando elle já poetava com a maior regularidade. A este numero pertencem tambem quasi todas as Odes , que escreveu em verso solto , das quaes fazia mui pouco caso á excepção da segunda , que ao depois corrigio , e annotou largamente , e que na realidade saõ escritas em estylo bem menos correcto , que as outras suas composições. Nós com tudo a pezar d'estes , e de outros alguns defeitos , julgamos conveniente incorporal-las na presente Collecção , naõ só pelo motivo já ponderado de annunciarem mais alguma

novi-



novidade na invenção, mas tambem para que se note como esta qualidade foi diminuindo nas Obras do nosso Poeta á medida, que a leitura assidua o hia fazendo erudito, e roborando nelle o habito da imitação; e para que os Poetas Moços aprendaõ a desconfiar do merito das suas primeiras composições, a pezar de alguns raios de genio, que nellas brilhem, e reconheçaõ quanto a reflexão e o estudo da Lingoa são necessarios para corrigir, e aperfeiçoar o estylo.

Neste ponto se esmerou Francisco Dias com o maior disvelo, e lucrou sem dúbida muito mais, do que perdeu da parte da invenção, talento que difficulosamente teria constituido o principal merecimento das suas Obras, ainda que elle tivesse vivido huma vida mais compativel com a cultura das Letras. As traducções do Cantico de Zacharias *Benedictus Dominus Deus Israel*, e do Salmo *Miserere mei Deus*, com que termina a Elegia á Paixão de Christo: a traducção do Cantico de Moyses depois da passagem do mar vermelho; a de huma parte da primeira das Odes Pythicas de Pindaro inferta nas notas da Ode I.; e sobre tudo a do Cantico de Ezequiel, que vai nas notas da Ode VII. são a prova mais decisiva d'esta verdade, e fazem lamentar, que o nosso Poeta não applicasse alguma parte do tempo, que deu á composição de seus Poemas, em trasladar na Lingoa

c

Por-

Portugueza algumas das Produccões de maior vulto affim dos Poetas da antiguidade , como dos mais famosos dos modernos.

A differença entre as citadas traducções , e as fuas composições originaes he immensa pelo que respeita á força e propriedade dos pensamentos , á grandeza das imagens , e a tudo quanto constitue a dignidade dos Poemas , relativamente á grandeza dos seus objectos ; a pezar de conhecer-se pela semelhança do estylo serem humas e outras escritas pela mesma maõ. Com tudo devo dizer em obsequio da verdade , e por honra do Author , que as fuas Composições Poeticas , e as annotações que elle mesmo lhes fez saõ , quanto a mim , o mais perfeito , ou talvez o unico modello , que nestes ultimos tempos se tem entre nós publicado , digno de appresentar-se aos olhos de quem pertende escrever com elegancia , e pureza no Idioma Portuguez. Pelo menos saõ certamente bem poucos os escritos do nosso tempo , que neste artigo se possaõ mostrar isentos de nodoa : e naõ sei que haja hum só ; o qual seu Author tomasse o trabalho de annotar , como Francisco Dias , com tantas e taõ bem escolhidas observações criticas sobre a indole particular da nossa Lingoa , e sobre as diversas elegancias e maneiras de expressar , que determinaõ , por assim dizer , o seu caracter.

A elegancia , e pureza saõ com effeito as virtudes , que mais sobrefahem nas compo-  
si-

sições d'este Escriitor , e que realmente as fazem dignas de mui particular apreço , principalmente em hum tempo, em que os rapidos progressos do espirito humano em todo o genero , tendo feito indispensavel a frequente leitura dos Livros Estrangeiros , tem dado occasião , a que pessoas destituidas do conhecimento e estudo filosofico de nossa Lingoa materna , tenhaõ introduzido nella , por meio de milhares de traducções impuras , e acceleradamente feitas , huma prodigiosa quantidade de termos e frases perigrinas , que sem aperfeiçoalla , nem enriquecella , a tem notavelmente adulterado.

O genero de Poesia , a que Francisco Dias se deu com mais efficacia , e para o qual mostrou sempre maior propensão , foi a Elegia. E na verdade como os sentimentos , de que o coração humano he capaz , nem todos são igualmente sogeitos á influencia das instituições sociaes , hum genero de Poema , cujo objecto são as paixões e affectos , que a natureza fez menos dependentes da diversidade da educação , e da maneira particular de viver de cada individuo , era entre todas as composições sentimentaes justamente aquella , em que hum homem occupado quasi toda a vida nos exercicios menos proprios para dar elevação ao espirito , podia mais facilmente distinguir-se. As Elegias , que d'elle nos restaõ , são unicamente

as XVII, que se achão impressas nesta Collecção (\*). O seu merecimento he affaz desi-

(\*) He muito provavel; que Francisco Dias compozes-  
se algumas Elegias mais além das XVII aqui menciona-  
das. Em algum dos seus borrões, de que não encontrei  
exemplar tirado em limpo, achei da sua letra a nota do  
numero das emendas, com que fôra trasladado para a  
*grande Collecção*: o que me faz crer, que o author tinha  
com effeito colligido, se não todas, grande parte das suas  
Obras em livro, ou cadernos, aonde as lançava depois  
de dar-lhes a ultima lima, o que tornando inuteis os  
primeiros borrões, fazia tambem superfluo o cuidado da sua  
conservação, e facilitava que elles de todo chegassem a  
extinguir-se. A esta conjectura acrefce a certeza, que te-  
nho de haver-me sido por elle confiada a copia de huma  
Elegia mui digna de ser impressa, da qual não encon-  
trei entre os seus papeis o minimo vestigio. Esta Elegia  
rinha por objecto o louvor da Poesia, em quanto se con-  
sidera como hum meio effcaz de perpetuar a memoria  
dos homens, e de levar á mais remota posteridade os  
nomes dos que a cultivão com distincção. O author ti-  
nha trabalhado este poema com grande disvello, e o  
contava entre as suas melhores composições: e como eu  
desejasse fazer o seu merecimento conhecido de huma  
Pessoa de grande authoridade e respeito, a quem as Let-  
ras são por extremo devidoras em Portugal, e a quem  
a Poesia mereceu sempre muito particular predilecção, pe-  
di, e obtive de Francisco Dias a permissão de communi-  
car-lhe aquelle Manuscrito, como effectivamente commu-  
niquei; aconteceu porém, que elle se confundisse de tal  
sorte entre os papeis d'esta grande Pessoa, que por mais  
diligencias, que sobre isso se tem feito, não tem sido  
póssivel encontrarlo até ao presente.

Francisco Dias, a quem eu havia mostrado algumas  
produções poeticas da minha primeira mocidade, julgou  
por ellas, que o meu nome devia tambem ter lugar na-  
quelle Poema entre os nomes dos Poetas Portuguezes  
ainda vivos, cujas Obras elle tinha para si, que mere-  
ceria distincção e apreço nos seculos, que estão para vir:

gual;

qual ; mas esta desigualdade não provém tanto da diversa natureza dos assumptos, como da diversidade dos tempos, em que fôraõ compoſtas, e de que nem todas chegáraõ a receber a ultima lima da maõ de feu author. As que ſe podem reputar como correctas ſaõ a I. II. V. VII. VIII. X. XII. XIV. XV. e XVII. Das Odes fõmente a I. II. VI. e VII. devem ſer olhadas como perfeitamente acabadas. Parece que Francisco Dias ſentia bem, que os ſeus talentos eraõ muito menos proprios para eſte genero de Poefia, e por iſſo foi menos ſol-

---

O pequeno louvor, que elle repartio alli comigo, fez que o terceto, aonde de mim fallava, me ficaffe de memoria. Era o ſeguinte :

*Nem ficardõ tambem ao tempo occultos  
De S . . . . . os talentos ſingulares,  
Que promettẽ fazer-lhe altos inſultos.*

Não he pelo que elle tem de lizongeiro para o meu amor proprio, que eu o tranſcrevo aqui. Affaz tenho mostrado, que não preſumo poſſuir os talentos poeticos, que Francisco Dias me ſuppunha, interrompendo por mais de de dez annos a cultura d'elles : e affaz o moſtro ainda agora meſmo não receando publicar aqui o juizo de hum homem taõ entendido, que a não ſer exaggerado, me constituiria reſponſavel a minha patria de haver deixado marchar em flor dotes de eſpirito, com que podera honralla, e engrandecella. O meu reconhecimento he quem fõmente me determina a tranſcrever aqui eſte terceto, como hum indice ſeguro para ſe reconhecer algum dia quem he o verdadeiro author d'eſte Poema, ſe elle por ventura vier ainda a apparecer ſeparado da grande Collecção, aonde ſupponho, que tambem deve exiſtir.

lici-

licito em corrigir , e aperfeiçoar as composições , que a elle pertencem.

Não fôraõ porém sómente a Elegia , e a Ode os Poemas , em que elle exercitou a sua penna. Os Generos de Poesia mais difficeis pela natureza dos seus assumptos , e os mais trabalhosos pela sua extensaõ não deixáraõ de ser por elle tentados. O seu animo ousado , e a sua constancia superior a todo o trabalho , o levaraõ a emprehender a composiçaõ de duas Tragedias , de hum Poema Epico , e de hum Poema juntamente descriptivo e didatico , o qual sendo o mesmo , quanto ao titulo , que os Poemas de Tompson , e Saint-Lambert , reunia no seu plano o objecto particular d'estes juntamente com o das Georgicas de Virgilio , e do Poema dos Mezes de Roucher.

As duas Tragedias , a primeira intitulada Electra , e a segunda Iphigenia , achando-se já publicas pela impressaõ , me dispensaõ de dizer sobre ellas outra alguma couza , senaõ que o author as offereceu em diversos tempos ao concurso do premio de Poesia , que a Academia Real das Sciencias annualmente propoem sobre este genero de Composiçaõ , e que nenhuma foi por esta Sociedade julgada digna do laurel Academico.

O Poema Epico tinha por objecto a conquista de Ceuta , e era intitulado Henriquida. Titulo vicioso , pois que não era derivado

nem



nem do lugar, nem da natureza da acção, nem do nome da Personagem, que fizera a primeira figura na sua execução. D'este Poema fenaõ achou entre os seus papeis mais do que o segundo Canto, e algumas Oitavas de outro, que de nenhuma forte fazem lamentavel a perda do resto, supposto que tambem não desdourassem o credito de seu author se apparecessem no publico.

O Poema das Estações do anno tambem escrito em Oitava Rima devia constar de vinte-quatro Cantos, mas d'estes sómente deixou escritos os seis relativos á Primavera, e treze Oitavas do Canto setimo, que era o primeiro dos seis pertencentes ao Estio. Esta Obra, não menos difficil que as precedentes, era com tudo pela natureza do seu assumpto a mais accommodada á estensaõ dos conhecimentos do author, e a menos dependente, para a felicidade da sua execução, do caracter pessoal d'elle; e por isso tambem feria de todas a que lhe teria dado maior nome entre os Poetas Portuguezes, se a morte o não tivesse surprehendido antes de havella conduzido ao seu ultimo termo.

Em Prosa nos não consta, que Francisco Dias escrevesse fenaõ tres Obras. A primeira he a Analyse, e combinações Filosoficas sobre a locução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, impressa no IV. Tomo das Memórias de Litteratura

tura Portugueza , publicadas pela Academia Real das Sciencias , e com a qual o author concorreu ao Programma de Lingoa Portugueza , proposto pela mesma Academia para o anno de 1792. Memoria cujo distincto merecimento lhe obteve o premio promettido. A segunda he outra Memoria , que o author semelhantemente enviou ao concurso do anno de 1794 , sobre a comparaçãõ , que a Academia havia proposto , da Historia de D. Joãõ de Castro por Jacintho Freire de Andrade , e da Vida de D. Paulo de Lima escrita por Diogo de Couto. Esta Obra supposto naõ obtivesse o premio , foi com tudo julgada digna de muito louvor , e provavelmente seria laureada pela Academia , se naõ tivesse concorrido com ella outra de taõ distincto merecimento , que talvez faz mais glorioso a Francisco Dias o louvor , que obteve sendo vencido nesta occasiãõ , do que o premio alcançado sem o concurso de hum taõ digno contendor. (\*) A terceira he huma Dissertaçãõ sobre o bom Gosto na Poesia , na qual se contém muitas reflexões judiciosas sobre esta materia , e em que a erudiçãõ do Author se patenteia naõ menos evidentemente , que nos outros seus escritos. Se estes naõ saõ de taõ subido me-

---

(\*) O P. M. Fr. Francisco de S. Luiz , Monge Benedictino , e hoje Correspondente da Academia.

recimento, que o deuaõ fazer contar entre os Homens de Letras da primeira ordem, nem por isso deixaõ de o caracterizar, attentas as circumstancias da sua vida, por hum homem extraordinario.

Ao contrafte, que perpetuamente existio entre o seu modo de viver e a propensaõ natural do seu espirito, se deve attribuir o naõ ter elle figurado mais distinctamente nem pelas Letras, nem pela importancia da sua fortuna. Esta foi sempre taõ escassa, que talvez naõ chegou jámais ao gráo de huma honesta mediocridade. Mas que outra cousa podia esperar-se, que acontecesse a hum homem, a quem o modo de pensar de seus parentes desviára logo na primeira flor da mocidade da direcçaõ, que a natureza lhe havia indicado, como a unica que lhe convinha seguir? Comerciando por necessidade em hum trato pouco extenso, e poetizando por inclinaçaõ ás Musas, sem quietaçã, nem applausos, que dessem energia ao seu estro, era impossivel que jámais chegasse a ser nem Negociante rico, nem Poeta original: taõ honrado porém nas suas transacções mercantis, como disvelado em polir as suas Composições poeticas, acabou com os creditos de homem verdadeiro, e de Escriitor puro, e correcto.

A obscuridade da sua vida, e o seu Genio naturalmente encolhido e modesto o reti-

verão longe da communicacão da maior parte dos homens de Letras do seu tempo. Não deixou com tudo de contar alguns d'estes em o número dos seus amigos. Os nomes de quasi todos se achão consignados nas suas Obras, aonde se pôde vêr a maneira por que elle os considerava.

No meio dos seus trabalhos e afflicções, conservou a mais inteira independencia, concentrando em si os seus disgoistos de maneira, que era difficil aos seus amigos poder penetralos, e muito mais ainda conseguir d'elle, que consentisse em que lhe fornecessem meios de os adoçar. Ao excessõ d'esta austeridade, que não ouso chamar virtude, se pôde talvez attribuir a sua morte acontecida em idade ainda affaz vigorosa, para dever ser olhada como huma perda para a Litteratura Portugueza. Huma febre epidemica grassou em o fim do verão do anno de 1795 no meio da sua familia. Todas as pessoas d'ella fôraõ successivamente cahindo enfermas d'aquelle terrivel mal; e Francisco Dias sem implorar auxilio estranho era juntamente o enfermeiro, e o Medico dos seus doentes. Até que finalmente enfermou elle mesmo, e obstinando-se em não querer outro conselho mais que o proprio, nem outra assistencia senão a da sua mal convalescida familia, deixou aggravar a molestia a ponto de não poder resistir-lhe. O dia 30 de Setem-

tembro do sobredito anno de 1795 foi o ultimo da sua vida: a qual terminou com a mesma resignação e constancia, com que soffrera os trabalhos, que quasi sem cessar o acompanharaõ.

A Academia Real das Sciencias sempre desejava de honrar a memoria dos homens de Letras, e affaz sensivel ao desamparo em que ficava a familia de hum, que taõ fervorosamente cuidára em fazer-se distincto por ellas, lançou maõ da occasiaõ, que se lhe offerencia, de unir a beneficencia com a vulgarizaçaõ das luzes, mandando se fizesse por sua conta, e de baixo do seu privilegio a presente edicaõ das Obras Poeticas do defunto Francisco Dias a beneficio da sua Viuva, e de dois filhos e huma filha menores, a quem de direito pertence o fructo dos seus trabalhos, e vigalias.



# ELEGIAS.

---

## ELEGIA I.

A'S MUSAS.

**Q**UAL Não de hum Magalhães aventureiro (1)  
Pelos immensos mares conduzida  
Para fazer hum gyro ao mundo inteiro ;

Voa dos largos ventos compellida ,  
Quando montando vai hum promontorio ,  
Assim desapparece a curta vida.

Claras acções, nome inclito e notorio ,  
Arcos , Estatuas , Porticos , Trofeos ,  
Tudo consome o tempo transitorio.

Dissolvidos da vida os frageis véos ,  
Obeliscos , pyramides não fazem  
Voar a fama eterna até aos Ceos.

Da idade os vivos impetos desfazem  
Monumentos firmiffimos de gloria ,  
Que em solto pó sem nome occultos jazem.

Só vós Filhas eternas da Memoria ,  
Musas , Divinas Musas gloriosas ,  
Do tempo alcançais inclita victoria.

Vós do abismo das fombas tenebrosas ,  
Das voragens do negro Esquecimento  
Tirais as obras raras , e famosas. (2)

A

Por

Por mais , e mais que s'erga o pensamento ( 3 )  
 Para fazer acções esclarecidas ,  
 E com fama subir ao claro affento ;

Sem vós , Nynfas de Jove procedidas ,  
 Seraõ no esquecimento sepultadas  
 As fadigas mais nobres , e subidas.

Lá vai fendendo as ondas levantadas  
 Do atlantico Oceano o invicto Gama ( 4 )  
 A pezar das tormentas irritadas.

Lá vai Cabral , vai Castro , que se inflamma ( 5 )  
 Em commetter acções de força extrema ,  
 Que merece o louvor da illustre Fama.

Já voltaõ com victoria alta e suprema ,  
 Noticia dando d'outros novos Mundos ,  
 Assumptos dignos de immortal Poema.

Mas se com vossos cánticos jucundos  
 Lhes naõ dais nome eterno , jazeráõ  
 Nos abismos lethargicos profundos.

Vós contra a furiosa inundaçaõ  
 Do diluvio dos tempos fois reparo  
 Com as obras de altissima invençaõ.

E por mais que combata o Tempo avaro  
 Contra as virtudes dos sublimes peitos ,  
 Vós lhes dais fama egregia , e nome claro.

Vós fois as que inspirais altos conceitos  
 As nobres fantasias , que ao Ceo voaõ  
 Longe do vulgo envolto em vís defeitos.

Em



Em todo o mundo eternamente soaõ  
 Vossos prodigios, vossa illustre gloria,  
 Com que os gentís talentos se coroaõ.

Vós, que com fraze rustica, e irrisoria  
 Vituperais as Musas consagradas,  
 Peitos, que desprezais clara memoria;

Almas de infania barbara agitadas,  
 Vêde das castas Deozas gloriosas  
 Mil, e mil maravilhas sublimadas.

Allí com proporções miraculosas (6)  
 Respira o bronze, e o marmore animado  
 Exprime as paixões n'alma poderosas.

Ao impulso subtil, e delicado (7)  
 Do cinzel obedece a massa informe: (8)  
 Eis hum Heroe, hum Deos alto adorado. (9)

Hum grande genio eternamente dorme, (10)  
 Se o não tiraõ as Musas vigilantes  
 Do lethargo, onde jaz pezado, e enorme.

Subi, claros Espiritos prestantes, (11)  
 Erguei-vos do profundo esquecimento  
 Coroados de luzes radiantes.

Dai vulto, e fórma ao vosso pensamento;  
 Que Apollo a téla d'ouro vos estende: (12)  
 Mostrai as forças do inclito talento.

Dai vida ás côres: já nos ares pende  
 A Fama illustre, que com mil louvores  
 A obras immortais vos move, e accende.

Mostrai das fantas Deozas os favores,  
 Vós emulos gentís da natureza,  
 Co'a illusaõ, co'a magica das côres. (13)

Em varia tinta com subtil destreza  
 O número augmentai das existencias, (14)  
 Deleitando, e movendo em summa alteza. (15)

Oh das Musas excelsas influencias,  
 Que conhecer naõ pôde o vulgo ignaro (16)  
 Agitado de fervidas demencias!

Lá nos Ceos resplendece o lume claro,  
 Que incita os nobres Filhos de Uranía (17)  
 A obras dignas de louvor preclaro.

Muito se eleva a sua fantasia  
 Sobre as azas do Cálculo sublime (18)  
 Guiada da immortal Filosofia.

Novas verdades altamente exprime;  
 E posto que huma, ou outra se lhe esconda  
 D'alta investigaçã nunca se exime.

Os ares peza: allí calcula, e fonda (19)  
 O movimento eterno dos Planetas: (20)  
 Qual pezo á massa enorme corresponda. (21)

Seguindo vai os rapidos Cometas  
 Por huma elipse immensa, aniquilando (22)  
 O susto das Corôas inquietas.

Lá vem qual bella Aurora levantando,  
 Coroada de gloria e magestade,  
 A gentil Clio o gesto venerando. (23)

Ante

Ante ella o astro eterno da Verdade (24)  
 Tecendo illustre téla historiada  
 Canta os fastos do Mundo a toda a idade.

Allí em throno excelfo collocada  
 A próspera Fortuna dos Imperios  
 Se ostenta de triunfos illustrada.

Tambem soaõ da terra os hemisferios  
 Co'a ruina dos thronos sepultados  
 N'um abismo de horriveis vituperios.

Sublimes documentos consagrados (25)  
 Á paz, á gloria das Nações do Mundo  
 Ao vivo allí se mostraõ retratados.

A Oratoria Eloquencia lá no fundo  
 Dos peitos mais rebeldes á razaõ  
 Vence as vontades com valor facundo.

Já prende com sagaz insinuaçaõ:  
 Já com fervido impulso a alma fulmina (27)  
 Armada de efficaz persuasaõ.

Ella nos corações manda e domina, (28)  
 E aquelles arreбата, accende, e abraza,  
 Em quem receio torpe mais se affina.

Do expressivo pincel a viva braza (29)  
 Os feitos pinta dos Varões, que habitaaõ  
 Do claro Olympo a omnipotente Casa.

Já doma as tempestades, que se agitaõ, (30)  
 Quando do vulgo ignobil os furores (31)  
 N'um grande povo a hostil discordia excitaõ.

Os

Os movimentos d'alma interiores, (32)  
Medo, esperança, amor, prazer, e pranto  
Por ella faõ dos coraçõs senhores.

Ó Musica celeste, ó nobre encanto, (33)  
Que os sentidos me prendes brandamente  
C'os harmonicos sons do doce canto,

Tu molles affeições suavemente (34)  
Infundes na minha alma, que adoece  
Co' as doces inflexões da voz doente.

Porém se aspero affecto se encrucece (35)  
Em furiosa e viva synfonia,  
O meu coração duro se enfurece.

Que novo impulso, e fervida ouzadia (36)  
Meu espirito impelle, e de improviso  
Me levanta da terra a fantazia!

Eu já nos ares pendo: já divizo (37)  
Outros Céos, outro Sol mais refulgente,  
D'outra mais alva Aurora o gesto, e o rizo:

Já vejo o Pindo, e a placida corrente  
Da immortal Hypocrene. Apollo, e as Musas  
Ouço cantar. Ouvi, profana gente:

Vós que com gosto vedes n'alma intrusas  
As torpes affeições, e o pensamento  
Nutris de idéas baixas, e confusas;

E que levados do furor sedento (38)  
De lucro infame, e sordido interesse  
As obras naõ prezais de alto talento;

Vós;

Vós, que amando ocio inutil, que entorpece  
Os nobres dotes d'alma, despiezais  
Fadiga illustre, que immortal florece: (39)

Nesta hora ser profanos não temais; (40)  
Que Apollo gracioso vos concede (41)  
Ver seus claros prodigios divinais.

Vêde, se ver quereis, como despede  
A mente á Poesia consagrada  
Seu vôo eterno ao Ceo, donde procede.

Na Região excelsa, e dilatada  
Origem das sublimes invenções,  
Se vê de gloria ingente coroad.

Os impulsos, as nobres sensações,  
Os extasis Divinos, fôrma, e essencia  
Daõ ás doces, e amaveis illusões. (42) (43)

Entaõ idéas mil d'alta existencia (44)  
Formaõ n'um todo augusto, e magestoso  
Plano immortal d'altissima eloquencia. (45)

Eis hum constante estudo poderoso (46)  
Para dar vida a hum marmore lhe inspira  
Policia em gráo supremo, e glorioso. (47)

Ergue-se ao Ceo, immensa luz respira (48)  
D'alta doutrina o monumento eterno,  
Contra o qual longa idade não conspira.

Divina Poesia, a quem no interno, (49)  
A quem no fundo d'alma adoro, e sigo,  
Potentissimo influxo, dom superno;

Tu

Tu és meu refrigerio, e doce abrigo:  
 No furor das tormentas que me agitaõ,  
 Tu me és benigna estrella, e porto amigo. (50)

N'um abismo de dôr me precipitaõ  
 Meus duros males; mas teus raios santos  
 Do lethargo mortal me resuscitaõ.

Entaõ ao som confuso dos meus prantos  
 Succede a doce, e angelica harmonia,  
 O sagrado prestigio dos teus cantos. (51)

Quando choras em flebil Elegia: (52)  
 Quando na Scena Tragica tropejas (53)  
 Com magestade, e fervida energia: (54)

Quando, porque com fama illustre sejas,  
 Em magestosa e altissima Epopéa (55)  
 Erguer-te aos astros nitidos forcejas: (56)

Entaõ conceber fazès viva idéa  
 Dos prodigios das Musas, do que pôde  
 No coração de hum Vate a luz Febéa.

Se em vaõ voffo alto influxo naõ me acode,  
 Se me illumina, e torna em claros dias  
 As trevas, que a Ignorancia em mim facode;

Estas faõ as mais arduas ouzadias, (57)  
 Deozas do Pyndo, que com fama, e gloria  
 Inspiraís ás sublimes fantasias.

Mas de subita flamma transitoria  
 Resultado naõ saõ: de tempo, e estudo (58)  
 Saõ fructos dignos de immortal memoria.

Inge-

Engenho, arte, sciencia, e mais que tudo (59)  
 Goſto subtil, meditação profunda (60) (61)  
 Contra o tempo lhe tecem firme eſcudo.

Trabalho, e correção pura, e jucunda (62)  
 Formão taõ glorioſos monumentos  
 Numa imaginação viva, e fecunda:

Que aquelles repentinos movimentos (63)  
 De lutulenta enchente ao vulgo grata, (64) (65)  
 Não ſão das Irmãs nove altos protentos.

Só de nocturnos foſforos de ingrata (66)  
 Pallida luz ſão fatuos reſplendores, (67)  
 Cujo fer ao não fer não ſe dilata. (68)

Muſas, que me inspirais nobres furores, (69)  
 Que de meu duro, e aſpero deſtino  
 Mitigais as cruezas, e os rigores:

Vós emblema ſymbolico, e Divino (70)  
 Do ſanto influxo, com que o Motor Summo  
 Sublima hum peito de ſeus premios digno:

Vós traſſumpto mental, alto reſumo (71)  
 De conceitos eternos, pego immenſo,  
 Onde a luz da Virtude he norte, e rumo:

Vós a quem templo auguſto, altar, e incenſo,  
 Vida, e meus pensamentos conſagrara,  
 Se o conſentira em fim meu mal intenſo:

No fundo abifmo, e eſcuridade avara,  
 Em que triste me vejo ſepultado,  
 Do Pindo me enviai voſſa luz clara.

B

Valci-

Valei-me , ó Deozas , e em taõ duro estado  
Mandai sobre a minha alma o fogo ardente  
Do voffo santo influxo confagrado :

Por que me possa oppôr claro , e fulgente  
Co'a luz do pessoal merecimento  
Contra o furor hostile da cega gente :

Que num combate eterno , e violento  
De iniquas oppreffões , de magoas duras  
Agitado se vê meu pensamento.

Voffo Vate illustrai. Voem seguras  
De affalto infame de cruenta inveja  
Com fama ao Ceo fuas idéas puras :

Para que o mundo errado note e veja  
Voffos prodigios altos e subidos ,  
Que tanto efcurecer tenta , e forceja :

Que os engenhos de vós favorecidos  
Como Astros luminofos refplendemem ,  
Por mais que andem nas trevas envolvidos. (72)

Deozas , cujos influxos me enriquecem ,  
Deozas , meu só prazer , minha só gloria ,  
E por quem meus efpiritos florecem :

Dai-me do Fado efcuro alta victoria :  
Fazei , que cante em placido remanfo  
Com voz digna de nome , e de memoria.

Eu vos prometto , fe hum tal bem alcanço ,  
De nunca celebrar affumpto infame , (73)  
Que eu já da minha idéa arrojô , e lanço.

Nem



Nem que o Parnasso invoque , e o Pindo chame  
Para cantar grandeza vã , sem feitos. (74)  
Dignos, que o mesmo Apollo os louve, e acclame.

Consagrarei sómente os meus conceitos  
As Virtudes , á Patria , á clara Fama  
Das proezas dos seus heroicos feitos ,  
Se a vossa influença , Musas , me inflamma.

## NOTAS.

**A** Antiguidade para instrucção do Público inventou a Fabula, que he huma Collecção de allegorias, que commumente representaõ entes metafysicos personalizados, para deste modo ficar a intelligencia delles mais adequada á capacidade dos povos rudes, e grosseiros. A maior parte das personagens mithologicas são emblemas allegoricos; como, por exemplo, Venus em Hesiodo he a allegoria da Natureza. Venus he a Deoza de formosura, a qual cessa de ser amavel, se não he acompanhada de Graças: a formosura gera o amor: o amor tem settas, que traspassão os corações; traz os olhos vendados, porque cega o entendimento para não ver os defeitos do objecto amado; tem azas, porque vem depressa, e depressa se vai. A Sabedoria he concebida no cerebro de Jupiter debaixo do nome de Minerva: a alma do homem he hum fogo Divino, que a mesma Minerva, ou Sabedoria mostra a Prometheu, que se serve deste fogo Divino para animar o homem. De maneira, que pela maior parte as Fabulas da antiguidade encerraõ documentos de grande doutrina, o que he evidente aos olhos da boa Filosofia. Da mesma sorte as Musas são symbolos allegoricos, que representaõ os estímulos, que excitaõ o homem ao estudo constante das Sciencias e Artes de genio, inseparaveis das investigações da mais sublimè Filosofia. Logo tão favorecido das Musas he hum grande Poeta, como hum grande Geometra; devendo-se entender, como já disse, pelas Musas o amor das Artes e Sciencias, as quaes tem entre si hum nexo proprio, que as ata, e une, fazendo-as deduzir humas das outras por meio de huma analogia, não forçada, mas legitima, e natural; o que se deixa vêr da raiz Grega do mesmo nome Musa, que traz a sua origem do verbo *μαω*, que significa investigar com vehemente applicação. As Musas pois, como Entes representativos do fogo celeste, que excita no coração do homem o amor das letras, são o assumpto deste Poema, o qual discorrendo por aquellas facultades, que fazem maior vulto no systema litterario, quaes são a Escultura, a Pintura, a Mathematica, a Historia, a Eloquencia, a Musica, e a Poesia,

fia , nas partes que tem de mais força , e commoção , sem seguir a direcção de huma arvore encyclopedica , mais propria de hum escrito didatico , do que da nobre liberdade da Poesia sublime , que apartando de si a sugeição fervil das Escolas , tem por objecto excitar a cultura das Artes , e Sciencias , que tanta gloria daõ ás Nações , onde mais se cultivão.

Eu não sei , que este argumento tenha sido tratado em Poema de maior extenção , tanto pelos antigos , como pelos modernos ; e ainda que se achem algumas Odes em Horacio , ou em qualquer outro dos Poetas posteriores , que das Musas tratem , estas não constituem a unidade absoluta daquelles Poemas , que della manifestamente carecem , porque declinaõ para outro assumpto , sem interesse , nem tom filosofico . He verdade que de Joaõ Baptista Rousseau existe huma Epittola ás *Musas* , a qual sendo huma imitação mediocre da Satyra nona de Boileau , a mais excellente de todas as que este grande Poeta compoz , longe de tratar das excellencias do espirito bem cultivado , symbolizadas naquellas existencias ideaes conhecidas de baixo da denominação Musas , sómente se serve deste vocabulo para tratar cousas relativas ás suas emulações litterarias , e interesses particulares , que nada interessão o Leitor , que della nenhuma instrucção recebe.

Este argumento pela sua sublimidade pedia maiores forças de engenho , e luzes mais universaes , que as minhas , mas supprirá em parte esta falta a belleza do Idioma Portuguez , que pela sua cópia , e harmonia fez , com que a mediania do meu engenho tcesse hum artefacto mental , que quando lhe não augmente a gloria , lhe não diminúa o credito . Achar-se-hão talvez neste Poema lances de eloquencia bem pouco , ou nunca usados nas Lingoas de Hespanha , pela novidade do assumpto , e das materias que trata : se nelles fui feliz , pertence aos homens de gosto decidillo . Se me não engano , o maior merecimento desta composição , se he que nella pôde haver algum , consiste no movimento dos affectos , que não sendo esperados , suspendem o Leitor , e fazem a composição interessante , e conveniente pelo tom apaixonado , proprio do genero elegiaco .

(1)

(1) Fernando de Magalhães, Fidalgo Portuguez, foi hum dos maiores Argonautas do grande Oceano, o qual mostrando-se aggravado d'ElRei D. Manoel, se passou para Castella, em cujo serviço executou a primeira viagem á roda do Globo, com pasmo, e admiração de todo o mundo, por ser empreza nunca imaginada até áquelles tempos. Nesta estupenda viagem descobriu na ponta mais meridional da America o famoso Estreito, que ainda hoje conserva o seu nome. Este methodo de compôr, começando por huma comparação, não he alheio da razão; pois entra logo a dar formal evidencia, e força ao discurso. Horacio principia a Ode IV. do Liv. IV., por duas comparações. Ovidio começa a Elegia X. do Liv. I. dos Amores com tres. Propercio dá principio a terceira Elegia do Liv. I. por tres comparações, e á undecima do Liv. II. por quatro. Os modernos tambem usão algumas vezes de igual methodo. Petrarca por huma comparação começa o Soneto XIV. da primeira parte das Rimas. João da Casa tambem começou por huma comparação a bella Canção, que principia:

*Come fugir per selva ombrosa e folta*

Gracilasso assim principiou o affectuoso Soneto XIV. Assim tambem Camões nos belissimos Sonetos XLIII, e LXXX. Em fim este artificio de composição dá muita viveza ao discurso, elevação, e gravidade, além de ser por sua clareza mui adequado para a instrucção; e por isso vemos que os Apologos de Esopo, Locman, Fedro, e Pilpay, estão escritos com este artificio, para que a doutrina, que encerraõ, se manifeste mais á ignorancia daquelles, a quem moralizaõ.

(2) O verbo *tirar* significa *puxar com força*: esta he a legitima, e verdadeira energia deste verbo. Camões na Est. 110 do Canto X. da Lusíada:

*Dezeja o Rei que andava edificando*

*Fazer delle madeira, e não duvida*

*Poder tirallo a terra com possantes*

*Forças de homens, de engenbos, de Elefantes.*

E Vieira Tom. IV. fol. 110 » Christo na Officina de José » tirava com as suas proprias mãos pela ferra. »

(3) Verso, que exprime o esforço do vôo, e que

pia-

pinta a acção de subir mais difficil, que a de descer. Esta elegancia he muito do genio do idioma. Vieira Tom. IV. fol. 195 » Mas como as cousas da gloria são taõ diver-  
» fas de tudo o que se vê, taõ levantadas sobre tudo o  
» que se imagina, por *mais*, e *mais*, que se diga del-  
» las sempre se diz menos.»

(4) Vasco da Gama Argonauta Portuguez, mui conhecido no mundo por ser o primeiro, que montou o Cabo da Boa Esperança, e passou á India.

(5) Pedro Alvares Cabral, tambem famoso Argonauta Portuguez, o primeiro que passou á India depois do Gama, em cuja viagem descobrio o Brasil. Mr. Robertson, grande historiador Inglez, quando na sua Historia da America faz menção deste Heroe diz, que do descobrimento do Brasil claro se mostra, que ainda que Christovão Colon nunca tentasse descobrir a America, sempre seria descoberta pelos Portuguezes. Posto que D. João de Castro não fosse descobridor, com tudo a sua gloria não he menos resplendente do que a dos Heroes precedentes, porque além de elle ser quem primeiro sondou os principaes portos do mar vermelho, de que compoz hum Roteiro em Latim, sendo ao depois Vice-Rei da India obrou acções de tanta heroicidade, e virtude, que a sua reputação não tem que invejar aos Heroes da antiguidade.

(6) Huma das Artes mais favorecidas das Musas he a Escultura, a qual foi levada ao seu maior auge pelos Gregos, de quem a recebêraõ os Romanos nos tempos antigos, os quaes tambem fôraõ nella eminentes. Os modernos depois da restauração das letras a cultiváraõ muito; mas os Italianos fôraõ os que a eleváraõ a maior perfeição, sendo Miguel Angelo Buonarota, e o Cavalheiro Bernin os que nella mais se assignaláraõ. Todo este lugar he imitado de Virgilio no Liv. VI. da Eneida. *Respira o bronze, e o marmore animado* he propriamente o que o mesmo Poeta disse nos seguintes dous versos:

*Excudent alii spirantia mollius æra:*

*Credo equidem, vivos ducent de marmore vultus.*

Esta passagem do Poeta Latino tambem foi imitada pelo gran-

grande Voltaire no Livro setimo da Henriquiada , o qual sem discrepar seguiu a mesma norma na operaçãõ imitante , pelo modo seguinte :

*La toile est animée , et le marbre respire.*

(7) *Subtil* , e *delicado* he consequencia imitativa do adverbio *mollis* na allegada passagem de Virgilio.

(8) *Cinzel* , he instrumento com que os Estatuarios trabalham. Vieira no bello Sermaõ do Espirito Santo Tom. III. pag. 419 . . . . toma o maço e o *cinzel* na mão , » e começa a formar hum homem. » Se o amor proprio me não illude , o estilo deste , e do seguinte verso , vai dando , assim como o cinzel , hum ar de vida á massa informe : deste epitheto usou o mesmo Orador no dito Sermaõ pag. 419. » Arranca o Estatuario huma pedra dessas montanhas , tosca , bruta , dura , informe. » A qual passagem imitou elle da Canção nona do grande Camões : cujo lugar he o seguinte :

*Junto de hum secco , fero , esteril monte  
Inutil , e despido , calvo , e informe.*

He certo que sem a lição dos bons Poetas nunca poderá hum Orador ter estilo animado , e vehemente. Usou o Vieira de quatro epithetos , os quaes ficáraõ apartados do seu fugeito , e delatados de conjunções , para exprimir com propriedade no defalinho do estilo a rudeza da materia bruta : o ultimo dos adjectivos he consequencia dos precedentes ; notando cada hum de persi huma qualidade distinctiva no fugeito.

(9) Esta passagem tem semelhança com outra do Orador Vieira no dito Sermaõ do Espirito Santo , Tom III. , pag. 419 , e transcreverei aqui todo o lugar , para que aquelles que tem em pouco o nosso idioma vejaõ a cópia , e a força de que he dotado. » Toma ( o Estatuario ) » o maço , e o cinzel na mão , e começa a formar hum » homem , primeiro membro a membro , depois feição , » por feição , até a mais miuda : ondea-lhe os cabellos , » aliza-lhe a testa , rasga-lhe os olhos , affila-lhe o nariz , abre-lhe a boca , avulta-lhe as faces , tornêa-lhe » o pescoco , estende-lhe os braços , espalma-lhe as mãos , » divide-lhe os dedos , lança-lhe os vestidos : aqui despreza , allí arruga , acolá recama ; e fica hum homem » per-

» perfeito , e talvez hum Santo que se pôde pôr no altar. »  
 Todas as Lingoas tem suas energias , e suas bellezas particulares ; com tudo para se traduzir esta passagem em qualquer dos Idiomas cultos da Europa , havia de custar a achar elegancias , que correspondessem a estas : *ondear cabellos , affilar nariz , avultar faces , espalmar mãos , e lançar vestidos.*

(10) Dado o engenho, he necessario estimulo , que o excite , o qual he hum fogo celeste , hum desejo de gloria , que eleva o homem de genio á maior perfeição nos artefactos mentaes. Este ardor do perfeito , e do sublime , he o agente que poem em movimento as idéas para hum fim tão glorioso. Muitos fugeitos possuem talentos capazes de grandes composições , mas por falta destes estimulos ficão confundidos no vulgar dos talentos mediocres. As Musas pois são emblemas representativos desses estimulos , que obrigaõ o Sabio a huma applicação constante ás Artes de genio , pela qual se elevaõ á maior perfeição possível naquellas materias , a que a inclinação determina o seu entendimento. Dizem que a Rima he contraria á clareza da expressaõ : talvez que a esses , que tanto declamaõ contra ella , e a desterraõ das suas Poemas , custasse bem a exprimir em verso solto com força , e perspicuidade igual á destes tres versos. A sobredita sentença he huma especie de preparatorio para fallar na Pintura.

(11) O merecimento da Pintura anda em igual parallello com o da Poesia , porque ambas tem o mesmo fim , que he a imitação da natureza : ambas ensinaõ , movem , e deleitaõ ; e hum grande Pintor tem igual affento no Parnasso , que hum grande Poeta. Esta admiravel arte sempre foi estimada de todas as Nações cultas ; e posto que nenhuma pinturas tenhamos dos antigos Gregos , e Romanos , com tudo temos muitos motivos para julgar que elles fôraõ eminentes nesta preciosa arte , ao menos pela parte , que diz respeito ao desenho , fundados não só no que diz Plinio , e outros Authores antigos , mas tambem na summa correcção das estatuas , que daquelles tempos existem ; porque he verosmil , que nesta parte a mais essencial da Pintura tivessem igual cuida-

C

do

do os Artifices Pintores, que os Estatuarios. Os Italianos fizeram renascer, como a todas, esta bella Arte, e a chegarão á maior perfeição, sendo os principaes que nella se allinalárao Rafael de Urbino, Miguel Angelo Buonroti, Ticiano, e Corregio. Em Portugal tambem se cultivou esta arte, principalmente do Reinado de D. Manoel para cá. Os mais famosos dos nossos Pintores fórao Grao Vasco, que floreceu pelos tempos de D. Joáo III. Teve muita elevação nos seus pensamentos, e muita viveza de expressao: foi admiravel no colorido, e se não tivera alguma cousa do Gothico, seria hum consummado artifice. Gaspar Dias, contemporaneo do antecedente, foi Discipulo de Rafael, e de Miguel Angelo, teve grande correcção de desenho, foi notavel em exprimir paixões, teve suavidade de pincel, pelo que he reputado Rafael Portuguez. Bento Coelho, que floreceu no principio deste seculo, teve mui viva imaginação: não se conhece Pintor que tanto pintasse como elle, o que foi causa de se descuidar algum tanto da correcção. A maior parte das Igrejas antigas de Lisboa estao cheias de pinturas deste grande Mestre, do qual existem quadros de grande número de figuras todas com expressao proprias do assumpto, fazendo partes interessantes daquelle todo, no que mostra ter possuido a Poetica da sua Arte em gráo sublime. E se a Nação Portugueza fóra mais cuidadosa em celebrar os grandes homens, que em Portugal tem illustrado as Artes, este notavel Artifice seria conhecido de todas as Nações cultas. Francisco Vieira, eximio Pintor de nossos dias, estimado com summo aplauso nas Academias de Roma, donde foi membro, e onde estudou, foi hum prodigio de composição, de correcção, e de expressao de affectos. Quasi todas as pinturas da Igreja de S. Francisco de Paula, são deste grande Mestre. O famoso painel de Santo Agostinho na Portaria do Convento da Graça de Lisboa não tem preço. De outros muitos Pintores podéra eu fazer menção se m'o permitтира a brevidade destas notas. Ao presente florecem excellentes Artifices, que nos vaó enriquecendo de singulares pinturas. Ha em Lisboa duas Escolas publicas de desenho, das quaes se esperaó grandes engenhos; e he verosimil, que



que os documentos dos dous respectivos Mestres fação recuar o progresso de hum colorido pouco modesto, que ao presente reina, em favor do adiantamento na correção do desenho, e na invenção.

(12) Com huma semelhante elegancia começa o grande Tasso hum Soneto:

*Gran luce in breve tela il buon pittore.*

(13) He certo que o verdadeiro merecimento da Pintura está no engano, que faz, dando muitas vezes causa a que se creia realidade o que só he ficção; e isso mesmo he effeito da exacção do desenho, e da harmonia das côres. Foi notável o certame entre Parrasio, e Zeuxis. Pintou este humas uvas tão ao proprio, que provocavaõ os passaros a comellas, Parrasio pintou por cima dellas hum véo, e vindo depois Zeuxis, mandou que tirassem o véo, para se vêr a pintura, de modo, que hum enganou as aves, e o outro o mesmo Artifice seu comperidor. Quem quizer leia o Capitulo decimo do Liv. XXXV. da Historia Natural de Plinio, onde além do caso referido, verá muitos primores da Pintura, assim como o seu nascimento, progresso, e perfeição. Este verso talvez que seja novo no Idioma Portuguez.

(14) He tambem hum effeito da illusão, ou da excellencia da imitação fazer existir novas entidades. Perguntando o Emperador Adriano ao Filosofo Epiçteto, que cousa era a Pintura, este lhe respondeu, que era verdade falsa, porque apresentava cousas, que não existiaõ. O pensamento parece novo; eu não tenho lembrança de o ter visto em Escritor algum.

(15) Estes fins tem a Pintura igualmente com a Poesia, e ainda a Musica, o que deve fer em grão supremo; porque estas artes não soffrem mediania.

(16) *Vulgo ignaro* he elegancia muito propria da lin-goagem poetica. Veja-mos como della se serviraõ os grandes Mestres. Virgilio no Liv. I. da Eneida v. 153.... *Saevitque animis ignobile vulgus.* E no Liv. II. v. 798.... *miserabile vulgus.* Horacio na Ode I. do Liv. III. — *Odi profanum vulgus.* — Ariosto no VII. Canto do Furioso... *non bisogna* — *Ch'io ponga mente al vulgo scioco, e ignaro.* — Fileremo na Serva, C. III. *A chi fra il vulgo ignaro fa*

*foggiorno* — *Chi tuti s'iam soggetti al vulgo ignaro.* — Fulvio Testi n'uma Ode mihi fol. 34. — *Ronchi, deb tu che fuor del vulgo ignaro.* — Camões na Epistola a D. Constantino de Bragança Est. 4. — *Contra a tenção, que a plebe ignara tem.* — E na Est. 18. — *Naõ vos temais, Senhor, do vulgo ignaro.* — Ferreira na Ode I. — *Fuja daqui o odioso, profano vulgo . . . e na V.* — *Fuja o vulgo profano.* — Manoel da Veiga, Ode I. . . . *vulgo errado* — Garção Ode I. *Fuja o profano vulgo.* Estas elegancias não são indices de soberba poetica: quanto maior, e mais illustrado he o engenho, tanto menos idéas tem de superioridade; porque o sabio está sempre persuadido, que as virtudes são o producto legitimo, e natural do exercicio das Letras. Serve-se a Poesia destas expressões, como côres vivissimas para pintar a ignorancia que despreza as Artes, e Sciencias. Desta sorte plebe, ou vulgo ignorante, errado, ignobil, errante, profano &c., exprime não aquella classe de gente laboriosa, e util, a quem a Soberba ociosa chama vil, mas sim aquelles que sepultados na mais profunda ignorancia não estimaõ as artes, nem os que a ellas se dão. Veja-se número 40.

(17) *Urania* he a Musa, ou symbolo que representa a Sciencia Mathematica. *Filhos de Urania* he expressão femelhante a outra de Mr. de Voltaire na bella Ode aos Mathematicos, que fôraõ ao Circulo Polar, e ao Equador determinar a figura da terra:

*Que font tes vrais enfans, ó celeste Vranie?*

(18) Sem o socorro da Sciencia do Calculo e da Geometria, não se pôde dar hum passo seguro em Astronomia.

(19) Todo este terceto está recido de frates não muito usadas pelos Poetas de Hespanha; designa pois a Mathematica mais sublime, analyfando os mais notaveis phenomenos da natureza, quaes são o pezo do ar, o movimento dos Planetas, a sua figura, pezo &c. *Os ares peza,* he elegancia imitada da dita Ode *Et qui peses les airs.*

(20) *Alli calcûla, e sonda.* — O movimento eterno dos Planetas — Combine-se esta passagem com outra semelhante de Mr. de Voltaire na mesma Ode, e julgue-se quaes fôraõ mais felices nesta pintura, as Musas Francezas, ou as Portuguezas. O lugar he o que se segue:

*Qui.*

*Qui mesures des Cieux la carrière infinie.*

21 *Qual pezo á massa enorme corresponda* — Imitação do seguinte lugar da mesma Ode de Voltaire

..... *Et ces rares Esprits  
Fixent la pesanteur, la masse, e la figure  
De l'Univers surpris.*

O epitheto enorme significa neste lugar, grande, pesado, immenso.

(22) Este terceto he imitação da seguinte passagem de huma carta de Mr. de Voltaire á Marqueza de Chafetelet sobre a Fysica de Newton:

*Cometes, que l'on craint à l'egal du Tonnerre  
Cessez d'épouvanter les peuples de la Terre,  
Dans une ellipse immense achevez votre cours,*

A Sciencia Mathematica he da mais conhecida utilidade, e certeza, porque se funda em o conhecimento de verdades positivas. Os progressos, que ella tem feito na Europa, fizeraõ desterrar o medo, que as gentes concebião ao aspecto de qualquer Cometa. Esta Sciencia não deve os seus maiores progressos aos Portuguezes; com tudo, quando ella começava a renascer na Europa, appareceu entre nós o grande D. Henrique Filho de ElRei D. João I., que cultivou as Sciencias Mathematicas, e as fez cultivar em Portugal. Dellas se servio muito para a navegação: por meio dellas fez muitos descobrimentos, e foi causa de todos os mais, que depois se fizeraõ de tantas, e tão dilatadas regiões, com pasmo, e admiração de todo o Mundo. O celebre Pedro Nunes, que existio no seculo decimo sexto, ainda he contado no número dos grandes Mathematicos. Este grande homem trabalhou muito para facilitar a Navegação: inventou diversos methodos de determinar a Latitude, e huma divisão dos instrumentos, que servem para medir a altura dos astros, divisão que ainda conserva o nome do seu appellido: delle existem Obras muito estimadas dos Sabios.

(23) Clio symbolo da Historia, ou a Musa que a ella preside.

(24) A verdade he a alma, e a mais essencial virtude da Historia. O verbo *historiar*, que em si tem grande energia, e não he usado por ignorancia, he antiquissimo no

Idio-

Idioma Portuguez , com tudo alguns o tem por novo: Fernão Lopes o primeiro Historiador Portuguez , usa delle varias vezes , e batará apontar o seguinte exemplo no Prologo da II. Parte da Chronica de D. João I. Ora » leixando noos a abastança dos muitos louvores por cau- » sa de brevidade , que alguns que ante noos fizeram *his-* » *toriar* largo &c. » Vieira na Historia do Futuro pag. 132 nos dá o seguinte exemplo do verbo *historiar*. » D. João » de Palafoz , na sua Historia Real Sagrada , escrita mais » para contradizer o novo Reino de Portugal , que para » *historiar* o de Saul. » E no Tomo IX. pag. 4. » Sup- » posto pois que no caso do presente Evangelho temos » *historiado* o Rosario. » O verbo *historiar* tem muita clareza , e força , porque exprime huma proposição completa que se não pôde supprir com outro verbo , porque o não ha , vendo-se sempre a maior parte dos que escrevem na precisaõ de se expressar por huma circumlocução , que enfraquece o estylo , o que costuma succeder por causa da pobreza de expressões , a que os reduz o pouco , ou nenhum estudo , que fazem do Idioma : a observação profunda que nelle fez o Orador Vieira o conduzio manifestamente a escrever com summa correcção , e por isso a sua proza he a mais pura e elegante de todas as prozas Portuguezas.

(25) A Historia costuma ser huma narraçãõ veridica de factos prosperos , e adversos , de cuja lição podem os Principes tirar grandes documentos para o governo dos Póvos.

(26) He tanto o que tem escrito antigos , e modernos a respeito da Eloquencia , que seria diminuto quanto della se houvesse de dizer. Os escritos de Aristoteles , Cicero , Quinctiliano , e Longino , são as verdadeiras fontes do bom gosto nesta materia.

(27) Parece natural , que depois de o Orador por meio de huma subtil insinuação se apoderar da benevolencia do Juiz , comece a tocar a sua alma por meio dos affectos , que tambem devem hir acompanhando os argumentos , sobre que se funda a efficacia da persuasão. Esta insinuação ou sagacidade , com que o Orador se afossa do animo do Juiz , tem seu verdadeiro lugar no exordio ,

dio , quando a causa , ou por si , ou por alguma circumstancia he odiosa ao mesmo Juiz.

(28) Neste terceto se indica aquella parte da Eloquencia , a que os Rhetoricos chamaõ *Genero deliberativo* , onde se encontraõ os maiores , e mais vehementes rasgos da Eloquencia sublime , propria do governo republicano : este foi o genero em que mais resplendeceu a facundia de Demosthenes. O famoso Sermaõ do Vieira contra as armas de Hollanda , he o mais notavel monumento de Eloquencia , que neste genero possui a Lingoa Portugueza.

(29) Nestes tres versos se expõem o Genero demonstrativo , o qual pede huma expressaõ mui viva , mas nunca Poetica , como se usa modernamente entre nós. Huma expressaõ de fogo , que inflamme os corações dos ouvintes para imitar as acções do Heroe , que se louva , e celebra ; por isso me servi da metaphora *brazza de pincel* , como se dicesse , o fogo da expressaõ , que anima , e dá vida. Não me lembro de ter visto em Escritor algum outra frase semelhante a esta. A metaphora tem seu imperio na Poesia. Ella he hum supplemento á falta de termos proprios ; porque as Lingoas não tem tantas palavras como nós temos de idéas ; em taes casos a imaginaçãõ costuma socorrer esta falta , e suppre por meio de imagens , e idéas accessorias , as palavras , que a Lingoa não pôde fornecer , e succede que estas imagens e idéas accessorias occupaõ mais agradavelmente o espirito , e fazem o discurso mais vivo , e energico : como por exemplo , quando se diz de hum homem dormindo , que elle está sepultado em somno , esta metaphora diz mais que se dissesse simplesmente , elle dorme. Ponhamos hum exemplo de Virgilio , e para maior clareza seja da versãõ de João Franco Barreto em o Livro II. da Eneida Est. 66.

*Accommetem com furia denodada*

*A terra em somno , e vinho sepultada.*

Note-se , primõ , que *sepultada* tem hum sentido todo novo , e differente do seu sentido proprio : secundõ , *sepultada* , tem este novo significado por estar junto a *somno* , e *vinho* , com os quaes nunca poderia estar unido em sentido proprio ; porque só por huma nova uniaõ de termos tomaõ as palavras sentido **metaphorico**. Neste sentido

tido pois se deverá talvez entender a seguinte passagem de Horacio na Poetica:

*Dixeris egregie notum si calida verbum  
Reddiderit junctura novum.*

Mui bem farás , se a huma voz já conhecida , ajuntares outro significado , fazendo-a por isso nova. Apontarei hum exemplo de Mr. du Marlais , que foi o primeiro , e unico talvez , que fez esta tão judiciosa , como subtil observação. *Luz* só se ajunta em sentido proprio ao fogo , ao Sol , e a outros corpos luminosos ; porém aquelle que primeiro unio *luz* ao entendimento , deu a *luz* hum sentido metaphorico , e fez huma palavra nova por meio do novo sentido , que lhe deu. Assim o confirmaõ os seguintes exemplos , além de outros muitos , que se poderiaõ apontar. Camões na Est. 21. da Lusíada Cant. III.

*Esta he a ditosa patria minha amada  
Aa qual se o Ceo me daa , que eu sem perigo  
Torne com esta empreza já acabada ,  
Acabe-se esta luz allí commigo.*

Aqui se vê , que *luz* está significando *vida* por virtude de metáfora. Vieira Tomo IV. pag. 496. . . . » Os magos levando a *luz* da Fé do Oriente para o Occidente. » Lume da razão , lume do juizo , lume do entendimento &c. são metáforas , que fazem ser a palavra *lume* outro diverso termo unido á razão , juizo , e entendimento. Deste modo se augmentaõ as Lingoas com muitas frases , e elegancias , que as fazem copiosas , e flexiveis para tudo o que houverem de expressar : e quem melhor se ferver da metáfora , será o mais puro e variado nos seus escritos , como se observa em Virgilio , e em Voltaire.

(30) O primeiro que comparou os tumultos populares ás tempestades do mar foi Homero no segundo livro da Iliada , verso 144.

*Κινήθη δ' ἀγορή , ὡς κύματα μακρὰ θαλάσσης .*

Mas eu propriamente imitei a celebre passagem de Virgilio no Liv. I. da Eneida v. 145. Nesta opperaçãõ ficáraõ seis hexametros Latinos , quasi como resumidos em tres hendecasyllabos Portuguezes , prova de que o nosso idioma he capaz de todo o laconismo racional. O lugar de Virgilio he o que se segue :

*Aq*

*Ac, veluti magno in populo cum saepe coorta est  
Seditio, scivisque animis ignobile vulgus;  
Jamque faces, et saxa volant: furor arma ministrat:  
Tum pietate gravem, ac meritis, si forte virum quem  
Conspexere silent; arrectisque auribus adstant:  
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.*

De modo, que sendo o imitado huma verdadeira comparação, a cópia contrahio grande parte da extensaõ do original em legitima metaphora: e que he esta senaõ huma comparação laconica? De igual modo de fallar usou Cicero na Oração a favor de Millaõ. *Equidem ceteras tempestates, et procellas in illis duntaxat fluctibus concionum, &c.* Camoens na Carta a D. Constantino de Bragança:

*Demosthenes lançado das tormentas*

*Populares....*

(31) *Vulgo ignobil* se esta clausula vos parecer imitação muito restricta, suppondo o accidente *ignobil* nimalemente Latino, e por consequencia nada Portuguez, no Livro das Origens da Lingoa Portugueza por Duarte Nunes de Leão, achareis exemplo do mesmo adjectivo. E ainda que o não houvera, a natureza da composição, o privilegio da Poesia, e da imitação me dariaõ toda a authoridade para qualquer innovação de estylo propria da Syntaxe Portugueza.

(32) Neste terceto se expressa o Genero Judicial, onde tem mais lugar os affectos, especialmente nas perorações. A respeito da doutrina dos affectos, veja-se Aristoteles, que foi quem melhor analysou as affeições do coração do homem.

(33) A Musica tambem he huma Arte imitadora da natureza, porque exprime affectos. Ella teve principio com o homem, ou já por imitação do Canto das aves, ou por aquella innata propensaõ, que todo o homem tem para o Canto. Se dermos credito ao que os antigos nos dizem dos effeitos, que a Musica fazia n'alma de alguns Heroes, como na de Alexandre, já ella tinha chegado a grande auge entre os Gregos. Ella sempre foi companheira inseparavel da Poesia, e assim como esta consagrada á Religiaõ. Na Italia he onde ella mais tem florecido: o celebre Pargoleffi, reputado o Rafael

D

da

da Musica, foi quem a levou á maior perfeiçãõ. As nações que nella mais se tem distinguido são a Italiana, Portugueza, e Castelhana. Divide-se pois a Musica em varios ramos, dos quaes o mais principal, e interessante he o que acompanha a voz, e exprime o significado. Tem havido Sabios tão escriptulosos, que no seu conceito, só este mereceu o nome de Musica, e a tudo o mais chamáraõ hum motim harmonioso. Desta opiniaõ foi o celebre *Fontenelle*, o qual fallando da Sonata, que nada ao seu parecer expressava, dizia: *Sonata que me queeres?* Com tudo a Sonata deve ser reputada huma especie de musica, assim como a que acompanha a Dança, e por isso util porque he expressiva. A Musica está presentemente reduzida a huma arte de dizer difficuldades, de que já *Roussseau*, e *d'Alembert* se queixáraõ. Com tudo não levemos as cousas ao extremo. A Musica não deve tomar andamentos tão velozes, que não deixe gozar as suas inflexões harmoniosas; nem tão vagarosos, que influaõ tedio, e lancem a alma em hum lethargo, e froxidaõ affeminada.

(34) Este terceto indica os affectos brandos, como amor, tristeza, compaixão &c., os quaes costuma exprimir a Musica com tons mais suaves, e os communica ao espirito com andamentos mais vagarosos.

Camões fallando d'ElRei D. Fernando no Canto III. da Lusíada Est. 139, diz:

*Ou foi que o coração fogueito e dado  
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
Molle se fez, e fraco* ———

E no Canto VI. Est. 96.

*Não cos passões molles, e ociosos.*

Apondo estas authoridades para que se observem os usos translatos do adjectivo *molle*.

(35) Odio, ira, furor, são affectos duros, que tambem o Canto exprime. Deve a Musica expressar estas paixões com harmonia mais brilhante, e andamentos velozes, imitativos dos effectos, que ellas costumaõ produzir. Em taes casos os recitados obrigados são de hum maravilhoso effecto, e quasi que se tem constituido lugar commun, e fonte de combinações musicas.

(36)



(36) Parece-me que todos estes enthusiasmos estão no seu devido lugar. Elles são hum proprio expressado daquellas sensações sublimes, que se apossão da alma, quando se engolta nas delicias da composição poetica.

(37) Todas estas expressões são allegoricas, e dizem relação ao grandiloquo da linguagem Poetica, que excepto na Comedia, e na Satyra, em tudo o mais he diferente do commum fallar do vulgo.

(38) A pezar de me parecer esta expressão mui bella, e significativa, eu a vi censurar por hum douto, e não sei porque, pois não deu razão alguma do seu reparo. Esta elegancia tem semelhança com a celebre de Virgilio no Livro III. da Eneida, *Auri sacra fames*: a qual passagem foi imitada pelo divino Camões no Canto VIII. Est. 96 da Lusíada, da maneira seguinte:

*Veja agora o juyzo curioso  
Quanto no rico, assi como no pobre  
Pode o vil interessê, e sede imiga  
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.*

Além disso, eu vejo-a tão congruente com a boa Grammatica, que não posso duvidar da sua pureza. A ambição, o desejo de accumular riquezas sempre foi julgado da Philofofia por hum furor hydropico, que quanto mais tem, mais appetee; como se vê na seguinte passagem da bella Ode II. do Livro II. de Hracio:

*Crescit indulgens sibi dirus hydrops  
Nec sitim pellit, nisi causa morbi  
Fugerit venis . . . . .*

isso mesmo se vê expressado com energia não vulgar a todas as lingoas em *furor sedento*. O epitheto *Sedento* pinta neste lugar acção permanente, e faz as vezes de participio do presente: exemplo em Camões, Lusíada Canto III. Est. 116.

*Nam matou quarta parte o fero Mario  
Dos que morreram neste vencimento,  
Quando as agoas co sangue do adversario  
Fez beber ao exercito sedento.*

A falta de bom gosto faz censurar as delicadezas da arte; e applaudit muitas vezes o que merece ser vituperado.

(39) Consta este verso de dous membros, o segundo

D ii

dos

dos quaes augmenta sobre o primeiro. Combinando-se esta com a seguinte passagem de Camões , na Est. 99. do Canto V. da Lusiada :

*Aas Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da patria , que as obriga  
A dar aos seus na Lyra nome e fama  
De toda a illustre , e bellica fadiga.*

Vê-se , que a daquelle Poeta he admiravel pela harmonia ; e a minha se algum merecimento pôde ter , será pelo laconismo.

(40) Allude ao uso antiquissimo da iniciação dos mysterios de alguma Divindade. Foi esta pratica introduzida fabriamente pelos antigos Legisladores da India , donde se espalhou por toda a Asia , e Egypto , e daqui veio á Grecia. Deste modo pertendêrao atalhar a desesperação , em que podião cahir os facinorosos arrependidos , fazendo tirar fructo saudavel dos seus remorsos. Chamavao-lhe mysterios , ou segredos , porque só erao manifestos aos arrependidos , que se iniciavao , ou cathequizavao naquelles mysterios , ou dogmas , de que elles não podião revelar a menor parte. Não só criminosos se iniciavao , mas tambem os que não passavao por taes , como Philippe , Pai de Alexandre , que se foi iniciar nos mysterios de Samothracia com a dama Olympia , com quem por consentimento de seu Irmao Arriba se casou , como conta Plutharco no principio da Vida de Alexandre Magno. Não se sabe em que consistiao os mysterios da religião dos Bramenes da India , porque estes nunca admitirao aos seus dogmas senão os da sua geração ; e querendo o Emperador Mahmoud Akebar sabellos , por mais estratagemas que usou , nunca o pôde conseguir. Sabe-se com tudo , que os da Grecia se fundavao na crença de hum Deus unico , e da vida vindoura ; e em todas as partes , onde estes mysterios se celebravao em Thebas , Samothracia , ou no Templo de Ceres em Eleusis , &c. se cantava o hymno de Orfeu , pela maneira seguinte :

*Andai*

*Andai pelo caminho da Justiça ,  
Contemplai Demiurgo unico Deos ,  
Que existe só por si , de quem depende  
Todo o vivente , que no mundo existe ,  
Que delle bebe o halito da vida ;  
Quem nunca visto foi da mortal gente ,  
Quem no fundo dos nossos corações  
Tudo vê , tudo observa , e tudo sabe.*

Representavao-se alguns destes mysterios de noite em hum como theatro , onde appareciaõ os iniciados nus da cintura para cima ; flagellando-se mui asperamente , dando suspiros , e ais sentidos , acompanhados de muitas lagrimas. Destes espectaculos se apartavaõ os não iniciados , a quem chamavaõ profanos , que segundo as interpretações , que Ihe dão Festo , e Varraõ , eraõ affim chamados por não serem addictos á religião do templo , onde se celebravaõ aquelles mysterios , ou porque ficavaõ excluidos da parte de fóra junto ao Templo. Como os Poetas se consideraõ Sacerdotes das Musas , como Divindades symbolos das Artes de Genio , por isso costumaõ usar deste termo , chamando profanos aquelles , que não exercitaõ as Artes , nem dellas fazem apreço ; daqui veio principiar Horacio a bella Ode I. do Liv. III.

*Odi profanum vulgus , et arceo.*

Do mesmo modo , e com o mesmo sentido , começa Claudiano o seu Poema do Roubo de Proserpina , onde depois da proposição diz :

*..... Gressus removete profani ,  
Jam furor humanos nostro de pectore sensus  
Expulit , et totum spirant præcordia Phæbum.*

nesta passagem imitou a Virgilio , quando no Liv. VI. da Eneida , versos 258 , poem na boca da Sybilla a seguinte expressão :

*..... Procul , o procul este , profani ,  
..... totoque abistite luo.*

Affim como tambem se exprimeo no Liv. XII. versos 779.

*..... Honores  
Quos contra Aneada bello fecere profanos.*

(41) Neste verso está o adjectivo gracioso adverbialmente , e significa agradavelmente , sem custo , sem difficuldade.

dade. Fernão Lopes Chronica de D. João I. » Vendo os  
 » Reys taes rendas , e cizas . . . . . mostravom ao povo  
 » necessidades passadas , ou que erom por vir , e pediom-  
 » lhas *graciosamente* por dous , ou tres annos. » Este signi-  
 ficado no dito adjectivo he frequente nos antigos , do  
 qual se não serve o commum dos Escriitores deste seculo ,  
 porque não examinaõ a força desta , nem de outra qual-  
 quer voz nos diversos sentidos , que os bons Authores  
 lhe deraõ ; daqui vem a raridade extrema de obras ef-  
 critas neste tempo com correccão , e elegancia , porque  
 raros se applicaõ seriamente ao estudo da Lingoa. Além  
 de que , se em lugar de *gracioso* , estivesse outro termo  
 de mais culto significado , ficaria a expressão languida ,  
 e sem força. João Pinto Ribeiro , Escriitor bem culto ,  
 e vizinho dos nossos tempos , usou desta voz com o mes-  
 mo significado , a fol. 5 da segunda parte das suas obras :  
 » Tratou aquelle Rey de se apoderar da pessoa do Du-  
 » que de Barcelos , que cativára com seu Rey , e com  
 » cõr e piedade de parentesco , effeituou dar-lho *gracio-  
 » samente* o Rey barbaro. » Inda que os exemplos sejaõ  
 de adverbios , estes sempre tem a mesma energia dos seus  
 positivos. Vieira , Tom. IX. pag. 469. » Foi tão grandioso  
 » o Rei..... que lhe perdoou *graciosamente* toda a divida. »

(42) Este terceto exprime aquellas suaves commo-  
 ções , que a alma sente , quando levada da contempla-  
 ção sublime se entrega á contemplação Poetica. Na  
 bella Ode , em que o Conde Fulvio Testi excita seu Fi-  
 lho ao estudo da Poesia , se vê huma semelhante passa-  
 gem , ainda que com diversas translações , expressadas  
 nestes dous bellissimos endecasyllabos :

*Ben di propizia stella amico lume*

*Impeti eccelsi in gentil cor infonde.*

Quando a fantasia se sente possuida do mais vivo enthu-  
 siasmo , experimenta sensações tão sublimes , que quasi  
 transportada noutra esfera , vendo cousas muito acima  
 do commum pensar , entra no laboratorio de hum novo  
 tecido de idéas , que parecendo no acto da sua criação  
 insubsistentes por falta de nexo , se vem a realizar por  
 virtude de huma disposição filosofica , que unindo todas  
 as partes analogas forma hum todo perfeito. Os aballes  
 com

com que o enthusiasmo accende a fantasia , e poem em movimento as mais nobres potencias d'alma , daõ fórma , e existencia *ds doces e amaveis illusões* : isto he , á fabula , ao tecido symbolico , com que a mais sublime Poesia costuma alumiar o espirito humano.

(43) *Amaveis illusões*. Com razaõ amaveis , porque não ha prazer , que se possa equiparar com o da composiçaõ , especialmente se o artifice se reconhece verdadeiramente inspirado. Não he só o louvor , quem lhe dá este conhecimento , porque esse muitas vezes he producto de admiraçaõ repentina , mais nascida do sentimento , do que de solida instruçãõ nos mysterios da Arte ; mas sim o estudo da natureza , a liçaõ dos melhores Authores , o grande número de conhecimentos Litterarios , e a Sciencia individual de todos os preceitos da Arte maduramente analysados pela mais exacta dialectica. He a Poesia , affim como a Pintura , que quanto mais illude , tanto he mais sublime e perfeita ; porque como ambas estas preciosas Artes fundaõ todo o seu merecimento na mais exacta imitaçaõ da natureza , claro está , que quanto mais nos enganaõ , isto he , quanto mais nos interessaõ insensivelmente por meio de alguma paixãõ , entãõ fazem o seu effeito , e chegaõ ao maior auge de commoçaõ. Esta elegancia he de Horacio na Ode IV. do Liv. III.

..... *An me ludit amabilis*  
*Infania*...

Já n'outro lugar adverti , que as imitações deste genero devem ser feitas por via de reminiscencia para se executarem com liberalidade idonea , para haverem de ficar proprias , e quasi nativas do idioma , em que escritas fõrem. Eu não inculco estas observações como mestre , pois conheço a curta esfera das minhas luzes ; mas para se executarem as ditas imitações com gentileza , convém primeiro ler , e estudar com a maior attençaõ o Author , ou Authores mais dignos de ser imitados , e cuja composiçaõ for mais analoga ao genio de quem compoem ; de modo que se entre primeiramente no conhecimento do espirito , com que deduz as suas idéas , em segundo lugar da elegancia , com que as annuncia , e depois hir tornando por lembrança remota a sua imitaçaõ ; de manei-

ra , que esta no tecido das idéas , e na belleza do expressado fique propria do pensar da nação , para quem escreve , e da elegancia do idioma , em que compoem.

(44) As ideas elevadas concorrem muito para formar hum todo grande , e magestoso : isto se deve principalmente applicar para a Tragedia , e para a Epopeia , onde com mais vehemencia resplendece a força do sublime ; e onde existe a maior gloria de todos os talentos poeticos , pela difficuldade da execução , pelo qual motivo parece que só a Poesia sublime deve ser reputada verdadeiro producto de Divino influxo.

(45) Esta elegancia he toda nova na nossa poesia.

(46) Sem estudo , e sciencia não se póde bem escrever na Poesia ; por isso lá disse Horacio na Poetica :

*Scribendi recte sapere est et principium , et fons.*

(47) Pelo termo *policia* se deve entender aqui a emenda na invenção , na disposição , nos pensamentos , e na dicção de qualquer poema. A significação original desta voz he abstracção do verbo *polir* , donde ella procede ; e por translação tem sido admittida a varias significações para supprir a falta de termos , ou para variar o estylo. Pergunta Mr. de Voltaire nos conselhos , que dá a hum Jornalista , que he o mesmo que hum Gazeteiro Litterario , se o termo *policia* deve entrar em verso ? E deixa a questáo indecisa. No idioma Portuguez não só he admittido este vocabulo no commum fallar , mas em todo o genero de Eloquencia da prosa , e do verso , como vemos praticado varias vezes em Camões , e em Vieira , dos quaes basta apontar os dous seguintes exemplos. Lusiada. Canto VI. Est. 2.

*Segundo a policia Melindana*

Vieira , Tom. V. pag. 366 » . . . e occupada tambem Martha . . . nas prevenções , e *policias* da meza , em que havia de servir , e regalar a taó Soberano hospede &c. »

(48) *Immensa luz respira* : he elegancia mais propria da Lingoa Latina do que da Portugueza. Eu não me lembro de a ter visto em Escritor nosso ; com tudo julgo , que se não arreda do systema do Idioma : primò por ser de facil intelligencia ; secundò , por ser pura , por ter o verbo *respirar* a mesma natureza no nosso Idioma , que no Latim ; que

que he fer commummente neutro, e tomarse algumas vezes activamente. He imitação de Lucrecio no Liv. V.

*Et Diomedis equi spirantes naribus ignem.*

De forte, que o mesmo he dizer *immensa luz respira*; que *immensa luz diffunde*. A audacia da translação está constituida no verbo *respirar*, em lugar do qual podéra eu servir-me do verbo *espirar*; mas além de ficar trio, formava sentido equivoco. As translações sensatas enriquecem os idiomas, e os fazem mais bellos: este he o maior privilegio dos que escrevem em lingua vulgar.

(49) Aqui entra a commoção dos affectos, que he o mais difficuloso de executar, e o que deve fazer mais interessante esta qualidade de poema.

(50) Benigna estrella, *porto amigo*, são figuras muito usadas dos grandes Poetas. Petrarca no Soneto 203.

*Quanto mai piove da benigna stella.*

Fulvio Testi na Ode acima allegada n.º 42.

*Ben di propizia stella amico lume.*

Camões na Est. 47 do Canto VI. da Lusíada:

*Onde as forças magnanimas provara*

*Dos companheiros, e benigna estrella.*

Estas elegancias, que exprimem com decencia, e sublimidade as consolações, e os descansos tão appetecidos de todos aquelles, que cultivão as Artes, são proprias da nossa Lingoa, e tiradas da navegação, a que sempre se deu a Nação Portugueza. *Porto amigo*... como disse o grande Tasso no principio de hum dos seus mais bellos Sonetos:

*Nobil porto del mondo, e di fortuna.*

Até na prosa he admittida esta elegancia, como se vê no Orador Vieira tom. VI. fol. 17... » Em huma taõ larga, temerosa, e escura navegação, quem poderia chegar ao *porto do Ceo*, se não fosse guiado de lá por aquella *benignissima estrella*? »

(51) Conforme ao que já dissemos, que a Poesia, e a Pintura, são Artes illusorias, que nos affeição o espirito, sem termos relações reaes com aquelles casos, que nos movem.

(52) De todos os poemas monologos o mais difficil, e ininteressante he a Elegia. Ella pede muita perspicuidade,

E

de, pureza, e elegancia; mas o que a faz mais custosa de executar he o manejo dos affectos, e a moral pura, que deve inspirar. Para se cumprirem estes preceitos com perfeição, he necessario grande engenho, e muito saber; e pode-se affirmar, que quem desempenhar no genero elegiaco, ettará apto para a grande poesia Epica, e Tragica. Quando a Elegia tem grande commoção de affectos, o seu estylo deve ser mais submisão; porque a dor não se costuma exprimir com sublimidade estudada. Isto assentado, note-se, quanto a nossa Lingoa he capaz de pintar com o colorido mais vivo e conveniente, como se pôde ver no picturesco deste verso, tecido de vogaes breves, e consoantes liquidas, cuja disposição faz o estylo tenue, proprio deste poema, quando exprime affectos. Nas combinações harmonicas da clausula *sebil Elegia* consiste o merecimento artificial da expressão, que he mais para sentir, do que para analysar. Mas estas bellezas são effectos da harmonia da Lingoa, e não de engenho.

(53) Tambem este verbo todo he fantastico, porque pinta a imaginação, e ao ouvido: á primeira pela metaphora constituida no verbo *trovejar*; e ao segundo em o feliz concurso de consoantes asperas imitativas do som, que exprimem em *tragica trovejas*: genero de harmonia muito particular ás Lingoas Grega, e Latina, cujo estudo só pôde ministrar semelhantes combinações harmoniosas aos espiritos dotados de engenho e gosto, para enriquecerem, e fixarem a harmonia do Idioma, como foi o grande Camões. O estylo da Tragedia deve ser sublime, e fortemente apaixonado; por isso me servi metaphoricamente do verbo *trovejar*, assim como Horacio falando de Pindaro na Ode II. do Livro IV. o comparou em simile formal a hum rio, que com as grandes chuvas vai de monte a monte. Esta expressão denota os grandes rasgos de eloquencia, que deve resplender na Tragedia.

(54) A razão pede, que o sublime no poema tragico ande sempre acompanhado de força significativa, que isso quer dizer energia. A differença, que ha na sublimidade da Ode, e na da Tragedia, consiste em que o sublime



blime desta deve sempre ser de conceito claro, e o da-  
quella pela audacia dos seus tropos póde talvez ser ef-  
curo; e com razão, porque na Tragedia nunca falla o  
Poeta, e na Ode elle he quem sempre falla.

(55) Parece que o proprio assento do sublime he a  
Epopéa, o qual consiste na invenção, e no expressado,  
inda que tenha seus intervallos; porque nella humas ve-  
zes falla o Poeta, e outras não, e pode se afirmar,  
que a Epopéa he hum composto de Tragica, e Lyrica  
sublime; posto que algumas vezes se demore em pintu-  
ras icafticas, isto he, proprias da Comedia.

(56) Este verso está como fatigado para haver de pin-  
tar o custoso da acção de subir pelo concurso das con-  
soantes asperas *rr*, e *tt*, e pelo esdruxulo *nitidos*, posto  
depois de *astros*, e ultimamente pelo verbo *forcejar* col-  
lado no fim do verso: assim como fez Virgilio, o mais  
destro de todos os Mestres da antiguidade neste genero  
de pintura, em o seguinte verso da IV. Georgica:

*Illi inter se se magna vi brachia tollunt.*

Todos os grandes Poetas modernos como Ariosto, Taf-  
so, Voltaire, e Camões executáraõ estas pinturas com  
muita destreza, e de que não apontarei exemplos senão  
deste ultimo, por serem de mais utilidade. Na famosa  
profopopéa do Cabo da Boa Esperança se vê o seguinte  
exemplo:

. . . . . quando huma figura

*Se nos mostra no ar robusta, e vallida.*

E na Estança 87 do Canto IX.

*No qual bua rica fabrica se erguia.*

A belleza da pintura no primeiro verso consiste nas cesu-  
ras do meio, e no fim do ultimo hemistichio: começa  
a belleza no *ar* sem contracção, e nos dois epithetos do  
fim, em que parece, que a figura se vai erguendo vi-  
sivelmente. No segundo exemplo se vê a imitação na  
dureza constituida em *bua* pela contracção das duas vo-  
gaes, e pela suppressão do *m*; vê-se tambem no esdru-  
xulo *fabrica*.

(57) Os Poemas de maior difficuldade são, sem con-  
tradicção alguma, aquelles onde os affectos entraõ de  
necessidade; quaes a Elegia, como preparatorio para os

Poemas de grande fabrica, a Tragedia; e a Epopéa: Quem nestes for insigne, será respeitado pelo mais reputado engenho; por serem obras, que pedem o maior esforço do entendimento humano.

(58) Os Poemas sublimes não podem ser executados senão por engenhos verdadeiramente sabios. Pôde qualquer ignorante fazer hum Soneto menos máo, huma Canção, e ainda huma Ode; mas Tragedias, Epopéas, e outros Poemas de grande estençaõ, só costumão ser desempenhados pelos engenhos mais sabios, e sublimes.

(59) A primeira condiçaõ para ser bom Poeta he ter engenho, por isso com muita razaõ começa Boileau a sua admiravel Poetica, com a seguinte doutrina:

*C'est en vain, qu'au Parnasse un téméraire Auteur  
Pense de l'Art des Vers atteindre à la hauteur,  
S'il ne sent du Ciel l'influence secrète,  
Si son Astre en naissant ne l'a formé Poete.*

Os quaes versos quere[m] dizer pouco mais ou menos, o que exprime a debil imitaçaõ, que se segue:

*Em vãõ pertende ao cume do Parnazo  
Hum temerario Author erguer seus vôos,  
Se não sente do Ceo secreto influxo,  
Se o seu destino o não formou Poeta.*

A Arte he necessaria ao Poeta para dar fórma natural; e elegante aos seus assumptos. Horacio na Poetica poem em duvida, se acaso se poderia fazer hum Poema digno de louvor sómente com o adjutorio do engenho? O nosso Ferreira imitando-o, agita outra igual questaõ, e ambos se mostraõ mais inclinados á arte, do que ao engenho, talvez porque deste fóraõ menos favorecidos. Muito se tem escrito sobre esta materia: eu tenho para mim, que o engenho he superior á arte, e esta por si só nunca fez obra de gosto, quando aquelle tem produzido composições muito dignas de apreço. O grande engenho pode supprir as faltas da arte, que muitas vezes prende o esforço, com que elle opéra os rasgos da maior sublimidade.

(60) Veja-se a Dissertaçaõ sobre o Gosto.

(61) Sem grande meditaçaõ não pôde haver obra de engenho perfeita, e acabada. O maduro pensar vai pouco

ção e pouco desenvolvendo as idéas, e tirandó-as do cahos, em que a imaginação as concebe no primeiro instante, em que o genio se sente agitado.

(62) A correcção he de muito trabalho: sem ella não he nada a Poesia; porque a imaginação não pôde repentinamente conceber com perfeição. Conformam-se isto com a economia da natureza, e ainda mesmo na criação dos **Corpos Fyficos**: ella não gera de repente as grandes arvores, que em se formar gastaó o tempo proporcionado á sua grandeza. Logo todo o Poeta amante da gloria de necessidade deve ser muito severo na lima. Esta foi sempre a pratica de todos aquelles, que mais se distinguirão na mais admiravel de todas as Artes, qual he a Poesia. A emenda deve ser pura na invenção, aliviando o seu plano de eloquencia poetica de episodios, e ornamentos estranhos do assumpto, restituindo-lhe a sua verdadeira simplicidade, para que fique mais intelligivel ao Leitor. Deve ser pura na elocução, para que a frase tenha elegancia continua, e harmonia, e seja por consequencia clara, e agradável.

(63) Falla-se aqui dos improvisadores. Se o improvisar podesse ser exacto na invenção, na elocução, na harmonia, na rima &c. com razão deveria ser a mais estimada, e brilhante de todas as Artes; e o Poeta, que tal dom tivesse, seria reputado por hum homem divino, podendo com verdade dizer de si *est Deus in nobis*. Mas isso he o que justamente parece impossivel encontrar-se, e se por ventura existisse algum improvisador com todas as qualidades de hum bom Poeta sedentario, elle seria o mais raro fenomeno, com que se deveria illustrar a historia do espirito humano. Talvez que a Poesia assim principiasse no Mundo; mas como nella se não deve applaudir fenaó o perfeito, he mui verosimil, que esta fosse a causa do silencio dos antigos a respeito dos seus improvisadores, dos quaes nenhuma memoria nos deixáráo: e ainda que o Padre Quadrio aponte algum, não dá provas concludentes da sua existencia. Os improvisadores com tudo tem alcançado alguma estimação entre as Nações modernas, entre aquellas especialmente, cuja poesia consente mais licenças, que he o mesmo quasi que per-

permitted defeitos, como a Italiana, Castelhana, e Portugueza; não sendo assim a Nação Franceza, a mais correcta, e sensata na Poesia, a qual jámais coroou os seus improvisadores com applauso notavel. Os mais celebres de que tenho noticia entre os Italianos, onde tem existido o maior número delles, são *Mario Filelfo*, *Bernardo Accolti de Arezzo*, *Panfilo Sasso*, *San Philippe Neri*, e *João Antonio Gelmi*, que florecerão nos seculos decimo quinto, e decimo sexto. Os Castelhanos tiveram muitos, dos quaes alcançou grande reputação o celebre *Canhizares*, que só pôde ser estimado de huma Nação, cuja ignorancia em bellas letras não cessa de applaudir *Quevedo*, *Gongora*, e *Calderon*. Quem mais fama teve entre nós foi o notavel (\*) *Malhaõ* de Obidos, que falleceo ha pouco tempo. Eu nunca o pude ouvir, mas sei de pessoas intelligentes, e desapaixonadas, que muitas vezes o ouvirão, que a sua affluencia, e velocidade de metrificar era tal, que a todos causava admiração, posto que conhecidamente abundasse em defeitos de metro e Lingoa; e forçosamente assim havia de ser, porque a Poesia foi sempre em todas as Lingoas de mui custosa execução, pelo grande número de difficuldades, que tem de vencer nas suas operações. He bem verdade, que hum improvisador pôde com facilidade grangear fama, já com a illusão da declamação, já com a consideração, que fazem os ouvintes, de que os defeitos, que offerece aquelle furor repentino, merecem desculpa. Além de que estes

---

(\*) Antonio Gomes da Silveira Malhaõ, de quem o Author aqui falla, e que faleceu na flor da mocidade, foi dotado de hum muito grande talento poetico, e possuiu o dom de improvisar em grão muito distincto. Aos dotes do espirito unia os do coração. E se a morte o não tivesse roubado tão cedo ás letras, teria sem duvida sido hum dos Poetas, de que a Nação Portugueza poderia gloriar-se. Os poucos versos, que compoz nos ultimos mezes da sua brevissima vida, e que existem impressos com os de seu Irmaõ Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhaõ, abonão affaz esta affirmativa. Quem os ler com o intento de examinar o pezo, que ella merece, deve advertir, que estes versos são as primeiras composições sedentarias de hum Mancebo apenas entrado na carreira de estudos, que convinha ao desenvolvimento dos seus talentos, e á correcção do estylo pouco puro de hum improvisador.

tiães não costumão evaporar a sua metromania, fenaõ em auditorios, onde se achão raras pessoas intelligentes, nem a velocidade da recitação pôde dar lugar a analyfes. N'uma palavra se o improvisar merece alguma cousa, isso absolutamente será o mais infimo dos merecimentos da Poesia. Vós Poetas não vos deixeis illudir de hum applauso vão, e passageiro, fructo da ignorancia. *Homero, Sophocles, Ewipedes, Virgulto, Horacio, Ariosto, Camões, Tasso, Boileau, Racine, Voltaire*, o grande *Voltaire*, Authores, onde se encerra tudo quanto ha de grande, de prodigioso na Poesia, compozeraõ com muito vagar, e emendáraõ com a maior severidade, sem o que não seriaõ talvez cousa alguma no mundo litterario.

(64) Esta passagem he imitação de hum lugar da *Satyra* quarta de *Horacio*, na qual censurando a incongruencia da composição do Poeta. *Lucilio* diz:

. . . . . *In hora saepe ducentos,*

*Ut magnum, versus dictabat, stans pede in uno:*

*Cum fueret lutulentus &c.*

O adjectivo *lutulento* he todo novo; ao menos não me lembro de o ter jámais visto em *Escritor* Portuguez. A liberdade de innovar palavras he só concedida áquellas pessoas, que por excellentes obras, que tenhaõ composto, adquirirão authoridade para enriquecer o Idioma de termos, e frases novas. Estas qualidades não se achão em mim, eu o confesso; porém não deixarei de ter algumas razões, que me authorizem a este respeito. Em primeiro lugar, todo o Poeta, que procura escrever com a maior correccão possível, tem jus para inventar vozes, e elegancias com aquella destreza, e cautella, que permite a natureza da composição; porque a grande liberdade, com que o pôde executar na *Epopéa*, o não deve fazer na *Ode*, e muito menos na *Elegia*, e na *Ecloga*. He esta licença permitida ao Poeta pelas grandes difficuldades, que encontra no fio da composição. Isto asentado, digo; porque razão pondo eu toda a deligencia em escrever com a correccão, e emenda possível ás minhas forças, me não será concedido innovar alguma palavra, ou elegancia, sendo expressiva e sonora? Se me dizem que o Poema *Elegiaco* não soffre innovação na frase: res-

pon-

pondo, que sendo a Elegia genero de composiçãõ capaz de toda a vehemencia poetica, naõ só pelo movimento dos affectos, mas ainda pela viveza do enthusiasmo, como vemos em Tibullo, Propercio, e Ovidio, naõ exclue absolutamente estas licenças, nem os antigos nos deixaraõ preceitos positivos a este respeito, e o que della diz Horacio na Poetica, he só relativo ao metro, e naõ aos pensamentos, nem ao estylo, que por isso mesmo que he apaixonado, deve naturalmente ser mais sublimè, e por consequencia admittir novidade na expressãõ, especialmente sendo do genero mixto, cuja variedade nos Epiodios requer estylo proporcionado á materia de cada hum delles, como neste poema se mostra. Este procedimento naõ he alheio da razaõ, que he a primeira, e unica regra que deve dirigir o Poeta, que depois de estar cabalmente instruido nos documentos, com que a mesma razaõ, ou filosofia se propoz dirigir os vôos do Genio, regeita os chamados preceitos, que o capricho dictou mais para prender, do que para auxiliar a fantasia. Raro he o Poeta Portuguez, que naõ introduzisse vozes, e expressões novas. *Jeronymo de Corte Real* nos dois Poemas grandes, que compoz em Idioma Portuguez, innovou termos, e clausulas estranhas, e ainda ninguem o censurou disso, posto que naõ tenha bellezas, que lhe dessem authoridade para isso; porque além de ser sequissimo na invençãõ, he no estylo taõ frio, e despido de nervo, que raramente deixa de ser languido, e abatido. O mesmo fez o Author da *Malaca Conquistada*, Poema que tem tido seus panegyristas, a pesar dos defeitos, que desfiguraõ o plano da invençãõ daquella Epopea, das frequentes incorrecções da sua dicção, e do pouco conhecimento, que teve o seu author das cesuras, que constituem a harmonia metrica do Idioma. *Vasco Masinho de Quevedo* tambem he bem confuso na invençãõ do seu *Affonso Affricano*; mas como teve algum vigor no estylo, mais energia, e viveza nas suas pinturas, todos o louvaõ, todos fechaõ os olhos a muitas palavras, e construcções novas, que introduzio. Que direi da *Elegiada* de *Luiz Pereira de Castro*? Sendo aquelle poema a obra mais infeliz, que appareceu em

Portu-

Portugal no seculo de quinhentos, a qual mais deshonra a Nação, do que a acredita, - isso não obstante foi impresso novamente por hum Professor Regio de Lisboa; e, ou por idolatria aos escritos daquelle seculo, ou por cegueira, não vimos o menor reparo ás muitas, e indifcretas innovações, que fez no estylo, que se acha inundado dos mais enormes vicios de locução. Logo por que razão não terei eu a mesma liberdade huma só vez, usando della com toda a possível circumspecção, para que o termo innovado se não arrede da natureza do Idioma? Além de que innovar termos, e elegancias he privilegio dos que procuraõ escrever com correcção nas Lingoas vulgares, o que não he concedido aos que escrevem nas mortas, que não podem sem barbañizar sahir dos limites de huma syntaxe permanente, cuja natureza he em muita parte escondida aos modernos. O privilegio de innovar não só aos Poetas he concedido, mas tambem aos Oradores, posto que estes não tenhaõ tantos obstaculos que vencer. Vieira não deixou de innovar bastante; mas dos que se arrogáraõ esse privilegio, elle foi quem o executou com mais juizo, e gosto. O mesmo Orador no Sermaõ das Cadeias de S. Pedro innovou o adjectivo *inverso* do modo seguinte. . . . » Emperadores daquelle » sempre *inverso*, e venenosa Metropole. » A paginas 235 do Tomo IV. usa duas vezes do termo *citibaredo*. No Sermaõ de Santa Theresa paginas 282 do Tomo IV. adoptou a seguinte elegancia toda de construcção Latina, e que sómente pôde ser entendida dos doutos naquelle Idioma : . . . . » *vacando sómente a Deos, e a si.* » No Tomo X., paginas 153 trouxe do Latim o verbo *dirimir*, que significa *apartar* . . . . » Em quanto a differença das côres não *dirime* a irmandade. » Do mesmo modo innovou a paginas 164 o verbo *disgregar*, tambem Latino. pelo modo seguinte : » Dizem que da côr preta he proprio unir » a vilta, e da branca *disgregalla*, e defunilla. » Tambem a paginas 165 usa de *disgregativo* nome adjectivo derivado do mesmo verbo, e inventado absolutamente por elle, pois o não tem a Lingoa Latina. » Que muito logo, que sendo taõ *disgregativa* a côr branca, não cáibaõ na mesma Congregaçãõ os Brancos com os Pretos? »

F

Em

Em fim poderia allegar-se infinitamente sobre esta materia, não só dos Oradores, mas tambem de Historiadores. O que por ultimo digo he, que sendo permitido aos Authores da prosa usar de palavras, e elegancias novas com tanta liberdade, por que razão o não poderei eu fazer huma vez, sendo a composição poetica de tanta, e tão difficullosa execução? De todos os tempos a Poesia foi quem polio os Idiomas, quem lhe deu cópia, força, e harmonia.

(65) *Ao vulgo grata.* Só ao vulgo ignorante pôde agradar a furia dos improvisadores; porque como não tem idéa de perfeição na Poesia, aclama aquelles movimentos insensatos, què se lhe inculcaõ como o mais perfeito daquella admiravel Arte. Exemplo deste adjectivo, tomado na sua original significação se acha em Camões no Canto IX. da Lusíada, Estança III.

*De que tinha proveito grande, e grato.*

(66) *Fosforo* he termo Grego, e significa *cosa resplendente*. Não sei, que esta voz fosse conhecida dos nossos passados, mas julgo, que se pôde usar della, visto que nas Escolas de Filosofia he muito usada. Neste mesmo verso está o adjectivo *ingrato* tambem no seu original significado.

(67) *Fatuos resplendores.* Em lugar de *fatuos* poderia estar *falços*, ficando a frase mais propria da elegancia Franceza, mas do modo que está, fica mais poetica. Esta expressão, que exprime aquelles furores produzidos pela imaginação, que não he alumida pelo engenho, nem dirigida pela sciencia, he tão pouco usada de nossos Poetas, que parece nova. A força da metaphora tem o seu throno na Poesia.

*Fatuos resplendores.* He o que commummente dizem os Latinos *ignes fatui*, como foi a chama, que se vio arder na cabeça de Ascanio, segundo Virgilio no II. da Eneida vers. 683, sobre o que se pôde consultar Plinio Historia Natural Liv. XXXVI. Cap. 27.

(68) *Cujo ser ao não ser &c.* Este modo de fallar sendo mui energico, não he usado da elegancia moderna, que só adora as clausulas antiquadas, com tanto que se achem nos quinhentistas. O Orador Vieira, o mais culto de todos



dos os authores da prosa Portugueza, usou varias vezes desta elegancia, de que apontarei alguns exemplos. No Tomo IV., paginas 337..... » Em qualquer outro con- demnado fôra melhor o *naõ ser que o ser.* » Desta mesma elegancia se serve duas vezes na mesma pagina. No Tomo VI. paginas 484 » Fallando Deos com » Job quando ainda dormia, ou jazia na sepultura do *naõ ser, &c.* »

(69) Aqui principiaõ os affectos, que ou mais, ou menos são necessarios ao poema elegiaco.

(70) Já hum Litterato idolatra dos quinhentistas me censurou em certa occasião o adjectivo *symbolico*, posto que muito energico, e summamente harmonico, dizendo que nunca fôra usado dos nossos Classicos. Bem Classico he o Orador Vieira, que no Tomo V. paginas 506 se servio do mesmo termo da maneira seguinte. » Que fun- damento cuidais teve a Filosofia *symbolica* das Fabulas, » para fingir, que os Gigantes fizeram guerra ao Ceo. »

(71) *Alto resumo do conceito eterno.* Parece, que o dom divino da Poesia foi hum dos mais sublimes caracteres, com que Deos quiz mostrar, que o Ente racional era huma emanação immediata da sua Omnipotencia; e com razão, porque qual he a Arte mais amavel, mais sublime, e celeste do que a da Poesia? Ella ensina, e deleita pelo modo mais encantador. O verdadeiro Poeta mereceu em todos os tempos a maior estimação, porque o dom, que recebeu do Ceo, a sciencia, e as virtudes, que deve possuir, sem o que não ha, nem pôde haver Poeta bom, o constituem quasi hum milagre da natureza. Os primeiros Poetas, que existirão, empregáráõ os seus talentos em louvar o Summo Ente, e em ensinar o genero humano, taes fôráõ Moysés, Orfeo, Homero, Hesiodo, David, e os antigos Profetas. Hum grande Poeta entre os Gregos era huma dadia do Ceo, entre os Romanos hum prodigio, e em Portugal....., Tal era a estimação, que os Arabes fazião de hum bom Poeta, que quando apparecia algum Varaõ insigne na Poesia, todos os Tribus enviavaõ Embaixadores a dar os parabens ao Tribu, onde elle nascêra, pela felicidade de possuir hum sugeito tão favorecido do Ceo, que tanto o

illustrava com o seu nascimento. A Italia moderna co-  
roou *Petrarca*, e o mesmo estava para fazer a *Tasso* no  
dia, em que morreu. Ao celebre *Adisson* fizerao os Ingle-  
zes Secretario de Estado por haver composto a bella Tra-  
gedia de *Catao*; a *Alexandre Pope* enchêrao de rique-  
zas por traduzir a *Illiada*, e largamente premiárao ao  
Poeta *Micle* por traduzir a *Lusiada* de Camões. Os Fran-  
cezes além da grande estimaçao que fizerao dos bons  
Poetas, levantárao a *Mr. de Voltaire* em a sua vida hu-  
ma Estatua de marmore, executada pelo celebre *Pigale*,  
o maior Estatuario de toda a Europa neste seculo, a qual  
foi collocada na Salla da Academia Franceza, que he o  
mais augusto Corpo de Sabios, onde se cultivao com o  
maior esplendor as bellas letras. Em Portugal hum Poe-  
ta he objecto de riso, e pouco lhe falta para o não fer  
de infamia.

(72) *Por mais que andem nas trevas envolvidos.* O  
grande Camões, isto he, o maior homem de Portugal,  
viveu sempre na maior miseria, do fundo da qual se fez  
notavel pelo seu engenho; e jazendo os *Crassos* do seu  
tempo, que tanto o desprezarao, no mais profundo esque-  
cimento, o seu nome he pronunciado no mundo com  
admiraçao, e respeito.

(73) He preceitô de *Aristoteles*, fundado na razaõ,  
que o Poeta, que prostitue o dom, que recebeu do Ceo,  
celebrando assumptos infames, deixando os louvores de  
Deos, das Virtudes, e açções boas, não merece o no-  
me de Poeta, nem se lhe deve consagrar o menor ap-  
plauso.

(74) A lisonja nunca deve manchar a penna do verda-  
deiro Poeta, ainda a titulo de grangear *Mecenas*. Hum  
grande engenho, fortificado com as luzes da boa Filoso-  
fia não tem precisaõ de *Mecenas*, nem de protecções.  
Os meios para viver honestamente não são tão diminu-  
tos, que não appareçao facilmente a qualquer sujeito des-  
pido das preoccupações, que tem as almas pequenas em  
perpetua escravidão.

## ELEGIA II. (\*)

NA MORTE DE HUM MEU AMIGO.

**B**OM Luiz, que ao sereno Ceo voaste,  
Onde á vista de Deos o premio gozas  
Da Virtude, que tanto exercitaste.

Livre das apparencias enganofas,  
Com que o vaõ mundo enlêa a gente humana;  
As moradas habitas luminofas.

Já contemplando a Effencia soberana,  
Que de nada tirou todo o creado,  
Naõ te lembras de minha dor infana.

Infana dor, que o peito magoado  
De te perder, amigo, eternamente  
Naõ cessa de affigir-me. Oh triste estado!

O meu pezar cruel naõ me consente,  
Que occulte n'alma a dor de te perder,  
Alma gentil, espirito excellente.

Se alguma cousa póde merecer  
Em taõ corrupto seculo a Virtude,  
Que nunca em ti cessou de apparecer:

(\*) Desta Elegia não se achou mais que hum borraõ: e de duas notas, que nelle existiaõ da letra do Author, se via, que elle a puzera em limpo em Janeiro de 1778, e que a emendara em setenta e quatro passagens.

Eu

Eu te fico , qu'em mim jámais se mude  
 O firme presuppsto de louvar-te ,  
 Que o mundanal prestigio não me illude. ( 1 )

Vós outros , que seguís Bellona e Marte ,  
 Cessai de m'ostentar vossas proezas , ( 2 )  
 Que outro rumo me leva a melhor parte.

O som das armas , bellicas empresas ,  
 Nada influem agora em meu conceito ,  
 Envolvido em pesares , e tristezas.

Não arranca a lizonja do meu peito  
 Fingidos ais , e mentirosos prantos ,  
 De huma alma vil vilissimo defeito.

Santas Deozas do Pindo , se os meus cantos  
 A assumpto vil se derem por accaso ,  
 Não me inspireis vossos influxos santos. ( 3 )

A minha fama seja em negro vaso  
 Do torpe esquecimento submergida ;  
 Nem mais de mim se conte , ou dito , ou caso.

Ah ! que estando a minh'alma confundida  
 Num abyssmo de dor , e de tristeza  
 Não dou ao pranto a voz enternecida !

Da san Virtude a candida pureza  
 Na tua alma se via retratada ,  
 Vestida de benigna natureza.

Não se mostrava indomita , e apagada  
 Em teu coração puro , mas serena ,  
 Bem como a mais serena madrugada.

Jámais no ardor do estio a sombra amena (4)  
 Tanto alegre não foi aos olhos meus,  
 Cançados de chorar tão grave pena.

Santos finaes, que imprime a mão de Deus  
 Nos justos peitos, por que o mundo veja  
 Alguns dos attributos santos seus.

Para que note a tacita peleja,  
 Que hum hypocrita austero lhe fomenta,  
 Que affaz por illudir lida, e forceja.

Cada vez que a memoria me apresenta  
 Tuas raras virtudes, caro amigo,  
 Mui vivamente a minha dor se augmenta.

Tu servias de porto, e doce abrigo  
 À misera indigencia: oh quantas vezes  
 Taboa lhe foste em seu cruel perigo!

Não que as horas passasses, dias, mezes  
 Nos braços da opulencia, nem sentisses  
 Da sorte avara os asperos revezes.

Nem que sempre em prazeres existisses  
 A' sombra de aureos tectos, que adorado  
 De Clientes sem número te visses.

Sempre em pobre tugurio, e humilde estado  
 Teus dias se passárao, dando á vida  
 Duro trabalho, rustico, e cançado.

Quem nunca sente a idéa compellida  
 De immodica ambição, pouco lh'importa (5)  
 Vida viver escura, e abatida.

Com

Com grande força d'animo supporta  
Os golpes da Fortuna, e co'a Virtude,  
Que he seu unico bem, só se conforta.

E por mais que as desgraças amiude  
Sobr'elle a iniquidade, nunca esperem  
Que das *vias de Deos* se arrede, ou mude. (6)

Os que ser liberaes saber quizerem,  
E cultivar as Artes, e Sciencias  
No feio da pobreza pertenderem:

Naõ se levem de falsas apparencias;  
Ouçaõ de ti fallar, ponderem, sondem,  
Alma gentil, teus dotes, e excellencias.

As obras aos desejos correspondem,  
Quando tem na Virtude fundamento;  
Verdades puras a ninguem s'escondem.

Porém quando me sobe ao pensamento,  
Quanto em ti me roubou a crua morte;  
Oh como, caro amigo, me lamento!

Em meus desgostos tu m'eras consorte;  
E na cruel tormenta das paixões  
Da juvenil idade guia, e norte.

Livre de infames vis preoccupações,  
Que abatem tanto a humana fantasia,  
Era a tua alma limpa de illusões.

Que em ti morava a san Filosofia;  
E ao som da branda lyra, que tocavas,  
Vinha cantar a doce Poesia.

Oh.

- Oh sacra Deosa , allí só celebravas  
As virtudes , e os feitos gloriosos  
Dos heroes , que ás estrellas levantavas.
- Da vil Lisonja os eccos mentirosos  
Naõ incensavaõ vís degenerados  
Ramos d'antigos troncos generosos.
- Oh felices momentos bem gastados  
Os que em formar o espirito se empregao  
Ao amor das Sciencias consagrados !
- Cegos deliraõ esses , que se negao  
Aos nobres exercicios de Minerva ,  
E só a ocio inerte , e vil se entregaõ.
- Destes o nome inutil se preserva  
De illustre gloria , e a palma naõ merece ,  
Que a Fama para ti guarda , e reserva.
- Para ti , claro espirito , florece  
Nova immortal corõa , illustre premio ,  
Com que o merecimento se esclarece.
- Se eu naõ jazêra em fim no escuro gremio  
Da tristeza , á memoria tua erguêra  
Em claro estylo hum perennal proemio.
- Que em mim tambem se accende , e reverbera  
O raio santo do divino Apollo ,  
E a sacra furia , que me inflamma , e altera.
- Teu nome iria d'hum a outro polo  
Taõ rico de louvor illustre , e claro ,  
Quanto eu de dor , com que o meu peito affollo.

Pintára em culto verso , novo , e raro  
 Taõ vivamente as tuas qualidades ,  
 Que eternas fossem contra o tempo avaro.

Hir-se-hiaõ indo os annos , e as idades ;  
 Mas as tuas virtudes naõ se iriaõ  
 Dos corações dos homens , das vontades. (7)

Ellas por toda a parte voariaõ ,  
 E mil santos estímulos potentes  
 No mais robusto peito accenderiaõ.

Entaõ veriaõ as corruptas gentes  
 Da verdadeira , e solida amizade  
 Os nobres attributos excellentes.

Oh crua forte ! oh fera iniquidade !  
 Oh dura condiçaõ do meu destino ,  
 Que me opprime com tanta crueldade !

Triste de mim , que me consumo , e fino ,  
 E naõ acho a meu mal algum remedio ,  
 Que em vaõ me queixo , e clamo , e desatino.

Ah ! caro amigo , em taõ pezado affedio  
 Me poz a tua morte , que da vida  
 Tenho já concebido horror , e tedio.

Depois que ví a luz amortecida  
 Dos olhos teus , perdí as esperanças  
 De amizade vêr mais pura , e subida.

Que naõ vejo senaõ desconfianças ,  
 Criminosas cautelas , e maldades ,  
 Ingratidões infames , e esquivanças.

Vêm-



Vêm-se continuamente inimizados ;  
Filho não ha por pai , nem pai por filho ;  
Tudo são nesta vida falsidades.

Fóra os costumes vão do usado trilhado ;  
E da amizade as condições sagradas  
Se não existem , não me maravilho.

Digaõ , que ella inda habita estas moradas ,  
Qu'eu tal não creio , existirá talvez  
Lá no mundo das fabulas sonhadas.

Misera condiçãõ humana ! Oh trez  
Oh quatro vezes venturoso aquelle ,  
Que de tão máos influxos se desfez !

Quem as paixões indomitas repelle ,  
E só se eleva a vós , Musas do Pindo ,  
Se o sagrado furor o obriga , e impelle !

Deusas , por quem as azas facodindo  
Inda algum dia irei Cygne canoro  
Com fama eterna os ares dividindo ;

A vossa protecçãõ , Nynfas , imploro  
Em tantas sem razões do mundo avaro ,  
E recebei-me em vosso santo Côro.

Então farei , cantando o nome claro  
Do bom Luiz , que a Fama pregoeira  
Ao mundo o mostre com louvor preclaro ,  
Symbolo da amizade verdadeira.

## NOTAS.

(1) *Mundanal*: d'este epitheto se acha exemplo em Fernão Lopes no Cap. I. da Chronica d'ElRei D. João I.

(2) Este verbo *ostentar* foi mui usado dos Seiscentistas na significação de mostrar, o que peia maior parte lhe fazia o estylo secco, e empollado.

(3) Este mesmo pensamento tenho no primeiro Canto de hum Poema, mas por differentes palavras, que combinadas dão a conhecer a abundancia de termos, e doçura de frases da nossa Lingoa.

Se alguém nimiamente observante dos preceitos da arte condemnar as duas apostrofes acima, por serem pouco proprias do estylo Elegiaco, veja a Elegia V. do Liv. II. de Tibullo, Tibullo o mais perfeito modello no genero Elegiaco, e nella verá no curto espaço de 12 versos quatro apostrofes; e em todo o dito Poema hum estylo mui grande, e magestoso, e dicção Poetica em grão superior, o que affaz me desculpa.

(4) Advirta-se, que *jâmais*, adverbio de tempo, neste lugar não se deve reputar por Gallicismo, pois só a indiscreta frequencia o constitue tal, sendo, como he, usado dos nossos Authores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Castro, e Ferreira.

(5) *Pouco lhe importa*: esta expressão parecerá talvez pouco Poetica, por ser vulgar, o que não obstante, a deixei ficar; em primeiro lugar em attenção á sentença, em segundo, porque me pareceu estar em seu lugar, pois não ha palavra ou frase, que Poetica não seja; sendo com destreza empregada.

Neste mesmo terceiro usei de proposito de hum verso froxo, por me adaptar á natureza da cousa, que pretendendo exprimir

*Vida viver escura, e abatida*

he verso abatido assim como a vida do meu Heróe; que aliás poderá dizer:

*Vida viver miserrima, e abatida*

e ficava mais harmonioso, mas não tão pictoresco. A frase *vida viver* poderá ser assumpto de censura a quem não souber, que este genero de construcção não he alheio

alheio da nossa Lingoa, cuja Syntaxe he mui semelhante á da Latina. *Vivere vitam* he frequentissimo em Plauto; e Cicero na IV. Verrina Cap. 47 tem *vivere vitam suam*: e sendo este Author tão circumspecto, não duvidou dizer na Epist. 16. do Liv. IX. das Familiares, *amavi amorem tuum*. Fernão Lopes, Padre da Historia, e periodo Portuguez, diz no Cap. 30 da II. Parte da Chronica d'ElRei D. João I. *Estando ElRey em Abrantes... entrou em conselho elle, e o Condestabre, e os outros... se poeria batalha a seus imigos, ou usaria de guerra guerreada*. O insigne Poeta Simão Machado na I. Parte da Comédia de Dio pag. 7. vers. diz:

*Vida que vive sem vida.*

No Catecismo Romano traduzido em Portuguez, obra de purissimo e elegantissimo estylo, impresso em 1590 fol. 396 vers. se acha: *Rogamos tambem a Deos, que nam morramos morte supitanea*. Duarte Nunes de Leão, que procurou escrever com cultura, diz na Chronica de D. Affonso Henriques pag. 147 da ultima edição: *A peleja começou, e foy muy travada e pelejada*.

(6) *Vias de Deus*: este modo de fallar he do Salmista no I. Salmo... *et in via peccatorum non stetit*. Ferreira no Soneto 41 usa d'esta elegancia d'este modo:

*Anjo enviado a apparelhar as vias*

*Do Cordeiro de Deos*.....

(7) *Vontades*: por animos, espiritos. Exemplos em Fernão Lopes &c. (\*)

---

(\*) Aqui se achavaõ interrompidas as notas e observações do Author, as quaes, sem dúvida, na Cópia, que tirou em limpo, devião ser muito mais extensas.

## ELEGIA III.

À MORTE DA MUITO EXCELLENTE  
 PRINCEZA D. MARIA  
 FILHA DO MUITO ALTO E PODEROSO  
 REI D. JOSÉ.

**O**H que vozes tristíssimas ! que prantos !  
 Que gritos cheios de tristeza , e magoa !  
 Que clamores ! que lastimas ! que espantos !

Ah ! converta-se em fonte a ardente fragoa ,  
 Qu'eu n'alma tenho , e faia noite e dia  
 Dos tristes olhos meus hum rio d'agoa !

He morta , os eccos soaõ á porfia ,  
 Do grande Rei José a illustre filha ,  
 Princeza sem igual , gentil Maria.

Ah ! que naõ lhe valeu ser maravilha  
 D'angelica belleza , extrema , e rara ,  
 A quem o mesmo Amor se rende , e humilha.

Cedeu á força em fim da morte avara  
 De perfeições o mais rico thesouro ,  
 Com que esta nossa idade se adornava.

Naõ me corõem mais de verde louro ;  
 Pois que de todo dissolvida vejo  
 Da mais perfeita vida a téla d'ouro.

Chorar eternamente eu só desejo ;  
 Que em tanta magoa todo o sentimento  
 Naõ será excessivo , nem sobejo.

Para

Para que quero ter contentamento  
Vendo já convertido em cinza fria  
De perfeições o mais gentil portento ?

Quem de graças jámais, e cortezia  
Hum taõ perfeito exemplo vio no mundo,  
De discripção honesta, e d'alegria ?

Quem taõ gentil semblante, alvo, e jucundo,  
Tantas Virtudes raras, e perfeitas,  
E quem tanto saber alto, e profundo ?

Pois que a taõ viva dor estais sujeitas,  
Oh Lusitanas Gentes, naõ sejais  
De chorar longamente satisfeitas.

Dai ao mundo certiffimos signais  
Da dor qu'em vossos tristes peitos mora,  
Vozes confusas, gritos, prantos, ais

Desde que apparecer a roxa Aurora,  
Até que o Sol se esconda no Oceano,  
Naõ cessem de se ouvir em qualquer hora.

E a tanto chegue a dor do cruel damno,  
Que vos fez o rigor da morte crua,  
Que acabeis de desgosto acerbo, e infano.

Ou nunca em vós se apague, e se destrua  
A memoria de taõ gentil Princeza  
Em quanto o Sol der luz á branca Lua.

Da sua morte a dor tanto em mim peza,  
Que satisfeito fôra, se me vira  
Lançado n'um abismo de tristeza.

Def-

Desde entaõ para sempre a gente ouvira  
 Em miseravel pranto convertida  
 A rouca voz da minha triste Lyra.

Mas para que he já ter cançada vida  
 Entre tantos desgostos, e pezares,  
 Em lagrimas, e choros consumida?

Quem vio suas Virtudes singulares,  
 Naõ tem qu'esperar mais, senaõ chorar  
 Eternamente lagrimas a pares.

Pois vio a fera morte em flor cortar  
 A mais-mimosa, e mais gentil bonina,  
 Com que o sereno Ceo se quiz ornar.

Naõ foi de ti a terra, naõ foi digna  
 Dê ti, alma gentil, e generosa,  
 Que tu mortal naõ eras, mas divina.

Por ti do Téjo a praia deleitosa,  
 Por ti choraõ as Graças, e os Amores:  
 Ecco por ti suspira lastimosa.

Os campos esmaltados de mil côres,  
 Os valles, e os frondosos arvoredos  
 Por ti lançaõ tristissimos clamores.

Choraõ por ti os concavos rochedos,  
 E os cavernosos montes por ti lançaõ  
 Taõ temerosos gritos, que põe medos.

As frescas fontes de chorar naõ cançaõ  
 A tua morte, oh Nynfa, nem chorando  
 As mesmas feras sua dor amansaõ.

As

ELEGIA III.

77

As aves vão teu fado lamentando  
Com flebil canto, e vozes pezarosas,  
Com som confuso, triste, e miserando.

Pelas verdes ribeiras deleitosas  
Sobre as luzentes urnas de crystal  
Estão chorando as Nynfas faudosas.

Naõ he muito, que seja universal  
A dor de haver perdido huma tal vida,  
Espirito magnanimo, e Real.

Huma presença angelica, e subida;  
Hum brando accolhimento augusto, e nobre;  
Hum pejo, huma Virtude esclarecida:

Tudo aquí neste marmore s'encobre  
Para nunca o tornarmos, a vêr mais;  
Porque mais nossa dor s'augmente, e dobre.

Lançemos todos gritos desiguaes  
Sem nunca descansar, té que acabemos  
A força de exhalar soluços, e ais

De dor intensa, e viva ao mundo demos  
Signaes taõ conhecidos, e evidentes,  
Que toda a gente os tenha por extremos.

Tenhaõ-nos por extremo estranhas gentes,  
Que nunca viraõ sua formosura,  
Nem suas qualidades excellentes.

Triste de mim! ah! triste, e sem ventura!  
Pois vendo já sem vida o gentil peito,  
Naõ morro de tristeza aspera, e dura!

H

Eu

Eu conceber não posso no conceito  
 O grande mal, que sinto, para o qual  
 Este meu coração he vaso estreito.

Tanto se aviva em mim a dor fatal,  
 Que por muitas mil lagrimas, que chore,  
 Para abrandalla nada em fim me val.

Nunca das frescas sombras se namore  
 A triste Filomela, nem cantando  
 O soccorro do Ceo benigno implore.

Seccai, fontes, jámais ireis regando  
 Dos florecentes prados a verdura,  
 Com vossas brandas agoas murmurando.

Com tigo se nos foi nossa ventura,  
 Alma digna de Imperio, do Ceo digna,  
 Cume d'alta Virtude, e formosura.

Oh quanto a forte nos não foi benigna,  
 Pois d'entre nós tão cedo te levou,  
 Divina formosura, alma divina!

De tanto bem a morte me privou,  
 Qu'eu não fei como em mal tão penetrante  
 A sempiterno pranto me não dou.

Ah! nunca deste valle se levante,  
 Deste valle de pranto, e de miserias,  
 A voz da minha cithara fonante.

Pois que tudo na vida he vil materia,  
 E seus gostos, e seus contamentos  
 Passão ligeiros, mais que sombra aerea.

A mi-



A minha Musa envolta em mil tormentos,  
De funebre cypreste coroadada,  
Naõ sõe fenaõ miseros lamentos.

E com presença mesta, e desfolada  
Taõ vivamente chore o acerbo caso,  
Que s'ouça em todo o mundo a voz cançada

Naõ se ergaõ mais nas grutas do Parnazo  
Alegres cantos: chorem tanto as Musas,  
Que de lagrimas enchaõ grande vaso.

Nem ao longo das agoas circumfusas  
Jámais cantem Virtude, e Formosura;  
Astros nas mundanaes trevas confusas.

Gentileza, e Virtude justa, e pura,  
Ai de mim! já de todo se apartáraõ;  
Que tudo nos roubou a morte escura.

Fôraõ-se em fim, com tigo se apagáraõ,  
Com tigo, oh alma bem-aventurada,  
Taõ altas qualidades se acabáraõ.

Ninguem me diga já, que desgraçada  
Naõ he a amarga vida, que vivemos  
Nesta infeliz, e misera morada.

Hum bem permanente nunca o vêmos:  
Mal apparece a Aurora da ventura  
No mesmo instanté, ah! tristes, a perdemos.

Trespassados de dor, e de amargura  
Passamos nossos dias tristemente,  
E sempre para nós he noite escura.

Pois inda bem se não mostrára á gente  
 O mais perfeito, e raro ajuntamento  
 De belleza, e Virtude alta e excellente;

Miseros! d'entre nós em hum momento  
 D'entre nós s'apartou, oh triste caso!  
 Affaz ligeiro mais que o leve vento.

Pois já que em flor cortou o duro acaso  
 A Nynfa mais gentil, que o Téjo vio,  
 Como em suspiros, e ais me não abraço!

O vivo lume assim se consumio,  
 O lume dos seus olhos tão formosos  
 Entre as sombras da morte s'encobrio!

Não quero ver já dias luminosos:  
 Quero passar a vida descontente  
 Sepultada em desgostos pezarosos.

Quem podéra exprimir tão vivamente  
 O seu pezar, que em toda a gente visse  
 Mui viva dor igual á dor, que sente.

E quem maior tristeza inda sentisse,  
 Que o desejo igualasse, e affaz erguesse  
 A flebil voz, que lá no Ceo s'ouvisse.

E tanto com seus ais entorneceffe  
 O Santo Cõro do Celeste assento,  
 Que em meu soccorro á terra descendesse.

Nynfas gentís do liquido elemento,  
 Vós as do seio Arabico, e do Gange  
 Dai mostras de pezado sentimento.

E se.

E se a força de Amor vos não constringe  
A dar o peito ao magico veneno ,  
Que tudo doma, e vence, e tudo abrange ;

Entraí na larga foz do Tejo ameno ,  
E chorai sobre o gesto amortecido ,  
Já noutro tempo angelico, e sereno ,  
E agora em sombra triste convertido.



## E L E G I A IV.

NA MORTE DO MUITO ALTO , E MUITO PODEROSO

REI D. JOSÉ I.

**V**ENHA ã aqui os choros , e os lamentos ,  
Os tristes prantos , e as crueis tristezas ,  
Lágrimas , e soluços violentos.

Chorai mil vezes , Gentes Portuguezas ;  
Pois que vedes desfeitas , e apagadas  
As altas , Lusitanicas Grandezas.

Dos vossos peitos faiaõ magoadas ,  
Enternecidas vozes de amargura ,  
De sentimento acerbo acompanhadas.

Chorai a vossa triste desventura :  
Assás merece pranto verdadeiro  
O bem , que vos roubou a forte escura.

Morreo o Grande REI , JOSÉ PRIMEIRO ,  
Tristes , ah ! longamente derramai  
Choros sem fim , sem termo derradeiro.

Dos vossos mestos peitos exhalai  
Sentidos ais , e vozes lastimosas  
Ao furdo vento , ah ! tristes enviai.

Retumbem pelas ferras cavernosas  
Da viva dor os miseros accentsos ;  
Sõem nas curvas praias arenosas.

Derra-

Derramem sentidíffimos lamentos

Os altos Promontorios , lá distante  
Võem nas azas dos velozes ventos.

Ouçã-se o som confuzo muito avante

Da foz do Amazonas , e do Nilo ,  
Da Gangetica praia resonante.

Naõ deixe o negro Ethiope de ouvã-lo

Lá nos desconhecidos Orizontes ,  
Adonde nunca o Sol muda de estílo.

Nos mais ignotos , e afastados montes

Tristes vagando chorem tristemente ,  
Chorem fluidos rios , vitreas fontes.

Os apartados mares do Oriente ,

Penetrados de vivo sentimento ;  
Bramem com grave som , mesto , e doente.

As redeas largará do negro vento

De puro triste o filho de Sergesta  
Esquecido do mando , e regimento.

Os montes sentiráõ a força infesta

Da desatada , fera tempestade ,  
Os estendidos campos , e a floresta.

Negarã Febo ao mundo a claridade

Dos seus formosos raios refulgentes ,  
Envolto em tenebrosa escuridade.

As Virtudes mais altas , e excellentes ,

Que clarificaõ tanto hum Regio peito ,  
E que adorado o fazem ser das gentes :

As

As nobres condições de alto conceito ;  
 Proprias de Heróes, sem Ti, ó Grande REI,  
 Jazem núas de abrigo , e de respeito.

Ah! como tristes prantos não darei  
 A tão sentida dor , a perda tanta !  
 Como lagrimas mil não verterei !

Tanta agoa de meus olhos faia , quanta  
 Convém a dor tão viva , e penetrante ;  
 Que o magoado peito me quebranta.

O triste som aos Astros se levante ,  
 A piedade mova os moradores  
 Do claro Olympo, e a Jupiter tonante.

Ai de mim ! quantos ais , quantos clamores ,  
 Quantos choros , e gritos se derramaõ !  
 Quantos pezares , quantas crueis dores !

Por Ti as Artes choraõ , por Ti clamaõ  
 As Sciencias, que tanto levantaste ,  
 Por Ti, Sublime REI, continuo chamaõ.

Oh quam grandes empresas consummaste !  
 Ellas sempre no mundo viraráõ ,  
 Por mais, e mais que o tempo as dome, e gaste.

Que affugentaste a vã Superstiçaõ ,  
 Que teus Povos puliste sabiamente  
 As gerações futuras cantarão.

Tu fizeste o Commercio florescente  
 N'um, e n'outro Emisfério , dividindo  
 Velocíssimas Náos o mar ingente.

Entre

Entre tormentas mil caminho abrindo ,  
As riquezas auríferas trouxeraõ  
Do Gange Oriental , do cáldo Indo.

De novo respeitadas se fizeraõ  
As gloriosas Quinas Portuguezas ,  
Que sempre illustre assumpto á Fama deraõ.

Naõ tanto por belligeras emprezas ,  
Nem por armas sanguineas , arriscadas ,  
Nem por mar , e por terra altas proezas.

Naõ por vastas Provincias conquistadas ,  
Nem por victorias grandes , e famosas ,  
Nem por Nações ferozes subjugadas.

Mas por altas Virtudes gloriosas ,  
Mais , que os troféos guerreiros levantados  
No campo das batalhas sanguinosas.

Puros costumes aos Varões ornados  
De verdadeira gloria merecida  
Os fizeraõ das gentes estimados.

A candida verdade , a fé subida  
A Geraçõ de Lusõ levantáraõ  
Com claro nome , e fama esclarecida.

Tuas raras virtudes lhe inspiráraõ  
Taõ nobres , e sublimes qualidades ,  
Sublime REI , de Ti as imitáraõ.

Naõ tem poder os tempos , e as idades  
Nestes mais perduraveis monumentos ,  
Que Obeliscos soberbos , e Cidades.

Estes são os mais altos pensamentos,  
 Que pôde conceber hum Regio Heróe,  
 D'altas idéas, sólidos intentos.

Tudo o tempo desfaz, tudo destróe;  
 Mas não a magoa triste de perder-te  
 Nos Lusos peitos, onde tanto dóe.

Elles não cessaráõ já mais de erguer-te  
 Às Estrellas do Ceo, que no feu gremio  
 Quizeráõ dignamente receber-te.

Este he o merecido, e justo premio  
 Dos Grandes REIS, que intrepidos ousáraõ  
 Despertar da lisonja o vaõ proemio.

Que tanto com seus feitos illustráraõ  
 O seculo feliz, em que vivêraõ,  
 Que de si nome illustre cá deixáraõ.

Mas do destino avaro não pôderaõ  
 Tuas acções livrar-te, oh REI, que affás  
 A todos os seus fados os esperaõ.

Porém eternamente vivirás  
 Na memoria dos homens, e ás estrellas  
 Sobre as azas da Fama te erguerás.

Já no sereno Ceo feliz entre ellas  
 Com aspecto benigno resplendesces,  
 Adornado de luzes as mais bellas.

Já com Teus resplendores esclareces  
 O largo mundo, e lá do claro affento  
 Os Lusitanos Póvos favoreces.

Nel-



Nelles já se divisa hum movimento,  
 Que espiritos sublimes lhes inspira,  
 Dignos de Heróes de altivo pensamento.

Delles a clara Fama inda não tira  
 Os olhos, porque os seus illustres feitos  
 Cante, por onde quer que vaga, e gira.

Se acaso não são vãos os meus conceitos,  
 De entre elles outra vez renascerão  
 Varões em tudo egregios, e perfeitos.

Delles novas proezas voarão  
 Por toda a terra, e seus Troféos antigos  
 De novo pelo mundo se erguerão.

E vencendo mil horridos perigos  
 Mais famosas faráo suas victorias,  
 Sugeitados ferozes inimigos.

Naõ serão sombras vãs, e transitorias  
 Suas acções illustres, e famosas,  
 A todo o mundo claras, e notorias.

Renascerão memorias gloriosas  
 Do quanto em fim poderao seus Avós  
 Com sublimadas obras valerosas.

Mas eu, que lamentando o golpe atroz  
 Da fêra morte, envolto em choro amargo,  
 Como levanto mais a triste voz?

Se eu tanto em meu pezar me estendo, e alargo;  
 Qué envolvido nas sombras da tristeza,  
 Apenas me levanto do lethargo.

Triste ! como não tomo por empreza  
 Chorar noites , e dias tristemente  
 O damno , que em minha alma tanto peza ?

Oh tu , que lá no Ceo resplendente ;  
 Gozando estás d'aura serena , e santa  
 Ante a face de Deos Omnipotente :

Tu , que em prazer eterno , e gloria tanta ,  
 Do trato mundanal desenvolvido ,  
 Em nada tens seu resplendor , que encanta ;

Agora vendo estás como accendido  
 O roxo Sol as terras alumia ,  
 Por seu natural curso conhecido.

E como a branca Lua os Astros guia  
 Pelo sereno Ceo vaga , e luzente  
 Entre as sombras da noite humida , e fria.

Ornada de verdura florecente ,  
 De rios , selvas , fontes crystallinas ,  
 Vês a rotunda terra , e o mar tument.

As causas por que as ondas Neptuninas  
 Sobem pelas ribeiras deleitosas ,  
 Revestidas de candidas boninas.

E como as tempestades procellosas  
 Se fórmaõ , convertendo em noite escura  
 O claro dia as nuvens tenebrosas.

Todas te estaõ patentes : clara , e pura  
 Com o Divino lume a mente humana  
 Tudo penetra em Deos firme , e segura.

He

He vã sciencia, esteril, e profana  
Toda a mais, a que os homens se dedicaõ,  
Vaidade o seu saber, e furia insana.

Em vã se cançaõ pois, em vã se applicaõ;  
Cegos! que em seus estudos mentirosos  
Aereas illusões só nelles ficaõ.

Mas Tu, que, livre já dos trabalhosos  
Vãos cuidados do mundo, estás gozando  
Dos eternos descansos gloriosos;

Se acaso o pranto acerbo, e miserando  
Dos miseros mortaes se ouve, e se attende  
Lá no Supremo Côro venerando;

E se ao passar o termo, que se estende  
Entre a vida mortal, e immortal vida,  
Onde todo o poder se humilha, e rende,

Naõ perdeste a memoria merecida  
Dos Lusitanos Póvos, que regeste  
Com santas Leis, e Paz aurea, e subida;

Pois que com tua morte nos puzeste  
Em taõ pezada, e misera tristeza,  
Quando da baixa terra ao Ceo te ergueste;

Com supplica efficaz, e prece acceza  
Em vivo amor de pura caridade  
Roga ao Supremo Author da Natureza.

Roga pois, que por larga, e longa idade  
Nos conserve as Estrellas luminosas,  
Em quem deixaste a Regia Magestade.

Por

Por que em tantas miserias pezarosas  
 Sejaõ nosso bem só, nossa alegria,  
 Fim de nossas fadigas trabalhosas.

Que a pezar da Fortuna, que desvia  
 Qualquer alto principio, que aos humanos  
 Puras felicidades annuncia:

Throno de sãos costumes Soberanos  
 Nelles o mundo veja: claro exemplo  
 De Grandes REIS para futuros annos.

Vivos Lumes no sempiterno Templo,  
 De excellentes Virtudes coroados  
 Já de cá REIS Sublimes vos contemplo.

Aos Lusitanos Póvos dessolados,  
 Nova gentil Aurora, lhes promettes  
 Serenos dias, alvos, e dourados.

As tempestades horridas submettes,  
 E os furiosos ventos affugentas,  
 Novas grandes emprezas accommettes.

Astréa já na terra representas  
 Dando a todos justiça inteira, e dando  
 Extremo fim a maximas cruentas.

A vista do teu gesto claro e brando,  
 Do mar o dilatado Senhorio  
 Submette a branca Thetis a teu mando.

Para Ti voaráõ do centro frio  
 Lá da aurifera America os Thesouros  
 A larga foz do Téjo, illustre rio.

Por

Por Ti, com rosto alegre, novos Louros  
Os Portuguezes Póvos cortarão  
Entre bombardas, e horridos pelouros.

Do mundo á mais ignota Região,  
Por entre mil Triunfos, e Victórias,  
Teu sempre Augusto Nome levarão.

E deixarão de si claras memorias,  
Dando assumpto com seus illustres feitos  
A grandes, e honorificas Historias.

Porão por Vós, SENHORA, os firmes peitos  
A trances de maior difficuldade,  
Nunca jámais vencidos, nem fugeitos.

Dai mostras da Real Benignidade:  
Dai-lhe, AUGUSTA RAINHA, alto favor  
De Generosa Liberalidade.

Esta faz renascer nobre fervor,  
Que a grandes cousas move o peito humano;  
Não ha sem ella audacia, nem valor.

Ella fará Teu nome claro, e ufano  
Em doutas escrituras levantadas,  
Em magestoso estylo soberano.

Por mais que as horas corraõ apressadas,  
Em quanto forem do luzente Apollo  
As Olympicas casas visitadas,  
Voará desde hum pólo a outro pólo.

## E L E G I A V.

NA MORTE DO MUITO EXCELLENTE POETA  
PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇAÕ.

**C**HORAI, amigos, vós a morte escura  
Do bom Garçaõ, que não veremos mais: (1)  
Cubri-vos de tristeza horrída, e dura.

Com pranto acerbo, e vozes desiguaes. (2)  
Sobre o funebre marmore lançemos (3)  
Mil ardentes suspiros, e mil ais.

Espirito sublime, em ti perdemos  
Quem ao templo das Musas nos guiasse,  
Quem voar nos fizesse aos Ceos supremos. (4)

Ah! quem de chorar nunca descançasse,  
E de seus olhos tristes, e faudosos (5)  
Tanta agoa como o Téjo derramasse!

Quem nos cantará versos sonorosos?  
Quem fará suspender as curvas ondas?  
Quem porá freio aos ventos furiosos?

Já não veremos mais, que tu respondas  
A seus accentos, Ecco, dos rochedos,  
Onde o fado te obriga a que t'escondas.

Nem veremos correr os arvoredos  
Por ouvirem seu canto alto, e divino;  
Nem moverem-se os montes, e os penedos.  
Pelas

Pelas margens do Tejo crystallino  
 Não veremos Apollo, e as santas Musas;  
 Que em tanto mal nos poz nosso destino.

Iraõ chorando as Tagides confusas  
 Os danos, que lhes fez a crua morte,  
 A morte, que a ninguem recebe escusas.

Ella vai derribando d'igual forte (6)  
 As casás dos Pastores, e os castellos, (7)  
 Aonde tem os Reis seu mando, e Côrte.

Tantas mortaes fadigas, e disvelos,  
 Tantos gostos do Mundo aquí vem dar:  
 Ah! quem nunca chegára a conhecellos!

Quem terá gosto já de celebrar  
 Amaryllidas bellas, e jucundas? (8)  
 Quem ha de gentís Cloridas cantar?

As capellas de conchas rubicundas  
 Nas arenosas praias, e nos prados  
 As grinaldas de rosas pudibundas;

Não estaráo pendentés dos copados  
 Louros, para cingir a nobre fronte  
 Dos que saõ pelas Musas inspirados.

Nem quem doce cantando mais se affronte (9)  
 Por merecer o premio, e clara fama  
 Nos jogos pastorís em valle, ou monte.

E se por dita aquella illustre flamma,  
 Que immortaliza as obras gloriosas,  
 E tanto pelo-mundo se derrama;

K

Fizer

Fizer que cá nas praias deleitofas  
Do claro Téjo se ouça o grave canto  
De Virgilio, e de Horacio, almas famofas:

Obra tua ferá, se acaso tanto  
Se elevarem os Cyfnes Lusitanos,  
Que se efcutem no Ceo fereno, e fanto.

No Téjo, e Douro estava ha longos annos (10)  
A boa Poesia desprezada,  
E feus doces encantos foberanos.

Sua presença pura, e delicada,  
Seus vivos olhos, fuas tranças de ouro  
Da mageftade fua despojada.

Trifte no gesto junto ao facro louro,  
Onde cantou Camões os Lufos feitos  
Inspirado do Ceo, e Febo-louro.

Dallí via arrojando os baixos peitos  
Mil paffaros paluftres, derramando  
O rouco canto envolto em mil defeitos.

Naõ quando a roxa Aurora levantando  
Vem no horizonte lucido o femblante,  
Os nocturnos vapores defterrando:

Nem quando mais fe eleva o Sol brilhante,  
Ou quando lá nas ondas de Anfitrite  
Defce, deixando atraz o monte Athlante:

Mas quando Jove quer fe precipite  
Do fummo Olympo a noite tenebrofa,  
E o moxo sobre os impios tectos grite;

Entaõ



Entaõ com voz horrenda, e pezarosa (11)  
Os fundos valles, e os ventosos montes  
Faziaõ aturdir, e a selva umbrosa.

Naõ amavaõ o som das vitreas fontes,  
Nem nas azas do Zefyro voava  
Seu canto aos estrangeiros horizontes.

As Nynfas pelo bosque affugentava; (12)  
E o mais rustico Satyro espantado  
Com as mãos nos ouvidos se embrenhava. (13)

D'herva naõ se cobria o fertil prado,  
Nem de boninas candidas, e bellas  
Era na primavera matizado.

Naõ luziaõ as nitidas estrellas;  
Porque immundos vapores levantados  
Offuscavaõ a luz brilhante d'ellas.

Os soltos vicios eraõ celebrados: (14)  
E tu, Virtude, só, deserta, e nua  
Soffrias seus ultrajos infamados.

Pallida se tornava a branca Lua,  
E os luminosos astros se offuscavaõ,  
Penetrados de dor a cerba, e crua.

Os doces roxinoes naõ celebravaõ  
Lá no fundo de hum bosque a madrugada,  
Ao som das claras fontes, que manavaõ.

Em fim veio Garçaõ, e libertada (15)  
Do triste bando foi dos mãos poetas  
Do Téjo a rica praia celebrada.

Entað com vozes doutas, e discretas  
 Imitou-se Virgilio, e o que cantou  
 Nos Olympicos jogos os Athletas.

Veio a Filosofia, que ensinou  
 A conhecer o bom, o honesto, e o justo,  
 Que hum fanatico error nos occultou.

Livres de temor pallido, e de susto  
 Entoárao as Musas os seus cantos,  
 Como no tempo do famoso Augusto.

Mas o destino avaro, que de tantos  
 Males opprime o triste peito humano,  
 Sem se faltar de lagrimas, e prantos;

Urdindo-lhe fatal, e extremo dano,  
 Naõ consentio, que o genio alto, e facundo  
 Mais se elevasse a Apollo soberano.

Em tenebroso carcere profundo  
 A morte lhe cortou a doce vida,  
 Digna d'outro destino, e melhor mundo. (16)

Vai-te, oh alma sublime, aos Ceos erguida,  
 Em paz te vai do mundo perigoso,  
 De suas illusões solta, e despida.

Lá no Reino do Todo poderoso,  
 Sublime assumpto a sempiternos hymnos  
 Accenderá teu estro harmonioso.

Nós entregues a mundânaes destinos, (17)  
 Neste mar de misérias tristes, duras,  
 Luctando com os nossos desatinos:

Cá nestas carregadas espeffuras,  
D'antes com tigo alegres, e formosas,  
Chorando iremos nossas desventuras.

Choraõ-te as selvas altas, e frondosas;  
Os surdos montes choraõ-te, e os rochedos  
Por ti derramaõ lagrimas faudosas.

E lá por entre os denfos arvoredos,  
Onde cantavas teus suaves versos,  
E a quem manifestavas teus segredos,

Soaõ os ais confusos, e disperfos  
Dos Satyros grandevos, protectores  
Dos gados contra os máos lobos perversos.

Nem já mostraõ capellas de mil côres  
As Nynfas pelos bosques, nem cantando  
Suas penas lhes pintaõ, seus amores.

Os penedos estaõ por ti chamando,  
E sobre as claras urnas de crystal  
Estaõ as brancas Nayadas chorando.

Choraõ o fero damno, e o taõ fatal  
Destroço, que em ti fez a Parca dura,  
Contra a qual rogo, ou dadiva naõ val.

Vós que habitaes a rustica espeffura,  
Formosissimas Nynfas, vós Pastores,  
Que apascentaes na humida verdura:

E vós, Faunos, agrestes amadores,  
Na praia, onde ao mar largo o Tejo fai  
Hum tumulo lhe erguei de louro, e flores.  
Na

Na mais patente rocha lhe gravei  
 Hum funebre epitafio, que declare  
 Seu triste caso a quem passando vai.

E tanto a dor intensa avive, e acclare,  
 Que quem ler o successo lastimoso,  
 O lugubre lugar não desampare,  
 Sem tristes ais, sem pranto lacrimoso.



## NOTAS.

(1) Eu nunca puz duvida finalizar versos em agudos, quando estes não offendem a harmonia, nem o sentido da oração. Assim o usárao todos os Italianos, e Portuguezes de maior fama, *Dante*, *Petrarca*, *Ariosto*, e *Tasso*, *Ferreira*, *Bernardes*, e *Camões*: e antes quero errar com estes, do que acertar com os sequazes da cultura moderna.

(2) Parece, que he propria de quem se lamenta a confusão das vozes; porque as operações da dor costumão proceder tumultuariamente, por cuja causa usei do termo *desiguaes*, e não por constrangimento da rima, a qual raramente obriga a licença a quem junta ao engenho huma cabal intelligencia do idioma, em que compoem. Neste mesmo sentido usou desta palavra o elegantissimo Escriitor Fr. Heitor Pinto no seu admiravel Dialogo da Tranquillidade da vida Part. II. cap. 20. fol. 105 verso. » Ouviam-se naquella casa plantos de grande sentimento. » sahidos das entranhas de muitas pessoas, que com elles representavam sua *desigual* paixão. »

(3) Neste verso estava *frigido* em lugar de *funebre*, de que não quiz usar, por me parecer pouco, ou nada usado; pois o estylo da Elegia deve ser extremamente correcto, e puro: e esta he huma das condições, que constituem este genero de poema de difficil execucao, e por isso talvez pouco usado nestes nossos tempos, em que tudo são methodos de abbreviar difficuldades, e vencellas sem trabalho, e tempo. Emendei, e fiz o seguinte verso:

*Sobre a funebre campa derramemos.*

Inda assim me não agradou; por estar abastecido de vogaes longas, não proprias da dor, a quem deve acompanhar hum estylo medio.

(4) Este verso estava organizado deste modo: *E aos Celicolas altos, e supremos*, ao qual, por me parecer mais proprio da magestade da Epopéa, substituí este, que deixei estar, o qual além de me parecer mais proprio do assumpto, o julguei mais energico, principiando pelo mesmo monosyllabo, com que o de cima começa.

(5)

(5) Costumavaõ os nossos antigos frequentemente não contrahir o *a* no termo faudoso: quem estiver costumado a esta harmonia, tire a segunda conjunção ao verso, e cantar-lhe-ha como dezeja; porque d'ambos os modos o terei por bom.

(6) Imitação de huma celebre passagem de Horacio na Ode IV. do Liv. I. que ainda se não pôde traduzir com belleza igual á do Original, por mais esforços, que os maiores engenhos de toda a Europa tenhaõ para isso feito; mas esta he huma das originaes pinturas, que os grandes engenhos costumão produzir, seja qual for o idioma, em que escrevaõ, intraduziveis permanecem, honra da lingua, e gloria da fantasia, que as concebeu: fosse-me lá traduzir Virgilio, e Horacio este verso de Camões:

*Que o peito accende, e a cõr ao gesto muda?*

Esta passagem tambem he famosa em Malherbe, o melhor Lyrico dos Francezes, na qual ampliou o imitado, sobre que os Criticos Francezes tem dito muito; a passagem he a seguinte da Ode VI.

*Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre;  
Est sujet à ses loix;  
Et la garde, qui veille aux barrières du Louvre;  
N'en défend pas nos Rois.*

O nosso Vieira tambem imitou esta passagem no Sermaõ das Exequias de D. Maria de Attaide Tom. IV., cuja imitação he tão parecida com a de Malherbe, que dá mostras, de que o dito Vieira a viu, como se pôde vêr na seguinte passagem: » Tem-se accreditado a morte com » o vulgo de muito igual pelo despeito, com que piza » igualmente os Palacios dos Reis, e as cabanas dos » Pastores. Que os Palacios dos Reis, por mais cercados » que estejaõ de guardas, não possaõ resistir ás execu- » ções da morte, bem o experimentou esta vida. »

(7) Usei de proposito neste verso da palavra *casa* no seu verdadeiro, e original sentido, que na Lingoa Latina conserva, de donde passou para a nossa; por isso não me quiz servir de choça, nem de cabana, nem tugurio; porque, huma vez que se diga qualquer destas, fica sendo ocioso o termo, que indique ser morada de gente humilde,

milde , quaes são os Pastores ; além de que o mesmo Horacio disse *pauperum tabernas* para dar mais vigor ao colorido da sua pintura ; e me parece, que o modo, com que desta palavra *casa* me servi , me fez o estylo mais grave , e decente , imitando aos grandes mestres , que em semelhantes casos fizeraõ o mesmo : hum delles foi Virgilio na Ecloga II. v. 29 dizendo :

*O tantum libeat mecum tibi sordida rura ,  
Atque humiles habitare casas . . . . .*

Explicando Servio a palavra *casa* , diz : *casas* , que *mapalia dicuntur* : e *mapalia* , diz Festo , que he termo Carthaginez , que significa *casas sem ordem* , que os Pastores de Africa costumão fazer pelos desertos. Torcato Tasso na sua *Amintas* , o poema mais bem escrito , que no seu genero possui a Lingoa Italiana , sem se achar constrangido da rima , não duvidou dizer no Prologo da dita peça :

*Però spesso celandomi , e fuggendo  
L'imperio nõ , che in me non hà , ma i preghi ,  
Ch'an forza , porti da importuna madre ,  
Ricovero nei bosqui , e nelle case  
Delle genti minute.*

(8) *Amaryllidas* , *Cloridas* no caso obliquo sem necessidade de rima he novo na Lingoa Portugueza ; porque se Fernão Alves do Oriente se servio de *Clorida* , e *Dorida* n'uma Ecloga do primeiro livro da sua *Lusitania Transformada* , foi mais por servir ao consoante *solida* , que por augmentar as graças do Idioma , de que algum tanto se esqueceu , usando de frequentes Tolcanismos , e clausulas humildes , que fizeraõ o seu estylo incorrecto , e lodoso , além do que com pouca attençaõ á natureza dos sobreditos nomes , poz a inflexaõ obliqua no caso recto. Considerando eu , que *Amarillis* , e *Cloris* no plural se equivocavaõ , conservando a mesma terminaçaõ , que guardaõ no singular estes dous nomes , me servi delles na sua original declinaçaõ , no que evitei a confusaõ do estylo , e accrescentei nova melodia ao Idioma. Ferreira , e não sei se Bernardes , tambem disseraõ *Fylida* , mas como nome proprio de homem por elles inventado , de que só se serviraõ no singular , pelo que não conservou a natureza dos nomes Gregos proprios de incremento ,

L

que

que correspondem aos da terceira declinação dos Latinos.

(9) O verbo *affrontar*, vem do nome *fronte*: o seu verdadeiro significado he oppôr-se á alguma cousa, como se se dissesse *oppôr fronte á fronte*: por translação contigua significa disputar, e ultrajar por translação remota: na significação de oppôr-se, ou combater, em que aqui está, ha muitos exemplos nos nossos Authores, haõ tenho por hora á maõ mais que este de Fernão Alvares do Oriente *Lusit. Transf. Liv. II. fol. 289.* » Em quanto o nosso » cavalleiro com os outros se *afrontava.* »

(10) A Elegia tambem tem os seus Epifodios, mas breves, e deduzidos do assumpto. A todos, os que tem noticia da nossa Historia Litteraria, he notoria a miseravel depravação de gosto, a que chegou a Poesia no Reinado d'El Rei D. João V., a absoluta ignorancia dos preceitos da Arte, e o nenhum estudo da Natureza, nem da Lingoa.

(11) Na verdade que neste tempo não se attendia a doçura, melodia, e suavidade da expressão: o estylo inchado, a que entaõ se dava o titulo de sublime, era o que mais reinava: como se pôde vêr nas Obras do famoso Conde de Tarouca, do Abbade de S. Bade, nas do Conde da Ericeira, e Alexandre Antonio de Lima, que mais merecem o nome de versificadores, que de Poetas.

(12) *Affugentava*, isto he, o *canto*, que he o nominativo d'esta oração. Neste poema encontraõ-se algumas liberdades, que parecerão incoherencias, como v. g. alguns nominativos, e vocativos pouco claros, e alguns tercetos que finalizaõ em incisos &c. o que se originou da pouca destreza de engenho, e de fazer este poema aos poucos e poucos, sem pôder ter o que estava composto diante dos olhos.

(13) Boileau excellentissimo Poeta Francez tem humã passagem, que me exitou a esta pintura no II. Canto da sua inacessivel Poetica:

*Mais souvent dans ce style un rimeur aux abois  
lette là, de dépit, la Flute, et le Hautbois;  
Et follement pompeux, dans sa verve indiscrete  
Au milieu d'une Eglogue entonne la Trompette.  
De peur de l'écouter Pan suit dans les Roseaux,  
Et les Nymphes d'effroi se cachent sous les eaux.*

(14)



(14) Testemunha o poema de Caetano José de Souto-maior Corregedor do Rocio, intitulado a *Martinbaida*, obra cheia de pinturas cynicas da mais infame prostituição.

(15) Boileau Canto I. da Arte Poetica: *En fin Malherbe vint &c.* he certo, que este grande homem contribuiu muito para introduzir o bom gosto da Poesia em Portugal, onde estava quasi apagada a memoria dos grandissimos Poetas, que tanto illustrárao a Lingoa Portugueza no Seculo de quinhentos.

(16) Mr. de Voltaire Canto II. da *Henriade*:  
*Digne de plus de vie, et d'un autre destin.*

(17) *Mundanal* he epitheto muito expressivo, e de grande suavidade, mui ulado de Fernão Lopes, excellente Author nosso na Chronica d'ElRei D. João I.

## E L E G I A VI.

**M**ORREU Marilia: oh caso acerbo, e escuro!  
 A mais formosa Nynfa d'estes prados  
 Sentio da crua morte o golpe duro!

Tristes fôraõ teus fins, tristes teus fados;  
 Pois na mais tenra flor da mocidade  
 Fôraõ, Nynfa, teus dias acabados.

Tocou a maõ da negra enfermidade  
 As vivas rosas de teu lindo gesto,  
 Seccas ficáraõ: dura crueldade!

Quem tuas graças, e teu riso honesto  
 Na vida contemplou, mui vivamente  
 Rompe em misero pranto manifesto.

Tua alma pura, candida, e innocente,  
 Que he mais que formosura, bem merece  
 O pranto universal de toda a gente.

Oh quem dos olhos seus estar podesse  
 Tantas, e tantas lagrimas vertendo,  
 Que em fonte perennal se convertesse!

Naõ fôra grande excessõ, oh Nynfa, vendo  
 Quantos celestes dons em ti havia,  
 Que nos roubou da morte o golpe horrendo.

Por ti no verde prado florescia  
 A par do branco lyrio a gentil rosa  
 Ao longo d'alva fonte, que corria.

Por

Por ti a bella Aurora mais formosa  
 O aureo gesto erguia no horizonte,  
 De vêr tua belleza cubiçosa.

Por ti, continuo ouvia o valle, e o monte  
 Os rusticos cantares dos Pastores  
 Á sombra escura, ou junto á fresca fonte.

Por ti se matizavaõ de mil côres  
 Os campos revestidos de verdura,  
 Que á tua morte agora daõ clamores.

O roxinol com voz mui doce, e pura,  
 Sem nunca descançar, por ti cantava  
 No mais interior da selva escura.

Se algum pastor ao vento a voz mandava  
 Ao som da doce avena, ou sanfonina  
 Teu peregrino gesto celebrava.

Choremos todos nós nossa moфина:  
 Chore, oh Nynfa, por ti o monte, e o valle,  
 Por ti o campo, e a fonte crystallina.

O som dos ais o duro monte aballe:  
 Saia dos nossos olhos tal corrente,  
 Qué as enchentes de hum rio imite, e iguale.

Contigo, oh bella Nynfa, alma innocente,  
 Morreu Amor, morreu a formosura!  
 Que faremos sem ti, misera gente? (1)

Tristes de nós quaõ pouco tempo dura  
 O bem, que num momento foge, e vda!  
 Já para nós naõ póde haver ventura.

Nin-

Ninguém ao som da frauta a voz entôa  
 Nas festas pastoris em valle, ou monte:  
 Só triste pranto nestes campos sôa.

Naõ ha pastor, que o seu pezar naõ conte .  
 Penetrado de dor, e sentimento  
 Ao surdo monte, á selva, e á fresca fonte.

Cortou da morte o golpe impio, e cruento  
 A téla dos teus dias, e ficaste  
 Qual tenra flor cortada ao Sol, e ao vento.

Em misera tristeza nos deixaste,  
 E para o Ceo, que quiz contigo ornar-se,  
 Gentil Donzella, para o Ceo voaste.

Naõ cesse, oh nova Deosa, de invocar-se  
 Teu sacro numen; e teu nome santo,  
 Bella Nynfa, naõ deixe d'exaltar-se.

Novo altar, novo culto, e novo canto  
 Devotos os pastores te dediquem:  
 Naõ s'ouça mais o som do flebil pranto.

Saudosas memorias de ti fiquem  
 Entre nós outros, e com mil louvores  
 Tuas virtudes, Nynfa, se publiquem.

Vós Nynfas d'estes prados, vós Pastores,  
 Se Marilia estimastes, se algum dia  
 Lhe tecestes grinaldas de mil côres;

Se com suave, e doce melodia  
 Celebrastes a sua formosura,  
 Cheios d'alto prazer, e de alegria;

De

De flores , e odorifera verdura  
 Hum tumulto lhe erguei , onde gravado  
 Tal epitafio esteja em frase pura :

- » O gesto de Marilia delicado ,  
 » Mui mais gentil , do que a vermelha Aurora ,  
 » Aquí verás em cinza transformado.  
 » Detem-te , oh tu que passas , lê , e chora. »

## N O T A.

(1) Este verso he de Fabio Galeota excellente Poeta Italiano , na sua Ecloga de Atmaryllis , e Elpida ; o qual truxe para a nossa Lingoa para mostrar , que ella he capaz das mesmas graças , que a Italiana , e outra qualquer das polidas da Europa. O verso Italiano he o seguinte , o qual não tem nem mais graças , nem mais doçura que o nosso :

*Che farem senza te misera gente.*

## E L E G I A VII.

NA MORTE DE HUM MEU FILHO  
QUE FALLECEU MININO.

**N**UNO minino, oh Nuno, oh alma, oh vida (1)  
Da vida de teus pais! fructo gentil  
Nascido de afeição pura, e subida.

Nuno, assim nos deixaste em penas mil;  
Em tristeza, em pezar, em pranto eterno, (2)  
Entregues a desgosto acerbo, e hostil?

Ah! não se abranda nosso mal interno,  
Inda com a certeza de que gozas  
No Ceo prazer sem fim, alto, e superno.

Envolvidos nas sombras horrorosas  
Da pobreza cruel, que horrenda, e fera  
Nos inunda de dores amargosas:

Nossa alegria, nosso prazer era  
Contemprar de teu gesto tenro, e bello  
As graças, a innocencia, que amor gera.

Em vão foi para ti nosso disvelo,  
E paternaes cuidados; pois sentiste  
Da morte horrivel o aspero flagello.

Oh pranto, oh magoa, oh dor acerba, e triste,  
Que em nós ha de existir eternamente  
No mesmo ponto, em que ella agora existe!  
Doce

Doce pupillo ! oh planta florecente !  
 Oh bello lyrio d'horto deleitoso  
 Cortado antes de tempo tristemente !

Da morte o furor impio , e rigoroso (3)  
 Antes em nós cruel se enfurecêra ,  
 Do que em ti , tenro infante , taõ formoso.

A tua gentileza florecêra  
 Com dotes mil d'alma innocente , e pura ,  
 Qual bonina gentil na primavera.

Fôras prazer dos teus , gloria , e ventura :  
 Por ti suspiros , e ais derramariaõ  
 As Nynfas penetradas de ternura. (4)

Por ti das cavas grutas chamariaõ  
 As Nayadas das fontes , e as Napéas  
 Por ti , por ti continuo clamariaõ.

As mais formosas Nynfas das aréas  
 Te cubiçavaõ já para guiares  
 Suas danças gentis , suas coréas.

Para ti claros dotes singulares  
 Apparelhava Apollo , com que honráras (5)  
 Teu seculo feliz , teus patrios lares.

Mas ah ! que para ti curtas , e avaras  
 Voáraõ tristemente as leves horas ,  
 Das quaes , se tu vivêras , triunfáras.

Acerba dor , que tanto nos devoras !  
 Se nos livrasses de taõ triste vida ,  
 Branda comnosco , mais benigna fôras.

M

De

De nós, em vil pobreza aborrecida,  
 Cheios de magoa eterna, e de faudade,  
 He mais, que a vida, a morte appetecida.

Naõ póde haver maior calamidade,  
 Nem castigo do Ceo mais vivo, e urgente (6)  
 Para quem he propenso á piedade;

Que vêr do feu amor caído, e innocente  
 Hum suave penhor victima triste  
 Da furia da cruel morte inclemente.

Oh alma da nossa alma, que partiste (7)  
 Cá desta confusão do mundo avaro,  
 E com sereno vôo ao Ceo subiste!

Pois que, dos nossos olhos lume claro,  
 Nem da nossa miseria, e pobre vida  
 Podeste ser esteio, e doce amparo;

E adornado de gloria esclarecida  
 A Deus, Anjo entre os Anjos, mil louvores  
 Entoas com voz pura, e mui subida:

Ah! pede-lhe, Anjo puro, que os rigores  
 Da penetrante magoa de perder-te  
 Em nós abrande, e seus crueis furores.

Ou desta vil miseria, onde se verte  
 Largo rio de lagrimas eternas,  
 Nos leve, oh caro filho, cedo a vêr-te  
 Nas moradas angelicas supernas.



## NOTAS.

**P**ARECE, que este assumpto seria sufficientemente tratado em hum Soneto ; mas como a dor he de sua natureza palavrosa , não parecerá estranho , que elle fornecesse para poema de maior extensaõ. Fiz toda a diligencia , para que nesta poesia tanto os pensamentos , como a dicção fossem conformes ao sujeito. O amor paternal he o mais perfeito , e excessivo de todos ; por isso não se deve estranhar a demasia nas suas lastimas , e prantos , quando se vê privado para sempre do objecto , em que se nutre ; do que estamos todos os dias vendo mui notaveis exemplos , e no-lo atestaõ as historias de todos os tempos. Das Sagradas Letras consta , que Varões mui assistidos do espirito de Deus choráraõ amargamente a morte de seus filhos. Do cap. 18 do Liv. II. dos Reis sabemos , que David chorou publicamente a morte de seu filho Absalaõ , não obstante ter-se-lhe rebellado , e andar com elle em guerra. Ouvia Job com muita resignação a noticia da perda de seus gados , e sementeiras ; mas tanto que ouviu a da morte de seus filhos , entaõ parece , que perdeu o soffrimento : lança-se por terra , e rasga os vestidos. Em fim a natureza em semelhantes situações cobra por força hum tributo , que não pôde recusar todo o poder da mais reflectida e filosofica constancia , ou já obstinação , em taes casos , em que a natureza clama pelo que irrefragavelmente lhe he devido.

(1) As repetições são proprias do estylo pathetico. David no cap. 18 do Liv. II. dos Reis se exprime : *Fili mi Absalon , Absalon fili mi.* Note-se que neste lugar , assim como quasi em todo o poema , fiz mais uso de palavras de vogaes breves , quaes são *ee* , *ii* , *uu* ; e o mesmo fiz nas rimas , sendo a maior parte dellas mais furdas , e menos soantes ; e evitei o uso de participios do presente , e do pretérito dos verbos em *at* , por não cahir no vicio da inchação , porque não o pedia o assumpto , como adiante mostrarei em a mudança , que fiz de hum lugar por serem as rimas mui soantes.

(2) As conjunções nesta figura *Congeries* , quando entra na expressão de affectos , não são convenientes mór-

mente na ultima parte da dita figura, para mais vivamente pintar a perturbação do affecto: esta figura tambem pôde ser gradação, a qual, para ser mais bella, deve ir sempre em augmento, como nesta se vê, pois o termo *pezar* he mais forte que *tristeza*, e mais que aquelle *pranto eterno*. Mas nem sempre observárao esta ordem os melhores engenhos; porque nem todas as occasiões o permitem.

(3) Este pensamento occorre a todos os pais na força da paixão, que nelles excita a morte dos filhos. David penetrado de dor pela morte de seu filho Absalão dizia no lugar allegado: *Fili mi Absalon, Absalon fili mi: quis mihi tribuat ut ego moriar pro te, Absalon fili mi, fili mi Absalon.*

(4) Nem da voz *ternura*, nem do adjectivo *terno*, pude jámais achar nos nossos quinhentistas exemplo algum, sómente em a traducção das Georgicas de Leonel da Costa se acha *terneza*. Vieira em varios passos usa de *ternura*, de que só aponto este exemplo, que vem no Tom. II. fol. 290. *Porque sobre a ternura de mulher, tinha a piedade de mui*; mas a authoridade deste escritor vale tanto, como se fosse hum dos melhores do seculo de quinhentos.

(5) Não deve parecer estranho neste poema o uso dos termos *Napeya*, *Nayada*, *Apollo*; pois são tomadas como vozes symbolicas, e não como entes, e deidades gentilicas, das quaes me servi para fazer a minha composição mais grave, e amena, e para evitar o tedio de huma lamentação fria, e secca. Neste lugar são as rimas de som mais aberto, e os versos contém mais número de vogaes longas, como são os *aa*; porque o estylo algum tanto s'ergue mais aqui, do que nos outros lugares anteriores.

(6) *Vivo, e urgente*. Cam. Lusitana Cant. X. Est. 48:

*Nem vendo-se num cerco duro, e urgente.*

Depois de ter concluido este poema vi, que esta passagem tinha seis rimas mui sonantes, e que faziao o estylo algum tanto inchado nas palavras, por cuja causa mudei do modo, que ficou. E para que se veja a differença, que havia, e note, quem for curioso deste genero de

estu-

estudos , a variedade , com que se póde exprimir qual-quer pensamento na Lingoa Portugueza , que alguns Portuguezes taxaõ de pobre ; porque a ignorancia delles de tal modo lhes obtusa o entendimento , que naõ lhes permite conhecer a pobreza do seu discurso ; transcreverei o dito lugar :

*Naõ póde haver maior calamidade  
Nem castigo do Ceo mais penetrante  
Para quem he dotado de picdade ;  
Que vér do seu amor puõ , e constante  
Hum suave penhor victima triste  
Da crueza da morte fulminante*

Este ultimo verso tambem se póde expressar :

*De hum golpe atroz da morte fulminante.*

E por outro modo he mudando *atroz* em *hostil*.

(7) Esta elegancia he mui antiga na Lingoa Portugueza , e mui propria expressãõ do genio mavioso , e penetrado de faudade. Conhecida he em todo o Portugal a affectuosa , e faudosissima cantiga

*Oh vida da minha vida  
Ja minha vida lá vai &c.*

que he, se me naõ engano , de Bernardim Ribeiro , a qual imitou o Bernardes.

(8) . . . . com voz alta , e mui subida. Camões no bello Soneto 43 tem a mesma expressãõ do modo seguinte :

*O Cisne quando sente ser chegada  
A hora , que poem termo aa sua vida ,  
Musica com voz alta , e mui subida  
Derrama pela praia inhabitada.*

A força do verbo *entoar* he mui notavel : significa ainda mais do que o verbo *affinar* , de que usaõ communmente os musicos ; he pois a significação deste verbo , cantar com som accorde , e harmonioso.

## E L E G I A VIII.

NA MORTE DO DOUTOR JACINTHO IGNACIO  
REBELLO DE SALDANHA.

**O**H Musa, que em som triste e pefaroso  
Largamente choraste a morte escura  
Do grande Rei José, Heróe famoso.

Tu, que do bom Luiz a desventura  
Com pranto enternecido lamentaste  
Possuida de dor, e de amargura.

Tu, que sempre á verdade confagraste  
Teus canticos celestes, e altamente  
A cantar as virtudes me ensinaste.

Agora com voz flebil, e doente  
Chora o claro mancebo virtuoso  
Saldanha, o bom Saldanha, alma excellente.

Mas em teu mal acerbo, e lastimoso  
Os indices da dor, que a alma te opprime,  
Naõ sejaõ pranto esteril, e ocioso.

De quando em quando as lagrimas reprime,  
E de Filosofia alta illustrada  
Grandes verdades em teu canto exprime.

Chora, sim, com voz triste, e taõ cançada  
Do meu caro Saldanha a dura morte,  
Que venha a ser de todos lamentada.

Mas

Mas em quadro immortal a alma conforto  
De virtudes sublimes traça, e pinta  
Para á gente servir de regra, e norte.

Faze, oh Deosa, que nunca fique extinta  
Sua memoria, e que o mais duro peito  
Pena igual, á que sentes, tambem sinta.

Mas quem póde pezar no seu conceito  
De hum taõ sabio varaõ a falta eterna,  
Sem que se veja em lagrimas desfeito.

Morreu Saldanha!.. oh Ceos!.. que dor interna  
Em mim se ateia!.. E nunca mais veremos  
Hum peito, onde habitava alma taõ terna?

Foi-se o nosso remedio: ah! que faremos!  
Em ti, caro Saldanha, abrigo, e amparo,  
Em ti virtude, em ti tudo perdemos.

Longe do vulgo o teu engenho raro  
No Sanctuario augusto das Sciencias  
Foi educado por Apollo claro.

Elle das mais sublimes influencias  
Teu espirito ornou, e o fez thesouro  
De mil egregios dotes, e excellencias.

Por isso em pouco tinhas mando, e ouro;  
E só presavas vêr a fronte ornada  
Das capellas de báccaro, e de louro.

Por Minerva a tu'alma era illustrada,  
Quando em doutos escritos retratavas  
Sua innocencia candida estimada.

Nel-

Nelles com larga cópia illuminavas  
 Dos abusos hostis o cáos horrendo,  
 Ou o merecimento sublimavas.

Vós, que escreveis, vós que ides combatendo  
 O tyrannico imperio da ignorancia,  
 Por ganhar fama, e nome alto, e estupendo:

Se hum fumo vaõ de tumida jaçtancia  
 Puzer acaso os vossos pensamentos  
 Em triste effervescencia, e dissonancia;

Que devendo empregar vossos talentos,  
 Para gloria da humana fantasia,  
 Em uteis, e sublimes argumentos,

Trateis assumptos de infima valia  
 Por dar provas d'engenho ao vulgo errante,  
 Agitados de estolida ousadia:

Antes que a voraz chamma se levante,  
 E estrague as mais illustres faculdades,  
 Que fazem vosso espirito prestante.

Oh vede as preciosas qualidades,  
 Por que o sabio Saldanha em seus escritos  
 Póde ter nome em todas as idades.

Dai ás vossas sentenças, vossos ditos  
 Força, interesse igual, pezo, e valor,  
 E ganhareis louvores infinitos. •

Manes do bom Saldanha... oh magoa!.. oh dor!...  
 Attesto o Ceo; jámais infame assumpto  
 Em meus escritos teve alto esplendor.

Sem-

Nelles com larga cópia illuminavas  
Dos abusos hostis o caos horrendo,  
Ou o merecimento sublimavas.

Vós, que escreveis, vós que ides combatendo  
O tyrannico imperio da Ignorancia,  
Por ganhar fama, e nome alto, e estupendo:

Se hum fumo vaõ de tumida jactancia  
Puzer acafo os vossos pensamentos  
Em triste effervescencia, e dissonancia;

Que devendo empregar vossos talentos,  
Para gloria da humana fantasia,  
Em uteis, e sublimes argumentos,

Trateis assumptos de infima valia,  
Por dar provas de engenho ao vulgo errante,  
Agitados de estolida ousadia:

Antes que a voraz chamma se levante,  
E estrague as mais illustres faculdades,  
Que fazem vosso espirito prestante:

Oh vede as preciosas qualidades,  
Por que o fabio Saldanha em seus escritos  
Póde ter nome em todas as idades.

Dai ás vossas sentenças, vossos ditos  
Força, interesse igual, pezo, e valor,  
E ganhareis louvores infinitos.

Manes do bom Saldanha ... oh mágoa! .. oh dor! ..  
Attesto o Ceo; jámais infame assumpto  
Em meus escritos teve alto esplendor.

N

Sem-

Sempre isto seguirei , por munto e munto  
 Que da Ignorancia o Gosto opprimido ande ,  
 Que em Portugal jaz languido , e defunto.

Oh Patria ! oh Gloria ! oh Fama illustre , e grande !  
 Deofas , que me inspirais , nunca vereis ,  
 Que outro espirito em mim domine , e mande.

Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis ,  
 Que em minha alma excitais claros intentos ,  
 Vós norma me dareis , regras , e leis.

Mas que estima , e valor tem os talentos  
 Sem o esplendor augusto das virtudes ,  
 Que só daõ immortaes contentamentos ?

Futil vaidade esteril , ah ! se illudes ,  
 Tú só podes fazer estrago enorme  
 Nos corações estolidos , e rudes.

O espirito , onde habitas , jaz , e dorme  
 Dos aspides da Inveja devorado ,  
 Sem gloria , que para elle he sombra informe.

Mas dessa chaga infame vulnerado  
 O nobre coração do bom Saldanha  
 Nunca jámais se vio atormentado.

Taõ triste enfermidade não se entranha ,  
 Onde o merecimento resplendece  
 Com sciencia , que o vicio expelle , e estranha.

Oh serena Modestia ! oh quem podesse ,  
 Deofa , de ti cantar taõ dignamente ,  
 Que todo o mundo em fim te conhecesse !

Quem



Quem no douto Saldanha felizmente  
Te vio brilhar como astro luminoso  
No moral, e no fisico igualmente;

Naõ penderá incerto, e duvidoso  
Da existencia do teu Nume sagrado,  
Nem o terá por vaõ, e fabuloso.

Que de teu sacro influxo illuminado  
Nas acções, nos affectos, nos costumes  
Era por ti regido, e moderado.

Se o louvor o elevava aos altos cumes,  
Onde a gloria corõa os sabios peitos,  
Que saõ do mundo ornato, e claros lumes;

Se hum pouco se alteravaõ seus conceitos,  
Logo acudias, logo os serenavas,  
Logo os fazias á razaõ fugeitos.

Qual no negro furor das ondas bravas  
Rege o Piloto experto a nau potente,  
Tal seus nobres affectos moderavas.

Oh amavel Modestia, amor da gente,  
Resultado sublime de alto estudo;  
Que ao meu Saldanha foi astro fulgente.

Elle o tomava por invicto escudo  
Contra os vapores crassos da ignorancia,  
O mais infeliz mal de hum peito rudo.

Eu o vejo em activa vigilancia  
Socegado altamente meditando,  
Naõ movido de lucro, e vã jactancia.

N ii

Naõ

Naõ por ter nome illustre , e venerando ,  
 Mas para libertar da morte intensa  
 Ao trãstissimo enfermo miserando.

A sua salutifera presença  
 Nos infernaes abissimos precipita  
 A negra fome , a pallida doença.

De lá contra elle a Inveja clama , e grita :  
 Em vaõ sobre os seus louros gloriosos  
 O veneno mais aspero vomita.

Mas elle com estimulos honrosos  
 Às Sciencias severas se applicava ,  
 Por confundir seus brados odiosos.

Cujo rigor austero temperava  
 Co'a nobre applicaçã das Bellas Artes ,  
 Que elle taõ felizmente cultivava.

Aquellas com quem tu , Febo , repartes  
 Com larga cópia mais dos teus encantos ,  
 Claras em tudo inextimaveis partes :

A nobre Poesia , os doces cantos  
 Da Musica suave no seu peito  
 Derramavaõ dons inclytos , e fantas.

A memoria retrata em meu conceito  
 Saldanha a voz unindo ao som da lyra  
 Com magisterio altissimo , e perfeito.

Allí o canto harmonico respira  
 Suaves commoções , que a alma agitada  
 Purgaõ do hostil furor da cruel ira.

Da

Da branda melodia arrebatada  
 Dos amigos a amavel companhia  
 He de affectos intenfos penetrada.

Quaes contemplaõ entaõ na fantasia  
 De taõ sublimes dotes a excellencia,  
 E de tantas virtudes a hármonia.

Quaes quizeraõ allí á competencia  
 Imitallo com gloria; mas. em fumo  
 Se resolve taõ inclyta apparencia.

Ai de mim, que em vaõ tento, em vaõ profumo  
 Incluir taõ illustres qualidades  
 Em hum taõ pobre, e misero refumo!

Musa, que nas crueis calamidades:  
 De teus cantos os funebres assumptos  
 Tiras das sepulchraes escuridades;

Dá, oh Deosa, alma, e vida aos meus transumptos,  
 Onde do bom Saldanha os dotes pinto,  
 Os dotes d'alma em quadro eterno juntos:

Traça em rasgo immortal, claro, e distinto  
 A sua liberal munificencia,  
 Que para tanto em mim forças naõ sinto.

Sepultado em miserrima indigencia,  
 Vejo o affligido enfermo, já da morte  
 Sentindo quasi a derradeira urgencia.

Em torno delle a misera consorte,  
 E os tenros filhos seus ao Ceo clamando  
 Sem humano foccorro, que os conforte.

Oh.

Oh triste, oh caro, oh doce esposo, oh quando  
 Em ti punhamos nossa confiança  
 Em estado nos deixas miserando!

Que faremos sem ti? Nossa esperança,  
 Nosso bem, nosso amparo, e nossa gloria  
 Comtigo se acabou: cruel mudança!

Mágoa eterna teremos na memoria:  
 Tristes de nós! Passou nossa ventura,  
 Como sombra de nuvem transitória!

Ninguém tem compaixão da sorte dura,  
 No desamparo acerbo, em que jazemos  
 Lançados num abismo de amargura.

Mas já que humano auxilio em fim não temos,  
 Em tanto mal ao moribundo esposo  
 Salvai, oh Ceos, de tão crueis extremos.

Escutai-nos benéfico, e amoroso,  
 Escutai nossos ais, nossos clamores,  
 Vós sois omnipotente, e piedoso.

Por tão santos, e altíssimos favores  
 A vós, Senhor, com jubilo humilhado  
 Entoaremos hymnos, e louvores.

Assim exclama; e já como enviado  
 Saldanha vem da Summa Potestade,  
 De virtudes angelicas ornado.

Tal depois da nocturna tempestade,  
 Aos tristes navegantes vem rajando  
 Da rubicunda Aurora a claridade.

Já

Já com doces palavras confortando ,  
Medicinal auxilio attento applica  
Ao mal cruel do enfermo miserando.

Eis do furor da morte livre fica  
O peito afflicto , que do bom Saldanha  
Altos louvores mil canta , e publica.

Vós , a quem saber inclito acompanha  
Na Medica Sciencia , obrai como elle ,  
Se pertendeis louvor , e gloria estranha.

Fome execranda de ouro , que compelle  
O peito avaro a perfida vileza ,  
Oh nunca vos commova , nem disvelle.

Por foccorrer a misera pobreza ,  
Na choça humilde entrai da mesma forte ,  
Que nos paços reaes de alta grandeza.

Oh tristes , que soffreis o duro corte  
Da desgraça cruel , vós indigentes ,  
Chorai do bom Saldanha a escura morte.

Vinde inundar de lagrimas ardentes  
O tumulto , onde jaz , e noite e dia  
Chamem por elle os eccos descontentes.

Sombra do caro amigo , em quem eu via  
Nobre aggregado de virtudes raras ,  
Flamma immortal , que as almas allumia.

A ti confagro aquif nas fantas aras  
Da mais pura amizade alta memoria  
De tuas acções nobres , e preclaras.

Se

Se meus versos te podem dar victoria  
Dos combates do tempo , eternamente  
Será sabida a tua triste historia.

E verá 'nelles a futura gente  
Tuas claras virtudes , penetrada  
De jubilo , e respeito reverente.

Mas se de novas furias agitada ,  
Seu resplendor excelso , e luminoso  
Pertender offuscar a Inveja irada ;

A ti com rogo accefo , e fervoroso  
A ti , sabio Stockler , peço que ampares  
Tanto merecimento glorioso.

Febo te ornou de dotes a milhares :  
Ah ! do amavel Saldanha , oh douto amigo ,  
As virtudes proteje singulares.

Sepultadas na noite do jazigo  
Naõ durmaõ c'õ cadaver somno eterno ;  
Vivaõ salvas por ti de hostil perigo.

Tú podes em estylo alto , e superno  
Dar-lhes perpetua vida , e gloria ufana :  
Podes precipitar no negro inferno  
O cruento rancor da Inveja insana.

## ELEGIA IX.

NA MORTE  
DO PRINCEPE D. JOSÉ.

**E** Já morreu!..... e nunca mais veremos (1)  
O Principe José, nossa esperança!...  
Em mal tão vivo, e urgente... ah!... que faremos!

A desgraça, ai de nós! nunca descança  
De affligir-nos com males a milhares,  
Que sobre nós cruel fulmina, e lança. (2)

Os seus egregios dotes singulares  
Com elle em fim já para o Ceo voáraõ....  
Quem não chorará lagrimas a mares!

As nossas esperanças se exhaláraõ: (3)  
As nossas esperanças, que desgraça!  
Comtigo, Augusto Principe, acabáraõ.

Apenas se mostrou a gentil graça  
Do teu amavel gesto, a sorte dura  
Te fez beber da Morte a negra taça.

Tal ás vezes levanta a fronte pura  
No vermelho horizonte o Sol brilhante,  
De improvizo se esconde em sombra escura.

Sombra de cujo feio fulminante (4)  
Rompem com furia horrenda as tempestades,  
Que dessolaõ a terra em breve instante.

O

Em-

Embora mil, e mil calamidades  
Sobre nós fulminasse o Ceo irado  
Contra nossos delictos, e maldades ;

Mas não fosses da vida despojado  
Na aurora dos teus dias tristemente,  
Não nos faltasses, Príncipe adorado.

Serias nosso Rei justo, e clemente : ( 4 )  
Tú eras já nosso prazer, e gloria,  
Beneficencia, amor da Lusa gente.

A Fama já de ti com vez notoria  
Tanto cantava, que as acções famosas  
Recolhia em seus Fastos a Memoria.

E segundo as idéas luminosas,  
Que lhe dava a Sciencia do futuro:  
Pelo aspecto das obras gloriosas ;

» Virás a ser, conforme conjecturo, ( 6 )  
Ella escrevia, » Tito Lusitano, ( 7 )  
» Se não te for contrario o fado escuro.

» Teu gesto amavel, e teu peito humano ( 8 )  
» Promettem, que serás, Príncipe Augusto,  
» Gloria dos teus, amparo soberano.

» Com vivo esforço, e animo robusto ( 9 )  
» Defenderás teus povos dos funores  
» De algum poder estranho, fero, e injusto.

« Terás em nobre estima os Lavradores, ( 10 )  
» E Artifices fabris, e os que dos manes  
» Tentaõ com peito intropido os horrores.

« Aquel-



- » Aquelles grandes genios singulares (11)  
 » Luzes do mundo, honra da humanidade, (12)  
 » Que não temem do tempo hostis defares,
- » Em ti premio teraõ, e dignidade: (13)  
 » Em ti sereno asylo, e porto amigo  
 » Contra o negro furor da tempestade.
- » Já mais temerãõ damno, nem perigo  
 » Sciencias, e Artes, de quem nobre amparo,  
 » De quem serás Apollo, e manso abrigo.
- » No mundo te farás famoso, e claro  
 » Por Leis, por justas Leis, com que regidos (14)  
 » Teus povos sejaõ com favor preclaro.
- » Honrarás os talentos mais subidos,  
 » Que muitas vezes jazem tristemente (15)  
 » No abismo da miseria confundidos.
- » Mas ail.. que escuto!.. ó Ceos!.. Que susto urgéte (16)  
 » Os sentidos me occupa! Que clamores!...  
 » Que voz me aterra flebil, e doente!...
- » A minha alma inundai, crueis horrores...  
 » Já não existe o Principe sublime,  
 » Digno de imperio, de inclytos louvores.
- » Esta dor, ai de mim! Não se reprime....  
 » Aonde estás, oh Principe adorado,  
 » Pura imagem, que em mim tanto se imprime?
- » Como assim me deixaste em triste estado?  
 » Como da minha vista te ausentaste?  
 » Aonde te acharei, Principe amado?

- » De viver entre nós não te dignaste.....  
 » Tu com tuas virtudes singulares,  
 » Príncipe Augusto, para o Ceo voaste.
- » Chorando tristes lagrimas a pares  
 » Ficaõ teus povos com tristeza, e pranto  
 » Num pelago de dores, e pezares.
- » Eu já te preparava historia, e Canto; (17)  
 » Tudo desconcertou a cruel morte:  
 » Só para te chorar a voz levanto.
- » A celebrar acções' ninguem me exhorte  
 » Á vista do teu caso lastimoso,  
 » Da tua escura, e deploravel sorte.» (18)

Disse: o buril eterno, e glorioso  
 Da mão lhe cahé; e sem vigor, e alento  
 Adormece em lethargo pezaroso.

Oh! tu, que em gloria estás no ethereo assento,  
 Recebe, Alma gentil, nossos clamores,  
 Fruto do nosso amargo sentimento.

Fruto das nossas mais que acerbadas dores,  
 Que nos causou a tua ausencia eterna,  
 Que nos sepulta em medos, e terrores.

A nossa dura magoa, e dôr interna  
 Cada vez mais, e mais se accende, e aviva (19)  
 Com Em. a perda, que tanto nos consterna.

Esta calamidade se deriva  
 Hum mal, e outro mal, que eternamente  
 Da esperança mais incliyta nos priva.

Naõ.

Naõ espere vêr mais a Lusa gente  
 Teu doce acolhimento, augusto, e nobre, (20)  
 E humanidade em gráo mais eminente. (21)

O esplendor da virtude naõ se encobre :  
 Tu com gesto benigno recebias  
 O virtuoso, o sabio, o humilde, o pobre.

Tu com maõ liberal do abismo erguias  
 Todo o merecimento esclarecido,  
 Que aos golpes da Desgraça exposto vias.

Em ti se via em ponto o mais erguido  
 A liberalidade generosa,  
 Virtude propria de animo subido.

A nossa dôr se faz mais poderosa (22)  
 Considerando as nobres qualidades  
 Da tu'Alma illustrada, e gloriosa :

Que os pezares, e as duras tempestades, (23)  
 Em que nos poz a tua triste morte,  
 Valem por muitas mil calamidades.

Tristes !... Que dôr !... Que penetrante corte !  
 Pensar, que para sempre te perdemos,  
 Alma digna de imperio, e melhor sorte !

Mas ah ! para que saõ tantos extremos ? (24)  
 Tu naõ morreste ; teu sereno gesto,  
 Tuas virtudes n'alma impressas temos.

Quem teve em gráo subido, e manifesto (25)  
 Taõ altas qualidades, sempre existe.  
 Ah ! cesse o pranto misero, e funesto.

Mas

Mas á força da dôr , e magoa triste ,  
 Por mais que o pensamento se levante ,  
 O coração sensível não resiste .

Não he filosofia alta , e prestante ,  
 A que insensível faz hum peito austero  
 Contra os golpes da forte fulminante .

Não he valor , segundo confidero ,  
 Não mostrar em dor viva sentimento ,  
 Mas dureza de espirito severo .

Em tanta magoa , em mal tão violento (26)  
 He forçado chorar : Príncipe amado ,  
 Recebe nosso misero lamento .

Tu , que vivo em teu seio magoado  
 As lagrimas dos tristes recebias ,  
 Dos tristes postos em cruel estado :

Tu , que do alheio mal te condoías ,  
 Tu , que os mestos gemidos da indigencia (27)  
 Em teu benigno peito recolhias :

Tu , que com liberal beneficencia (28)  
 As Artes , e os talentos amparavas ,  
 Que hião já tendo nobre competencia :

Tu , que as puras virtudes tanto amavas , (29)  
 A quem no fundo d'alma reverente  
 Aras , e sacrificios consagravas . . . . .

Mas para que ergo a voz triste , e doente ?  
 Se tu já não respondes , se escondido  
 Jazes na fria campã eternamente .

Oh

Oh quem tivera engenho tão subido,  
 Que em grandiloquo verso te fizeste  
 Para sempre no mundo conhecido!

Póvos, em quem a dor mais se enfiou  
 De ver vossa esperança em flor cortada, (30)  
 Que para vós em fim já não floresce;

Vinde aqui com voz misera, e cançada  
 Sobre o funereo tumulto exhalar  
 A vossa magoa, e dor viva, e pezada.

Oh se visseis com gloria singular (31)  
 Do extincto Princepe á memoria Augusta  
 Monumentos as Artes levantar!

Com idéa elevada nobre, e justa  
 Alma, e vida a Pintura lhe daria,  
 E graça, e mansidão sabia, e venusta. (32)

A sublime Eloquencia elevaria  
 Em seu louvor a voz grave, e sonora,  
 Suas claras acções celebraria.

Exprimiria a dor, que se evapora  
 Com soluços, com lagrimas, com gritos,  
 Quando o espirito enfermo geme, e chora. (33)

Mas oh se com louvores infinitos  
 Fosse por ti, Divina Poesia,  
 Seus dotes para sempre em bronze escritos!

Tu d'alma potentissima energia, (34)  
 Lume, força, e vigor do pensamento,  
 Gloria gentil da humana fantasia.

Tu

Tu summa quinta essencia do talento,  
Do sublime talento da palavra  
Levanta-te da terra ao ethereo assento.

Novas vias teu vdo mostre, e abra: (35)  
Do meu Principe os dotes singulares  
Com raios immortaes defenha, e lavra.

Se cortas novas ondas, novos mares,  
Se já tomas as laminas luzentes,  
Cessem gritos, e ais, cessem pezares,  
Ouçaõ sempre seu nome as Lufas gentes.



## NOTAS.

O Príncipe D. José fallecido a 11 de Setembro de 1788, he infelizmente o assumpto deste Poema. Os seus talentos, e virtudes o accreditavaõ pelo mais estimavel de todos os Príncipes de seu tempo. A sua morte tão apressada caufou geral consternação, e foi celebrada por todos os Poetas, e Oradores de conhecido nome. Anno e meio quasi depois da sua morte compuz esta Elegia, movido unicamente da veneração, que sempre consagrei ao merecimento em qualquer qualidade de pessoa, quanto mais na de hum Príncipe tão amado, e celebrado de todos, posto que eu não fosse delle conhecido, nem sonhado. Esta razão poderá desculpar a minha temeridade, que me obrigou a tratar hum assumpto, em que todos os engenhos, que sobre elle se exercitáraõ, tanto em prosa, como no verso, não podéraõ de modo nenhum conseguir, segundo affirma o juizo universal da Nação, prova manifestta da grande difficuldade de tratar affectos. As composições, onde entra o pathetico, são sempre de custosa execução; por isso vêmos em todas as Nações mui poucas Tragedias excellentes, excepto entre os Francezes, que como dotados de genio particular, e de humana notavel subtilidade de gozto, possuem grande número de Tragedias as mais perfectas, em o qual genero excedem a todos os antigos, e modernos. Para todos os generos de Poesia se requer dom especial, mas muito mais para tocar o coração por meio da pintura das paixões, e sobre tudo na Elegia Portugueza pela grande difficuldade do seu metro. Essa talvez seja a causa, por que rarissimas Elegias perfectas se encontrem na immentidade dos Poetas Italianos, e na Lingoa Castelhana só se veja huma menos má em Garcilaso, a pezar da idolatria, que os Castelhanos consagraõ ás do seu Herrera, e em Portuguez só as tres primeiras de Camões são dignas de toda a consideração; e posto que alguns celebraõ as tres de Bernardes, que andaõ nas *Rimas Sacras*, ellas tem tantas desigualdades, e negligencias, que segundo o meu entender, não merecem o nome de perfectas. Em fim

P

escre-

escrever neste genero , he o mesmo que dançar na corda bamba , com grilhões nos pés.

(1) Este principio suppoem antecedencia de discurso : não deixa de ser proprio para exercitar o pathetico , e juntamente artificialo ; esse he o motivo por que parecerá novo a quem ignorar , que esta operação mental foi usada dos antigos , e modernos. Horacio assim começa a Ode XXXVI. do Liv. I. , e a V. dos Epodos. Este methodo de composição tambem he conhecido de algum dos nossos Escriitores : o grande Orador Vieira assim dá principio ao bellissimo , e admiravel Sermaõ primeiro do tomo primeiro. » E se quizesse Deus , que este tão illustre , e tão numerozo auditorio sahisse hoje tão desengano da prégação , como vem enganado com o » Prégador. » Suppondo antecedencia de discurso assim começa o mesmo Orador o grande , e prodigioso Sermaõ do Juizo universal no Tomo III. , no qual resplendece com a maior vehemencia a terribilidade sagrada , com que a Eloquencia Evangelica costuma fulminar os corações dos ouvintes. » Abrazado finalmente o mundo , e reduzido a » hum mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste » dia edificou sobre a terra. » Este modo de principiar supponho-o muito artificialo. Os maiores Escriitores Francezes tambem usárao delle algumas vezes , e mesmo no tom apaixonado.

(2) *Fulmina* he idéa geral , *lança* designa idéa particular , como se dissesse fulmina , e lança sobre tal , e tal Nação , ou sobre tal , e tal pessoa. Logo parece , que a idéa expressada pelo verbo *lança* faz , com que não esteja o mesmo verbo sómente para servir á rima.

(3) Esta expressaõ he assaz Poetica , segundo penso , sem com tudo destruir a simplicidade do estylo , cousa que sempre me propuz seguir nos meus escritos. Além de que os tons verdadeiramente poeticos nunca fôraõ contrarios á mesma simplicidade. Dois generos ha de simplicidade , huma de idéa , outra de estylo. Simplicidade de idéa julgo eu ser a deducção natural dos conceitos , todos referidos á idéa geral , em que se funda o assumpto. Simplicidade de estylo a enunciação natural , mas elegante , e nobre dos mesmos conceitos , ou idéas. O meio , que se



se deve usar em cada huma destas para conseguir o seu fim, contém doutrina mais extensa, que não cabe na brevidade destas observações: em outro lugar tratarei esta materia com a curiosidade possível ás minhas forças. O verbo *exhalar* está aqui significando desvanecer, evaporar &c.

(4) *Sombra* por nuvem; effeito pela causa, genero de Metonymia affaz conhecido dos Rhetoricos, e muito usado na Poesia.

(5) Eu tenho para mim, que as obras desta qualidade nunca devem ser huma lamentação simples, despida de instrucção, o que se póde executar sem offender a verosimilhança, e de outro modo faz huma composição secca, e inutil; porque a dor na sua expressão traz naturalmente reflexões muito sensatas, e cheias de philosophia do coração, o que se observa a cada passo com pessoas ainda mesmo ignorantes. A justiça, e a clemencia são os dois pólos, em que se deve firmar o moral de hum bom Monarca. Desta doutrina, segundo tenho por noticia, era notavel Orador o Principe D. José, e as pessoas cordatas, que o trataraõ, assentaraõ firmemente, que se chegasse a ser Rei, havia de ter todas as preciosas qualidades, que se requerem para fazer a felicidade dos povos.

(6) Este Canto, ou Vaticinio da Memoria, acho que não será desaprovado pelas pessoas, que conhecem, que a ficção sensata he a alma da Poesia. Julgo, que a expressão está executada com toda a decencia, e vivacidade possível ás minhas forças.

(7) O Emperador Tito foi as delicias de Roma, e em quanto o mundo for mundo será symbolo daquella amabilidade, que deve ter hum Rei, que pertencer occupar igual assento nos fastos do univérso.

(8) O Principe D. José além das virtudes, de que era ornado, se fazia recommendavel pela sua gentil presença;

(9) Os epithetos empregados neste verso são translações muito proprias da Poesia de Horacio, de Tibullo, e Virgilio; porque parece que deviaõ estar vivo para *animo*; *robusto* para *esforço*. Este genero de Cathacrezi sendo usado a proposito faz hum maravilhoso

so effeito na Poesia , como se pôde observar nos allegados Poetas.

(10) Este verso parece nimiamente simples ; não ha duvida , mas quero sacrificar a elegancia a hum documento , que tanto favorece a classe dos Cidadãos mais necessarios , e proficuos á Republica. Este terceto exprime as tres bases , em que se estriba a subsistencia , e o esplendor do Estado , de hum Estado tal como o de Portugal , que pela sua situação local , e natureza de seu terreno de necessidade deve sempre conservar no maior vigor a agricultura , as manufacturas , e a navegação. Esta verdade he tão visível , que ainda nos tempos , em que a Europa estava sepultada na maior ignorancia , o grande Rei D. Diniz animou tanto a agricultura , que veio a merecer o titulo de Lavrador , que no meu conceito he cem vezes mais glorioso do que o de Conquistador , de invicto &c. com que a adulação tem lizongeadado a muitos Monarcas , que disso fizeram gloria especial. O mesmo Rei para animar a navegação em hum Reino , que tantos , e tão excellentes portos tem no Oceano , fundou o grande pinhal de Leiria , em que gastou immensas sommas , e mandou vir de Suecia a melhor qualidade de pinhão , para que as madeiras fossem mais proprias para a construcção naval. E para prova de que a verdadeira riqueza he a da terra , este grande Monarca , e outros anteriores , e posteriores a elle fizeram grandes estabelecimentos , tentaram grandes emprezas , que acabaram , e deixaram além disso grandes thesouros. França , Italia , Alemanha , Inglaterra , e todo o Norte sem possuir minas , possuem grandes riquezas , e seus povos vivem com maior commodidade em virtude do trabalho , e da industria , unicos mananciaes da felicidade publica.

(11) O Principe D. José tinha a mais decidida inclinação pelas letras , e pelos sabios ; porque elle o era na realidade. Hum Rei para felicidade sua , e dos seus povos deve favorecer muito as letras ; porque sem ellas nenhuma boa administração pôde haver , nem gloria nacional. Além de que , o moral sempre foi superior ao physico a pezar das relações , que entre si tem ; e os Reinos , onde mais florecem as letras , são os mais prosperos ,

ros, e felices, o que por si he taõ evidente, que não necessita de provas.

(12) He certo que os homens sabios são sem contradicção alguma a mais distincta gloria do genero humano, quando cooperaõ com escritos sublimes para illustrar a moral do homem.

(13) O exercicio das letras pede grande applicação, e fadiga, que necessariamente occupaõ grande parte do tempo, que o commum da gente emprega em grangear a sua subsistencia, por isso precisaõ os que ás letras se applicaõ grandes proteccões, que não só lhes facilitem meios de viver com socego, e commodidade para continuarem as suas louvaveis applicações, mas que os amparem das oppressões, que lhes costuma fuscitar a inveja sempre inimiga declarada do merecimento. A isto allude o ultimo verso deste terceto:

*Contra o negro furor da tempestade.*

(14) Leis justas, isto he, adaptadas á razaõ illustrada pela mais illuminada Filosofia, são o maior beneficio que hum bom Rei pôde fazer aos seus povos. Nas Leis deve apparecer aquelle espirito de humanidade, e indulgencia discreta, que tanto abona as luzes deste seculo; a isto se refere a clausula *com favor preclaro*.

(15) Naturalmente são os talentos mais distinctos muito sujeitos á miseria; porque dominados dos objectos sublimes, que lhe occupaõ o entendimento, não se entregão de modo algum ás baixezas, por meio das quaes os espiritos humildes, e interesseiros costumão commumente chegar á opulencia. As suggestões, as vilezas, as calumnias, e todo o mais resto de monstros moraes, que quasi sempre constituem o infame aggregado da prevaricação do homem opulento, são para o verdadeiro sabio objectos os mais dignos da sua execração.

(16) Eis-aqui porque eu tenho dito, que a Elegia he ensaio da Tragedia, especialmente no pathetico. Quem bem mover affectos no Poema Elegiaco, muito melhor o poderá fazer no Tragico, onde a fantasia não encontra tantos obstaculos de locução. Eu bem sei, que nisto me tenho affastado da pratica dos nossos quinhentistas, em tudo religiosamente seguidos pela superstição dos moder-

modernos. Mas sem incorrer em desvanecimento , affirmo na minha consciencia , que excepto o grande Camões , elles não me offerecem no essencial da Poesia , cousas dignas de imitação. Isto simplesmente dito parecerá heresia da razão , mas tempo virá , em que eu trate esta materia com maior exame , e prove com toda a evidencia a certeza de huma asserção tida por absurda no conceito de todos os litteratos modernos.

(17) Este modo de expressar foi muito da Poesia Toscana. Petrarca , nos Triunfos , e Tasso na Jerusalem dizem :

*De Poema dignissimo , e de historia*

*De historia digno , e d'immortal poema.*

Por final , que numa das Cartas poeticas tras o mesmo Tasso huma bem curiosa analyse destes dois versos.

(18) Aqui termina o Canto , ou Vaticinio da Memoria. Não me compete dicidir , se os affectos , com que finaliza , estão na sua verdadeira proporção , segundo o plano da invenção , segundo a deducção das idéas , e segundo a expressão.

(19) Pintura talvez legitima de successão no physico , ou no moral.

(20) A affabilidade , com que o Principe D. José recebia a todos , era tal , que captivava , e enchia de satisfação a quantos lhe fallavaõ. Esta mesma virtude consta , que era hum dos preciosos dotes da bella alma do grande Frederico Rei de Prussia , e do amavel Imperador José , que ha pouco falleceu.

(21) A humanidade he outra preciosa qualidade , que deve resplender n'um animo verdadeiramente Real , que sendo della privado não póde ser dotado de clemencia , que taõ necessaria se faz a hum Monarca , que deve reger seus povos como Pai. A melhor elegancia , que se encontra em todas as Obras do celebre Poeta Ferreira , he a de que ufou na Carta a D. João III. *Rey bomem*. A fragilidade ainda mais do que a prevaricação faz cahir os homens em absurdos : ora quando elles são daquelles , que pedem cástigo exemplar , a clemencia de hum Rei homem , isto he , que conhece o quaõ fragil he a pobre natureza humana , póde entaõ exercer a sua bene:

beneficencia , sem offender o caracter de justo , moderando a pena muitas vezes arbitrada por Lei antiga , concedida com pouco , ou nenhum espirito filosofico .

(22) A liberalidade , he a mais amavel , e brilhante de todas as virtudes moraes . Ella he propria de hum Rei , que com ella tudo conseguirá . A liberalidade nunca póde empobrecer o Rei , visto que elle derramará a opulencia em todos os seus Estados , e animará a industria nacional , fonte inexaurivel de riquezas .

(23) He certo , que o Principe D. José tinha adquirido muitas luzes pela excellente educaçãõ , que teve , e pela summa applicaçãõ , com que cultivava todo o genero de letras .

(24) *Alma digna de imperio* . Elegancia de Petrarca ; que com facilidade se encontra nas suas Poesias vulgares .

(25) Esta he a felicidade de huma grande personagem decretada para governar povos , a quem tantas virtudes daõ huma existencia eterna nos corações dos mesmos povos . Ainda agora he lembrado , e lembrará o Principe D. Theodosio , que por tantas , e taõ sublimes qualidades de espirito , que possuhia , era o idolo da Naçãõ Portugueza . O mesmo ha de acontecer ao grande Principe D. José , cuja memoria será eterna . O sentido do ultimo verso deste terceto , he como o do seguinte verso de Enio , approvado por Cicero no tractado de *Senectute* :

*Nemo me lacrimis decoret , neque funera fletu*

*Faxit* . . . . .

*Non censet lugendam esse mortem , quam immortalitas consequatur* . Accrescenta o grande Orador .

(26) De igual pensamento se servio Camões numa das suas Canções desta maneira

. . . . . *que a quem lhe doe*

*Forçado lhe he gritar , se a dor he grande* .

(27) Os effeitos da caridade do Principe D. José erãõ de tal modo , que se não podiaõ esconder .

(28) He notoria a liberalidade , com que protegeu , e á sua custa mandou educar fugeitos de conhecidos talentos , cuja pobreza , os tinha na impossibilidade de os cultivar ; factos saõ estes , que se provaõ pela existencia dos mesmos fugeitos , que d'elle recebêrãõ manifesto patrocínio ,

nio ; algũm dos quaes se não são já , virão a ser honra da Nação Portugueza.

(29) Virtudes , e costumes ainda nenhum Pincepe teve em grão tão sublime como o amavel D. José.

(30) *Em flor cortada* : elegancia muito frequente em Bernardes , e Ferreira extrahida dos antigos. Se todas as elegancias , que estes Poetas trouxeraõ para o idioma fossem de igual natureza , certamente seriaõ tidos pelos engenhos de maior gosto ; mas a triste Filosofia do seculo , em que viverão , lhes não consentio ser mais ajustados com as maximas do bom Gosto , e nesta parte fóraõ tão excedidos do grande Camões , que a vista d'elle ficaõ sem nenhum esplendor.

(31) Aqui se figura huma nova scena. As Artes mais sublimes , e brilhantes , quaes a Pintura , a Eloquencia , e a Poesia em huma supposiçãõ fantastica , cada huma segundo as suas faculdades á roda do tumulto do Principe D. José , erguendo monumentos á sua memoria. A ficção tem seu imperio na Poesia. Esta mesma de que aqui uso , julgo que está no seu verdadeiro lugar sem ferir as decencias elegiacas ; conformando-se ao mesmo tempo com a magestade do assumpto.

(32) Tambem estas qualidades adornavaõ o fysico , e o moral do Principe D. José. O adjectivo *venusto* he de notavel energia ; trouxe-o o grande Camões do Latim para o Portuguez com admiravel delicadeza , fallando na Lusida da inclinação , que Augusto tinha para a Poesia dizendo :

*Octavio . . . . .*

*Fazia versos doutos , e venustos.*

(33) As paixões são verdadeiramente enfermidades do espirito , por isso digo *espirito enfermo*.

(34) A Poesia he o maior esforço do pensamento do homem. A Poesia he quem pulio as lingoas , quem lhes deu elegancia e força , e quem ensinou o homem a ter elevação de idéa. Este , e o seguinte terceto estaõ tocidos de elegancias pouco vulgares na Poesia Portugueza.

(35) Expressão semelhante á de Tibullo na Elegia III. Livro IV.

*Parce meo juveni , si quis bona pascua campi  
Sen collis umbrosi devia montis , aper.*

E L E .

## ELEGIA X.

NA MORTE

DE MR. DE VOLTAIRE.

**J**Á se extinguiu em fim a luz sublime,  
 A luz, que o mundo tanto illuminava, (1)  
 Que inda agora a ignorancia abate, e opprime. (2)

Quem no immortal Parnaso dominava,  
 E quem Artes, e altíffimas Sciencias  
 Com excelsos escritos illustrava.

Esse aggregado immenso de excellencias,  
 Essa alta fantasia, que deu vida (3)  
 A tantas, e tão nobres existencias.

Quem no templo da Gloria alta, e subida  
 Coroado se vio com mil louvores (4)  
 Da illustre voz da Fama esclarecida.

Aquelle astro, que as trevas, e os furores  
 Do cego Fanatismo sanguinoso, (5)  
 Precipitou nos infernaes horrores.

Esse prodigio augusto, e magestoso,  
 Que talentos tão nobres, e brilhantes  
 Em gráo supremo teve, e glorioso.

Quem confundio com raios fulminantes  
 O sanguineo furor da negra Inveja, (6)  
 Seus venenos, seus impetos possantes.

Q

Se

Ah! se a minha alma celebrar deseja  
Os sublimes talentos gloriosos,  
Que ella tanto imitar, tenta, e forceja:

Se privada de auxilios poderosos (7)  
Rompe as nuvens, que a cercaõ tristemente,  
E ás vezes se ergue aos Astros luminosos;

Vós lhe dareis assumpto alto, excellente,  
Manes do grande, do immortal Voltere (8)  
Gloria do Pindo, honra da humana gente.

Por mais que o mundo creia, e considere (9)  
Que em Portugal triunfa a Ignorancia,  
E as Artes mais gentiz insulta, e fere.

Vereis nacer com perennal fragancia (10)  
As flores do Parnaso junto ao Téjo,  
E Apollo produzir nova elegancia.

Satisfareis allí vosso desejo  
Vendo ás Musas erguer Templos, e Altares (11)  
Com Sacrificio, e público Festejo.

Que nem sempre os engenhos singulares  
Haõ de opprimidos ser na Lusã terra, (12)  
Com desprezos, e humillimos defares.

Nem sempre lhes fará ultrajo, e guerra (13)  
Midas de senso estolido adornado.  
De esplendor, que a ignorancia naõ desterra.

Se no Templo ás Sciencias consagrado  
Quisa erigir-se alto Censor de Apollo,  
Vós o vereis dallí precipitado.

Entaõ



Então será o Téjo outro Pactolo,  
 E voará tão alto a sua fama,  
 Que de hum pólo se estenda a outro pólo.

Aquelles, em quem mais Febo se inflamma,  
 Tomaráõ bom Voltere por modello  
 Teus escritos, que o mundo tanto acclama.

O transumpto immortal, sublime, e bello (14)  
 Do grande Henrique, Heróe, claro, e famoso  
 Imitaráõ com vívido desvello.

Com os olhos no quadro glorioso  
 Se elevaráõ, qual Aguia ao Ceo se eleva  
 Co' a vista no Sol vivo, e luminoso.

A Fama illustre, que pública, e leva  
 As obras immortaes por todo o mundo;  
 E que em louvallas só se nutre, e ceva;

Com voz sublime, e com louvor facundo  
 Os guiará da Gloria ao Templo eterno,  
 Em triumpho letifico, e jucundo.

Teráõ allí applauso sempiterno,  
 Sem temer da Inveja o brado horrendo,  
 Vômito infame do mortal Averno.

Vós que escreveis, vós que ides combatendo (15)  
 O tyrannico imperio da Ignorancia,  
 Por ganhar fama, e nome alto, e estupendo;

Se hum fôgo vaõ de tumida jactancia  
 Puzer acaço os vossos pensamentos  
 Em triste effervescencia, e dissonancia; (16)

Q ii

Que

Que devendo empregar vossos talentos ,  
 Para gloria da humana fantasia ,  
 Em uteis , e sublimes argumentos ;

Trateis assumptos de infima valia , (17)  
 Por dar provas de engenho ao vulgo errante ,  
 Agitados de estolida ousadia : (18)

Antes que a voraz chamma se levante ,  
 E estrague as mais illustres faculdades ,  
 Que fazem vosso espirito prestante ;

Oh vede as preciosas qualidades ,  
 Por que o grande Voltere em seus escritos  
 Ha de ter fama em todas as idades.

Dai ás vossas sentenças , vossos ditos  
 Força , interesse igual , pezo , e valor , (19)  
 E ganhareis louvores infinitos.

Manes do bom Voltere.... oh mágoa!... Oh dor!...  
 Atteste o Ceo : jámais infame assumpto  
 Em meus escritos teve alto esplendor.

Vós meu norte fereis por munto , e munto  
 Que da ignorancia o Gosto opprimido ande, (20)  
 Que em Portugal jaz languido , e defunto.

Oh Patria , oh Gloria , oh Fama illustre e grande ! (21)  
 Deosas , que me inspiraes , nunca vereis  
 Que outro espirito em mim domine , e mande.

Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis , (22)  
 Vós que em mim concitaeis claros intentos ,  
 Norma vós me dareis , regras , e leis.

Mas

Mas que enchente de excelsos pensamentos  
 Não fai daquella immensa fantasia,  
 Fonte inexhausta de gentís talentos!

A massa das idéas á porfia  
 Em movimento altissimo se agita;  
 Eis novos seres de alta jerarchia.

Allí *Mafoma*, em cujo peito habita (23)  
 O fraudulento engano, em mil furores  
 A crédula ignorancia precipita.

No peito humano inspira altos horrores,  
 O negro, e abominavel *Fanatismo* (24)  
 Pintado allí com detestaveis côres.

De intenso amor no doce parocismo (25)  
 Geme a terna *Zaire*, a alma captiva  
 Do mais illustre, e amavel heroismo.

Todos lamentaõ sua forte esquiua;  
 De a vêr morrer ás mãos do hostil çiume  
 Todos choraõ com dor amarga, e viva.

De Apollineo artificio o claro lume (26)  
 Quanto em *Roma Salvada* ao vivo exprime  
 Grandes affectos, hum, e outro costume!

Allí fulmina, allí abate, e opprime  
 A eloquencia de Cicero os furores  
 Da vil traiçaõ, de detestavel crime.

Tú, *Semiramis*, mostras os horrores, (27)  
 O supplicio de huma alma criminosa  
 Movida de remorsos vingadoras.

A

Sobre ti a Vingança rigorosa  
 Sai do seio dos mortos, e castiga  
 Teu crime occulto em sombra tenebrosa.

O heroísmo de amor, que accende, e obriga (28)  
 A nobre excessõ hum animo elevado,  
 Que a soberba despotica profliga;

Em *Tancredo* se vê taõ retratado,  
 Que move a compaixãõ o peito humano  
 Dos mesmos sentimentos penetrado.

*Bruto* com duro aspecto, quasi infano (29)  
 Seu Filho á liberdade sacrifica,  
 De amor da patria exemplo soberano.

Oh quanto allí se mostra, e se pública,  
 Ornada dos mais nobres sentimentos,  
 A grande Poesia, excelsa, e rica. (30)

Jámais com taõ sublimes pensamentos  
 Dictou fábia Melpomene na scena  
 Altos, e proveitosos documentos.

Da gentil amizade a face amena, (31)  
 E de amor filial o pio excessõ  
 Pinta *Orestes*, que o crime hostil condena.

Eu tenho, e terei sempre n'alma impressõ (32)  
 O augusto moral, que a grande *Alzira*  
 Encerra em seu magnanimo progresso.

Allí nos ditos d'Alvares respira  
 A constante virtude, que combate;  
 E de Gusmaõ refreia a cruel ira.

Cla-

Claro assumpto, que o tempo não abate,  
 Assumpto que só teve alta existencia  
 Na fantasia do divino Vate.

Quem Voltere te deu Arte, e potencia (33)  
 Para fazer de *Merope* hum portento,  
 Hum prodigio de tragica eloquencia?

Que divindade do Celeste assento  
 Para traçar taõ inelyta pintura  
 Te illuminou o altivo pensamento?

Que urgentes situações, que moral pura,  
 Que conflicto de affectos, que interesse  
 Não domina na acção de alta estrutura!

Allí o amor materno resplendece;  
 Contra a innocencia inerme, e perseguida  
 A tyrannia allí não prevalece.

Tú da tragica scena esclarecida  
 Sempre ferás, oh *Merope*, honra, e gloria,  
 A pezar da Inveja enfurecida. (34)

Oh como se me imprimem na memoria  
 Os factos dos Heróes assignalados,  
 Que deixáraõ de si taõ longa historia!

Por ti fôraõ com fama sublimados  
 Por ti, grande Voltere, eternamente  
 Seráõ em todo o mundo celebrados.

O soberbo valor do Heróe potente, (35)  
*Carlos*, novo Alexandre, excelso vóu.  
 Pasma da terra, alto terror da gente.

Lá donde de continuo Boreas sôa  
 A gloria illustre se ergue, e o claro nome  
 Do *Grande Pedro* altissimo apregoa. (36)

Tudo a idade voraz traga, e consome;  
 Mas taõ nobres acções, taõ claros feitos  
 Nunca esperem jámais, que o tempo dome.

Com vivas côres de immortaes conceitos  
 A Historia os pinta, para cuja fama  
 Saõ do Universo os ambitos estreitos.

Oh Deosa excelsa, por quem sempre clama  
 Hum coração de gloria ambicioso,  
 Que em grandes obras só seu peito inflamma!

Eu já te vejo em throno glorioso  
 Revestida de augusta Magestade,  
 Que em teu gesto se ostenta luminoso.

A' viva luz da candida verdade  
 Gravas em aurea lamina acções claras,  
 A quem dás immortal celebridade. (37)

Rompendo nuvens de illusões avaras,  
 Traças o Genio invicto, que commette  
 As empresas mais arduas, e preclaras. (38)

Que os elementos horridos submette;  
 Já no seio das ondas novo emporio (39)  
 A' industria humana alto louvor promette.

E já com valor inclyto, e notorio  
 A Russiana quilha os mares fende, (40)  
 E doma o bravo vento tormentorio.

O He-

O Heroe sublime , a quem se humilha , e rende  
 Todo o Septentrião , as Artes chama , (41)  
 E sua mão benefica lhe estende.

A Industria com ellas se derrama ;  
 E armado de viril actividade  
 O Commercio sagaz se excita , e inflamma. (42)

Da Policia se ostenta a dignidade (43)  
 Nas regiões , onde antes habitava  
 O ocio inerte , a hostil barbaridade.

Onde tanto a Ignorancia dominava ,  
 Que com vara cruenta em somno eterno  
 O entendimento humano sepultava.

Se em tanta altura os vôos meus governo ; (44)  
 Como , oh *Grande Luiz* , te não contemplo  
 Rei grande , e digno de louvor superno ?

Alli te vejo em magestoso templo  
 Da mais brilhante gloria coroadado ,  
 Servindo a Reis de soberano exemplo.

O guerreiro Germano debellado :  
 Tantas por terra , e mar claras victorias :  
 E o Pirata em seu ninho fulminado. (45)

Não saõ , inda as mais vívidas memorias ,  
 Com que se illustra o eterno monumento ,  
 Que te erigem tão inclytas historias.

Dar a infelices nóbre acolhimento : (46)  
 A hum grande Imperio dar Rei digno , e justo (47)  
 Contra tanto poder fero , e cruento ;

R

Hon-

Honrar as Mufas, que sem medo, ou fulto (48)  
 Fizeste, que ás estrellas se elevassem,  
 Mais liberal do que Alexandre, e Augusto;

Fazer com que as Sciencias se illustrassem  
 Erguendo-lhes augustos Sanctuarios, (49)  
 Com que todo o Universo illuminassem; (50)

Nunca seras troféos imaginarios, (51)  
 Que á gloria se erguem, que do tempo avara  
 Não receia os impulsos temerarios.

Se em toda a Europa acháras nobre amparo  
 Todas as Artes, todas as Sciencias,  
 A ti se deve, espirito preclaro. (52)

Ornado das mais nobres excellencias  
 Na grande penna do immortal Voltere  
 Já tens, oh Rei, eternas existencias.

Oh vê como ella voa, e os astros fere;  
 E de teu Successor á illustre gloria (53)  
 Entre elles louvor inclyto profere.

Triunfando nos braços da victória  
 O Heroe de Fontenoi, justo, e clemente (54)  
 Vence, perdoa, e deixa alta memoria.

Oh sublime Voltere, alma excellente,  
 Homero, e Livio, e Sofocles da França! (55)  
 Oh do Bom Gosto Oraculo eminente!

Se em pagina immortal vive, e descansa  
 Hum espirito ás Artes consagrado,  
 Digno mil vezes de inclyta lembrança;

Tu



Tu serás sempre vivo, e celebrado  
 Em teus doutos escritos pelo mundo,  
 E com louvor eterno premiado.

Sagradas cinzas de hum Heroe fecundo  
 Em tantas producções do entendimento,  
 Do entendimento altissimo, e profundo.

Quem taõ cheio tivera o pensamento  
 D'essa mais que sublime poesia,  
 Que vos fez ser na vida alto portento!

Pintára entaõ com vivida energia  
 As virtudes, as nobres qualidades  
 Da mais illustre, e excelsa fantasia.

Luctando com as duras tempestades, (56)  
 Veria o mundo a misera innocencia  
 No seio das hostis calamidades.

E a tua liberal beneficencia,  
 Genoroso Voltere, egregio amparo  
 Dando-lhe em tanto mal, e dura urgencia.

Veria a crua Inveja, monstro avaro, (57)  
 Movendo as furias horridas do Averno  
 Contra o merecimento illustre, e raro.

Peste infame do mundo, tu no interno,  
 Tu no seio infernal te precipitas,  
 Por naõ ver o esplendor do Heroe superno.

Contra o Cyfne immortal clamas, e gritas;  
 Em vaõ sobre os seus louros gloriosos, (58)  
 O veneno mais aspero vomitas.

Em vaõ negros incendios horrofos  
 Evaporas da tumida garganta,  
 Quando os eccos diffunde numerosos.

Quando c'o grande Newton se levanta (59)  
 Para os mysterios ver da Natureza,  
 De quem com puro accento narra, e canta.

Mas em taõ triste, e misera baixeza  
 Pobre de influxos do sagrado Pindo,  
 Como me elevo a taõ sublime alteza?

Naõ vais, claro Voltere, aos Ceos subindo  
 Em teus doutos, e altissimos escritos  
 A pezada ignorancia confundindo?

Naõ te vez com applausos infinitos  
 Nos marmores, e bronzes animado  
 Pelos Fidias mais destros, e peritos? (60)

Naõ foste tu na Scena coroadado? (61)  
 E no templo das Artes mais subido (62)  
 Naõ foste, como oraculo aclamado?

Naõ és, nem serás sempre conhecido  
 Pelo maior prodigio na grande Arte (63)  
 De escrever em estylo alto, e polido?

Se no mundo naõ cessaõ de louvar-te:  
 Se já seguro tens, que em toda a idade  
 Naõ deixará ninguem de celebrar-te:

Com tudo acceita, oh tu da humanidade  
 Orador efficaz, o humilde culto,  
 Puro dom da mais candida vontade.

Com

- Com dolofo artificio nelle occulto  
 Da lifonja o pestifero veneno,  
 Existencia naõ tem, fórma, nem vulto.
- O esplendor da virtude excelso, e ameno  
 Das Sciencias, das Artes, dos talentos,  
 Me levantaõ da terra ao Ceo sereno.
- Do centro dos combates violentos,  
 Com que a forte me opprime, a ti dedico  
 Estes pobres, e humildes pensamentos.
- Eu á tua memoria os sacrificio:  
 Por que teus dons se imitem mais subidos (64)  
 Ah! Como posso aquí canto, e publico.
- Claros tributos mil te faõ devidos;  
 Oh se dignos de ti na fantasia  
 Fossem por mim com gloria concebidos!
- Se algumas vezes de inclyta ousadia (65)  
 Agitado altamente me levanto  
 Nas azas da sublime Poesia;
- Se de ter Gosto em prosa, ou doce Canto  
 Alguem me louva, quando a voz defato,  
 E as Virtudes gentis celebros, e canto;
- Ao sacro influxo, ao nutrimento grato  
 Da sublime lição de teus escritos  
 Devo a gloria de espirito sensato.
- Vós horas, vós momentos infinitos  
 Empregados n'um taõ excelso estudo,  
 Consolação nos mundanaes confictos;

Vós

Vós vigílias , e vós silencio mudo ,  
Tugurio humilde , azylo consagrado  
As Artes , aos costumes mais que tudo ;

Sede-me testemunhas , que illustrado  
O meu engenho foi cento , e cem vezes (66)  
Co'a leitura de Author taõ sublimado.

Nelle unidas se vêm sem mancha , ou fezes (67)  
Quantas graças mil Vates illustráraõ ,  
Gregos , Latinos , Italos , Francezes.

Nelle os rasgos de Cicero exaltáraõ (68)  
Os Varões , que no Campo de Mavorte  
Pela Patria seus dias acabáraõ.

Seu genio vòa do Equador ao Norte ,  
E os sabios , que do globo a fórma indagaõ , (69)  
Canta , e salva das leis da dura morte.

Por todas as esferas correm , vagaõ  
Seus illustres talentos , que na Scena  
Os brutos vicios ferem , que alma estragaõ. (70)

Alli seu genio altissimo os condena  
Com tom suave , comico , e faceto  
A perpetua irrisaõ , infame pena.

Esconde o fetro máo o vil aspecto  
Ao resplendor amavel da Virtude ,  
Que em estylo se exprime alto , e discreto.

O *Filho Prodigio* a quem cega , e illude (71)  
A negra suggestaõ do vicio infando ,  
Já faz com que do mal se arrede , e mude.

Em

Em pobre estado triste, e miserando  
 Se prostra aos pés do caro Pai, que humano  
 O recebe em feus braços venerando.

Allí o avaro Irmaõ, peito inhumano, (72)  
 Dos aspides da Inveja devorado  
 Contra elle freme com rancor infano.

Quem vêr quizer hum quadro consummado,  
 Contemple a formosissima, *Escoceza*, (73)  
 De mil virtudes symbolo adorado.

Oh com que dignidade, e gentileza  
 Despreza o vil Frelon em Comico Acto,  
 Novo caracter de infima vileza.

Affim repelle hum Sabio ás Musas grato, (74)  
 Da constante virtude defendido,  
 O furor da calunnia impio, infensato.

Quem no teu gesto amavel, e polido, (75)  
 Adoravel *Nanina*, ler pudesse  
 Os dotes do teu animo subido!

A innocencia, a modestia em ti florece:  
 Mas ai de mim!.... Oh Ceos!.... Vai-se... *Nanina*...  
 Já *Nanina*, ai de mim! desaparece!

Tu da soberba indomita, e ferina (76)  
 Foges, alma gentil, mental figura  
 Da innocencia angelica, e divina.

Mas de teu gesto a luz serena, e pura  
 Já resplendece em fim, já de meu peito  
 A tristeza desterra, e a magoa dura.

Oh

Oh producção de altíssimo conceito,  
Da Scena Comica ornamento, e gloria,  
E modello o mais inclyto, e perfeito.

De teu espirito a brilhante historia  
Tanto, claro Voltere, se dilata,  
Que não cabe em tão mísera memoria.

Em vão minha voz se ergue, e se desata  
Para de ti cantar a menor parte,  
Que apenas com som tímido relata.

Se os talentos tivesse, engenho, e Arte  
Do creador da Tragica Franceza, (77)  
Podéra dignamente celebrar-te.

De ti, grande Cornelio, digna empreza  
Fôra louvar hum genio, que igualmente  
Foi contigo da gloria á summa alteza.

Quem pezou os teus ditos sabiamente,  
Quem o abisino sondou dos teus talentos,  
Arte, vãos, vigor alto, e potente.

Quem de teus mais sublimes pensamentos  
Traçou o mappa immenso, onde o Bom Gosto  
Dicta ao Genio os mais fabios documentos.

Pois que Apollo me esconde o aureo rosto,  
E para tanta empreza não permite,  
Que eu tenha em fim meu animo disposto;

Do fabio D'Alambert a voz se excite; (78)  
Louve o grande Voltere; e aos seus clamores  
Hum, e outro prodigio resuscite,  
Prodigio digno de immortaes louvores.

N O-

## NOTAS.

**O**s homens insignes nas Letras merecêraõ em todos os tempos geral estimaçãõ. Neste seculo , o mais illustrado de todos os seculos , nada deve interessar mais do que hum genio privilegiado , que em si unio o maior número de conhecimentos Litterarios , e a indole mais universal para a cultura das Artes , que mais honraõ o espirito humano. Este sem contradicção alguma se achou em o grande Voltaire , (\*) espirito singular por tantas , e taõ notaveis circumstancias , quaes nunca o mundo viu n'um só fugeito , levadas ao maior grão de perfeição , de que he capaz o entendimento humano. Nasceu este grande homem na Era de 1694 , taõ debil , que ninguem esperava , que vivesse muito ; de modo que não foi possível baptizallo senão passados muitos mezes depois de seu nascimento. Com tudo pãra gloria do genero humano , e para augmento das Artes , elle teve a felicidade de viver 85 annos , e alguns mezes , carreira na verdade prodigiosa para hum corpo taõ fraco , e laborioso , que mais que nenhum outro Sabio escreveu Obras , que pedem o maior esforço da fantasia do homem. De idade de 19 annos compoz o seu Edipo , famoso assumpto tragico tratado com tanta gloria pelo celebre Sofocles , e a pezar do de Cornelio , taõ decantado nos Theatros da França , o de Mr. de Voltaire teve hum fequito prodigioso. Logo depois entrou no projecto de dar huma Epopea á França , o que conseguiu com tanta gloria , quanta era a impossibilidade , que figurava á Nação Franceza , de vir a ter na sua Lingoa huma obra reputada em todos

---

(\*) No titulo desta Elegia , e nestas Notas assentãmos de conservar ao appellido de *Voltaire* a sua original orthografia contra a opiniaõ do Author ; por nos persuadirmos , que entre as razões , que elle teve para alteralla , sómente poderia ser valiosa a de evitar aos Leitores ignorantes da Lingoa Franceza hum erro de pronunciaçãõ ; e como este só podesse ser de alguma attençãõ no verso , especialmente no fim por causa da rima , foi tambem sómente no Corpo da Elegia , que tivemos respeito á sua opiniaõ particular , da qual em todos os outros lugares , aonde a expressada razaõ não podia valer , nos desviãmos.

os tempos pela maior, e mais difficultosa producção da fantasia. O que parecerá bem estranho, he que, depois de ter composto a Henriquiada, e varias Tragedias, nas quaes entrava a de Bruto, tão digna da admiração de toda a Europa, alguns dos mais distinctos Sabios da França, taes como Fontenelle, e la Motte, aconselhárao Mr. de Voltaire, a que seguisse outro genero de Poesia, e deixasse o Tragico, que de nenhuma fórma era o seu. A isto respondeu elle com Zaire, o maior prodigio da composição terna, e maviosa, que se conhece. Tão falliveis são os juizos dos homens, e ainda dos mais illustrados, quando se deixáo arrastar pela suggestão das paixões! Em fim este grande homem mostrou-se em tudo tão insigne, que os seus proprios inimigos, aquelles mesmos a quem a inveja não consentia relevarem-lhe as mais leves maculas, não podérao deixar de o pôr no lugar, onde o seu merecimento o havia forçosamente de collocar. Foi geral a estimação, de que gozou em todo o tempo, que viveu; porque tudo, quanto houve de grande, e de Sabio em França, Inglaterra, Italia, Alemanha, e em todo o Norte, lhe tributou os maiores, e mais distinctos obsequios. » O favor de muitos Princepes, e Ministros de Estado, o » Commercio, e o espirito de ordem, eis-aquí as fontes » da sua opulencia: » diz Mr. de la Harpe (no Resumô Historico da vida deste grande homem), e continúa: » mas » observemos, que elle teve a preciosa vantagem de nascer com hum patrimonio honesto; e que nunca se viu » obrigado a dever a sua subsistencia ao seu trabalho. »

Fundou na terra de Ferney huma colonia, que veio a ser muito florecente pela sua protecção: allí estabeleceu a sua assistencia, e fez reedificar a Igreja da sua Parochia; em cujo frontespicio poz esta inscripção:

*Deo erexit Voltaire.*

O que tambem contribuiu muito para a sua celebridade, foi a correspondencia, que teve com o grande Frederico Rei de Prussia, Monarcha digno dos maiores elogios, não só pelas suas acções Militares, como pelos talentos Litterarios, com que augmentou os seus dominios, e illustrou seus Póvos, sendo ao mesmo tempo o Heróe, e o Cantor da sua Nação. Teve Mr. de Voltaire a gloria

nun-



nunca vista de vêr impressa a sua Henriquiada com hum excellente , e judicioso prologo composto por este grande Rei : acontecimento digno dos fastos da Litteratura , e que faz huma das mais brilhantes Epocas na Historia do Espirito humano.

Podia-se com tudo formar huma Bibliotheca do que se tem escrito pro , e contra este celebre Escriitor , que soffreu os maiores ataques da mais negra inveja , cujos clamores cedêraõ em fim ao maior de todos os merecimentos Litterarios:

Veio por ultimo da sua vida a Paris sua patria : as honras , que ahí recebeu d'ElRei , da Academia Franceza , e no Theatro , são tão publicas , que escuso relatallas : com tudo hirei apontando algumas circumstancias da vida deste grande Sabio por estas notas , que servirão como de illustraçãõ ás passagens do texto , que dellas necessitarem , para ficarem de mais facil intelligencia ao Leitor , que pôde consultar o que anda escrito a este respeito nas Obras de Mr. de la Harpe , de Palissot , e outros.

A liçaõ das Obras deste grande Genio me fez conceber delle as mais vantajosas idéas ; e para satisfacãõ do meu espirito compuz este Poema em seu louvor. O meu intento foi mais esforço de ignorancia , que a tudo se atreve , do que vôo de genio digno de escrever de hum sabio , a quem o silencio da minha admiracãõ faria maior elogio , do que tudo quanto disse delle neste Poema , o qual a pezar da diligencia , que puz , não pôde fahir menos extenso do que ficou , e por isso , além de outros defeitos , merecerá a censura dos doutos ; com tudo fiz todo o possivel , para que a frase ficasse poetica , pura , e culta : e que os versos fossem os mais correntes , e harmonicos , que podesse produzir o meu curto engenho. Talvez que neste Poema se achem muitas cousas nunca expressadas com dignidade , e clareza no nosso idioma , que acostumado a pinturas de amor , ou á mais sublime narraçãõ de acontecimentos historicos , parece que recusa deslenhar as produções mentaes , e em certo modo despreza entrar no ellaboratorio intellectual , onde se forjaõ os mais sublimes monumentos , em que se funda a gloria do espirito humano. E como nem nos nossos antigos,

nem nos modernos achasse modello, que me servisse de norma não só na invenção, mas também no estylo; segui nisto o que me dictou a razão, pondo em uso tudo quanto me pôde suggerir o exemplo dos mais illuminados Escretores das nações estranhas, onde com tanta gloria se tem tratado os assumptos mais dignos do genio, e das luzes do seculo. A' vista do que tenho exposto não devem causar admiração os defeitos desta Poesia; porque além de não haver em mim as qualidades necessarias para tratar tão grande argumento, ella foi composta na maior tempestade de cuidados, que nunca faltaõ a quem he destituido de protecções. Ao menos pôde-se tirar huma utilidade da leitura desta obra, que he o estimulo para os futuros engenhos haverem de executar obras, pelas quaes mereçaõ louvores mais bem concertados, do que estes, que aqui dedico á memoria do maior Poeta do Universo; para tratar do qual parece, que era preciso, por assim dizer, huma nova lingoagem, ou idioma ainda mais flexivel do que o Portuguez. Isto para fugeito de razão poucas forças, como eu, necessariamente havia de fer immenso obstaculo para fazer huma composição, que houvesse de ter merecimento; além da qualidade do metro ser o mais difficil, que se conhece na Europa; e para fazer juizo de tantas obras com dignidade poetica, e com clareza, e brevidade, se he que tão preciosas virtudes se encontraõ neste Poema, foi sem dúvida necessario maior esforço da fantasia, e só o pôde avaliar quem tiver tratado materia de igual natureza. Não se acharão neste Poema cousas novas, cousas dignas de admiração; mas também se não encontrará a mais leve licença de estylo; ou metro. Eu entendo por licença de estylo, não só todas as transgressões grammaticaes, que o uso, ou a ignorancia tem adoptado, mas também certas formulas de expressar exquisitas, como por exemplo: *vozes mudas de alta saudade — luzes de papel pobre, e pequeno — vestir de toga os montes — dialeticas de neve* — e outras muitas expressões desta natureza, que se encontraõ na *Laura de Anfrizo* do Poeta Veiga, e em outros de não pequeno nome. Por licença de metro, entendo a falta de exacção nas cesuras, nas simulações, as dierezes frequentes, que

que fazem o estylo frouxo, e tiraõ o espirito á harmonia; as contracções torçadas, como *sprito* por *esprito*, *cróa* por *coróa*, *inigo*, por *inimigo*, *prigo* por *perigo*, *offrecer* por *offerecer*, e muitas mais de que estão cheios, não só os antigos Poetas Portuguezes, mas tambem os melhores dos modernos, como o Garção, e o Quita, podendo estes muito bem evitar esse defeito, porque compuzeraõ a maior parte das suas obras em metro solto. Mas estas liberdades, posto que sõraõ admittidas pela impotencia de metrificar com bizzarria, devem-se com tudo disfarçar, quando se achão empregadas em composições, cujas bellezas visivelmente excedem os defeitos.

(1) *Luz*, quer dizer neste lugar vida. Esta metaphora he muito usual nos authores da antiguidade. Cicero no Cap. 4. do Livro II. das Questões Tusculanas diz: *Tamen objiciebatur interdum animo metus quidam, et dolor, cogitanti fore aliquando finem hujus lucis, et amissionem omnium vitæ commodorum.* Do Latim o trouxe Camões para o Portuguez, quando faz dizer a Vasco da Gama na Lusíada Canto III. Estança 21:

*Acabe-se esta luz ali comigo.*

(Veja-se huma longa observação, que a este mesmo respeito fiz em as notas da Elegia ás Musas num. 29). Neste mesmo verso está o verbo *illuminar* seguindo a mesma translação do seu abstracto, querendo dizer o seguinte: Que ao mundo todo dá vida pela luz da sabedoria; porque parece, que a sciencia he a verdadeira vida do homem. O ignorante não vive, não existe senão em hum estado de morte, porque as suas idéas não são animadas pela celeste luz da sabedoria.

(2) He certo que aquellas obras sublimes, de que mais se abonava o grande Voltaire, são, e serão em todos os tempos perpetuos obstaculos contra a ignorancia, pelo seu numero de principios annunciados com o maior encaento da dicção do verso, ou da prosa.

(3) *Deu vida a existencias.* Parece esta frase hum tanto subtil; porém metaforicamente pôde huma cousa existir sem ter vida, como por exemplo: *Tancredo*, *Adelaide*, *Marianne &c.* existião por fama, porém não com a vida, que Mr. de Voltaire lhes deu por meio de artificio poe-

co.

co. Inda pôde ser mais neste sentido, como he dar vida a assumptos, que nunca existiraõ senão na fantasia, qual foi *Alzira*, e ainda *Zaire*, Tragedias de pura invenção.

(4) Ninguém recebeu em vida tantos louvores como este grande homem. As maiores Personagens da Europa lhe tributáraõ elogios. O grande Frederico Rei de Prussia fez Poemas em seu louvor. Estanislão Rei de Polonia, Sogro de Luiz XV. o elogiou; o Papa Benedicto XIV., muitos Princeses de Alemanha, França, Inglaterra, e os maiores Sabios da Europa o honraraõ com os mais distinctos applausos.

(5) Mr. de Voltaire foi quem mais contribuhio neste seculo para extirpar os furores do Fanatismo. Ninguém com mais energia, do que elle, fulminou os principios erroneos de huma doutrina, que fundada nos mais perigosos sofismas aconselhava o regicidio, opiniaõ funesta ao socego dos Povos, inimiga da pública felicidade, e taõ opposta aos principios mais simples da razão humana, que só espiritos allucinados pelos furores do Fanatismo a poderiaõ abraçar: com tudo saõ muito frequentes os exemplos, que a Historia nos offerece da pratica de taõ atroz opiniaõ, principalmente em os seculos da ignorancia, verdadeira origem de quasi todas as públicas calamidades.

(6) Se ninguém recebeu maiores, e mais distinctos louvores que Mr. de Voltaire, tambem ninguém soffreu maiores ataques da inveja, e da maledicencia do que elle, contra cujos talentos forçosamente havia de vomitar as mais infames calumnias, com que os espiritos mediocres, e baixos costumaõ brindar em todos os tempos os grandes genios.

(7) Sejaõ-me desculpadas estas personalidades, que devem ser reputadas mais como desafogo do genio, do que indices de vaidade.

(8) Muitos dizem, que *Manes* não he Portuguez; as construcções viciosas, as proprias de outro idioma, que de nenhum modo podem entrar no plano grammatical da nossa Lingoa, saõ as que só podem constituir barbarismos, e não huma, ou outra palavra introduzida de novo para augmentar o idioma, e variar o estylo. Mas em Vieira,  
c em

e em João Franco Barreto na Encida se acharão exemplos, que não transcrevo por não os ter á mão.

(9) Sem vergonha o não digo ; he tão descreditado o conceito, que as nações estrangeiras fazem das nossas luzes, que nos reputão quasi barbaros ; eu não duvido que haja nisto excesso, mas infelizmente vemos por casos de pública notoriedade, que a sua opiniaõ não deixa de ter fundamento. Em primeiro lugar vemos, que os maiores homens, que mais honrãõ a nação com escritos sublimes não só não fôraõ premiados, mas publicamente vexados. Camões, o maior Poeta da Hespanha, o unico, a quem o grande Taffo temia na Europa, como elle publicamente confessava ; Camões, esse raro engenho, de quem a Lingoa Portugueza recebeu todas as graças, força, e harmonia, de que tanto se abona, e que a pezar da mediocridade dos talentos, dos que modernamente a trataõ, não deixa de se mostrar visivelmente ; Camões em fim, esse grande homem, sem o qual não haveria Poesia Portugueza, a que misérias se não vio reduzido em todo o tempo, que viveu ! Sendo elle hum dos Heroes mais valerosos, que passãõ á India, o qual por descanço das armas compunha obras immortaes, nunca lhe foi possível achar hum asylo, onde repousasse, e se não fosse o auxilio de hum pobre Indio, em quem a força da mais pura amizade fez tanta impressaõ, que deixando as delicias da sua terra o acompanhou até á morte, terminaria certamente com mais brevidade huma vida, de que tanta gloria resultou á sua patria, que tão insensível foi ao merecimento do mais illustre de todos os seus Filhos. Sabem todos, que das esmolas, que aquelle amavel Indio grangeava, quando não tinha trabalho honesto, em que ganhar, se sustentava o grande Camões, tão digno dos maiores applausos, tão celebrado dos fabios da Europa ; o grande Camões em fim acabou a sua tão misera, e cançada vida na mais extrema, na mais infeliz miseria. Fernão Lopes de Castanheda, expressamente mandado á India para escrever a Historia das Conquistas, e acções memoraveis, que a Nação Portugueza allí executou, acabou seus dias sendo Bedel em Coimbra. O Orador Vieira, esse grande homem, que tanto servio á patria com seus talentos, e fadigas, esse

ge-

genio sublime , que ensinou aos Portuguezes a escrever em prosa , a qual até ao seu tempo tinha hum andamento equivoco entre a força , e a frieza , a magestade , e a baixeza , cuja indole elle soube fixar por meio de elegancia continua , e harmonia propria do seu genero , que trabalhos , que perseguições não soffreu ! D. Francisco Manoel de Mello , homem de tanto prestimo nas armas , e tão insigne nas letras , passou muita parte dos seus dias prezo na Torre de Belém , donde são datadas as mais das suas Cartas , que correm impressas. O Garção , insigne restaurador da Poesia Portugueza nos nossos tempos , acabou a vida no fundo de huma prizaõ , motivada por causa de si tão futil , que he vergonha expressalla. Outros muitos exemplos poderia apontar , se a brevidade deste escrito mo permittisse. Eu julgo , que a Nação Portugueza padece enfermidade moral a este respeito ; porque he tão clara , tão parente a frieza , com que acolhe qualquer homem sabio , que não só parece insensibilidade , mas desprezo. Isto se mostra por muitas circumstancias : primeiramente tem tão pouco credito os doutos , que o commum da gente os tem por extravagantes , dando-lhes denominações irrisorias , segundo as facultades que professão ; e posto que a necessidade obrigue a tributar algum respeito ao Medico , e ao Jurisconsulto , não deixaõ com tudo de lhes testemunhar a sua indifferença , logo que cessa a dependencia. A palavra *Mathematico* designa hum homem vão , a de *Filosofo* hum fugeito desconcertado em tudo , e a de *Poeta* hum delirante , hum rematado louco , a quem a fortuna constantissimamente castiga com a mais excessiva miseria. He geral a opiniaõ , que todo o saber , por mais agigantado que seja , he cousa vã , he cousa digna do maior desprezo , se não consegue haveres , e se não vive na opulencia. Jámais se vê hum pai , que faça applicar seus filhos aos estudos , que não vá com o sentido posto no interesse. O amor do saber só por saber , gloria verdadeira das almas sublimes , eu nunca o ví na minha patria : sim , eu não fallo com rancor , a verdade he quem unicamente dirige a minha penna , ella da mão me caia para sempre , se o santo influxo da verdade não anima nesta hora as minhas facultades intellectuaes. Quão dif-

feren-

ferente pensaõ as nações illuminadas nesta materia ! Em França os talentos litterarios grangeaõ indefectivelmente honras, e subsistencia. Em Inglaterra o mesmo he fer insigne nas letras, que viver em opulencia. José Addison em premio da sua Tragedia de Cataõ foi creado Secretario de Estado. Alexandre Pope traduzio na Lingoa Ingleza a Illiada em verso, toda a Inglaterra subscreveu para a impressaõ, e obteve mais de cento e vinte mil cruzados. Quantas vezes recusou o celebre Metastasio titulos, e distincões as mais honorificas, quaes as de Conde ? Quantos sabios se não viraõ honrados, e premiados pelo grande Frederico, Rei de Prussia, por todos os Princepes de Alemanha, e Norte, pelos Papas, e Princepes, e Grandes de Italia ? A grande Catharina, que tao dignamente empunha o Sceptro da Russia, e que com tanta gloria vai constrengendo agora a soberba Ottomana quasi a deixar as bellas Provincias, que occupa na Europa, em huma carta escrita por seu proprio punho ao Sabio d'Alembert, lhe dizia estas palavras memoraveis : » Se não vindes para a minha Corte, porque não » quereis largar a conversação dos vossos amigos, vinde, e » trazei-os todos com vosco ; vós gozareis de quarenta mil » cruzados de renda cada anno, e eu os farei todos felices. » O Grande Frederico fez Camarista da chave dou-rada a Mr. de Voltaire com nove mil cruzados cada anno, fóra a bella Estatua, que lhe erigio de porçolana de Saxonia com esta inscripção: *Immortali*. A mesma Imperatriz da Russia lhe fez hum presente das mais magnificas pelles, e huma preciosa caixa polida por suas proprias mãos, ornada com o seu retrato, e vinte brilhantes. Da indifferença, e desprezo, que em Portugal se mostra ás letras, nascem consequencias perniciosas : em primeiro lugar degradaõ o caracter da Nação, que não obstante ser dotada de bastante elevaçãõ de espirito, a ignorancia a faz atroz, e baixa. Do desprezo das Sciencias procede a immoralidade, a falta de amor patriotico, o desgosto da virtude, a cobardia, consequencia da baixaza, e da cobiça, excitada pelos continuos discursos, onde por huma cadeia enorme de fofismas se estabelecem principios, que abatem o espirito, e apregoaõ

huma doutrina erronea , que envilece a alma , pondo por base da moral do homem esta maxima detestavel ; que *sem riqueza não pode haver virtude* : principio digno da execração do homem justo ; principio que derruba , e confunde toda a ordem civil , moral , e fysica da Sociedade.

(10) Todo este terceto está cheio de translações absolutamente poeticas. O termo *fragancia* he hum dos mais significantes da nossa Lingoa , posto que não usado dos Quinhentistas. Vieira , que tem por si só tanta authoridade como todos os profittas anteriores a elle , usa deste vocabulo pelo modo seguinte no Tom. X. pag. 182 : » A Virgem Maria. . . mandou ao vento Austro , que viesse , para que o mesmo jardim exhalasse com maior » abundancia a *fragancia* , e suavidade dos seus aromas » : e a paginas 183. » Chama o Austro , e . . . Aquillo , a » que cada hum segundo suas qualidades com o calor , e » movimento das rosas excitem nellas maior *fragancia*. » Este vocabulo he o Latino *flagrantia* , que significa ardor : porque o ardor excita , como diz o allegado Orador , os effluvios dos corpos aromaticos , daqui por abuso , por extensão , em fim por catachrese o tomamos em nossa Lingoagem pelo proprio cheiro. Por flores do Parnaso , se deve entender todas as bellezas , todas as maravilhas poeticas , de que he capaz o engenho bem cultivado. Apollo he o symbolo do Genio , nova elegancia , nova lingoagem : sim isso póde acontecer no Idioma Portuguez , onde a expressão de sentimento , e de philosophia ainda se não desenvolveu com a energia , de que he capaz.

(11) O estudo das Bellas Letras além de aperfeiçoar a Lingoa , pule o engenho , e tira a rudeza á Nação. Isto não se póde conseguir senão pelo estabelecimento de Academias , que tenham toda a authoridade para fazer admittir como decisões os mais puros documentos do bom Gosto : desta maneira cooperou a Academia Franceza para se diffundirem as luzes com tanta gloria por toda a França.

(12) Veja-se a Nota 9.

(13) Allegorias poeticas , que designaõ os ignorantes , que não amando interiormente as Artes se atrevem a promul-



mulgar decisões do que ignoraõ, julgando, que a opulencia, de que gozaõ, tudo lhes permite.

(14) A Henriquiada he sem contradicção alguma o maior monumento de Poezia Franceza. Constantissimamente assentavaõ todos os Sabios da França, que era impossivel dar-lhes hum Poema Epico na sua Lingoa; tanto assim, que indo Mr. de Voltaire consultar sobre a Henriquiada a Mr. Malezieux, homem de grande imaginação, e immensa litteratura, este lhe disse: » Vós » comprehendeis huma obra, que não he para a nossa Na- » ção: os Francezes não tem cabeça Epica; e quando » vós escreverdes taõ bem como Racine, e Boileau, » far-vos-haõ muito favor se vos lerem.» Quando o engenho se descobre, quando o engenho persuade o conhecimento interior do homem, elle võa, elle se eleva, e a pezar de tudo, consegue os seus fins. Assim aconteceu ao grande Voltaire na composição da Henriquiada, Poema immortal, Epopéa a mais bem conduzida; e se me perguntassem o que sinto della, relativamente ás que lhe precedêraõ, dissera, que a Henriquiada he a Epopéa mais digna de ser lida; que ella sobre todas he a que mais instrue, e deleita, inda mesmo a pezar da idolatria, que se consagra aos Epicos de Grecia, e Roma. O maravilhoso deste Poema he o mais racional, e filosofico de todos quantos Poemas lhe precedêraõ; basta dizer, que a Henriquiada he admiravel pela invenção, pela narração, pela arte de ligar os acontecimentos, e de os preparar por hum modo natural; pelos costumes, pelos affectos, pelas descripções, pela elegancia, pela harmonia, e por outras muitas circumstancias. Mereceu este Poema, que Mr. de Marmontel, agora Secretario perpetuo da Academia Franceza, lhe fizesse hum excellenteprologo; outro lhe fez o grande Rei de Prussia, que não he de menor merecimento; novo facto, que tanto honra a Poesia, e as letras em geral.

(15) Os onze tercetos, que se seguem, andaõ impresos n'uma Elegia á morte do Dr. Jacintho Ignacio Rebello de Saldanha, eu porém os transportei para este, por me parecer o que nelles digo mais apropriado a hum Escriitor como Mr. de Voltaire, que pelo seu superior mere-

merecimento será verdadeiramente famoso em todas as idades.

(16) Consta-me, que sahindo o dito Poema á luz houve quem censurára a palavra *effervescencia*, dizendo, que não era pura; porque a não tinha o nosso Idioma. Já disse, que a introdução legitima de termos estranhos nunca se deve reputar impureza, que só pôde existir pela adopção de construcções viciosas. Esse he o privilegio de quem escreve em lingua vulgar, poder enriquecer o idioma, e dar variedade ao estylo. Não ha duvida, que eu nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos Classicos, mas sendo muito usado pelos Authores Francezes, cuja lingua he affaz conhecida na nossa terra, não deve causar estranheza fazer-se delle uso: além de que esta palavra he de significado facil, e he sonora, e posto que não exista na Lingoa Latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem. He possivel, que esta liberdade faça maior vulto, do que a introdução dos adjectivos *auriverde*, *boquirubra*, e outros muitos, que em alguns escritos se encontraõ?

(17) Não ha Nação culta, cuja Poesia presentemente seja mais digna de desprezo pelo futil dos seus exemplos, do que a Portugueza, a qual vemos quasi reduzida ao Soneto, e á Decima: annos, e glosas futeis os argumentos mais debatidos.

(18) Porque o epitheto *estolido* tambem poderá ser notado de pouco Portuguez, authorizemo-lo sempre com o Padre Vieira, que delle usou no tom. XII. pag. 132, e em outros lugares, „ . . . com hum sacrilegio tão *estolido*, „ inaudito, e barbaro &c. „

(19) Sem estas condições não pode haver escrito digno de ser lido.

(20) Verso, que exprime a oppressão com alguma propriedade. O termo *Gosto* no mesmo significado, em que o tomaõ os Francezes, já o vemos tão introduzido, ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do Idionna no sentido de bom Gosto; de modo que, quer se diga *Gosto*, quer *bom Gosto* em Artes tudo he o mesmo, nem se duvida da identidade dos significati-

gnificados, que neste sentido não requerem modificação.

( 21 ) O estylo deste verso tem semelhaça com o seguinte da segunda Eneida:

*O patria, o Divûm domus Ilium inslyta bello.*

( 22 ) A belleza, e a harmonica disposição deste terceto me parece ter ganhado muito com as mudanças, que nelle pratiquei. O estado, em que elle se acha na Elegia já mencionada, he o seguinte:

*Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis,*

*Que em minha alma excitaes claros intentos,*

*Vós norma me dareis, regras, e Leis.*

A differença he affaz notavel.

( 23 ) Huma das mais excellente Tragedias, que se tem visto na scena, he a de *Mafoma*, assumpto nunca tratado dantes: com razão o Poeta intitoulou este Poema *Fanatismo*; porque alli se vêem parentes as suggestões, com que este monstro comette as suas mais cruéis atrocidades. Que scena, que admiravel scena não he a de *Zopiro*, e o mesmo *Mafoma*! Em fim esta Tragedia tem merecido o applauso de toda a Europa. Foi dedicada ao Papa Benedicto XIV. São na verdade dignas de se lêr as cartas deste grande Pontifice ao author, e as respostas.

( 24 ) He nesta Elegia que pela primeira vez usei do termo *fanatismo*, o qual tem mais extenso significado, do que a voz *superstiçaõ*. Este vocabulo he Francez, está adoprado em todas as Lingoas sábias da Europa, e deve-se usar delie, visto estar fervindo, não só no commum da conversação, mas tambem em escritos, pelo que he geralmente conhecido, e ainda applicado em sentidos figurativos, que enriquecem o Idioma.

( 25 ) He *Zaire* sem contradicção alguma a Tragedia mais insigne em ternura, e sentimento, que se conhece; ella foi feita em contraposição do *Polyucte* de *Cornelio*, a quem infinitamente excede. O Poeta a compoz em dezenove dias, couza que só parece possivel ao grande genio de Mr. de *Voltaire*. Eu não fallarei nas partes essenciaes do Poema Dramatico; porque essas sempre serão observadas por este grande Poeta, como cousa religiosa, e sagrada. O amor neste Poema faz huma parte integrante da acção, e he tratado como deve ser; porque

que a linguagem, de que se serve, he a propria, com que a natureza se explica nas grandes paixões, e todas as vezes que este affecto não for assim tratado, fica a acção sem interesse, fica episodica, e desordenada. A moral, o heroísmo, a philosophia, a elegancia, a mais encantadora harmonia, tudo concorre para Zaire ser tida pelo mais interessante monumento de Poesia Tragica, que não tem exemplo nos antigos, nem nos modernos.

(26) Vendo os invejosos a grandissima reputação, que Mr. de Voltaire hia adquirindo no genero tragico, suscitaraõ Mr. de Crebillon, que havia trinta annos, que não compunha. Tinha este noravel Tragico dado principio muitos annos antes ao seu Catilina, que por satisfazer á pertençaõ dos emulos de Voltaire, acabou, e aperfeiçoou com o intento de mostrar ao publico como se deviaõ compôr Tragedias, e tudo acompanhado de ditos pouco favoraveis ao credito do novo Poeta, que longe de se mostrar aggravado, tratou este mesmo assumpto de baixo do titulo de *Roma salvada*. Oh! quanta admiracão causou este á vista do primeiro Poema! Além do de Crebillon não ser muito bem conduzido, o seu estylo he duro, e secco. A Tragedia de Voltaire sendo nestas partes o contrario, como obra de hum Author, que nunca teve quem nellas o igualasse, he summamente bem conduzida, e nunca o amor da patria se exprimio com maior vehemencia, e sublimidade, do que nesta Tragedia pela bocca de Cicero, cujo character parece impossivel conservar-se melhor, nem com mais vivas côres. O participio *Salvado*, de que usei, além de me tazer feição ao metro, tenho-o por mais proprio, e de mais congruencia grammatical, do que *salvo*, geralmente usado. Este verbo deve ser todo regular, e não anomalo; assim como a ignorancia faz ao verbo *gastar* dando-lhe por participio *gasto*, que se afasta da natureza da conjugação do verbo *gastar*, e se equivoca com o abstracto *gasto*, o que talvez notando o grande Camões, verdadeiro conhecedor da Lingoa, disse n'um dos seus mais bellos Sonetos:

*Depois de tantos dias mal gastados.*

O mesmo se deve entender do verbo *pagar*, cu-

jo

jo participio devendo ser *pagado*, inalteravelmente o vulgo lhe dá *pago*. Estas, e outras anomalias, que se não fundão na razaõ, devem ser emendadas por aquelles, que procuraõ escrever com a mais exacta correccão. *Hum*, e *outro costume*: nesta Tragedia he onde se encontra mais diversidade de costumes, que fazem hum bem agradavel contraste.

(27) He Semiramis huma das Tragedias de Mr. de Voltaire, onde mais se mostra a força do terrivel. A sombra de Nino sahindo da sepultura; o contraste de Ninias, e Assur; a morte deste, e de Semiramis; e outras muitas circumstancias fazem este Poema interessante pela magnificencia do espectáculo, e pela força dos sentimentos, que tudo concorre para alimpar o coração do espectador da furia das paixões, vindo a persuadir-se, que não ha crime, por occulto que seja, que escape á vingança do Ceo.

(28) Depois de Zaire, a Tragedia mais terna, e onde o amor faz parte legitima da acção, he *Tancredo*, e depois desta Adelaide de Guesclin. O assumpto de Tancredo he novo na scena: nelle se mostra a cavallaria andante com toda a dignidade do mais nobre, e magnanimo heroismo, onde o valor, e o desinteresse junto com a humanidade resplendem no mais sublime grão de commoção, e sensibilidade heroica. Neste Poema se apartou o Poeta do commum da rima Franceza.

(29) Nenhuma Tragedia ganhou maior reputação a Mr. de Voltaire entre as Nações Estrangeiras do que a de *Bruto*; porque, não obstante ser ella a que menos applauso teve em França, foi traduzida em todas as Lingoas cultas. Ella he a mais sublime, e heroica de todas as Tragedias Francezas. Que sentimentos! que elegancia! que harmonia! que contraste de affectos! Tudo o que em fim se differ a respeito desta admiravel Tragedia he diminuto.

(30) Este Poema he hum daquelles onde apparece com mais excesso de grandeza a magestade da grande Poesia, que he a que mais attenção deve merecer pelo instructivo, e pelo difficuloso. Nelle se mostra com mais evidencia a riqueza de hum grande engenho na invenção, na locução, e na harmonia.

(31) *Orestes* he huma excellente Tragedia, tem quasi a mes-

a mesma organização, que Semiramis, e assumpto semelhante. Aquelles, que consagrao cega adoração aos antigos, combinem esta Tragedia com a Electra de Sophocles, que he o mesmo argumento, e verao a infinita differença, que ha na do Poeta Grego á do Poeta Francez, na qual a disposição dos incidentes são todos preparados com admiravel artificio. Verao alli a imitação executada com tal bizzaria, e destreza, que merece os creditos de original. Verao a scena da urna a mais admiravel de todas as scenas, a mais filha do Genio.

(32) *Alzira*, Tragedia por todos os lados digna dos maiores applausos, he toda nova, toda nasceu na fantasia do grande Voltaire. Que heroica personagem não he a de Alvares! Que admiravel não he o fim de Gusmão! Os caracteres são absolutamente novos na Scena, e a moral he a mais pura, que se póde dar: e parece-me impossivel poder-se pintar a virtude com mais vivacidade, do que nesta admiravel Tragedia.

(33) Temos em fim chegado á grande, á prodigiosa *Merope*. Na Era de 1745 corria a *Merope* do Sabio Marquez Scipião Maffei com grande fama por toda a Europa: ella he na verdade digna de toda a estimação. Tentou Voltaire traduzilla na Lingoa Franceza, mas diz, que certos discursos não podião quadrar ao gosto Francez, nem ao genio da Lingoa; o certo era, que Mr. de Voltaire não estava satisfeito da Tragedia Italiana. E parecendo-lhe, que aquelle assumpto se poderia tratar com mais dignidade, compoz a *Merope* Franceza, á vista da qual se escureceu grande parte do merecimento da Italiana. Já este assumpto fôra gabado por Aristoteles. He finalmente *Merope* a mais perfeita, e acabada de todas as Tragedias. Desde o principio da acção entra a manifestar-se o interesse com a maior vehemencia, o qual em toda ella persiste sem cessar. Os incidentes vem todos preparados com a maior, e mais natural facilidade. O plano he o mais bem ideado, que já mais se vio. A moral, os costumes, as sentenças, os affectos, os discursos, a elegancia, a metrificacão, a harmonia, tudo está executado com a maior exacção, e tudo concorre para constituir a *Merope* Franceza o prodigio da Scena.

na: Esta peça augmentou tanto a reputação de Mr. de Voltaire, que tentando por varias vezes entrar na Academia Franceza nunca o pôde conseguir; mas tanto que a sua Merope appareceu, espontaneamente foi admittido á quella Sociedade Litteraria na era de 1746. Tenho finalizado as Tragedias do grande Voltaire: tratei sómente de nove; porque se fallasse de todas as que compoz, ficaria este Poema de monstruosa grandeza. Deve-se pois colligir, que Mr. de Voltaire unio em si todas as qualidades, que se achão repartidas pelos melhores Tragicos, e que por isso he reputado pelo maior, e mais perfeito Poeta neste genero.

(34) Aqui principio a tratar da Historia, hum dos talentos, em que mais se assignalou o grande Voltaire. He certo, que para escrever neste genero se requer genio particular. A verdade, que he a luz da Historia, he a primeira, e principal virtude do Historiador, cuja Dialectica deve estar no seu entendimento em tal auge, que nunca deixe vacillar a sua critica na escolha dos factos verdadeiros, e na dos que merecem ser transmittidos á posteridade. Estas qualidades conservaõ a dignidade da Historia, e do Historiador: se Mr. de Voltaire as possuhio, não me convem dizello com asserção positiva: o que direi he, que Sabios da primeira ordem o tem por modelo na Historia, e outros o fazem tão diminuto, que o indicão como o derradeiro de todos os Historiadores. Eu não tenho talentos para decidir em materia tão sublime; mas se me he licito dizer alguma cousa a este respeito, direi primeiramente o que não vejo nelle. Lendo pois as suas Historias com madura attenção, não vejo os prodigios fatuos, as inverosemelhanças, e acontecimentos apocryfos, as faltas de Geografia, que se notaõ em Herodoto, em Tito Livio, em Quinto Curcio, e na maior parte dos Historiadores antigos, e modernos. Não vejo tambem fallas mais eloquentes, que verosimeis, como em Livio: não vejo aquella secura propria da penna de Suetonio, mais inclinada a descrever atrocidades inverosimeis, do que as bellas acções, que illustrão, e honraõ a humanidade. O que se me affigura vêr nas suas Historias he huma narração rapida, e summamente perspicua,

V

a qual,

a qual me apresenta os factos mais dignos de serem transmitidos á posteridade, e nunca se demora em minucias inattendiveis. Vejo os caracteres desenhados com a vivacidade de colorido de Paterculo: vejo a integridade de Tacito, o maior Historiador da antiguidade, e huma philosophia incognita aos Historiadores das outras Nações: reflexões breves, mas instructivas; descripções concisas; força, atticismo, venustidade, elegancia continua são as qualidades preciosas, que me convidão a ler as suas Historias, que me instruem, que me ensinao a pensar, ao mesmo passo que me delectao. Não duvido, que tudo isto seja illusão procedida da minha ignorancia; mas eu estou prompto a abjuralla tanto que a razão me illustrar.

(35) Indica a Historia de Carlos XII. Rei de Suecia: ella foi a primeira que Mr. de Voltarie escreveu, a qual lhe grangeou o nome de Curcio da França; mas elle he tão superior ao Historico Latino, quanto este excede a Eutropio; nem eu sei que haja obra neste genero tão bem escrita não só entre os antigos, mas também entre os modernos.

(36) A Historia de Pedro Grande Imperador da Russia he de igual merecimento; posto que alguns a julguem inferior no estylo; seja como for, ella he muito mais interessante, que a do Heroe Sueco, pela novidade do assumpto, pelo extraordinario dos acontecimentos, e por ser dos nossos tempos. Ora como esta Historia, e a de Luiz XIV. são de tanta instrucção para todos, os cinco tercetos, que se seguem, são como exordio, e estímulo para ler o que se expressa a respeito das mais Historias, que o mesmo Author escreveu.

(37) A palavra *celebridade* poderá parecer demaziadamente culta, mas não he assim; porque além de ser muito usada dos Authores Francezes, vemos que della se servio o Orador Vieira muitas vezes, como se pode ver no Tomo XI. a paginas 341, e 345; e para maior prova transcreverei a seguinte passagem do Tomo III. fol. 124, que só por si vale mais que hum Sermão dos modernos, que tanto desprezao o grande Vieira: » Cen-

» to e dezoito livros temos de Santo Agostinho, excepto

« OS



» os que não chegáram a nós, e quando elle podéra af-  
 » sentar a penna, e consagralla ao templo da Sabedoria  
 » como trofeo de todas as sciencias entre os applausos do  
 » mundo, e *celebridade* da Fama, maior que a de todos  
 » os que escrivêrao, torna a tomar, e apparar de novo  
 » a penna: para que? Para emendar em hum livro to-  
 » dos os seus livros, para se retractar, e desfizer de  
 » muitas cousas, que nelles tinha dito, e para defenganar  
 » com o seu exemplo a todos os que tanto se enganao  
 » com seus escritos.» Que bellissima proza? que artifi-  
 » cio, que harmonia, que cultura, e sobre tudo, que judi-  
 » ciosa critica não resplendece neste admiravel periodo?

(38) *Traças, pintas.* O Genio creador de Pedro Gran-  
 de conheceu-se pelas emprezas, que intentou, e por mui-  
 tas que acabou. Este grande Monarca, para civilizar a sua  
 Nação, vio-se obrigado a emprender as mais extraor-  
 dinarias acções, que feitas quatro, ou cinco Seculos antes  
 passariao por fabulosas. E como a Historia deste Impera-  
 dor anda traduzida em Portuguez escuzo *relatallas.*

(39) Denota a fundação de Petersburgo em hum bai-  
 xo no Golfo de Finlandia. Só o valor, e a constan-  
 cia de Pedro Grande pôde levar ao fim huma obra tão  
 difficil, que ao juizo mais arrojado parecia temeridade,  
 e muito mais depois de terem as tempestades dos inver-  
 nos demolido grande parte das obras executadas com tan-  
 tas fadigas. Foi Petersburgo, ainda mesmo nos dias do seu  
 fundador, huma das maiores praças de Commercio da Eu-  
 ropa, cujo esplendor se tem augmentado de modo, que  
 não só he emporio famoso, mas talvez a mais brilhante,  
 e poderosa Corte do Norte.

(40) Não tinha a Ruffia antes de Pedro Grande hu-  
 ma embarcação de guerra. Elle fez o risco para a pri-  
 meira, que alli construhio, e nella trabalhou aquelle Mo-  
 narca como simples Official com o machado na mão. Em  
 fim tão activo se mostrou, que conseguiu ter huma res-  
 peitavel marinha, que contrapezou, mesmo em seu tem-  
 po, o poder maritimo das Nações do Norte, que de  
 muitos seculos possuhiao armadas.

(41) Todas as Artes nobres, e mechanicas fez este  
 grande Monarca florescer, como he notorio. Fundou Aca-  
 de-

demias , e a de Petersburgo he das mais florecentes da Europa.

(42) Elle fez florecer o Commercio , que antes del- le não existia na Russia , e são taes as vantagens , com que se tem augmentado até ao presente , que as rendas de então eraõ nada combinadas com as de agora.

(43) Que tudo era barbaridade , e ociosidade em toda a immensidade do Império da Russia , quando Pedro Grande se elevou ao throno , he cousa que não padece duvida. Allí não se via genero algum de policia , nem no moral , nem no fysico ; e agora pôde ser modelo a algumas Nações antigas.

(44) Transição para fallar da Historia de Luiz XIV ; esta obra merece o applauso de toda a Europa , e basta o que tenho dito das outras para se colligir o que esta será ; porque depois que Voltaire compoz varias Operas para se representarem nas festas do casamento de Luiz XV , este Monarca , além de o fazer Fidalgo da sua Casa , o creou Chronista da França com hum grande ordenado : ora como os seus antecessores neste cargo nunca escreverão cousa alguma , elle segundo a actividade do seu grande engenho produzio a Historia do seculo de Luiz XIV , e he verosmil , que fizesse , como fez , todo o possivel porque sahisse com a maior perfeição , que imaginar-se podesse. O plano desta historia he o mais vasto ; porque a Scena , em que se representa , he o mundo todo , e os acontecimentos são os mais extraordinarios , e interessantes ao Leitor.

(45) Esbombardeamento de Argel pelas Armadas de Luiz XIV. na Era de 1682 , e 1684.

(46) Luiz XIV. sempre se gloriou de dar amparo a Principes desgraçados , como os de Inglaterra , e outros : e não fôraõ pequenos os adjutorios , que da França recebeu Portugal na longa guerra da Acclamação.

(47) A grande guerra da Alliança pela successão da Hespanha he dos acontecimentos mais notaveis , e interessantes , que se encontraõ nas Historias do mundo. Carlos II. de Hespanha , que morreu sem herdeiros , declarou no seu ultimo Codicillo a Philippe Duque de Anjou , e Nero de Luiz XIV. por herdeiro de todos os seus

Esta:

**Estados.** Entrou logo o Monarca Francez no projecto de dar cumprimento á vontade do Rei defunto : oppoem-se-lhe Carlos Irmao do Imperador de Alemanha , e com elle toda a Europa , e a pezar do esforço das Potencias confederadas contra a França , depois de huma taó longa , e sanguinolenta guerra conseguiu o Grande Luiz XIV. firmar no Throno de Espanha a seu Neto , que em tudo se mostrou digno da mais rica herança do mundo.

(48) Em quatro Epocas se divide a historia do progresso das Letras , na de Alexandre , de Augusto , dos Medicis , ou de Leão X , e na de Luiz XIV. Esta ultima he sem contradicção alguma a mais intensa , e brilhante de todas. No seu tempo , e por seus auspicios se cultivou por tal modo a Lingoa Franceza , que se elevou ao ponto de perfeicção , onde nunca chegou idioma nenhum dos modernos ; porque a sabedoria dos seus Authores , e a elegancia dos seus escritos a fez universal , e necessaria. A penna de Pedro Cornelio , de Racine , de Boileau , de Moliere , de la Fontaine , e outros deu á Poesia Franceza a magestade , interesse , e elegancia em gráo taó superior , que os seus Poetas são lidos com preferencia. O bom senso presidio sempre aos Authores da prosa Franceza , que lhe derao por caracter elegancia , e clareza , qualidades que a constituem modello aos Escritores das outras Nações , que achao naquelle Idioma as obras mais perfeitas em todo o genero , pelo que são lidas em toda a parte onde se cultivaõ as Letras. Tudo isto se deve ás grandes liberalidades , com que Luiz XIV. animou todas as Artes , e Sciencias , cujo influxo felismente se diffundia no animo de quasi todos os Monarcas da Europa , desde o seu tempo até aos nossos dias.

(49) Ninguem fundou mais , e mais solidos estabelecimentos litterarios do que Luiz XIV. Elle não só animava com seus donativos as Letras na França , mas tambem em outra qualquer parte da Europa , onde sabia que estava algum Sabio de conhecido merecimento ; no que foi imirado de alguns Princepes , e com especialidade do grande Frederico , Rei de Prussia , e da Imperatriz da Russia actualmente reinante.

(50) Depois que Luiz XIV. entrou a proteger as Letras, diffundiraõ-se as luzes com tal vigor, que em cincoenta annos fizeraõ mais progressos, que nos dês, ou doze seculos anteriores.

(51) He certo, que hum Monarca não tem caminho mais seguro para alcançar memoria eterna, do que protegendo as Letras, honrando, e premiando os Sabios. Nada se saberia de Alexandre, se a sua liberalidade com os Doutos não fizesse erigir tantos monumentos á sua memoria. Se Octaviano não honrasse tanto as Letras, como honrou em Virgilio, Horacio, Pollio, e outros, certamente a sua memoria passaria aos vindouros com toda a execração, que lhe conciliarão as horrorosas proscricções, com que no principio do seu Imperio se firmou no Throno do mundo. Tudo cede ao tempo, menos as produções do entendimento, que haõ de existir, em quanto durar o Globo.

(52) A Luiz XIV. se deve o terem chegado as Letras, ao ponto de perfeição, a que tem chegado.

(53) Daqui parte outra transição para fallar do bello Poema de Fontenoi, o mais perfeito, que do seu genero se conhece nas Lingoas cultas da Europa. O assumpto desta Poesia taõ bem metrificada, taõ bem pensada, e elegante, he a famosa batalha de Fontenoi, dada no anno de 1744 pelos Francezes contra os Inglezes, e mais Alliados, na presença d'ElRei de França, sendo General do Exercito contrario o Duque de Cumberland, e dos Francezes o Marechal de Saxe. Nesta batalha se obrãõ de parte a parte as mais notaveis gentilezas, e os Francezes fizeraõ prodigios de valor.

(54) Depois de vencida esta memoravel batalha pelos Francezes, resplandeceu no grão mais elevado a grande humanidade de Luiz XV, que andou muitas vezes pelo meio das fileiras fazendo deter a mortandade e depois assistindo, com piedade poucas vezes vista n'um Heroe guerreiro, aos feridos prisioneiros. He tambem, para notar a cortezia, com que os Officiaes Francezes, e Inglezes se tratãõ, logo que se avistãõ, usando do compromisso de não quererem atirar primeiro, politica em que persistiraõ os Francezes, dizendo com galantaria, que

que, pois estavaõ em sua casa, deviaõ ceder a preferencia aos seus hospedes. Todas estas circumstancias mostraõ bem a policia das Nações da Europa, e as luzes do seculo.

(55) Ninguem duvida desta verdade; e a respeito do Bom Gosto na Litteratura nunca se vio quem o possuifse com maior vantagem: tanto o tiveraõ por Oraculo nesta materia, que o grande Frederico Rei de Prussia, homem tambem de notavel engenho para as letras, o denominava *Deos do Gosto*; e o que elle escreveu a este respeito tem a maior de todas as authoridades.

(56) As qualidades moraes de Mr. de Voltaire deftem as calumnias da inveja, que tanto veneno exhalou contra o seu merecimento. He notoria a liberalidade, com que soccorreu varias familias, que se viraõ perseguidas de trabalhos, as quaes amparou, e restabeleceu. Os continuos auxilios, que dava aos necessitados de Ferney, o faziaõ ser considerado por Pai commum.

(57) Naõ houve Sabio contra quem se desatasse com mais furor o impeto da inveja: pode-se formar huma bibliotheca dos livros, que contra Voltaire se escreveraõ; mas como o verdadeiro merecimento sempre existe illeso a pezar dos ataques da maledicencia dos espiritos humildes, que naõ podem chegar aonde se eleva hum grande engenho, a reputaçaõ de Mr. de Voltaire ficou sempre occupando o lugar, que merece, e onde ha de existir em quanto houver memoria de homens no mundo.

(58) Imitaçaõ de Mr. de Voltaire no Canto VII. da Henriquiada.

*Là git la sombre Envie . . . . .*

*Verfant sur des lauriers les poisons de sa bouche.*

Este terceto tambem anda na Elegia á morte do Doutor Saldanha, mas como o sentido destes versos quadrasse melhor a hum fogeito de taõ distincto merecimento como Voltaire; por isso o apropriei a esta Elegia, referendo para outro tempo reformar aquella.

(59) Denota os *Elementos da Filosofia de Newton*, que Mr. de Voltaire compoz, e deu á luz, em tempo que ninguem fallava no grande Filosofo Inglez. Esta foi a primeira obra, que deu a conhecer Newton na Europa, e da

e da qual o mesmo Voltaire constantissimamente se abo-  
nou, em quanto viveu. E segundo o que tenho lido, el-  
la tem mais merecimento do que lhe concedem alguns  
professores, que não poderaõ talvez supportar a univer-  
sidade de conhecimentos no grande Voltaire.

(60) Allude á estatua de marmore, que foi erigida a  
Mr. de Voltaire na grande sala da Academia Franceza,  
a qual he obra do celebre Pigal, o maior Estatuario des-  
te seculo, e reputada geralmente por hum prodigio de  
escultura. Suáraõ as Academias de França, na escolha  
de huma epigrafe, e assentou-se, que a mais convenien-  
te, e gloriosa ao merecimento deste grande Genio era  
a seguinte: *A Voltaire vivo*, a qual foi gravada na par-  
te inferior da mesma estatua.

(61) Vindo Mr. de Voltaire a Pariz no anno de 1778  
foi coroado publicamente no Theatro, honra nunca feita  
a Poeta algum na França.

(62) Neste mesmo tempo a Academia Franceza fez  
sessões extraordinarias em obsequio de Mr. de Voltaire,  
nas quaes lhe decernio honras, e applausos tão glo-  
riosos, quaes nunca em tempo algum se fizeraõ a Socio  
daquelle venerando Corpo de Sabios, os mais illumina-  
dos do Universo.

(63) He certo, que depois do renascimento das Le-  
tras não se encontra Author, que escrevesse com tan-  
ta venustidade, pureza, e elegancia, como Mr. de Vol-  
taire, cujo estylo verdadeiramente encantador faz lêr com  
o maior gosto, não só as obras, em que elle poz o seu  
esforço, mas ainda as suas mais ligeiras bagatellas.

(64) Este he o fim principal, que me obrigou a esta  
composição, e parece, que o deveria ser de todo o escrito  
do genero demonstrativo.

(65) As proposições, que vão incluidas nos tercetos,  
que se seguem, julgo, que vão acompanhadas das modifi-  
cações necessarias para conservar a modestia do Author.

(66) *Cento, e cem vezes*, he elegancia pouco co-  
nhecida no nosso Idioma, a qual além de ser mui pura,  
he harmonica, e expressiva, e ajuda a variar o estylo, po-  
dendo-se evitar dizer, *mil, e mil vezes*, formula muito  
usada dos nossos Escriitores.

(67)

(67) Quem duvida, que o grande Voltaire unio em si qualidades, cada huma das quaes distinguiraõ tantos Escriptores? Seria prolixidade especificar as virtudes litterarias deste grande genio, se não fossem por si taõ visiveis, e notorias, que até os ignorantes se persuadem dellas pelo que sentem no seu espirito, quando lem alguma das suas obras, ainda mesmo em traducção, e muitas vezes má traducção. *Sem mancha ou fezes*, este modo de expressar não he alheio do nosso Idioma, cujos Classicos costumão commummente empregar o termo *fezes*, que carece de singular, em sentido figurado, o qual he deste modo muito expressivo, e decente. O Orador Vieira no tomo XII. pag. 347 diz: *A innocencia do sangue de Christo misturado pelas fezes do peccado &c.*, e mais adiante . . . *porém ficáraõ as fezes de fóra.*

(68) Indica o bello Elogio dos Officiaes, que morrêraõ na guerra de 1742, peça digna da maior estimação, considerada por Mr. Thomaz, e por todo o homem de gosto, modello o mais perfeito no genero laudatorio. Eu não vejo nos Panegyristas antigos cousa, que mais me contente. Isocrates tem poucas idéas: Plinio he muitas vezes excessivo, e por isso servidor da lisonja; a sua philosophia não me instrue, nem me interessa; o seu estylo parece-me secco, e diffuso. Pelo contrario Mr. de Voltaire he riquissimo de idéas, que sempre são annunciadas com elevação propria de hum espirito defarado de toda a baixeza, e lisonja. Ensina-me a pensar, instrue-me, deleita-me com a facilidade da sua locução, sempre nova, sempre viva, e sempre elegante. Em lugar de *rasgos de Cicero*, pudera dizer *rasgos de Plinio*, e parece, que teria mais propriedade, por ser Plinio Author positivo de hum célebre Panegyrico da antiguidade; mas prefiro o primeiro, porque além de Cicero ter composto muitos troços das suas Orações neste genero, he Orador de esfera infinitamente acima da de Plinio, cujo gosto no estylo não tem parallelo com Cicero, sempre grande, sempre filosofico, sempre abundante de idéas, sempre admiravel na locução.

(69) Falla-se da bella Ode de Voltaire aos Philosophos Francezes, que fóraõ ao Circulo polar, e á grande Cordilhei-

dilheira na America Meridional determinar a figura da Terra. Os principaes desta expedição tão gloriosa á França; e ás luzes da Europa fóraõ M<sup>rs.</sup> de Maupertuis, e de la Condamine (\*); este escreveu a viagem, que fez pelo Rio das Amazonas abaixo, vindo da Cordilheira, obra digna daquelle filosofo, e deste seculo. Eu não posso julgar do mechanismo metrico da Lyrica Franceza, cujas leis só podem ser conhecidas pelos Nacionaes, que nisso fizeraõ estudo especial: dizem geralmente os Francezes, que João Baptista Rousseau he o Principe dos Poetas Lyricos da França; isso não obstante tendo eu lido todas as obras deste grande Lyrico com alguma attenção, nunca achei nellas huma Ode, que tanto como esta me contentasse. Eu não sei se isto em mim he superstição; mas o certo he, que creio firmemente, que este Poema he digno de toda a consideração pela invenção, pela locução a mais sublime, e harmonica, e pelas idéas, nunca expressadas talvez pelos antigos Lyricos, nem pelos modernos: de sorte, que apparece alli hum systema de idéas todo novo no genero Lyrico, e por consequencia huma nova lingoagem toda decente, bella, e encantadora.

(70) Segue-se outra transição para tratar da Comedia; em que Mr. de Voltaire foi assaz insigne, principalmente na do genero medio. O fim da Comedia he alimpar o espirito humano dos máos hábitos, e aperfeiçoar o moral do homem; o meio de que se serve he o mais suave, e artificioso, metendo a ridiculo os festros, que desfiguraõ a dignidade do ente racional. Este systema he tirado do fundo da natureza. Huma admoestação séria, por mais eloquente que seja, nunca fará o fructo, que faz a boa Comedia, escarnecendo com arte os defeitos dos homens. Toda a pessoa tem amor proprio; por isso logo que hum sujeito vê os seus defeitos escarnecidos na scena, movendo a riso o auditorio, que nisso dá huma especie de approvação ao ridiculo, de que o Author os

---

(\*) O Author não devêra ter esquecido o nome de Mr. Clairaut, cujo merecimento, como Geometra, foi muito superior ao dos dois, que nomeia.



reveste, entra em si; conhece a sua illusão, e a razão, com que seus vícios são censurados; faz por se despir delles; e se não tem forças para o fazer, ou os modifica, ou os occulta de maneira, que nisso mesmo lucra a Sociedade bem morigerada. A Comedia do genero medio, ou mixto, he a mais heroica, e quanto a mim mais instructiva; porque ao mesmo passo, que nos expoem o vicio, nos consola com o triumpho da virtude. Mr. de Voltaire foi nesta parte tão insigne, que ninguém lê huma das suas Comedias, que á primeira, ou segunda pagina se não sinta poderosamente possuido da maior inclinação pela virtude, assim como da indignação mais severa contra a suggestão dos vícios.

(71) A Comedia do *Filho Prodigio* he admiravel: ninguém a lê, que não sinta a mais doce commoção. A leitura, e a representação desta Comedia seriaõ da primeira necessidade em Portugal, onde a falta de educação faz o commum dos Pais tão duros, e rigorosos, que mais parecem revestidos de crueldade Gorbica contra os defeitos dos Filhos, a quem mil vezes o esquecimento dos Pais em os educar faz cahir em absurdos. Ella he muito bem inventada, e os affectos são excitados com tanto artificio, que parece não se poder mais esperar em semelhante materia. Oh quão amavel Pai de familias o Pai do Prodigio! Delle deviaõ aprender todos os Pais não só a perdoar os defeitos de seus Filhos, mas tambem a despir-se do barbaro, e iniquissimo procedimento, que muitas vezes tem com Filhos cheios do mais distincto merecimento, sacrificando-os por meio de suggestões dolosas á avareza sordida, e malvada de outros Filhos, em quem por hum amor mal entendido, ou, por melhor dizer, diabolica cegueira, perdendem fundar a existencia das suas casas; como se as virtudes, e os talentos não fossem a verdadeira riqueza, e a que só pôde perpetuar a memoria do ente racional.

(72) Que bellissimo contraste o deste Irmaõ avaro, e cruel, com o character brando, e pacifico do prodigo! Estas duas personagens são defeituosas; mas as faltas de hum movem-nos a piedade, as do outro a indignação: as do prodigo são involuntarias, e por isso dignas de indul-

gencia : as do Irmão são reflectidas , são abraçadas por vontade , por isso incapazes de emenda , e indignas de desculpa.

(73) *A Escoceza* he huma bella Comedia em proza. A propria Escoceza he hum epilogo de virtudes. A Sce-na he hum quarto de huma estalagem. Que caracter o do Estalajadeiro ! Mas Frelon he caracter nunca visto na scena. Mr. de Voltaire achando-se muito escandalizado das investivas de hum Ex-Jesuita por nome Mr. Freron , Author de varios livros , com pouca differença no nome o introduzio netta Comedia , fazendo o mais odioso papel , qual o de fabricador de satyras , e libellos infamatorios , que para divertimento dos ociosos costumão ter algumas estalagens , ou cafés em França , e principalmente em Hollanda , onde a liberdade do prelo permite esta qualidade de gente tão pernicioso às Letras , e á Sociedade. Não se pôde pintar hum energumeno destes com côres mais odiosas , e dereestaveis do que empregou este grande Poeta para exprimir a perversidade de Frelon : exemplo notavel para que ninguem offenda os homens de engenho , que muitas vezes com hum rasgo de penna se podem vingar de forte , que os golpes da sua vingança imprimaõ eterna infamia na reputaçãõ do aggressor.

(74) Quasi sempre o furor da calumnia se defenfreia contra o merecimento , que quando nos espiritos nobres excita admiraçãõ , nas almas fracas infunde rancor , e odio.

(75) Somos chegados a Nanina , a melhor , e mais perfeita Comedia , do genero medio. Eu não fallarei da elegancia , nem da metrificaçãõ , qualidades a que nunca faltou a grande penna de Voltaire. O caracter de Nanina , admiravel resumo de virtudes , he todo prodigioso ; elle sobresahe ainda mais com o contraste da Baroneza , caracter soberbo , e impetuoso , optimamente defenhado. O Pai de Nanina he bem original , e traçado com verdade , e elegancia.

(76) Tudo isto he fundado em lançe bem preparado da dita Comedia , na qual por ordem da Baroneza , de quem Nanina era creçada , he por motivo de ciume expulsa da casa ,

cafa , mas volta por diligencia do Conde, verdadeiro senhor della , que estava preparando-se para casar com Nanina. Que Filosofia a do Fidalgo tão cheia de humanidade , e moderação ! Que admiravel ! Que pathetico não he tudo quanto se segue !

(77) Neste lugar começa outra transição para fallar do bello , e precioso Commentario , que Mr. de Voltaire fez ás Obras de Pedro Cornelio , creador da Tragedia Franzeza , o qual fez para dar em dote á Neta deste sublime Tragico. Este Commentario he o mais perfeito , que se conhece. Todos os Commentadores são idolatras dos Authores , que commentão ; todos lhes fazem dizer o que nunca lhes veio ao pensamento ; todos glozão como Grammaticos fervis , e não como homens de Gosto , como fez Mr. de Voltaire. A leitura desta obra he summamente agradável pela immensidade de luzes , pelas lições de Gosto , que em escrito nenhum se encontraõ como allí ; pelas reflexões moraes , e politicas ; pela sagacidade , com que explica os mysterios da Arte , que só podem ser verdadeiramente analysados , e annunciados pelo genio ; pela sabedoria , com que ajuiza do merecimento de cada belleza notavel ; e em fim pelo discernimento filosofico , com que peza as decencias tragicas das personagens interessantes , e com que louva o que acha digno de louvor , e condemna o que merece censura. Eu posso assegurar , que a simples leitura deste precioso Commentario pôde dar a instrucção mais cabal em materia de Bellas Letras ; e tambem posso affirmar sem incorrer na nota de exaggerador , que a esta obra se pôde dar o titulo de *Breviario de homens de Gosto* , com muita mais razão do que o mesmo Voltaire o deu ás reflexões criticas sobre a Pintura , e Poesia do Abbade Du-Bos. Digamos por derradeiro , que o Genio Commentado pelo Genio he hum dos maiores acontecimentos , de que se deve abonar a historia do espirito humano.

(78) Mr. d'Alembert , Secretario perpetuo da Academia Franzeza , Sabio de tão avultado merecimento , que era tido por Oraculo nas Sciencias , foi sempre da mais intima amizade de Mr. de Voltaire , e quem lhe assistio até ao derradeiro momento da vida. Este grande ho-  
mem

mem foi quem concorreu para se lhe levantar a Estátua; que se collocou na Sala da Academia Franceza: escreveu delle com toda a sublimidade, e só as suas luzes, e a sua eloquencia poderiaõ contribuir para fallar dignamente do grande Voltaire, cujo Elogio (\*) elle pronunçiou em plena Academia.

(\*) Perfuado-me, que o Author se engana, quando affirma, que Mr. d'Alembert pronunçiará na Academia Franceza o Elogio de Voltaire. He certo, que esta Sociedade lhe fez depois da sua morte honras extraordinarias, e até entãõ ainda não tributadas a outro algum Socio defuncto; porém não me consta, que entre estas se comprehendesse o seu Elogio. A mesma Academia o propoz ao publico para assumpto do premio de Poesia do anno de 1777, proposição que lhe foi lembrada por Mr. d'Alembert, e aceita por unanime aclamação de todos os outros Socios, que se achavaõ presentes. D'Alembert, por honrar a memoria do seu illustre amigo, addicionou ao premio da Sociedade o valor de seiscentas libras, ou noventa e seis mil réis da nossa moeda Portugueza. Elle offereceu áquella respeitavel Corporação, para ser collocado na Sala das suas Sessões, hum excellente busto de Mr. de Voltaire. Solicitou, e obteve do Grande Frederico de Prussia, que fizesse celebrar com a mais pomposa solemnidade as Exequias d'este grande Escritor na Igreja Catholica de Berlin. E na Sessão publica da Academia Franceza de 25 de Agosto de 1778, dia em que pela primeira vez appareceu na sua Salla o busto de Voltaire, recitou o Elogio de Crebillon, que anda impresso na sua Historia dos Membros da Academia Franceza mortos depois do anno de 1700 até 1771, e no qual por diversas vezes falla do illustre rival, e vencedor de Crebillon, fazendo justiça ao mericimento de ambos, o que he o mesmo que dizer, fazendo propender a balança para o lado do Poeta Filosofo. Tenho tambem noticia, que d'Alembert no dia, em que o successor de Voltaire foi recebido na Academia, pronunçiará hum pequeno Discurso, em que involvêra com arte alguns louvores bem merecidos de hum confocio, cuja perda era tão difficil de reparar. Talvez, que o nosso Author noticioso da existencia d'este Discurso o reputasse pelo Elogio Academico de Voltaire. Talvez que hum tal Elogio realmente exista; mas além de não ser o ufo da Academia Franceza elogiar os seus Socios defunctos immediatamente á sua morte, parece-me por extremo inverosimil, que d'Alembert na longa correspondencia, que teve com Frederico II. de Prussia, e em que Voltaire foi o assumpto de muitas Cartas, deixasse de dar-lhe a minima noticia d'este Elogio, se elle existisse. Tambem me não parece menos inverosimil, que Condorcet amigo intimo de d'Alembert, e de Voltaire, e crevendo a vida d'este ultimo, omitisse hum factõ igualmente honroso para a memoria de ambos os seus amigos.

tugue-

Este acabamento não he muito vulgar na Poesia Portuguesa , creio que a repetição dá novidade , força , e graça ao estylo.

Se este Poema fosse tratado por pessoa mais habil ; poderia interessar no geral , e no particular ; no geral a todos os que amaõ as Letras , e por consequência os Sabios , no particular aos que se achão instruidos na Historia das produções litterarias deste grande Genio. Este interesse devia certamente ser sustentado com elegancia continua por huma serie de idéas filosoficas , todas deduzidas pela mais exacta Dialectica , conforme o methodo de que sempre usou o grande Sabio que celebrou : para se executar este tão difficuloso assumpto , pelo modo que digo , seria necessario possuir em grão eminente a Lingoa , todos os segredos da Arte , e do mechanismo Metrico : se eu fosse tão feliz , que ao engenho pudesse unir estes tão estimaveis requesitos , fizera hum Poema digno do grande Voltaire , hum Poema , que satisfizesse a minha consciencia , hum Poema , que fosse gloria da Lingoa Portugueza , e do seculo em que vivemos.

---

## E L E G I A XI.

QUEM fôr dotado de felice engenho,  
 Com profundo saber polido, e ornado,  
 Não tema as ondas : lance ao mar seu lenho.

Procure descobrir afoito, e ousado  
 Novos climas, e novos horizontes :  
 Sirva de guia aos seus : será louvado.

De seus escritos brotem novas fontes  
 De Sciencia, e Doutrina, com que cresçaõ  
 Do Pindo as flores nos mais seccos montes.

Faça com que os estranhos reconheçaõ,  
 Que as Artes não saõ delles mais prezadas,  
 Nem que entre elles mais se honrem, mais floreaçaõ.

Não tema as vozes, não, desconcertadas  
 De malélicos Zoilos ignorantes :  
 Não receie tormentas indignadas.

Em si conceba estímulos prestantes,  
 Com que ao Ceo se levante, e á Naçaõ sua  
 Astro seja entre os Astros radiantes.

Que se attende á verdade pura, e núa,  
 Com taes obrigações Deos dá o engenho : (1)  
 Quem não as cumpre, he digno que s'argua.

Forme com arte, e estudo o seu desenho :  
 Pula, e torne a pulir estylo, e frase :  
 E em seguir a razaõ mostre alto empenho.  
 Hum

Hum nobre enthusiasmo o accenda, e abraze:  
 E ensinar deleitando, em prosa, ou rima  
 Seja dos seus escritos firme baze.

E se pertende ter eterna estima,  
 Oh! não poupe trabalho; emende, e córte,  
 Ponha em uso com arte estudo, e lima.

Honre a materna Lingoa: aos seus exhorte  
 A serem nella claros, e famosos,  
 Izentos do rigor das leis da morte.

Por esta via aos Astros luminosos  
 Subio Camões, Homero, Maro, e Tasso  
 Cobertos de louvores gloriosos.

Componha com socego: e passo, e passo  
 Invente, peze, e ordene com acerto;  
 Que em tudo deve haver regra, e compasso.

Naõ se en'leve em engenho audaz, e esperto,  
 Que sobre hum pé mil versos faz; que o munto  
 Feito á pressa só pare desconcerto.

A's suas forças tome igual assumpto:  
 E a mais severa critica consulte,  
 Se quer que eterno seja o seu transumpto. (2)

Isto figa; que eu fico, que se avulte  
 Sua reputação, seu nome, e fama,  
 E por mais que ande o tempo naõ se occulte.

Os antigos, que o mundo tanto aclama,  
 Gregos, Latinos, noite, e dia estude;  
 Se ser perfeito em tudo estima, e ama.

Y

D'ef-

D'esses só se aproveite, só se ajude;  
 Nelles mais derramei com larga enchente  
 Da Poesia a magica virtude.

Seja em formar estylo diligente,  
 E nisso empregue mais o seu cuidado,  
 Puro, culto, suave, e mui corrente.

Hum bom estylo he balsamo sagrado,  
 Com que qualquer Escrito eterno fica,  
 Da corrupçaõ do tempo preservado.

Por isso tú ás Graças sacrificas  
 Ao primeiro raiar da bella Aurora,  
 Altares lhes levanta, e lhes dedica.

Puras victimas sejaõ dons de Flora,  
 Vestmelhas rofas, alvas açucenas:  
 Com prece humilde seu favor implora.

Confagra-lhe as primicias mais amenas  
 Dos doces favos, e hortos deleitosos,  
 Por onde as agoas manaõ mui serenas.

As douradas maçans, e os saborosos  
 Camoezes, que a Arabia em cheiro igualaõ,  
 C'os rubicundos cachos pampinosos.

A's Graças devem tudo os que bem fallaõ;  
 E os que com Gosto, e engenho nunca escrevem,  
 Oh muito lhes devemos se se calaõ!

Mas estes por desgraça a mais se atrevem,  
 Cheios de temeraria confiança  
 A mim, e ás proprias Musas leis prescrevem.  
 Mas



Mas o tempo, que foge, e não descança,  
 Seus nomes cubrirá de esquecimento,  
 Dando-me delles aspera vingança.

Se tens de bem cantar illustre intento,  
 O estylo te dará tintas, e côres  
 Proprias para exprimir teu pensamento.

Da marchetada Aurora as roxas flores  
 Poderás retratar taõ vivamente,  
 Que se vejaõ luzir seus resplendores.

Imite o bom Poeta fabiamemte  
 Nos seus quadros a bella natureza  
 Com frase da do vulgo differente.

Este seja o seu norte, e a sua empreza:  
 Nunca della se aparte; em tal preceito  
 Deve fundar sua maior firmeza.

Agora imprime bem no teu conceito  
 O que por fim aconselhar-te quero,  
 De que podes tirar largo proveito.

Nunca os vicios celébres: forte, e austero;  
 Não profanes o dom divino, e raro:  
 Contra a lifonja mostra-te severo.

Çanta as boas acções, serás preclaro:  
 Fuje á satyra infame, que applaudida  
 Nunca será, senaõ do vulgo ignaro.

Ufa antes da faceta, e commedida:  
 Nunca percas de vista o Venusino,  
 Que della te dará norma, e medida.

D'esta arte Apollo Delfico Divino  
Na Divina Sciencia me influia,  
Para a qual me inclinou o meu destino.

Quando com voz horrenda o ar bramia ;  
E era a negra Inveja acceza em ira,  
Que ouvir o doce Canto me impedia.

Mas a pezar de quanto ella conspira,  
Nunca fará, oh Numen Sacrosanto ;  
Que eu deixe de imitar na curva Lyra  
Os preceitos do teu Divino Canto.



## NOTAS.

(1) Veja-se o que a este respeito diz Mr. d'Alambert no tomo IV. da Miscelanea em os Elementos da Filosofia, pag. 124 da Edicção de 1773.

(2) Transumpto significa pintura, cópia, ou traslado. Traz a sua derivação de *transumptum*, participio do Verbo Latino *transumo*, que significa tirar de outro, ou trasladar. Foi termo inventado por Jorge Ferreira, o qual usou d'elle no fim do Prologo da Comedia *Aulegrafia*. Camões na Estança 77. do Canto VII. da Lusíada tambem disse:

*Os olhos põe no bellico transumpto :*

e a mesma significação lhe dá o seu Commentador Faria dizendo: » Nobilissimo dizer: llamado traslado guerrero, » cópia militar a los retratos &c. » donde se vê, que não errei; porque como em todo o Poema deve haver imitação, logo transumpto he imitação, ou quadro onde se imita. Além do que o termo transumpto he usado pelos bons engenhos de toda a Hespanha. George de Montemaior na parafrase do Salmo *Super flumina Babylonis*, diz assim:

*Qual quiera en su concepto ve un trasunto,  
Daquella alta Syon tan celebrada.*

Naõ só usaraõ deste termo no nosso Idioma no verso; mas tambem na prosa, como se vê em Jorge Ferreira no fim do mencionado Prologo, dizendo: » Que tudo o » que estes Ministros meus dizem, he hum decorado » transumpto, do que commummente se diz. »

## ELEGIA XII.

N A P A I X A Õ

DE JESUS CRISTO , FILHO DE DEOS.

**M**USA, que por ganhar illustre fama  
 Hora entoas a tuba sonora,  
 Que as heroicas acções no mundo acclama.

Hora com triste accento, e voz chorosa  
 Frequentas as funereas sepulturas,  
 Cheia de dor acerba, e lastimosa.

Sabe, que n'alma tens manchas impuras,  
 Que os delirios da cega mocidade (1)  
 Te fulminaõ com dores, e amarguras.

A memoria da dura iniquidade,  
 Que em Christo fez o povo iniquo, e fero,  
 Mova-te a triste pranto, e a piedade.

Segura taboa, em que salvar-me espero  
 Do naufragio fatal da dura morte,  
 E de feu cruel impeto severo.

Tú Santo de Syaõ, Deos bom, Deos forte, (2) (3)  
 Vaso immenso de dons puros, e Santos, (4)  
 Dos tristes Filhos d'Eva amparo, e norte. (5)

A ti meus ais consagro, a ti meus cantos,  
 Oh Deos de meus Avós, a ti dirijo  
 Meus soluços, e lagrimas, meus prantos.

Naõ

Naõ sinto na minha alma regozijo :  
Sepultado nas trevas da tristeza (6)  
De dor , de intensa dor me movo , e affijo.

Onde , onde com taõ aspera crueza , (7)  
Onde , oh duros ministros da maldade ,  
Levais o Summo Author da natureza ?

Parai peitos crueis , sem piedade :  
Feros , olhai primeiro o que fazeis :  
Naõ commettais taõ dura iniquidade.

O Filho de Deos alto , o Rei dos Reis ; (8)  
Quem de nada formou o Ceo , e a terra ;  
Quem poz á natureza firmes Leis.

Esse he a quem fazeis iniqua guerra ,  
Cordeiro de Deos vivo , que o peccado (9) (10)  
D'entre os homens benefico desterra.

Naõ vedes como vai taõ encurvado  
Com o pezo da Cruz ? Já naõ lhe basta  
Ser de vós cruelmente flagellado ? (11)

Quem dos corações vossos tanto afasta  
Da piedade os vivos sentimentos ,  
Que a compaixã em vós de todo gasta ?

Homens sois vós de duros pensamentos :  
Homens naõ já , mas sim monstros insanos ,  
Só de sangue nutridos , e sedentos.

Que maleficios asperos , que damnos  
Vos fez esse homem Deos, Santo dos Santos, (12)  
Intolerantes , barbaros , tyrannos ?

A'

A' vista de tormentos taes , e tantos ;  
 A' vista de taõ duras crueldades ,  
 Como me naõ desfaço em tristes prantos ?

Oh feras , e iniquissimas maldades !  
 Oh dos homens perversa condiçaõ ,  
 Que os move a taõ crueis impiedades !

Com tal crueza , e tanta ingratitude  
 Os homens pagaõ fervidos , e duros  
 A quem do Ceo lhes trouxe a Salvaçaõ.

Com prizões asperissimas seguros ,  
 E com vivos flagellos macerados  
 Ví seus membros Santissimos , e puros.

Ouvindo agora ultrajos infamados ;  
 Opprimido c'o pezo da Cruz Santa ,  
 Cercado de acerbissimos cuidados ;

A força corporal se lhe quebranta ,  
 Em terra cahe aquelle , oh crueldade !  
 De quem o Ceo a gloria narra , e canta. (13)

Homem que passas , tú tem piedade  
 Do Sacrosanto Filho de Maria ,  
 Deos de immensa grandeza , e de bondade.

Ah ! Nesta cruelissima agonia  
 Ajuda-lhe a levar a Cruz pezada ,  
 Que inda ha de fer dos homens norte , e guia.

Já sóbe ao monte , aonde consummada  
 A grande obra ferá da Redempçaõ  
 Do Mundo , e a culpa antiga aniquilada.

Já

- Já com cruel , e aspera tenção  
No Santo Abel do novo Testamento (14)  
Daõ a crua Sentença á execuçaõ.
- Já ouço o som confuso , e violento  
Dos rigidos martellos: ferreos cravos (15)  
Pés , e mãos lhe traspassaõ , oh tormento ! (16)
- Homens de paixões cegas vís escravos ,  
O innocente Cordeiro devorais  
Como Leões famelicos , e bravos.
- Já no Lenho da Cruz o levantai  
Ao rouco som de vozes espantosas ,  
E o Sacrosanto Lado lhe encravais.
- Oh gentes cruas , fervidas , e irosas  
Em mim , em mim taõ feras crueldades (17)  
Fazei com mãos crueis , e sanguinosas !
- Que por minhas horriferas maldades  
Ha longo tempo tenho merecido  
Penas de inda mais duras qualidades.
- O conselho dos máos tenho seguido , (18)  
De tantos beneficios naõ lembrado ,  
Com que me tens , Deos meu , favorecido.
- Eu me tenho mil vezes collocado ,  
Cheio do fumo vaõ de impia jactancia , (19)  
Na Cadeira da peste do peccado. (20)
- Desde a mais tenra , e pueril infancia  
Fiz deposito infame na minha alma  
De furor , de soberba , e de arrogancia.
- Z
- Naõ

Naõ curei de ganhar illustre palma  
 Vencendo os vicios, que para os seguir  
 Nunca temi rigor de frio, ou calma.

Como reprobó máo me deixei ir  
 Pela via dos cegos peccadores, (21)  
 Sem nunca a ti, Senhor, querer subir.

Lançaõ-me, ai de mim! os meus furores  
 No lago da confusa perdição, (22)  
 Onde entaõ me nutri de pranto, e dores.

Ergui no interior do coração  
 Abominoso templo, ara infamada  
 Do vil peccado á torpe adoração.

Devendo eu ser qual arvore plantada (23)  
 Ao longo d'agoa amena, e deleirosa,  
 De pomos salutiferos ornada. (24)

Fui tronco posto em hora desditosa,  
 De sombra infesta, inhospita aos humanos,  
 De ave infaulta morada tenebrosa.

Dei-me a cantares torpes, e profanos,  
 E ao som das Babylonicas correntes  
 Os vicios celebrei d'alma tyrannos:

Mas ai de mim, que horror! oh Ceos clementes!  
 Treme a terra, o ar brama, e se escurece  
 O Sol com grande espanto ao mundo, e ás gentes!

Já o vital espirito fallece (25)  
 Ao Justo de Israel, que ao Padre Eterno (26)  
 Pelas culpas dos homens se offerece.

No



No mais interior do seio interno (27)  
 Chorou por ti a vasta Natureza,  
 E todo o Côro Angelico superno.

Oh Luz do mundo, oh Gloria, oh Summa Alteza! (28)  
 Do Throno de Deos Padre Omnipotente,  
 Por nós desceste á humillima baixeza! (29)

Bendito seja Deos Alto, e Clemente, (30)  
 Que ao povo seu mandou a redempçaõ;  
 E o libertou da culpa grave, e urgente.

Que sobre a torre excelsa de Syaõ, (31)  
 Na Santa Casa de David Rei Santo  
 Erigio o signal da Salvaçaõ.

Como nos prometteu no sacro canto (32)  
 Dos Santos seus Profetas, que passáraõ;  
 Porque nos consolasse em nosso pranto;

Que dos que contra nós mais exhaláraõ  
 O veneno mortal de odio inflammado,  
 E ruina total nos procuráraõ;

Viria o nosso bem mais desejado,  
 Que os espiritos nossos alimpasse  
 Da negra enfermidade do peccado.

Porque de piedade em fim usasse  
 Com as almas dos nossos Pais, e Avós,  
 E do abismo da morte as libertasse.

Das promessas lembrado, de que a nós  
 Se daria em essencia, e da crueza  
 Nos livrou do inimigo horrendo, e atroz.

Para que o nós sirvamos com pureza;  
 E em nossos dias todos procedamos  
 Com verdade, e rectissima inteireza.

Em nossas afficções nós te invocamos, (33)  
 Santissimo Holocausto consagrado (34)  
 A Deos Padre, que humildes adoramos. (35)

Tu Profeta do Altissimo chamado  
 Serás em todo o mundo eternamente,  
 Do feio de Deos puro a nós mandado.

Tu mostraste o caminho á humana gente,  
 Por onde ha de ir livre de culpa infanda  
 Ante a face de Deos Omnipotente. (36)

Enfinaste a Sciencia veneranda  
 De ir ás Santas Moradas gloriosas,  
 Sem nodoa n'alma, ou macula nefanda. (37)

Aos que jazem nas sombras tenebrosas  
 Da morte illuminaste, e nos puzeste  
 Da santa paz nas vias luminosas.

Mas ai de mim, que da vizaõ Celeste (38)  
 Sendo a minha alma enferma visitada,  
 Naõ defato as prisões de amor terrestre! (39)

Luz efficaz de contricção sagrada,  
 Em taõ confusa, e horrivel tempestade  
 Alumia minh'alma cega, e errada.

Tem de mim compaixaõ, Deos de bondade: (40)  
 Apaga a culpa má, que em mim se aggrava,  
 Que he grande a tua immensa piedade.

Lar-

Largamente , Senhor , me purga , e lava (41)  
Da minha iniquidade , e vil peccado ,  
Qu' alma me contamina , e me deprava. (42)

Conheço , onde me tem precipitado  
O meu delicto máo ; que enfurecido  
Sempre contra mim vejo conspirado.

Fui no feio da culpa concebido ,  
E em mil iniquidades , e torpezas  
Andou meu coração sempre envolvido.

As Sciencias , que tu , Senhor , mais prézas ,  
Manifestate a mim , com que cantei  
Teu nome não , mas mundanaes emprezas. (43)

Manda sobre a minh'alma , oh Summo Rei , (44)  
O fanto orvalho da Celeste Graça , (45)  
E mais que branca neve alvo ferei. (46)

Das culpas donde vem minha desgraça  
Vossa face arredai : fazei que em pranto  
O meu coração duro se desfaça. (47)

Lavai-me as manchas do terreno manto : (48)  
Entoarei , Senhor , vossos louvores  
Com puro espirito em devoto canto.

Enfinarei os cegos peccadores  
A honrar vosso nome , já despidos  
De seus impios delirios , e furores.

De inimigos livrai-me enfurecidos ,  
Deos , Deos da minha bemaventurança  
Salvai-me de seus golpes infoffridos.

Oh

Oh Gloria de Syaõ , minha esperança ,  
 Naõ desprezeis hum coraçãõ contrito ,  
 Que em vós , Senhor , repoufa , em vós defcança .

Meu rogo ardente ouvi , que a voz em grito ( 49 )  
 Cá deste escuro abifmo de tristeza ( 50 )  
 Ao voſſo Throno envia , alto , infinito

Formai em mim hum templo de pureza , ( 51 )  
 Onde oblações , onde holocaustos ſantos ( 52 )  
 Recebereis , Deos bom , de alta grandeza :

Onde depois de penitentes prantos ,  
 E puros ſacrificios de acções juſtas ,  
 Levem o voſſo Nome eternos cantos  
 Do pólo frio ás regiões adultas .



## NOTAS.

**E**m satisfação de huma promessa compuz este Poema, para a organização do qual devêra eu mais empenhar a riqueza daquella Sciencia, que costuma communicar ao espirito a mais viva contrição, e o exercicio das virtudes, do que aquella, que nasce da vaidade do assumpto, que per si só se faz interessante a todo o Catholico, e he capaz de todas as graças da mais sublime Poesia. Este terá talvez o motivo, por que mui raramente se vê tratada esta materia com a grandeza, e dignidade, que merece; por isso mesmo que requer forças maiores, e muita lição das Escrituras, onde se deve beber o verdadeiro estylo, com que convem tratar o mais augusto, e santo de todos os assumptos. Mas como pôde o entendimento distrahido, e arrastrado da força de mundanas paixões elevar-se a tanta alteza, por mais que se considere cheio de sciencia, e de conhecimento da Lingoa, por estudo, e uso de escrever? Como pôde a pobreza do meu ingenho celebrar dignamente o complemento da obra da Redempção, sendo elle tão pouco ajudado de sciencia, e socego conducente para a perfeição de hum Poema, cuja materia não pôde nelle ter a liberdade de ser ornada de episodios, e nos estreitos limites, em que se acha circumscripta, todo o pensamento, toda a expressão ha de respirar Christandade, e devoção? Muitos Varões abalizados em Virtude, e ingenho tratáráo este assumpto; mas nem todos compozéáo com a facilidade, que promettiaõ as suas virtudes, e os seus talentos, tendo esses mesmos tratado outros assumptos com grande applauso. Farei hum breve discurso dos que tem vindo á minha noticia depois da restauração das Letras: desculpem-me se não fizer menção de alguns escritos relativos a este assumpto de maior merecimento, que a penuria de livros, e o pouco, ou nenhum socego da vida, em que me acho, não me permite maior erudição.

O famoso Marco Jeronymo Vida, Bispo de Alba compoz na Lingoa Latina huma Elegia á Paixão de Christo, a qual, posto que tenha alguns rasgos de boa Poesia,

fia, com tudo em razão da pouca gravidade dos pensamentos, que seu Author nella empregou, he destituida da magestade, que em semelhante genero de assumpto deve resplender: além do que a dicção he pouco castigada.

O Sanazaro tambem compoz huma lamentação em Latim, a qual abunda mais de graças de poesia profana, do que de pensamentos graves, que inspirem na alma do Leitor a devota commoção de affectos de contrição. Tem muitas antithesis frias, e introduz Tritão surgindo dos mares dando noticia aos navegantes com voz horriavel, agitada pela sua buzina, que acaba de morrer o Padre da Natureza; cousa por certo indecorosa em tão venerando assumpto, de que tambem usou no Poema do Parto da Virgem. O mesmo Poeta tentou pôr esta lamentação em Lingoa Italiana, e apenas pôde fazer quinze tercetos, e ainda esses não são os melhores, que tem nas suas rimas, tendo aliás nellas outros Poemas de vantajado merecimento. Tanto he difficil de ser tratado este assumpto em linguas vulgares!

Outro Poema Latino, e de grande fama, intitulado *Christo paciente* he composto pelo celebre Rapin em versos heroicos: este Poema ao principio annuncia huma composição Epica, e do meio até quasi ao fim he hum Sermão em verso, de cançadissima leitura; por isso mesmo que resplendece nelle menos cópia de bellezas de estylo, que no resto do Poema; ficando este muito extenso para Elegia, e de mui diminuta grandeza para Epopéa, o que parece bem alheio do Gosto, e sciencia deste grande mestre.

Junto com o bello Poema das Lagrimas de S. Pedro de Luiz Tansillo, vem huma Elegia á Paixão de Christo, intitulada *Capitulo ao Crucifixo* composta pelo Padre André Grillo; consta de oitenta e tres tercetos. Este Poema não deixa de ter alguns pensamentos proprios do assumpto, que trata; porém a maior parte delles são mui alambicados; outros mui baixos, e todos elles mal dispostos, e collocados; cheios de translações pouco decorosas; de subtilizas, e applicações profanas, com mui pouco, ou nada daquella Poesia santa, que infunde no coração do peccador aquella devoção, que costuma sermen-

menfageira da verdadeira contrição, e que só se aprende na lição das Santas Escrituras.

O Capitulo da Cruz de Victoria Collona, Marqueza de Pescara, he huma Elegia, na qual fingindo, que a sua imaginação compellida do grande amor, que ainda depois da morte conservava a seu marido, a quem celebra debaixo da denominação do seu bello Sol, subira ao Ceo, aonde o dito seu Sol, servindo-lhe de guia, lhe mostrara Christo triunfando n'um carro de gloria com a Cruz a seu lado &c., em cuja introducção gasta vinte e seis tercetos, que nenhuma correlação tem com o assumpto principal, e dahi por diante se encontraõ alguns pensamentos graves annunciados mui poeticamente; mas pouco affectuosos, de maneira, que a Authora neste Poema dá menos ao assumpto, do que se espera do titulo: e a pezar dos louvores, que o seu Commentador Reynaldo Corso dá ao sobredito Poema, não foi este quem grangeou maior fama a Victoria Collona; porque a dicção he summamente exquisita, assim como a de todas as suas obras, o que faz o seu estylo hum tanto affectado.

Vi hum Soneto á Paixão de Christo, composto por Horacio Garguante, que se não acabara com huma mui mal collocada congerie, feria a mais acabada, e perfeita composição, que a este assumpto se encontraria.

Outro Soneto ha do Guarini á morte de Christo, o qual no fim do primeiro quarteto tem huma tal transposição de termos, que constitue hum bem feio hyperbato; e no segundo tem tres antithesis bem frias, e bem pouco convenientes á grandeza do assumpto; mas o ultimo terceto he tão devoto, e affectuoso, que bem mostra ser rasgo de hum tão grande engenho.

Tambem Jeronymo Preti fez hum Soneto a este mesmo assumpto, o qual tem varias relações a seus anores profanos, e na composição poetica he de conhecida mediania.

Lastima foi, que o grande Tasso não intentasse pôr todas as suas forças na composição de hum semelhante Poema a este assumpto; porque elle o faria tão acabado, e perfeito, que a Italia não teria mais que desejar naquella parte; mas talvez que a tercia rima o desviasse dis-

fo pela sua muito grande difficuldade , para nella se compôr como deve ser ; que como o usual , que todos os dias por ahi apparece , sem correcção , sem emmenda nem pureza , nada de difficil tem. O que bem se manifesta , pois não se encontra nas Obras deste grande homem , poema algum composto em terciã rima. O mesmo Aristoté , que foi o mais feliz engenho , que a Italia vio , não pôde conseguir nesta qualidade de metro , porque começando o seu Furioso em tercetos , deixou este metro , eolveu-se para o de oitava rima. Se olharmos para algumas composições devotas deste insigne Poeta , veremos , que elle seria hum dos engenhos decretados do Ceo para desempenho de hum tão alto assumpto ; pois são em si tão correctas , e perfectas , que parece não haver mais que dezejar ; como se pôde ver do Soneto , que a este mesmo assumpto compoz , o qual anda na IV. Parte das suas obras a fol. 66 , da edição de 1589 , do qual transcreverei aqui o primeiro quarteto , que he dignissimo daquelle admiravel engenho :

*Croce del Figlio , in cui rimase estinta  
L'ira del Padre , e' il nostro fallo immondo ,  
Croce , che sostenesti il degno pondo  
Di sangue prezioso aspersa , e tinta.*

Este Soneto he todo acabado com a mesma perfeição , e he a melhor peça , que nesta materia tenho visto. Qualquer assumpto devoto tratado por este Divino Poeta , he annunciado com hum genero de eloquencia ; tão pura , e santa , e tão propria da Religião , que parece , que só este se devêra seguir , e imitar : para prova do que , sem fallar-mos na Jerusaleem , porei aqui o terceto final de hum Soneto , que parece ser feito ao corpo de algum Santo , he na IV. Parte das suas Rimas fol 116 , o qual principia :

*Oh preziozo humor di corpo esangue.*

nelle se pôde ver como imita a frase santa dos Livros Sagrados :

*E tu sei manna , e mille effetti , e mille  
Meraviglie suol farne , il Padre eterno  
Nel gran deserto , che d'horror m'ingombra .*

Além disso adorna as mencionadas composições de huma  
Poe-



Poesia tão bella , e fóra do commum , que enleva , e enche de admiração aos bons concededores , e mostra aos Genios mediocres , que tem por estereis os assumptos de devoção , que o verdadeiro engenho os póde tratar tão bem , e melhor que os profanos ; como se póde vêr em hum maravilhoso Soneto da I. Parte , pag. 22 , que principia :

*Padre del Ciel , or ch'atra nube il calle.*

o qual he huma mui fervente supplica a Deos : traslada-rei aqui os tercetos , para que veja a pobreza do vulgo dos Poetas , como aquelles que dezejáõ illuminar o mundo , e fazer seu nome eterno , daõ o verdadeiro colorido aos pensamentos :

*Deh , pria , ch'il verno queste chiome asperga  
Di bianca neve , e'l mio nascente giorno  
Chiuda in tenebre eterne il fosco lume.*

*Dammi , ch'io faccia a tua magion ritorno  
Come sublime angel , che spieghi , ed erga  
Da vil fango palustre al Ciel le piume.*

Outro bem notavel exemplo de Poesia Sagrada , bebida na fonte pura das Escrituras , he o seguinte lugar no principio de outro Soneto da I. Parte fol. 59 , o qual não transcrevo todo por brevidade :

*Signor , da questo lagrimoso Egitto  
Che d'Idoli , e di Mostri è si fecondo ,  
E ch'io co'l Nilo del mio pianto inondo ,  
Sott'aspro giogo acerbamente affiito.*

Oh altissimo engenho , quem te ensinou a dizer *lagrimoso Egitto* , senaõ a santa lição dos Livros Sagrados ?

Outro Poeta , que igualmente podéra tratar este assumpto com magestade , e affectos propios de contrição , emanada dos conhecimentos dos delictos , e da verdade , e pureza da Religião Catholica , seria Luiz Tanfilo , Author do famoso Poema das lagrimas de S. Pedro. Oh quantos lances , e ternuras de affectos se não encontraõ neste excellente Poema ! Tudo o que ha de bom na Poesia Sagrada , e profana , allí se vê collocado no seu verdadeiro lugar. Os affectos estaõ no seu ultimo auge ; o discurso he todo Christaõ , todo limpo da mais leve mancha de profanidade ; annuciado além disso com

a mais bella, e grave de toda a dicção Poetica. Os dois ultimos prantos, em os quaes S. João conta a S. Pedro a Paixão de Christo, são cheios da maior vehemencia de affectos, que pôde em si conceber aquella Poesia, que caminha ao Coração, e que penetra no mais interior, e no mais vivo d'alma; como se pôde vêr na seguinte passagem, que elle faz proferir a N. Senhora vendo a Jesus Christo prégado na Cruz, he no Pranto XIII.

*Figlio eterno di Dio, quà giù mandato,  
Forza, mente, e saper del tuo gran Padre;  
Sangue mio, lume, spirto, e vital fiato,  
E vita stessa di tua afflitta Madre:  
Chi di si chiaro, e si tranquillo stato  
Tra procelle m'involge oscure, ed adre?  
E qual onda crudel contra noi s'erge  
Te di braccio mi toglie, e me sommerge?*

Em fim toda a narraçãõ da Paixão está expressada com a devida dignidade de pensamentos, affectos, e dicção. Na verdade este Poema he hum dos mais gloriosos monumentos do Idioma Toscano.

Lourenço de Medicis, Pai do Papa Leão X. tem duas Odes, ou Canções a Jesus Christo, nas quaes se achão pensamentos bem cheios de devoção. Achão-se mais deste mesmo Author cinco Hymnos em tercia rima a Deos Senhor nosso, bem dignos de estima; hum delles que começa:

*Grazie a te sommo, e suberante nume.*

he admiravel. Finalmente estes Hymnos são taõ bellos, que bem mostraõ, que se o Author intentára compôr huma regular Elegia á Paixão, poderia fazer cousa digna de grande apreço, principalmente na parte relativa ao sublime, como se verá do seguinte exemplo do Hymno que principia: *Santo Iddio, padre de ciò ch'il monda empie.*

*Santo, potente più, ch' ogni potenza:  
Santo, la tua bontà vince ogni loda:  
Santo sei, e maggior d'ogni eccellenzia.*

E do principio do 4.º Hymno :

*Oda il Sacro Inno tuta la natura ;  
Oda la terra , e nubilosi e i foschi  
Turbini , e piove , che fan l' aere oscura.  
Silenzii ombrosi , e solitarii boschi ,  
Passate venti : udite Cieli il canto ,  
Perche il creato il creator conoschi.*

Francisco de Lemene cantou a Paixão de Christo em nove Sonetos , e huma Canção ; tem bom , e máo , mui poucas imitações dos Profetas , poucos affectos , e estylo de antithesis , e jogos de palavras , como quem era do tempo do Marino , e seu admirador.

O Conde Rodolfo Campeggi , compoz nove Epigrammas á Paixão , todos de mui pouco merecimento , tanto em pensamentos , como em dicção , por ser tambem hum dos imitadores do máo gosto do Cavalleiro Marino.

Pedro Metastazio fez hum pequeno Drama á Paixão , o qual em comparação do bom deste grande Poeta he de mui diminuto merecimento ; talvez nascesse isso do descuido , que teve de imitar os Profetas , como imitou no Poema da Morte de Abel , no da Betulia , e muito melhor no Gioas , se bem que neste teve grandissimo soccorro na admiravel Athalia do bom Racine. Em fim depois da sua Tragedia de Justino este he o mais froxo de todos os seus Dramas , e se no fim da II. Parte não tivesse a falla de S. João , tão cheia de eloquencia sublime dos Profetas , talvez nenhum indicio dera de ser producção de hum tão grande Poeta.

Outros muitos engenhos de Italia tratáraõ este assumpto , dos quaes não trato por não avultar em demazia o corpo destas notas.

Varios Poetas em Hespanha escrevêraõ nesta materia , mas todos com pouca dignidade.

Christovão de Castelejo , Poeta que floreceu no tempo do Imperador Carlos V. , compoz hum Poema , que intitoulou : *Hymno a la Cruz* ; he traducção livre do Hymno *Vexilla regis prodeunt* , feita em versos de arte menor , que eraõ entãõ os mais conhecidos em Hespanha ; porque ainda neste tempo não era muito acceito o ende-

endecasyllabo, que Boscan começava a usar, e Garcilafso hia aperfeiçãoando; se bem que outros versos de arte maior eraõ já mui antigos nella, como se vê das Obras de Joaõ de Mena, do Cartuxano, e outros. O dito Poema fin he despido de affectos, mas he abundante de bellezas naturaes de dicção, quanto o permite a mesquinhez do verso de oito, em que este Poeta foi mui feliz, a pezar de Manoel de Faria e Souza, que não lhe foi afeiçoado. Na mesma qualidad: de metro tem outro Poema intitulado: *La Invencion de la Cruz*, he obra de maior extençaõ, e de igual merecimento; posto que de quando em quando envolva o sacro com o profano: ambos estes Poemas fôraõ compostos em estylo facil, energicõ, e despido de ornato muito usado naquelles tempos em toda a Hespanha.

No Cancioneiro Espiritual do celegre Jorge de Monte-Mór, Portuguez de Nação, que quasi tudo o que escreveu foi na Lingoa Castellhana, vem hum pequeno Poema, que tem por titulo: *A la Cruz*, tambem he feito em versos de arte menor, como os acima mencionados, mas he de nenhum merecimento; tanto em pensamentos, como em frase nada se encontra, que annuncie effeitos do Divino influxo. Em o mesmo Cancioneiro vem outro Poema mui largo, e prolixo intitulado: *La Passion de Christo*, tambem em versos de arte menor. Neste Poema vai narrando a Paixão conforme vem nos Evangelhos, e frequentemente moraliza sobre qualquer ponto, que mais relevante lhe parece; e podendo fazer humma obra, que honrasse a sua piedade, e o idioma em que escreveu, pois o assumpto o favorecia, fez hum aggregado informe, sem nexõ algum, além do pouco cuidado, que teve na escolha dos pensamentos, deixando correr o seu estylo com bastante negligencia, acompanhado de jogos, e antitheses bem frias, e pueris. Para se julgar da pouca gravidade dos pensamentos, de que usa este celebre Poeta, podem-se ler as seguintes estanças, que apontára mais se a brevidade destas annotações mo permitira.

· Dime

*Dime pueblo carnicero*

*Y tu ley no te aconseja  
Desde el precepto primero,  
Que en la leche de la oveja  
No se cueza su Cordero?*

*Responde, pueblo disunto,*

*Pues no lo usas otras vezes,  
Porque agora en este punto,  
Quebrando el precepto cuezes  
Oveja, y Cordero junto?*

*Si la Cruz lo guisa en ella*

*Se guisa como convino,  
Y en la sangre se ase aquella  
De su Cordero Divino,  
Y el en lagrimas della.*

*Y tambien vereis trocado*

*El manjar que nos combida,  
Que en lagrimas sea guisado,  
La madre Virgen cozida,  
Y el hijo en la Cruz assado.*

Muito me tenho admirado, de que sendo Fr. Luiz de Leon hum taõ notavel Theologo, e Poeta, nutrido com a leitura dos mais celebres engenhos dos Gregos, e Romanos, e que escrevendo varias obras de devoção não compozesse alguma Elegia regular á Paixão de Christo; nem eu posso comprehender como este excellente Varaõ, sendo taõ dotado de engenho, de virtude, e sciencia, receasse confeguir nesta qualidade de composição. A Elegia he obra, que requer muitos affectos, e estes bem collocados, muita elegancia, e pureza de dicção a mais correctã, e castigada, e doçura no estylo em summo grão. Quem consegue exprimir os affectos com suavidade, quasi que se pôde reputar hum homem Divino. Hora a composição de Fr. Luiz de Leon não deixa de ser bem forçada, e dura; que Deos nem sempre dá com as virtudes, o engenho, e além disso, o mesmo Fr. Luiz de Leon fugio quanto poude de composições, que pedissem a viva exposição das paixões, que tocaõ a alma. Motivos foraõ estes talvez, que lhe serviriaõ de obstaculo para compôr huma obra deste caracter.

ter. Este Poeta compoz huma Canção a Christo Crucificado : he este poeina quasi que huma continuada deprecação a Jesus Christo , e de todas as suas obras esta he aquella , em que menos durezas se vêm : com tudo tendo este Poeta tanta lição das Escrituras , nada imitou a frase dos Profetas , que he a fonte aonde se deve beber toda a dignidade , e grandeza para os assumptos Sagrados ; e não tem a cultura , e asseio de expressão , que se esperava de hum tão sabio , e severo Escriitor , que na composição de prosa chegava a contar as vogaes , e consoantes para não excederem humas ás outras na sua justa proporção.

Entre as farças de Calderon de la Barca , chamadas *Autos Sacramentaes* , julgo , que vem algumas á Paixão , se me não engano ; pois ha muitos annos , que não leio couza alguma deste Author ; e segundo o meu parecer serão de nenhum merecimento , visto que este farcista nunca se empenhou a compôr com correccão , e emenda , como quem ignorava os preceitos da Arte , e era destituido da lição dos bons modellos da antiguidade , o que contribuhio muito , para que as suas obras tenhaõ cahido em geral desprezo , não só dos Estrangeiros , mas tambem dos seus Nacionaes , que por meio de estudo , e applicação sabem que couza he Gosto , e escrever para todos os seculos , e Nações.

Os nossos Engenhos Portuguezes fôraõ sempre inclinados a tratar assumptos Sagrados : não fallarei por hora de muitas farças ; e Autos compostos no tempo antigo em Linguagem Portugueza á Paixão , e a outros assumptos Sagrados , em os quaes Dramas se achão muitas bellezas energicas , e elegancias naturaes da indole do nosso Idioma , além de outras muitas , que os seus Authores trasladáraõ da Lingoa Grega , Latina , e Italiana , com que enriquecêraõ a Lingoa Portugueza , e a fizeram capaz das mais altas composições ; e por não estender demasiadamente o processo destas notas , tratarei sómente dos dois mais celebres Engenhos , que compozeraõ Elegias Sagradas , quaes fôraõ o grande Camões , e Bernardes.

Os mais famosos Poemas , que este ultimo compoz neste

neste genero, fôraõ tres Elegias, que vem nas suas Rimas Sacras. A primeira he affaz mediocre; a segunda he muito inferior, a terceira he mais abastecida de elegancias, e bellezas, mas não deixa de ter affaz de fraquezas. Tem mais este Author cinco Sonetos ás cinco Chagas de Christo, os quaes no seu genero tem muito mais avantajado merecimento do que as Elegias. O primeiro he bello, o segundo menos mão, o terceiro excellente, e mui poetico; o quarto mui mais bello, poetico, e sublime; o quinto he bom, inda que menos, que os dois ultimos. Nas Elegias não ha conveniencia nos pensamentos, e pode-se dizer, que nellas se vê metrificada a prosa fria, e trivial de muitos livros de devoção, compostos por pessoas mais pias que scientes: a dicção he pouco castigada, cheia de termos, e frases vulgares e plebeias, vicio, que reina muito nas suas obras, e de que o censurava o bom Ferreira.

Sendo a Elegia, que o grande Camões fez á Paixão de Christo hum dos mais notaveis Poemas, que tem neste genero apparecido na Europa, não agradou a Manoel de Faria e Sousa, a pezar da idolatria, que a este admiravel Engenho consagrou, e teve' ração. Eu julgo, que esta Elegia foi composta na mocidade de Luiz de Camões, e que este nunca lhe pôde dar a ultima lima: elle a principiou imitando a mencionada da Lamentação do Sanazaro, e por todo o processo da dita Obra não se encontra muito daquella composição cheia de magnificencia, e decoro, que resplendece nas outras obras deste divino Poeta. As graças do estylo, quasi que se vêm contrapezadas de muitos descuidos proprios de quem não tinha inda o Gosto formado, como se deixa vêr do seguinte exemplo:

Como, Virgem Senhora, não corrieis  
 A dar as tetas puras ao Cordeiro  
 Que padecer na Cruz com sede vieis?  
 Não só era esse, Senhora, o verdadeiro  
 Poto, que vosso Filho desejava  
 Morrendo pelo mundo n'um madeiro.

Não se julgue, que o primeiro terceto claudica por estar nelle o termo *teta*, o qual não desfalca muito a gravidade

Bb

*ed. f. d. a. ita proderiamos junctar a  
 riviãrãssel e gran rioso Derog. Messia  
 do prob. d. o religiozo Klopstock*

dade do estylo, mas sim pela applicação forçada do conceito pouco conveniente á grandeza do assumpto. No segundo terceto além do primeiro verso ser affaz duro, está a vós *poto*, que o Poeta tirou do Latim sem grande necessidade. Em fim nesta peça não poz Camões o seu ultimo esforço; que se o pozesse seria certamente a melhor composição, que neste genero conheceria a Europa; porque quem fez a admiravel, e polida parafrase do Cantico de Daniel, era muito capaz de executar cabalmente estoutro assumpto, o qual era muito mais proprio do seu genio pela elevação, e grandeza, e seria hum monumento de gloria para a Lingoa Portugueza.

Alguns julgáráo ser este meu Poema defeituoso por não fazer menção alguma da Virgem Maria, como praticárao os que tem composto nesta materia; porém eu attendendo a que toda a composição deve ter unidade de assumpto, o deixei de fazer, no que, segundo o meu parecer, não commetti erro.

(1) *Que os delirios da cega mocidade*: tem semelhança com o do Salmista no Psalmo 24: *Delicta juventutis meae, et ignorantias &c.*

(2) *Santo de Syaõ*: Este modo de expressar he usual nas Escrituras: he como se dicesse, o maior de todos os Santos do Ceo, que he Deos, fonte, e origem de toda a Santidade; como se pôde vêr no versiculo do Cap. 10 de Isaias: *Erit lumen Israel in igne, et Sanctus ejus in flamma*: Syaõ toma-se aquí pelo Ceo conforme o usa da Escritura, que tambem lhe dá muitas vezes a mesma significação, como se vê do Psalmo 19: *Emittet tibi auxilium de Sancto, et de Syon tueatur te.* E do Psalmo 52: *Quis dabit ex Syon Salutare Israel.* Tambem se pôde entender *Santo de Syaõ* por Deos da verdadeira Lei; Deos do povo verdadeiro crente, como se patenteia do seguinte exemplo do Cap. 12 de Isaias: *Exulta, et lauda habitatio Syon: quia magnus in medio tui Sanctus Israel:* e no Cap. 48: *Haec dicit Dominus redemptor tuus. Sanctus Israel.* De todos estes exemplos se mostra, que a clausula *Santo* he elegancia antiquissima dos Livros Santos. Quem quizer vêr mais doutrina a este respeito, veja o Orador Vieira no Tomo IV. pag. 138 §. 147.

(3)



(3) *Deos forte*: tambem he frase frequentada dos Profetas, como se mostra dos seguintes exemplos: no Psalmo 23 *Dominus fortis et potens*; e no cap. 9. de Isaias: *Deus fortis pater futuri saeculi, princeps pacis*; e no cap. 10. *Reliquiae convertentur, reliquiae, inquam, Jacob ad Deum fortem.*

(4) *Vaso immenso de dons*: he semelhante ao de Isaias, se bem que em sentido diverso, no cap. 13: *Dominus et vasa furoris ejus.*

(5) *Amparo, e norte*: deste modo de fallar temos exemplo em Duarte Nunes de Leão, na Chronica do Conde D. Henrique Cap. 3. . . . » E Livros de Concilios, » de que me ajudei para averiguar muitas cousas pela razão dos tempos, que he o Norte das historias. »

(6) *Sepultado nas trevas &c.* tambem he elegancia usada nas Sagradas Letras: não me lembro por hora onde vi: *sedit in umbra moeroris*. Mas no Psalmo 43 está a seguinte passagem, a qual he rasgo bem admiravel daquella magestosa Poesia, com que o Espirito de Deos fez desatar as lingoas dos seus Profetas: *Quoniam humiliasti nos in loco afflictionis, et cooperavit nos umbra mortis*. Esta ultima clausula he da mesma natureza daquella, de que acima usei.

(7) *Onde, onde &c.* Quasi semelhante a este pensamento he a passagem, que se segue no acima allegado Poema do Bispo Jeronymo Vida, *mibi* fol. 68.

*Quae tam dira manus? quae tam barbara porro  
Gens tantum obtusis sensibus ausa nefas?  
Quo ruitis miseri? quis tantus mentibus error  
Insidit?*

A repetição deste adverbio de lugar he mui natural na bocca, de quem está possuhido de indignação; belleza gentilissimamente usada de Horacio na Ode VII. do Livro V.

*Quo quo scelesti ruitis?*

Transferio esta elegancia para o nosso Idioma Ferreira na Ode aos Reis Christãos:

*Onde, onde assi crueis  
Correis: tam furiosos?*

Quem fizer miuda analyse no modo, e natureza da imitação, que fiz, de pensamento, e estylo destes tres Poetas;

talvez que ache algum merecimento nella. As imitações devem ser feitas com liberdade, hora ampliando, hora encurtando o pensamento, ou frase, que se imita. Na imitação do primeiro abreviei o pensamento; na dos dois últimos extendi mais o estylo procurando-lhe dar, o mais que pude, toda a força, e energia: de *scelesti* de Moracio, fiz *duros ministros da maldade*: de *crueis* do Ferreira; fiz o abstracto *crueza* &c. Estas imitações não se fazem com os Authores á vista, que isso seria impraticavel, e obstaría ao perfeito complemento da boa imitação, executaõ-se sim por via de reminiscencia, natural resultado de estudo profundo sobre os Authores, que podem vir a servir de imitação. O entendimento vê como ao longe estas idéas, que ao parecer se representaõ informes na fantasia, ás quaes o enthusiasmo dá o seu verdadeiro colorido modificando-as de modo, que as faz novas, e lhes communica espirito de vida.

(8) *Rei dos Reis*: esta elegancia tão nobre, e magestosa, já desde os tempos antigos agradou tanto, que pelo uso frequente, que delle fizeram bons, e máos Escritores, se fez mui trivial em todas as Lingoas, mas o bom sempre será de todas as idades. Torcato Tasso no Soneto acima allegado, na IV. Parte das suas Rimas usa della dizendo:

*Cb'il Rè de i Regi, il qual creò le stelle.*

João Baptista Rousseau, principia a Ode X. do Livro I. das Odes:

*Paroissez Roi des Rois.*

Que he quasi o mesmo pensamento. Bernardes começa a sua primeira Elegia com esta elegancia:

*Aqui oh Rei dos Reis, onde vos vejo.*

Eu julgo, que colloquei esta clausula em o seu lugar competente, e que em nada pequei contra o decoro, e gravidade da materia, usando della. Voltaire no ultimo Canto da *Henriade* duas vezes usa desta elegancia no fim do dito Cant. v. 416.

(9) *Cordeiro de Deos*: são palavras, que o Baptista disse vendo Jesus Christo caminhar para elle, como se vê no Cap. 1.º do Evangelho de S. João: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*. Esta elegancia he antiqvis-

fima

fima nas Lingoas vivas. Dante que viveu pelos tempos do nosso Rei D. Pedro Crú, já se servio della, e talvez que elle fosse o primeiro, que a trouxe para o Idioma Toscano. A passagem he no Capitulo XVI. do Purgatorio.

*E sentia voci, e ciascuna pareva  
Pregar per pace, e per misericordia  
L'agnel di Dio, che le peccata leva.*

Francisco Maria Molza, excellente Poeta Italiano, contemporaneo de Anibal Caro, e de Pedro Bembo, principia hum Soneto com esta elegancia:

*Agno puro di Dio &c.*

Os nossos Engenhos não andarão muito remissos em a trazer para o Idioma Portuguez. Ferreira na Ecloga ao Natal usou desta clausula, ampliando o imitado (veja-se a nota 7.<sup>a</sup>) desta maneira:

*Vem Cordeiro de Deos, vem-nos lavar  
Com teu sangue innocente, e os maos enganos  
Do falso mundo vem desenganar.*

Diogo Bernardes na II. Elegia a Jesus Christo, tambem della se servio deste modo:

*Ah Cordeiro sem magoa, em noos que viste?*

Note-se de passagem o sentido, em que tomou a palavra *magoa*, que he mui diverso da significação, que lhe dá a cultura moderna, a qual talvez não julgue, que na accepção, em que ao presente se toma este termo, he translativamente. Se olharmos para a etymologia, claro veremos, que grande parte dos Escritores antigos Portuguezes usarão deste termo na sua oriunda, e originaria significação, e quanto mais antigos, mais o usavao. He pois *magoa* a voz Latina *macula* por syncope, de forte que *magoa*, e *macula* são termos synonymos na frase dos nossos antigos, como poderá vêr-se na traducção da Bula de dispensa para ElRei D. João I. poder casar, a qual traz Fernão Lopes na sua Chronica, e em outros muitos lugares. Gomes Eannes tambem pôde fornecer muitos exemplos, Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira, e muitos, de modo que temos em o nosso Idioma o termo *macula*, que he Latino sem alteração alguma, e o termo *magoa* syncopado, o que ajuda a

varie-

variedade no estylo, por isso mesmo que enriquece a Lingoa; e se esta significação se acha ao presente esquecida, devêra ser resuscitada por aquelles, que hoje em dia procuraõ escrever com pureza, e elegancia, revendicando huma belleza, que anda alienada da nossa Linguagem moderna pela ignorancia, a qual belleza tem grande affinidade com o Idioma, e pôde tornar a entrar nelle, sem descompôr por via alguma o systema da Lingoa Portugueza. Em o lugar acima transcrito de Camões se achará outro exemplo da frase, que deu motivo a esta nota.

(10) *Deos vivo*: He clausula mui usada no Testamento novo. Em o Cap. 11 do Evangelho de S. Joã, diz Martha a Christo . . . *ego credo, quia es Christus filius Dei vivi*. Jorge de Monte-Mór na parafrase do Psalmo *super flumina Babylonis*, diz:

*Y destruydo el Templo de Dios vivo.*

Racine na II. Scena do II. Acto da Athalia:

*Viens tu du Dieu vivant braver la Majesté.*

Camões na Elegia á Paixão de Christo:

*As Santissimas barbas de Deos vivo.*

Voltaire Henriade. Cant. X. vers. 374, e 391.

*Helás! du Dieu vivant c'est la brillante image . . .*

*Soldats du Dieu vivant . . .*

(11) *Flagellado*: participio grave, e poetico, usado por Camões na sobredita Elegia:

*De açoutes vigorosos flagellado.*

(12) *Sancto dos Sanctos*: *Sancta, Sanctorum*, julgo que era o lugar do Templo mais recondito, onde Deos proferia os seus Oraculos, ou onde estava a Arca com as Taboas da Lei. Este modo de fallar he antigo em o nosso Idioma. Ruy de Pina no Cap. 10 da Chronica de ElRei D. Sancho I.: *Oh Deos Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoso.*

(13) *De quem o Ceo a gloria narra, e canta*: *Coeli enarrant gloriam Dei*: diz o Salmista no Psalmo 18.

Angelo de Costanzo:

. . . . . : *¶ Che i Cieli*

*Narran del gran Fattor la gloria vera.*

Eis-aquí como o grande traductor moderno Mattei, traduz a sobredita passagem:

*Par.*

*Par che gli eterei chioftri, e fiammeggianti  
Rifonin delle glorie  
Del nostro Dio.*

Origenes Liv. IV. contra Celso, e Liv. I. de Princip. Cap. 7. S. Agost. *Enchiridion* Cap. 58, e Liv. II. de *Gener. ad Litt.* Cap. 28. S. Ambrosio Epist. 21, e outros Padres antigos mostraõ allí as opiniões de quem crê, que os Ceos são animados, o que se conformava com a Filosofia Platonica. Estas opiniões ao presente não tem sequito. Errará por acaso quem disser, que a formosura, e o prodigio do movimento dos Orbes Celestes são hum testemunho da grandeza, e do poder de Deos, e por consequencia narraõ, publicaõ, e acclamaõ a gloria do supremo Architecto?

(14) *Sancto Abel*: Aos Theologos pertence demonstrar, que a morte de Abel commertida por Caim seu Irmaõ, era huma representaçõ symbolica da morte do Filho de Deos pelos peccados dos homens, a qual não tem muito de difficil, visto ser de per si mui clara, e patente. No Cathecismo Romano fol. 35 da antiga edicãõ vem esta exposiçãõ em breves palavras.

(15) *Ferreas cravos*: Todas as rimas, que destas dependem neste lugar são proprias, e naturaes; porque conservaõ sempre as suas figurativas: não me lembro de as ter visto em Poeta algum empregadas deste modo.

(16) *Pés, e mãos lhe traspassaõ*: Quasi semelhante a isto he o seguinte versiculo do Psalmo 21, onde mui claramente se vê profetizada a Paixaõ de Christo: *Foderunt manus meas, et pedes meos.* Tanfillo no Pranto XII. das Lagrimas de S. Pedro:

*Mani, e piè gli trafisser d'aspri chiodi.*

Jorge de Monte-Mór no Poema da Paixaõ de Christo fol. 113 do Cancioneiro Espiritual:

*Pies y manos le enclavaron.*

(17) *Em mim, em mim &c.*: Marco Jeronymo Vida no Poema allegado:

*Me potius, me me qui feci hoc pendere ligno:*  
*mibi* fol. 68. Tambem me encontrei com o P. Rapin no Poema de Christo Paciente vers. 426.

(18) *O Concelho das mãos*, he imitaçãõ do principio do

do 1.º Psalmo : *Beatus vir qui non abiit in concilium impiorum.* Fr. Luiz de Leon na traducção deste Psalmo assim se exprimio :

*Es bien aventurado  
Varon el que en concilio malicioso  
No anduvo descuidado.*

Lourenço de Medicis na traducção , que deste mesmo Psalmo fez :

*Beato chi nel concilio  
Non và degl' impii &c.*

(19) *Cheio do fumo vão, &c.* Parece que se assemelha ao do Psalmo 25. *Non sedi cum concilio vanitatis.*

(20) *Na Cadeira da peste do peccado :* Psalmo 1.º *In Cathedra pestilentiae non sedit :* Fr. Luiz de Leon na mencionada traducção :

*Y huye de la silla  
De los que mosan la virtud , y al bueno.*

Lourenço de Medicis no mesmo lugar :

*Ne sedi nella sedia pestilente.*

Semelhante a este modo de fallar se vê o seguinte no 1.º Capitulo das Decadas de João de Barros : » Primeiro que » por elles ( Arabios ) castigasse ( Deos ) a Espanha, os quiz » castigar na sua heresia , accendendo entre elles hum fogo » de competencia sobre quem se assentaria *na Cadeira do » Pontificado da sua abominação.* » Vieira no Sermao de Santa Catharina Tom. III. fol. 286 *na Cadeira da peste.*

(21) *Pela via dos cegos peccadores :* he do dito Psalmo. *Et in via peccatorum , &c.* Fr. Luiz de Leon na traducção dita :

*Ni el passo pereçoso  
Detuvo del camino peligroso.*

Lourenço de Medicis :

*... .. E nella via molto patente  
De' peccatori il piè non ferma ò stà.*

Vieira Sermao de Santa Catharina Tom. III. fol. 286 *O Caminho dos Peccadores.*

(22) *Lago da perdição :* Esta elegancia tem semelhança com esta do Psalmo 39 vers. 2. *Eduxit me de lacu miseriae.* He elegancia, ou idiotismo Hebraico como advertte Mattei.

(23) *Arvore plantada* : Pſalmo 1.º *Et erit tanquam lignum quod plantatum est secus decursus aquarum.* Fr. Luiz de Leon no lugar citado :

*Será qual verde planta  
Que à las corrientes aguas assentada,  
Al Cielo se levanta.*

Vieira Tom. V. §. 264. » Será como a arvore nova, e » renra plantada junto às correntes das agoas, a qual dá » rá o fruto a feu tempo. » Lourenço de Medicis *ibi* :

*Sia come pianta, ch'al'acque é vicina.*

Para se vêr de quanto he capaz o Idioma Portuguez, co- teje-se esta imitação, a qual está bem litteral, á seguin- te traducção do moderno Mattei, e julgue-se qual del- las está mais amena :

*E sarà qual arbofcello  
Sulle sponde d'un ruscello,  
Che piantò l'industre mano  
Dell'accorto agricultor.*

(24) *De pomos salutiferos* : Pſalmo citado : *Quod fructum suum dabit in tempore suo.* Fr. Luiz de Leon :

*Con fruta fasonada  
De hermosas hojas siempre coronada.*

Lourenço de Medicis :

*Suoi frutti nel suo tempo nasceranno.*

Ponderem os que de novo se applicação aos estudos amenos, a variedade destas imitações, e o modo com que fôrao feitas, hora encurtando, hora ampliando o imitado. O Juiz desapaixonado depois de ter pezado com a mais pura, e severa critica as bellezas de todas as imitações dos dois Poetas Italiano, e Castelhana, fazendo depois disso combinação, e parallelo com as elegancias, que nas minhas se acharem, claramente verá, que a Lingoa-gem Portugueza em nada cede aos melhores Idiomas da Europa, e he capaz de expressar todas as mais notaveis elegancias das outras Lingoas; o que em parte se paten- teia nestas elegancias, que imitei dos Profetas, as quaes se não deshonorão o Idioma, antes lhe accrescentão novo esplendor, á natureza da nossa Lingoa se deve attribuir esta prerogativa, e não á felicidade do meu engenho. Pondere-se a força do epitheto *salutifero*, e o enfasi, e

relações, que em si contém. A arvore plantada junto da corrente he o Varaõ justo, que nutrido do purissimo liquor das Divinas Sciencias, deve empregar os seus talentos em produzir fructos salutiferos, isto he discursos, e obras exemplares, que persuadaõ o mundano a entrar no caminho da Saude eterna.

(25) *Vital espirito*: tambem Tansillo na Estança acima transferita no Pranto XIII. das Lagrimas de S. Pedro usa desta elegancia: *vital fiato*.

(26) *Iusto de Israel*: quasi como o de Isaias no cap. 10. vers. 17: *Et erit lumen Israel in igne, et Sanctus ejus in flamma*.

(27) O P. Rapin no Poema de Christo Paciente expom esta imagem por partes; o que faz a sua pintura mui difusa, e menos sublime: veja-se o dito vers. 605.

(28) Este Poema tem lanças tão cheios de magestade, e affectos tão superiores ás minhas forças, que eu não posso crer senão, que a graça de Deos não olhando para as minhas impurezas, foi quem nos inspirou. Conheção os que tem os assumptos Sagrados por estereis, que longe de o serem, elles são os que mais podem fazer resplender o engenho: Camões na sua admiravel parafrase do Cantico de Daniel nos dá exemplo da sublime elegancia *summa alteza*, dizendo:

*Alli veraa tam profundo*

*Mysterio na summa alteza &c.*

E no Canto VI. da Lusíada:

*Nam foi do Rei Duarte tam ditoso*

*O tempo que ficou na summa alteza.*

(29) *Por nós desceste á humillima baixeza*: Ferreira na Elegia a Santa Maria Magdalena:

..... *A certa gloria*

*No moor desprezo posta, moor baixeza.*

(30) *Bemdito seja Deos*: Esta transição he, no meu conceito, o melhor lance deste Poema, e a natureza do discurso assim o pedia: eu não sei para onde o engenho humano poderia passar a não ser para aqui. A Igreja tambem se conduzio do mesmo modo nos Offícios da Paixão; porque era natural, que depois de

vêr



ver consummada a ineffavel obra da Redempção do mundo, e ponderando o amor, e a liberalidade, com que o Filho de Deos deu a vida por salvar o peccador, converteffê as suas lamentações em louvores da Omnipotencia, do amor, e charidade infinita, com que salvou o genero humano do naufragio da culpa. Esse foi o motivo porque traduzi, ou para melhor dizer, imitei livremente o Cantico de Zacharias, que vem no primeiro Capitulo do Evangelho de S. Lucas. E por quanto eu fei, que houve quem se não contentou muito desta expressão *bemdito seja Deos*, talvez por ser muito usada de todos, eu não pude expressar melhor, e se isso pôde ser, diga-se-me, que humildemente lho agradecerei. O bom, ainda que seja trivial, não perde a sua natureza, mórmente não havendo Synonymo, parafrase, ou rodeio, que com energia, e perspicuidade annuncie com igual simplicidade o pensamento: examinemos a frase por partes. *Bemdito seja Deos*, ou *Bemdito o Senhor seja*, he versão natural, e legitima das palavras do principio do Cantico *Benedictus Dominus Deus*: o monosyllabo *bem* junto com o principio *dito* não tem em si impropriedade, nem baixeza alguma, que forme indecencia num tolo grave, e magestoso; o imperativo *seja*, tem a mesma natureza. Em fim, eu tenho empregado toda a minha sagacidade para descobrir algum defeito nesta expressão, e não me he possível encontrallo. Camões em o Soneto VII. se servio de huma frase da mesma natureza, a qual nunca até ao presente foi censurada de impropria, ou baixa; he pois a que se segue:

*Louvido seja Amor em meu tormento.*

Eu não sube dizer melhor, e se a expressão for tida por humilde, ao menos he pura, e em nada mancha a candura do Idioma. Este Cantico he conhecido de todos, por isso me não cançarei em transcrever senão alguma passagem mais notavel. Faça quem quizer as combinações, que lhe parecer, e advirto, que eu imitei livremente servindo-me do que melhor convinha ao meu assumpto.

(31) *E sobre a torre excelsa de Sião: elegancia do Psalmo 47: Circumdate Sion... narrate in turribus ejus:*

a qual transferio para a Lingoagem Portugueza o divino Camões na já mencionada parafrase :

*Senhor e gram Capitam*

*Da alta torre de Siam.*

Note-se a liberdade da imitação, e juntamente o quanto se aproxima ao texto : *Et erexit cornu salutis nobis : in domo David pueri sui.*

(32) *Como nos prometteu* : neste ramo do Psalmo segui o pensamento, e não o estylo, por o não achar tão accomodado á natureza da Lingoa. A liberdade licita da imitação faz tambem ; que o traslado pareça não tal, mas sim huma composição propria, original, e analoga ao Idioma, em que he escrita.

(33) *Em nossas afflicções, &c.* Como os tres tercetos anteriores a este contém mais força de doutrina, que viveza de expressão, para dar algum resplendor a esta passagem introduzi este terceto, cujo pensamento configura com o corpo do Cantico.

(34) *Santissimo Holocausto* : Tansillo, lagrimas de S. Pedro, Pranto XII.

*Al Santo, e (in quanto a lor) crudo holocausto.*  
Fr. Heitor Pinto, Dialogo da Tranquillidade da vida. Cap. 9. » Finalmente os que lhe fazem de si *holocausto*, » e perpetuo sacrificio. »

(35) *Que humildes adoramos* : parece, que se deveria dizer : *A quem humildes adoramos* em dativo de proveito, ou de coufa a que outra se dirige ; mas eu antes quiz, que assim ficasse ; porque além de muitos exemplos, que se podem allegar de Authores classicos, a liberdade na composição tambem mo persuadio ; fallo daquella liberdade louvavel, que transgride algumas vezes a ordem Grammatical para mais belleza. No Cathecismo Romano fol. 18. vem hum exemplo bem conforme a este modo de expressar : » Porque além dos Ceos, que o Profeta chamou obra de seus dedos : » Parece, que a verdadeira ordem Grammatical pedia dizer : » Porque além dos Ceos » a quem o Profeta chamou &c. » Tambem Camões, no Canto IV. da Lusíada tem outra construcção da mesma natureza, a saber :

*Nam*

*Nam foi do Rei Duarte tam ditoso  
O tempo, que ficou na summa alteza.*

Parece, que tambem devéra dizer : *O tempo, em que ficou &c.* Em fim, eu bem podéra dizer :

*A Deos, a quem humildes adoramos. &c.*

Porém a pezar do defeito agrada-me mais o primeiro. Outro exemplo se acha na Est. 10. das Oitavas de Camões a D. Antonio de Noronha, que decide tudo por ser a mesma construcção do verbo adorar :

*O gram favor do Rei, que serve, e adora.*

(36) *Ante a face* : Ruy de Pina, Chronica de D. Sancho I. Cap. 10. » Nem dures mais *ante a nosa &c.*

(37) *Sem nodoa n'alma, ou macula nefanda* : os nossos antigos quasi sempre diziaõ *noda*, e assim devéra ser, visto ser o termo Latino *nota* mudado o *t* em *d*, costume antigo nos que formáraõ o Idioma, os quaes convertiaõ as consoantes asperas, em outras de mais suave pronunciação, que a ellas correspondessem, como se observa neste vocabulo, do qual temos exemplo na admiravel Ode VI. de Camões.

*Pode hum dezejo immenso*

*Arder no peito tanto,*

*Que aa branda, e aa viva alma o fogo intenso*

*Lhe gaste as nodas do terreno manto.*

(38) *Visaõ Celeste* : esta expressaõ tem mais de tres seculos de antiguidade na Lingoa Portugueza, como se pôde vêr do seguinte exemplo tirado da Dedicatoria do Livro de Devoção, que compoz a Infante D. Filippa, Filha do famoso Infante D. Pedro, Filho d'EIRei D. João I. . . . » e arce de minha alma memoria por amor » de nosso Senhor Deos, a quem plaza conservar nosso bem » viver santamente a melhor o esforçando, que mereçaes » em a fim aver-alegremente sua *vison bemaventurada.* » Em a Canção V. da Collecção das Poemas feitas á Canonização de Santa Isabel no anno de 1626 vem a mesma elegancia :

*E de te ver gozar, oh alma, soccego*

*Da visaõ pura os Anjos se alegráraõ.*

(39) *Amor terrestre* : já disse, que os creadores do nos-  
so

fo Idioma amaraõ mudar as consoantes asperas em outras de melhor som; poré n neste fóraõ mais as vezes, que conserváraõ o *r* dizendo *terrestre*, como o Latino, do que tirando-lho, fazendo *terreste*, este quasi, que se deve reputar corruptella, do qual usou Camões, ainda sem fer por necessidade, no Canto VII. da Lusíada:

*Guardalhe por em tanto hum falso Rei*  
*A Cidade Hierosolima terreste,*  
*Em quanto elle não guarda a Santa Lei,*  
*Da Cidade Hierosolima Celeste.*

Tambem Barros lhe dá a mesma defnencia no Cap. 1.º da Decada IX. » Couza mais imaginada como ponto Celeste para computaçam mathematica, que verdadeira para situaçam do Orbe terreste. »

(40) Aqui entra a imitação do Psalmo penitencial, *Miserere*. Depois de muitas reflexões sobre o Santo Mysterio da Redempção, julgou a Igreja como effeito natural, que a alma tocada de contrição prortompesse em prantos de dôr, e pêzar de culpas comettidas. Este Psalmo he a peça mais difficil de traduzir-se, e imitar-se com belleza, e dignidade, que tenho encontrado: na imitação, que delle fiz, obrei mais livremente do que no precedente Cantico, tomando para o meu assumpto, o que era mais analogo á contrição de hum peccador da Lei da Graça; hora antepondo, hora pospondo varios ramos delle, segundo me fez feição para melhor dispôr o plano da minha composição: em fim obrei como permittio a pobreza do meu engenho. Eu nunca vi este Psalmo bem traduzido regularmente. Muito perdemos em não poder o grande Camões fazello como intentava, pois he provavel, que aquelle admiravel Engenho poderia applanar, e vencer todos os obstaculos, que nisso encontrasse. Jorge de Monte-Mór vendo a difficuldade, que havia em o traduzir, fez delle huma parafrase, compondo sobre cada verso do texto huma familia longa, e fastidiosa, em verso endecasyllabo, e para mais augmentar o tedio, não he rimado. Fr. Luiz de Leon, vendo tambem a mesma impossibilidade, fez huma glosa, em que expoem cada verso do texto em treze Castelhanos, e nelles muitas das suas costumadas durezas. Não transcreverei as passagens destes

destes Poetas com quem concorri ; porque são mui ex-  
tenças , e algumas nada indicaõ a fonte donde dimanão ,  
principalmente na expressãõ : *Tcm de mim compaixaõ* : em  
todo este Poema , he este verso , o que menos notados  
tem os seus accentos. Fr. Luiz de Leon , que mais que  
Jorge de Monte-Môr se chegou ao texto , traduzio este  
primeiro verso do modo , que se segue ; e por este se  
julgue o mais :

*Dulcissimo Dios mio ,  
Cuya clemencia immensa  
Yà mãs faltò al que a ti se ha convertido ,  
Pues solo en ti confio  
Perdoname la offensa ;  
Que contra ti , Dios mio , hey cometido.  
Y así como ella ha sido  
Tan grande , e cometida  
Contra divina essencia ;  
Assi sea la clemencia  
Tambien , Senhor , muy grande , e muy cumplida ;  
Porque sea perdonado  
Con gran misericordia un gran peccado.*

Na verdade he demaziada a extensaõ da parafrase , além  
de ser destituhida de estylo : tambem o manejo da Rima  
he bem defeituoso.

(41) *Me purga , e lava* : expressãõ semelhante á de  
Fernaõ Lopes antigo Historiador Portuguez , no Cap. 162  
na I. Parte da Chronica d'ElRei D. Joã I. , a saber :  
» Oh mui nobre Cidade de Lisboa , vida , e coraçam  
» deste Reino , purgada de todas as fezes em o fogo  
» da lialdade. » Quem ha dos modernos , que assim es-  
crevia com mais elegancia , e ornato ? Este Author es-  
crevia ha quasi quatro seculos. Camões na Elegia á Pai-  
xaõ de Christo :

*Dessa fonte Sagrada , e peito Santo  
Me alcançai buma gota , com que lave  
A culpa que me agrava , e peza tanto.*

O verbo *aggravar* , que vem neste ultimo terceto , serve  
de exemplo ao expressado anterior :

*Apaga a culpa mã , que em mim se agrava.*

(42) Do verbo *contaminar* se acharão muitos exem-  
plos

plos em os nossos Authores, principalmente em Fr. Heytor Pinto: do verbo *depravar* temos exemplo no fim do Canto VIII. da Lusíada de Camões, e com a mesma qualidade de Syntaxe:

*Este deprava aas vezes as sciencias.*

(43) Parece, que se não esperava por este membro: he artificio de construcção para variar o tom uniforme da Syntaxe, que até aqui vinha dominando o periodo. Do epitheto *mundanal*, temos exemplo em Fernão Lopes, Chronica d'ElRei D. João I. Part. I. Cap. 1. « E tal favor » reza como esta nace de *mundanal* afeição. » E no mesmo Capitulo: » esta *mundanal* afeição fez alguns Historiadores, &c. » Bom seria, que este epitheto se fosse pondo em uso; porque além de ser muito expressivo, e de som mui aberto proprio para o sublime, augmenta a variedade no estylo, e por consequencia coopera para a riqueza do Idioma.

(44) *Summo Rei*: elegancia muito do uso dos nossos Escritores mysticos. Camões na sobredita Elegia:

*Eu, Senhor, sou ladraõ, tu summo Rei.*

(45) *Santo orvalho da celeste graça*: verso que infunde devoção: julgo, que a expressão he viva, e talvez nova na Poesia: nelle se exprime o que se manifesta nas palavras do texto: *Asperges me byssopõ* em frase tão intelligivel a nós, quanto o deixaria de ser se fosse encostada á letra, cuja annunciação parece mais relativa ao fisico, do que ao moral, a que unica, e poeticamente se refere a nossa. Este modo de fallar he muito proprio do nosso Idioma, como em Fr. Heytor Pinto, em Fr. Luiz de Sousa, na Vida de D. Fr. Bartholoméu dos Martyres Liv. I. cap. 607. no fim; e no Sermaõ do Nascimento da Mãe de Deos do grande Vieira Tom. VII. pag. 159 » Como Sol entre nuvens, as quaes porém de » fatadas em orvalho, e chuva de beneficios &c. »

(46) *E mais que branca &c.* Tambem este verso he para mim veracissimo argumento, de que os assumptos Sagrados são capazes de toda a belleza de pensamento, e estylo. Havendo trabalhado tantos Engenhos na traducção deste Psalmo, a nenhum lembrou huma expressão tão energica, e culta como esta. He certo, que a ce-  
lebr-

lebridade de Jorge de Monte-Mór, e de Fr. Luiz de Leon nunca padeceu defar. Elles fôraõ sempre reputados pelos dois mais resplendentes lumes do feu Idioma; hora pois vejamos, como estes grandes favorecidos das Musas exprimiraõ este pensamento. Seja o primeiro Jorge de Monte-Mór no lugar citado:

*Y quando con esta agoa me lavare  
Màs blanco quedarè, que nõ la nieve.*

Fr. Luiz de Leon, em a dita parafrase:

*Lava mi alma con ella,  
Y verseba màs que nieve blanca y bella.*

Ambos expoem, e glosaõ a expressaõ *asperges me hyssopo*; que era huma herva; com que os Summos Sacerdotes curavaõ os leprosos. A' vista destas passagens, e á vista do texto combine-se, e peze-se a qualidade da minha imitação, e talvez que se julgue, que accrescentei nesta parte algum resplendor ao nosso Idioma.

(47) Este verso tem o mesmo conceito, e quasi que o mesmo estylo, que outro, que adiante fica:

*Como me não desfaço em tristes prantos.*

Todo o Escriitor tem afeição a certas formulas de expressar, que repete sem querer, como vemos em Homero, em Virgilio, Milton, e outros: quantas vezes não repetio Camões:

*O coração presago nunca mente?*

Estas semelhanças de exprimir são verdadeiros indices dos estylos, como mais largamente expuz em huma das annotações, que fiz a outro Poema, onde de passagem confuto hum dito de *Escaligero* na sua Poetica a respeito do estylo de Tibullo.

(48) Este verso quasi he o mesmo, que outro de Camões na Ode VI.:

*Lhe gaste as nodas do terreno manto.*

(49) *Voz em grito* he expressaõ Ferreiriana, cujo exemplo vem na Elegia do *Amor fugido de Moscho*:

..... *a triste sua*

*Mãi, e cativa Venus, voz em grito.*

Tambem da mesma frase usou Fr. Luiz de Sousa na *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*. Tom. II. Liv. IV., o qual lugar vem na traducção de Longino fol. 154.

(50) *Cá deste escuro abismo de tristeza* : verdade bem a meu pezar de mim sentida desde que me entendo.

(51) *Templo de pureza* : exemplo desta elegancia, o seguinte do Cathecismo Romano fol. 352 da Edicção antiga : » tornem a cobrar a fantidade, que dantes tinhaõ, » e se fação pura, e santa morada, e templo de Deos. » Vieir. Tom. III. pag. 308. » A alma nestes santos dias » ha de fazer do coração hum Monte Calvario, levantar nelle hum Christo Crucificado, e pôr-se desta maneira a contemplar suas dôres. »

(52) *Oblações* : do termo oblação, que he o Latino *oblatio*, temos exemplo em João de Barros, no Cap. 2.º do Liv. VIII. da Decada I : » Porta por onde elle (D. Manoel Rei de Portugal) esperava em Deos, que estes seus Vassallos entrassem na casa da abominação, » e nella levantassem altar para offerecer *oblaçam* a Deos.





## ELEGIA XIII.

**F**ILIS mais branca , e pura , que a açucena ,  
 Mui mais gentil , do que a vermelha rosa  
 Regada da corrente alva , e serena.

Filis , luz dos meus olhos mais formosa ,  
 Que a Aurora nas manhans do fresco Abril,  
 Mais que as estrellas bella , e graciosa.

Angelica belleza , alma gentil ,  
 De costumes purissimos ornada ,  
 Assento amavel de virtudes mil.

Ouve o meu pranto , oh Nynfa delicada ,  
 Consente , que penetre no teu peito  
 O triste som da minha voz cançada.

Ah ! se ao jugo de Amor vivo sujeito ,  
 Elle não foi quem me venceu , mas fôraõ  
 Teus olhos divinaes , teu lindo afeito. ( 1 )

Quantas vezes te vêm , tantas te adoraõ  
 Estes meus já de todo consumidos  
 Do pranto , que por ti continuo choraõ.

Em que peccáraõ elles , se embebidos  
 Ficáraõ em taõ rara formosura , ( 2 )  
 Quasi como sem alma , e sem sentidos ?

Naõ devéraõ chegar a tanta altura ,  
 Sim , oh Nynfa , confesso ; mas Amor  
 Azas lhes deu , senaõ lhes deu ventura. ( 3 )

Dd ii

E por

E por isso huma dôr traz outra dôr,  
 Bem como as ondas, sobre mim se lança,  
 Exercitando em mim o seu furor.

Que Amor de atormentar-me não descança;  
 Seu odio contra mim mais se enfurece,  
 Nem com gritos, ou lagrimas se amansa.

Porém se em ti, oh gentil Nynfa, houvesse  
 Hum momento se quer de bem querer-me,  
 Fico-te, que de nada em fim me desse.

Bem poderia ufar para offender-me  
 O vingativo Deos de força, e de arte;  
 Não me acharia descuidado, e inerte.

Não queiras, Dama, pois dura mostrar-te  
 Contra quem mais que a propria vida te ama;  
 Oh não queiras ás feras igualar-te.

Se assim tratas a quem por ti se inflamma  
 No mais intenso amor, ah! que farás  
 A quem mal te fizer, oh linda Dama?

A minha alma a teus pés rendida jaz:  
 Vale-lhe, oh Nynfa mais que o Sol formosa,  
 Que Amor com puro amor se satisfaz.

Tu para me dar vida es poderosa,  
 Tu, se a livras de hum tão cruel tormento,  
 A farás para sempre venturosa.

Não pôde haver maior contentamento  
 Do que fazer feliz hum desgraçado, (4)  
 Que não deixou de o ser hum só momento.

Tu

Tu o podes fazer c'um leve agrado;  
 C'um brando mover de olhos piedosos  
 Mẽ tirarás de meu humilde estado.

Em cantos de alegria deleitosos  
 Convertidos verás com gloria tua  
 Meus tristes ais, meus prantos lastimosos.

Farás com que de todo naõ destrua  
 Meu cruel accidente esta alma, e vida,  
 Que só em te adorar só cança, e sua. (5)

De chorar tenho a voz enrouquecida;  
 Mas em virtude do teu lindo gesto  
 De novo cantarei em voz subida.

Farei ao mundo todo manifesto  
 O teu semblante angelico, e divino,  
 A alegria gentil do riso honesto:

Os olhos, por quem cego, e desatino;  
 As crespas tranças de oiro, a neve pura  
 Do collo de alabastro crystallino.

Da bella alma a purissima candura,  
 De dons celestes mil casto aposento,  
 A cortezia, a graça, a formosura...

Mas adonde me leva o pensamento!  
 Triste! que em só pintar na fantasia (6)  
 Mil fantasticos gostos me contento,  
 Sem vêr hum só instante de alegria.

## NOTAS.

**E**STA Elegia he a primeira, que fiz, creio não teria mais de dez annos, foi no em que morrerão os Fidalgos crimiados de conjuração contra o Senhor Rei D. Jose. E como forçosamente havia de ter muitas negligencias de estylo por ser producção de tal idade, a emendei de muitas faltas de grammatica, e de linguaagem, que tinha, de muitos pensamentos extravagantes, e affectados, como quem estava privado da solida lição dos bons antigos, a quem devo tudo; e a revesti, quanto me foi possível, da simplicidade Tibulliana: cortei-lhe sete tercetos do fim, e dos vinte e cinco, que lhe restaão, nove fôraão absolutamente novos em lugar de outros, que me não parecêrao de modo nenhum toleraveis.

(1) *Teus olhos divinaes, teu lindo aspecto*: este verso, assim como todo o terceto, he hum dos antigos deste Poema, que deixei intacto, por me parecer exprimia com energia, e simplicidade o conceito; posto que a palavra *aspecto* o faça pouco culto, por ser inflexão antiquada; mas julgo que toda a palavra, por antiquada que seja, pôde ter seu lugar, sendo manejada por mão habil, ainda que eu por tal me não julgue: com tudo pareceu-me bem deixalla, e se parecer mal a quem a ler perdoe-me esse defeito, e attenda-se á idade em que esta Elegia foi feita.

(2) Eu quiz deixar este verso, que he hum dos antigos, por exprimir com singelleza o sentido, posto que seja algum tanto debil. A Elegia não requer modos de se explicar muito estudados, e não deixa de amar a negligencia no estylo, mas com termo.

(3) Antigamente tinha este: *Azas lhes deu, negon-lhas a ventura*, que por me parecer affectada antichese a mudei, mas quem quizer use do antigo, se lhe parecer.

(4) *Tornar* era o antigo, não tão proprio, ainda que mais Poetico.

(5) Este verso está composto com canceira; e perturbacão, constituida nos dois monosyllabos *só. só.*

(6) *Triste! que em retratar na fantasia*, era o antigo, e não sei qual dos dois he melhor.

E L E G I A

## E L E G I A XIV.

**M**USA S do Pindo, que inspirais meus cantos, (1)  
 Alegrai-vos commigo, e longe voem  
 Os gemidos, as lagrimas, e os prantos.

Doces cantares de alegria foem  
 Nas grutas do Parnazo: ao som da lyra  
 Do douto Apollo canticos se entoem.

Filis já contra mim cruel não se ira;  
 Minhas queixas attende compaffiva;  
 Filis me escuta, e já por mim suspira.

Longe de se ostentar severa, e esquiva, (2)  
 Mostra no resplendor do gesto ameno, (3)  
 Que em bem querer-me só se accende, e aviva.

No mais intenso d'alma já não peno;  
 Já não me afflijo, não suspiro, e choro,  
 Nem a pranto perpetuo me condemno.

Já do fundo do peito não vaporo  
 Com ais a dôr de ver-me desprezado,  
 Nem para mim ao Ceo a morte imploro.

Oh Nynfa de semblante delicado,  
 Qual Deos te influio n'alma, e na vontade, (4)  
 Para fazer-me bemaventurado.

Senti quasi na infancia a crueldade (5)  
 Do vingativo Amor; mas não foi elle  
 Quem me roubou o bem da liberdade. (6)  
 Não

Naõ fôraõ suas settas, nem aquelle  
 Inextinguivel fogo, que os humanos  
 A triltissima infancia obriga, e inpelle.

Fôraõ; Nynfa, teus olhos soberanos,  
 Tuas virtudes, teus costumes santos,  
 Quem de mim triunfou nos tenros annos.

Louvei-te largamente nos meus Cantos:  
 Nada me aproveitou, por mais que andasse  
 Inundado de lagrimas, e prantos.

Mas já nova esperança em mim renace  
 De vêr no vivo agrado dos teus olhos  
 Ah! da minha Ventura a gentil face. (7)

Já vejo convertidos os abrolhos  
 Em brancos lyrios, em purpureas rofas:  
 Venhaõ já sobre mim flores a molhos. (8)

Movendo as aureas azas luminosas  
 Para mim vôa a placida Ventura  
 Mensageira das horas deleitozas.

Naõ me vejo envolvido em sombra escura  
 De tristezas, de magoas, de pezares,  
 Que acompanhaõ a triste desventura. (9)

Já naõ derramo lagrimas a pares.  
 Musas, minha ventura celebrai  
 No Pindo com harmonicos cantares.

Hum novo canto, oh Deozas, me inspirai:  
 Vinde ouvir, Nynfas, vinde ouvir, Pastores; (10)  
 E minha frente alegres coroi.

Ve-

Vereis nascer outras diversas flores  
De outra mais bella, e doce Poesia,  
Novo tecido de immortaes louvores.

Os Deoses da suprema jerarquia  
Haõ de á terra descer, só por ouvirem  
O doce som da nova melodia.

Se com vigor extremo em mim ferirem  
Os raios todos do facundo Apollo  
Para aos astros luzentes me subirem;

Naõ mandarei de hum pólo a outro pólo (11)  
Os Heróes, e os effeitos poderosos  
Das riquezas do aurifero Pactollo.

Mas sim, Filis, teus olhos taõ formosos,  
A tua peregrina gentileza  
Celebrarei em versos numerosos. (12)

Todos os meus cuidados nesta empreza  
Terei firmes, em quanto a morte escura  
Naõ mostrar contra mim sua crueza.

Eu só com vêr a tua formosura, (13)  
Inda sem receber hum só favor,  
Me julgava no cume da ventura.

Se hum mal, ou se huma dor sobre outra dor  
No mais profundo d'alma, e do meu peito  
Me assaltava com impeto, e furor;

Com tanto que eu soubesse fer effeito (14)  
Procedido de ti, para mim era  
De aromaticas rosas brando leite. (15)

Ec

Que

Que será, Nynfa, vendo a primavera,  
O paraíso amavel do teu rosto  
Despido de tenção dura, e severa!

Em mim, oh Ceos! não cabe tanto goſto;  
E ſe alegria extrema tambem mata,  
Della em fim a morrer eſtou diſpoſto.

A minha voz, oh Dama, ſe dilata (16)  
Ufana pelo mundo; ouve o meu canto,  
Que Apollo a rude lingua me defata.

Quando da minha Deoſa o geſto ſanto  
Nos campos apparece, o valle, e o monte  
Veſtem-ſe logo de eſmaltado manto.

Não temaõ, que a ninguem a calma affronte,  
Quando Filis gentil no ardente Eſtio  
Banhar-ſe vai na cryſtallina fonte.

Zéfiro eſpira entãõ mais freſco, e frio; (17)  
Tal freſcura ſe ſente em toda a parte,  
Como ſe foſſe em boſque alto, e ſombrio.

Não ceſſaõ, Nynfa pura, de louvar-te,  
Por onde quer que vais, feras, e plantas,  
Os campos, e os outeiros de exaltar-te.

E quando, oh roixinol, a voz levantas  
No mais interior dos arvoredos,  
Suas graças gentis ſuave cantas. (18)

Eccho, oh Deoſa, te louva dos rochedos:  
Celebrando-te vai a fonte pura:  
Entre os muſgoſos, e aſperos penedos.

E nos



E nos ramos da selva densa, e escura  
Fayonio, as brandas azas meneando,  
Ao Ceo levanta a tua formosura.

Ao longo da ribeira modulando  
Com som alegre Tytiro, e Syleno  
Estaõ teu gesto amavel celebrando.

Cantai, Pastores vós do campo ameno,  
Cantai, que lá vem vindo a gentil Dama,  
Cujo semblante torna o ar sereno. (19)

Quando della cantais, Febo derrama  
Sobre vós seus influxos soberanos,  
E n'alma vos accende a viva flamma,  
Em quem nunca haõ de ter poder os annos.



## NOTAS.

**E**STA Elegia, que tambem foi feita na minha puericia, he huma das que affaz me agradavaõ pelas muitas bellezas de expressaõ, e muito mais pela desordem, com que annuncia, e pinta o affecto da alegria; porque se assim não fosse, e se viessem os pensamentos deduzindo huns dos outros por ordem natural, e filosofica, não exprimiria com vivacidade a ligeireza do dito affecto, e ficaria a composiçaõ secca, e fria: este he o motivo por que nella se encontraõ mui poucas reflexões moraes, que em semelhantes assumptos não podem ter lugar. Consta este Poema de 284 versos, nos quaes haviaõ cincoenta e hum tercetos, e os mais eraõ grandes, e pequenos, ora soltos, ora rimados, e reduzi tudo a trinta e nove tercetos. Este assumpto não he mui vulgar, ao menos nos Poetas, que tenho lido. Propercio tem duas Elegias a este assumpto, que são as XI., e XII. do Liv. II., das quaes me não aproveitei em cousa alguma; por ser o plano da sua eloquencia contrario aos costumes.

(1) Estes primeiros dois tercetos fôraõ feitos de novo; porque esta mesma sentença estava com pouca differença escrita em versos octonarios da maneira seguinte:

*Grandes Senhores do mundo.  
Altos Reis, e Imperadores  
De respeito alto, e profundo:  
Vós, Poetas, vós, Pastores,  
Vinde aqui cantar commigo  
Minha bem-aventurança  
Vinde, ó Filhas da lembrança;  
Com Apollo lá do abrigo  
Do sagrado, e immortal Pindo &c.*

(2) O verbo ostentar foi muito usado dos nossos feiscenistas, isto he, dos Authores, que menos honraraõ o Idioma; porque sem gosto, e ingenho escreveraõ de modo, que affaz o desacreditaõ. E como os versificadores são mui propensos á inchaçaõ, porque gostao de palavras de estrondo, essa foi a causa, que os moveu a usar sem modo, nem termo do sobredito verbo, o qual na accepçaõ, em que aquí está, não induz inchaçaõ algu-

ma; porque *ostentar* neste lugar significa fazer gloria, fazer alardo de ser severa. E este fallar he commum, e usual de todos, como v.g. ostenta de sabio, de doutor, de discreto &c., donde se collige, que em lugar deste não poderia estar o verbo *mostrar*, que no seguinte verso se acha. Exemplo: » *Ostentou* por largo espaço quanto sabia. » Vieira Tom. XI. fol. 28.

(3) *Gesto ameno*: este epitheto, do modo que delle usei, não he mui vulgar: eu não me lembro de o ter visto em os nossos Poetas, e segundo o meu parecer pôde-se reputar nova elegancia na Lingoa Portugueza.

(4) Deos está neste lugar em sentindo poetico, que de nenhum modo pôde prejudicar ás verdades da Religião. *Qual Deos, qual Anjo, ou qual Santo &c.* pois vemos ser practica commum em muitos, e bons Poetas, como *Vida, Sannazzaro, e Rapin* chamarem aos Anjos, e Santos Deoses.

(5) Neste verso em lugar de *crueidade* estava *tempestade*, que refutei por não ser mui proprio da composição, e poder induzir inchação, por ser voz mui sonante.

(6) Em lugar deste verso estava o seguinte:

*Quem me roubou a doce liberdade:*

ao qual substituihi o que ficou por mais conciso, e energico.

(7) Esta interjeição julgo estar aqui em seu devido lugar, e não para encher como alguém julgará. Estas particulas são proprias da vehemencia dos affectos.

(8) Exemplo de *molhos* nas Endexas de Camões á sua escrava:

*Eu nunca vi rosa*

*Em suaves molhos &c.*

Os nossos modernos não approvaõ esta elegancia, de que os bons antigos tanto caso fizeram; mas eu nunca a desprezarei, com tanto que della possa usar com acerto, e elegancia: e seria encurtar a esfera da Eloquencia Portugueza deixar de usar de muitas elegancias bellas, e concisas, das quaes me aproveitarei todas as vezes, que a occasião se me offerecer. A nossa Lingoa só tem quatro rimas verdadeiras desta qualidade, a saber: *abrolhos, olhos, molhos*, e *antolhos*, e este ultimo sendo tão significativo, anda.

anda deſterrado na linguaagem das Provincias ; ficando em ſeu lugar o vocabulo *óculo*, que a ignorancia introduzio : tem mais *giolhos* inflexão antiga.

(9) Por varios modos ſe póde expreſſar eſte meſmo verſo , como estava á margem do antigo original , a ſaber :

*Que traz comſigo a triſte deſventura.*

*Com que anda acompanhada a deſventura.*

*Comitiva da triſte deſventura.*

*Com que anda coroada a deſventura.*

E ainda me atrevèra a diverſificar eſte verſo por mais dez ; ou doze maneiras diferentes : tanta he a cópia da noſſa Lingoagem !

(10) A melodia deſte verſo he de diferente natureza , que as dos ouſros nas ſuas paufas , o que fiz para variar o tom da harmonia da expreſſão.

(11) Eſte pensamento he mui uſado de Anacreonte ; mas eu na expreſſão o fiz mais procurado , e menos ſimples ; porque aſſim mo pedia a natureza da compoſição.

(12) Camões no Liv. I. da Luſiada Eſtaſça 9 :

*Em verſos divulgados numerosos.*

(13) Argumento de menor para maior ; couſa mui uſada de Petrarca , que foi quem enſinou aos modernos a eſcrever com decencia , e delicadeza nos aſſumptos amoroſos.

(14) Se eſta formula parecer proſaica deſculpem-me eſte pequeno ſacrificio , que fiz á perſpicuidade.

(15) Se quem for muito eſcrupuloſo não goſtar de *boninas*, e *roſas*, porque lhe pareçaõ termos quaſi ſynonymos , ponha em lugar de *boninas*, *aromaticas*, e talvez lhe fique o verſo mais cantavel. Elegancia como eſta tem o Boiardo no Canto XXVII. do *Orlando innamorato*

*L'altre battagliae fur roſe , e viole.*

(16) Em lugar do que eſtá , havia o ſeguinte : *A minha voz de cima &c.* cujo genitivo transformei em vocativo ; em primeiro lugar , por dar ao diſcurſo mais modestia , e em ſegundo , porque as interjeições , e os vocativos ſão mais proprios do pathetico , e por iſſo devem ſer empregados nelle com mais frequencia.

(17) *Eſpira* por *reſpira*, *aſſopra*, &c. Exemplo em a Ode IX. de Camões :

*Zefi-*

*Zefiro brando espira.*

(18) *Suave* está neste verso fazendo as vezes de adverbio; he elegancia, que os nossos bons Authores tiráráo de Horacio: *Dulce ridentem*, e não sei em que Ode. (\*) O nosso Ferreira, e o Garção authorizaó assaz o uso desta elegancia. Este ultimo como era dotado de muito gosto, e erudicção, rompendo por todos os obstaculos do máo gosto do seu tempo, fez renascer esta, e outras muitas elegancias da nossa Lingoa, que a ignorancia, e o máo gosto tinhaó posto no esquecimento.

(19) Semelhante a esta expressáo he a de Camões fallando de Policena na Estança 131 do Canto III. da Lusíada:

*Mas ella os olbos, com que o ar serena.*

---

(\*) Na Ode XXII. do Liv. I. derigida a Fusco Aristio Grammatico e Poeta amigo de Horacio,

## ELEGIA XV.

**A**PPARECEU-ME hum dia Apollo, e deu-me (1)  
 A Lyra, em que cantou Camões as glorias  
 Da Nação Portugueza, e ao Ceo ergueu-me.

Allí me fez patentes, e notorias,  
 Por modo todo em si miraculoso,  
 Dos Lusitanos feitos as memorias.

» Em puro estylo, claro, e magestoso (2)  
 » Celebrarás, me disse, as acções claras  
 » Do valor Lusitano glorioso.

» Farás no mundo illustres, e preclaras;  
 » Suas virtudes nobres, e teu nome  
 » Não morrerá nas mãos do Tempo avaras. (3)

» Na voragem dos tempos se não come  
 » A Fama, que em fadiga illustre alcança  
 » Quem a vida em vil ocio não consome. »

Disse: e logo formei larga esperança  
 De ás estrellas me erguer em claro canto;  
 Com que se ganha perennal lembrança.

Tomó a lyra; e com voz subida canto  
 As Armas, e o Varaõ sábio, e perfeito...  
 Mas converteu-se o som em choro, e pranto.

Que de improviso Amor me passa o peito,  
 E ante os meus olhos põe, Filis, teu gesto;  
 Que eu sempre trago n'alma, e no conceito.  
 For-

Força-me o fero Amor : clamo , e protesto :  
 Nada me vale : em vaõ forcejo , e lido ,  
 Nem me aproveita pranto manifesto. (4)

E já cedendo á força , já rendido  
 Obedeci ao Deos soberbo , e irado ,  
 A quem tudo no mundo he submettido.

A' sombra de hum loureiro reclinado ,  
 Ao som do murmurar do Téjo ameno  
 Comecei a cantar teu rosto amado.

Filis , teu lindo gesto , por quem peno ,  
 Por quem derramo lagrimas ardentes ,  
 Subio nos versos meus ao Ceo sereno.

Suspendiaõ-se as rapidas correntes ,  
 E o impeto dos ventos se amansava  
 C'o canto , que hia aos astros refulgentes.

O murmurio da fonte se callava :  
 Tanto que ouvia algum pastor meu canto ,  
 Do fato , e do rebanho naõ curava. (5)

Coroado de rofas , e amaranto  
 O capripedo Pan , Faunos , Sylvanos  
 Me ouviaõ com prazer cheios de espanto.

Alli se condoiaõ dos enganos ,  
 Com que Amor me prendêra a liberdade  
 Na mais mimosa flor dos tenros annos.

Filis na bocca , Filis na vontade , (6)  
 Filis no pensamento , Filis n'alma ,  
 Filis na furiosa tempestade :

Ff

Filis

Filis nos versos meus por frio, e calma  
 Filis andou, e desde então foi Filis;  
 Filis dos meus sentidos gloria, e palma.

Oh lembrança cruel; não me anniquiles! (7)  
 Não quiz Amor deixar-me erguer, seguindo  
 O famoso Cantor do bravo Achilles.

Cá do Téjo o meu vôo despedindo;  
 Cercára o mundo huma, e mil vezes, dando  
 Honra á minha Nação, ao Ceo subindo.

Mas volve, oh Nynfa, a mim teu gesto brando,  
 E verás como ufano a voz levanto,  
 Os mais famosos Vates igualando.

Verás o mundo todo com espanto,  
 A pezar do que intente a dura Inveja,  
 Attento ouvir o meu sublime canto.

Que o nobre ardor de gloria, que forceja  
 Dentro em meu coração por me elevar,  
 Adonde o vulgo indocil me não veja,

Em mim fórma desejo de passar  
 As nuvens té aos astros luminosos,  
 Onde possa também alumiar.

Oh pensamentos vãos, e ociosos!  
 Oh delirios da cega fantasia!  
 Oh gostos de hum momento mentirosos! (8)

Filis mais dura do que a pedra fria,  
 Filis de mim não cura, antes me opprime  
 Com a sua crueza, e tyrannia.

Cruel



Cruel enfermidade, que se imprime  
No mais intenso d'alma, e da razão,  
Que o seu ardor não doma, nem reprime.

Quem não sentira a fêrvida paixão,  
Com que o fogo do teu furor ardente  
Em cinza me converte o coração!

E quem tão sábio fôra, e tão prudente,  
Que á força de alto estudo investigasse  
Hum modo de extinguir meu mal potente!

Então talvez que ufano divulgasse  
Por toda a redondeza a fama, e gloria  
Da Pátria illustre minha, e que ficasse  
Meu claro nome eterno na memoria.



**E**STA Elegia he tambem huma das da minha puericia ; a qual emendei , por ter muitos pensamentos felices felizmente expressados. Ella constava de quarenta e nove tercetos de versos hora endecasyllabos , hora de fere , de que alguns não eraõ rimados , dos quaes cortei dezenove , aproveitando todos os versos , que me parecêraõ energicos , e elegantes : substituih os barbarismos , solecismos , e outras muitas faltas de Lingoa ; de que estava manchada , frases mais elegantes , é puras ; mais analogas ao genio do Idioma , além de muitos nomes , e verbos menos expressivos , que cortei , substituhindo outros mais proprios , e decentes. Conservei-lhe a desordem dos affectos ; por me parecer natural em semelhantes assumptos , nos quaes o espirito de methodo , e ordem exclue a verosemelhança , e por consequencia altera as leis da arte. A apparição do principio deu motivo a levantar mais o estylo ; mas ponderadas as circumstancias não offendi nisso ao verosimil , visto que Tibullo , Ovidio , e Propercio mil vezes nas suas Elegias levantáraõ o estylo.

(1) Estas visões não deixaõ de ter lugar neste genero de Poema. A Elegia XX. do Liv. II. , e a XXII. do mesmo Liv. de Propercio affim principiaõ , huma com hum Sonho , outra com a apparição de Cupido com toda a sua comitiva. Porém a mais notavel dos antigos , que deste modo começa , he a primeira Elegia do Liv. III. dos *Amores* de Ovidio , que he na verdade bem maravilhosa. Tambem na Lingoa Portugueza se achaõ algumas Elegias bem cheias de maravilhoso ; em o Camões a sua primeira Elegia , e outra a D. Leoniz Pereira , que serve de Dedicatoria da Historia do descobrimento do Brasil escripta por Pero de Magalhães Gandavo , que em algumas edições tem o titulo de Epistola : tambem he mui notavel a que Ferreira fez ao Amor , que bateu á porta de hum Lavrador , a qual traduzio de Anacreonte. As rimas do primeiro terceto algum tanto são surdas ; mas todas as que se seguem até ao fim do Poema são as mais toantes talvez , que se achaõ no Idioma Portuguez.

(2) Estas são as condições principaes do estylo da  
Epo-

Epopeá , assim como o vemos , que praticou Homero , Virgilio , Camões , e Tasso.

(3) *Naõ morrerá nas mãos do tempo avaras.* Estes transpões são da natureza das Lingoas Poeticas de Italia , e Espanha , especialmente no estylo heroico , como o he este , de que falla o mesmo Apollo ; segundo a ficção : apontarei alguns exemplos de Camões , que he o melhor Poeta de Espanha , e o que menos liberdades tomou. Em a Estança 19 do Canto I. da Lusitana tem o seguinte :

*Em versos divulgados numerosos.*

Na Estança 45 do Canto II. :

*E se Antenor os seios penetrou  
Illyricos &c.*

Na Estança 53 do mesmo Canto :

*O Capitam venceu Romano injusto.*

Na Estança 91 do dito Canto :

*A grita se levanta ao Ceo da gente.*

Na Estança 93 do mesmo Canto :

*E do arco , que os cornos arremeda  
Da Lua &c.*

Vêjaõ-se os ultimos versos da Estança 94 , e o que diz Faria nesse mesmo lugar.

Estas inversões são mui proveitosas para variar os tons Poeticos , a falta das quaes choraõ os maiores Authores da Lingoa Franceza , cuja marcha he nimamente uniforme , e não soffre inversão alguma tanto na prosa , como no verso : porém para usar com liberdade desta especie de hyperbato , requer-se engenho muito corroborado com a lição dos bons exemplares da antiguidade , muito conhecimento da Lingoa , e o mais puro criterio , que considerar-se possa.

(4) Até aqui vem procedendo o estylo mui breve e curto ; porque assim o pede o affectuoso do assumpto , como se pôde vêr em Tibullo , Ovidio , e Propercio.

(5) *Do fato , e do rebanho &c.* Fato he mui usado dos nossos bucolicos , e dos Castelhanos : eu supponho que significa , manta , caldeira , frauta , e outras apeiragens , que costumão trazer os pastores de grandes rebanhos , que dormem no campo , quaes os das Provincias do Além-Têjo , Beira , e Andaluzia no Reino de Castella.

Deste

Deste termo temos exemplo na I. Parte fol. 67 da Comedia de *Alfea* do insigne Poeta Simão Machado, o qual lhe dá a significação de rebanho:

*Qual he a nesfia que trata  
Ser ovelha de seu fato.*

(6) Esta anafora he mui affectuosa, segundo o meu parecer, com este manejo de Lingoa creio se não encontrará outra em Poeta algum de toda a Espanha, nem me lembro de a ter achado nos antigos Poetas Gregos, e Latinos.

(7) Estas rimas tambem são mui novas na Lingoa Portugueza, e mui difficeis de manejar, de modo que fique o discurso natural, e o estylo claro, e nada constrangido. Não sei se vi em Fernão Alvares do Oriente hum final de dois versos de huma Estança de 8 nestas rimas: alguns tem por milagre, acharem-se tres rimas destas, mas eu poderia achar outras tres mais.

(8) *Oh gostos . . . mentirosos.* Camões na Ecloga admiravel dos Faunos tem outra igual expressão:

*Que sam do mundo os gostos mentirosos.*



## ELEGIA XVI.

**E**u do terno Tibullo o doce Canto (1)  
 A ti, Filis, confagro, cara Filis,  
 Por quem Cysne canoro me levanto;

Soem Cloris os bosques, e Amaryllis: (2)  
 Outros cantem os casos, e as proezas  
 Do pio Eneas, e do fero Achilles.

Que eu cantarei as dores, e as tristezas,  
 Que n'alma sinto, oh Filis, procedidas  
 De teus rigores, e asperas cruezas.

Grande he meu mal, darei vozes sentidas; (3)  
 E as gentes, que me ouvirem, ficarão  
 De minhas tristes magoas condoídas.

Nisso ao menos terei consolação;  
 Já que a meus ais, e queixas magoadas  
 Sempre te achei de dura condição.

Se as minhas intenções fossem fundadas  
 Em desejos impuros, visse embora  
 Contra mim tuas iras conjuradas.

Mas se o fogo de Amor, que me devora,  
 Não he de vil estímulo impellido,  
 Mas sim de gentil causa, a que a alma adora:

Como, oh Nynfa de peito endurecido,  
 Me maltratas com tuas esquivanças,  
 Sem to haver, cruel Nynfa, merecido.

**Eu**

Eu de amar-te não cesso ; e tú não canças  
 De me matar ! Nem já para ti valem  
 Rogos ! ah ! Nem com lagrimas te amansas.

Do peito feminil com louvor fallem :  
 Nada creio , por mais que os seus louvores  
 Com as estrellas , e c'os Ceos igualem.

Nelle habitão cruezas , e rigores ,  
 Negras ingratições , e fingimentos ,  
 Sem-razões , tyrannias , e furores.

Oh quem domar pudera os movimentos  
 Da cega paixão sua , e não soffrêra  
 No mais intimo d'alma taes tormentos !

Em vil miseria , triste ! não jazêra :  
 E livre do naufragio , á liberdade  
 Meus humidos vestidos suspendêra. (4)

Sem temer o furor da tempestade ,  
 Que os teus rigores , Nynfa , me fuscitaõ ,  
 Não me opprimira a tua crueldade.

Destá vem quantos males se me excitaõ :  
 Quantos males no cego precipicio  
 Da desesperaçãõ me precipitaõ. (5)

Provêra a Deos , que nunca houvera indicio  
 Deste contaggio hostil , que Amor se chama ;  
 Não te fizera d'alma sacrificio !

Que Amor não he prazer , mas viva chamma ,  
 Que n'alma causa dores infinitas ,  
 Dores que só as sente , quem bem ama.

Em

Em parte alguma existem Leis escritas,  
 Ou potencia, que o teu furor reprimas:  
 Tudo vences, cruel, tudo concitas.

Os teus grilhões não quebras, nem se limas:  
 N'alma fazem cruel, e duro effeito,  
 E quanto se lhe oppoem, em nada estimas.

Porém não; he errado o meu conceito:  
 Amor todo he brandura, e tu benina,  
 Eu desgraçado, á dôr sempre sujeito.

Que o teu rigor não he quem me destina  
 A perpetua tristeza, oh linda Dama,  
 Mas sim meu fado, e aspera mofoina.

O veneno, que n'alma Amor derrama,  
 Culpa na coufa amada não consente, (6)  
 Se arde no peito afficto pura flamma.

E se dura te julga a cega gente,  
 Insensivel ás lagrimas, que choro,  
 Aos suspiros, que espalho tristemente;

Eu assim mesmo te amo, assim te adoro,  
 E inda a pezar da minha dura Estrella,  
 Contra ti mesma o teu soccorro imploro.

A minha voz no peito se congela  
 Já de tanto chorar enfraquecida;  
 Tem de mim piedade, oh Nynfa bella.

Não foste tu das fêras produzida,  
 Nem no seio dos asperos rochedos  
 Para desgraça minha concebida.

Gg

Vês-

Vês-me aqui confundido entre os enredos (7)  
Do cego labyrintho, onde Amor manda,  
Cercado de cuidados, e de medos.

Ah! se a tua dureza em fim se abranda,  
Converterás em dia a noite escura  
Da minha triste sorte miseranda.

Olha que t'ò merece a fé taõ pura,  
Com a qual dediquei a liberdade  
A' tua incomparavel formosura.

Se porque generosa qualidade  
Te deu o nascimento me desprezas,  
E em nada estimas minha lealdade;

Amor rende as mais altas fortalezas,  
E junta as condições desigualadas:  
Zomba de injurias: risse de cruezas.

E já grandes Rainhas sublimadas  
Viraõ a pár de si no Throno Augusto  
Humildes pegureiros das manadas.

Pois a nobreza, se á razaõ me ajusto, (8)  
He só o pessoal merecimento,  
Dotes d'alma gentís, animo justo.

Porque os Avós, e o claro nascimento (9)  
Saõ dons do puro acafo, os quaes apenas  
Chama seus quem possue alto talento. (20)

Que os tormentos cruéis, as duras penas,  
As afflicções, as magoas, e os cuidados,  
A que tu, crua Nynfa, me condemnas;  
Naõ



Naõ me vieraõ, naõ, dos teus passados,  
Mas de tuas virtudes singulares  
Fôraõ meus pensamentos derivados.

Se de trajos humildes; e vulgares  
Pobre Serrana a forte te fizera,  
Dada ao rebanho, e a rusticos cantares;

No mais profundo d'alma concebêra  
Igual paixãõ, á que me opprime agora;  
No mesmo fogo, em que me abraço, ardêra,  
E sempre contra mim meu fado fôra.



## NOTAS.

ESTA Elegia he huma das primeiras Poemas regulares, que compuz. V.m., Senhor Vasco Dornellas, assistio a parte da sua composiçãõ, assim como de outras. V.m. conheceu o alto, e amavel objecto, que m'a fez compôr, o qual me levaria ao ultimo precipicio, se as suas verdadeiramente filosoficas admoestações não moderassem os imperos de huma paixãõ concebida em tão verde idade, como a de 15 annos. E por quanto este Poema, a pezar de muitas negligencias de estylo, não deixava de ter alguns tercetos bem lançados, e porque andava por diversas mãos, mui cheio de erros de cópias, que juntos com os defeitos de composiçãõ o faziaõ digno de censura, me resolvi a emendallo movido das instancias, que v.m. me faz, para que emende os Poemas, que naquelle tempo compuz; que em tudo fatisfizera eu aos seus desejos se a escuridade da minha vida laboriosa me não sepultára em desgostos, que me tiraõ o tempo, e me apagaõ o ingenho; cousa que v.m. mil vezes tem lamentado, compellido das razões do sangue, e de humas taes, ou quaes inclinações boas, que v.m. em mim conheceu desde a mais tenra infancia, donde tem procedido tantos desejos, que v.m. todos os dias concebe favoraveis á minha reputação, a cujos obsequios me confessarei eternamente devedor. V.m. cotejará esta Elegia com a antiga, e verá que nella cortei muitos tercetos, e versos, que ou por defeito de frase, ou de sentença não vinhaõ a proposito, substituindo outros mais accommodados á qualidade de composiçãõ, no que puz todo o cuidado em usar de expressãõ de sentimento propria das paixões, sem desprezar a simplicidade do estylo, e a pureza da dicção, virtudes que mais devem resplender na composiçãõ pathetica da Elegia; e com razão, pois a frase das paixões não deve ter nada de exquisito, e por isso ama a composiçãõ Elegiaca mui candidos pensamentos, e se serve de expressãõ natural, e de palavras mui conhecidas, e authorizadas pelo uso dos melhores Escritores da Lingoa, em que se escreve. Assim como observamos, que fez Tibullo o mais perfeito modello

dello no genero Elegiaco , e depois delle Propercio. Mais havia de eu fallar a este respeito , se a occasião m'o permittira ; mas quando poder , porei em limpo as observações , que sobre esta qualidade de Poema tenho feito , as quaes são puramente fructos das reflexões na Lingoa dos antigos , e do que observo , e sinto na minha alma nos deliciosos momentos da composição ; pois neste genero mui pouco se tem escrito até agora com diffusão , assim como nos outros. Parece , que os preceitos mais deverão ser dados por quem os pozesse em praxe , assim como fez Cicero , do que por aquelles , cuja fantasia não se pôde estender mais do que á theorica ; pois estes não podem penetrar os arcanos da arte , que só se patenteão ao verdadeiro engenho , que se entrega á composição. Não he crível , que quem nunca soubesse tocar instrumento algum , pudesse compôr huma Arte de Musica perfeita , e acabada. Que se Aristoteles escreveu tão excellentemente da Poesia Drammatica , talvez que muito melhor o fizesse , se se entregasse a esse genero de composição , permittindo-lho o genio. De quanto hei lido a respeito do Poema Epico , nada me contenta mais do que as sapientissimas reflexões de Torcato Tasso nas suas preciosas Cartas Poeticas , e tambem nos tres discursos sobre a Poesia , que andão juntos com as ditas. No tal discurso pois poderá v.m. vêr com mais extensaõ , e talvez com alguma novidade , a antiguidade , progressos , e utilidade da Poesia Elegiaca. Resta-me dizer-lhe , que eu no essencial dos pensamentos não imitei a Tibullo , nem a nenhum dos antigos ; porque estes na expressaõ de amor quasi sempre se entregáraõ a pinturas cynicas , perniciosas aos costumes : nesta parte levaõ os modernos grande vantajem aos antigos. O primeiro , que na Europa começou a tratar amores com decencia , e gravidade foi Dante Alighieri ; mas quem tratou a materia amatoria em summo grão de decencia , e decóro foi o famoso Petrarca , o maior lume dos Lyricos modernos de toda a Europa , e não menos a famosa Victoria Colonna , Marqueza de Pescara , contribuiu talvez , mais que nenhum , para escrever de amor com legitima cançura , e innocencia. Tambem este artigo merecia largo período-

periodo, e quando eu julguei, que acharia este assumpto discutido, como o mais, nas historias de toda a Poesia do Crescimbeni, e do P. Quadrio, mui pouco achei, que me satisfizesse a esse respeito. As notas, que se seguem são algumas observações relativas ao genio, e natureza da Lingoa: v.m não repare na grossaria da escrita, que o tempo não dá lugar a mais, nem tão pouco no mal organizado da prosa, nem nos descuidos de Orthografia; pois, como v.m mui bem sabe, não escrevo no soccego de hum gabinete abastecido de bons livros. A respeito dos versos não tenho que lhe dizer; se elles são ruins, se os pensamentos não vem deduzidos por ordem, e nexo natural, eu o não sei fazer melhor: vai o meu signal no fim para desmentir os Zoylos desse bairro, que me attribuem, segundo v.m diz, mil inepcias apocryfas.

(1) Como no tempo em que compuz este Poema tinha eu conhecido alguns Poetas antigos, principiei assim:

*Eu do suave Lasso o doce canto.*

Porém como este Poeta mui poucas Elegias compoz, mudei assim:

*Eu do doce Camões o grave Canto.*

O que ao depois tambem me não agradou; pois o grave Canto de Camões verdadeiramente se deve referir á Lusíada, o que não podia ser, por não ter o meu o mesmo objecto de imitação, que o Canto de Camões: emendei ultimamente, e ficou o verso como agora está, e me parece melhor; porque além de que Tibullo não escreveu senão Elegias, he elle o mais perfeito modello, que ha neste genero de composição.

(2) Estes imperativos são mui proprios da Lingoa Grega, e della os tiraráo os nossos bons Authores, que formaráo a nossa Lingoa. Anacreonte nos dá exemplos deste modo de dizer, pondo a primeira parte do periodo em imperativo, e a segunda em futuro expresso; porque o imperativo todo he futuro: deste modo de fallar temos hum bello exemplo n'um Epigramma, que Ferreira traduzio do Grego, que principia:

*Cante quem quer do furioso Marte.*

E outro no fim do Soneto XXXX.

(4) Aqui parece o estylo desunido, assim como em outros

tros muitos lugures das minhas composições: a frequente lição de Virgilio já caufou o mesmo a Torcato Taffo, e por isso dizia o Imperador Caligula, que o estylo de Virgilio, era areia fem cal: isto mesmo se observa em Camões, principalmente na Lusiada.

(4) Quem for mui rigoroso em não admittir frequencia de epithetos no estylo simples da Elegia, em lugar deste verso pôde usar dest'outro:

*Em voto os meus vestidos suspendêra.*

Mas eu, a pezar disso mesmo, tenho por melhor o primeiro, por ser mais poetico, e por dar mais que pensar ao Leitor; além de que o estylo simples nem sempre exclue da Elegia a expressão verdadeiramente poetica, com tanto que seja com perspicuidade. Além disso o mesmo Tibullo, reputado por todos o Príncipe da Elegia, nunca perde lance poetico; raramente deixa substantivo, que acompanhado não vá de seu epitheto, como se pôde ver no seguinte exemplo da primeira Elegia, que não tem substantivo sem epitheto:

*Ipse feram teneras maturo tempore vites*

*Rusticus, et facili grandia poma manu.*

Observe-se, que no primeiro verso poz os ablativos no meio dos accusativos, e no segundo os accusativos entre os ablativos. Tanto amou este grande Poeta a variedade! Cum tudo o uso frequente de semelhante collocação nos Idiomas vulgares por sua affectação fará sempre frio; e inepto o estylo.

(5) *Precipitar no precipicio*: he Syntaxe commum a todos os Idiomas modernos, que tem por origem o Grego, e o Latino: as Letras Sagradas, e muito principalmente a Collecção dos Psalms, estão cheias de formulas desta mesma natureza, e não se precisa de grande leitura, para se acharem nos antigos Escritores de huma, e outra Lingoa Mãy, e a frequencia da sua lição fez, que os Authores, que formáram a nossa Lingoa, não sómente trasladassem a sua Syntaxe, mas tambem muitos dos seus idiotismos, e este foi hum delles. Daqui vem vermos frequentemente em Fernão Lopes, Padre do período Portuguez: *Guerra guerreada, Batalha batalhada: Viver vida, Morrer morte*, e assim em todos os mais.

Bem

Bem conhecida de todos he a antiquissima formula das Sentenças Capitaes neste Reino: *Morra morte natural &c.* fobre esta materia poderá v.m. vêr as observações fobre outra passagem da mesma natureza, que fiz na Elegia do bom Luiz, (\*) a qual anda nas mãos de todos.

(6) *Cousa amada*: esta clausula tem sido mui censurada, mas sem razão; e como a occasião me não dá lugar a mais, sempre allegarei huma authoridade de Camões, que val por cinco ou seis, a qual tem quasi o mesmo pensamento, e he na Canção X.

*Que desculpes comigo so buscava  
Quando o suave amor me nam soffria  
Culpa na cousa amada, e taõ amada!*

Dante no Cap. 18 do Purgatorio

*Così l'animo preso entra in desire,  
Ch'è moto spiritale, e mai non posa,  
Fin che la cosa amata il fà gioire.*

Não digo mais a este respeito senão, que mais quero errar com estes, do que acertar com os modernos amadores de palavras de estrepito.

(7) *Ves-me aqui*: he hum idiotismo da nossa Lingoa mui proprio para exprimir affectos, como temos exemplo em Camões, Canto III. da Lusitana Estança 39.

*Ves aqui trago as vidas innocentes  
Dos filhos sem peccado, e da consorte.*

Val o mesmo que *Eis*, que he o *Ecce* dos Latinos, como advertio Manoel de Faria, e se mostra do seguinte exemplo do mesmo Camões Cant. III. Estança 38.

*Dizia: Eis aqui venho offerecida.  
A te pagar co' a vida o prometido.*

(\*) Depois de começada esta Edição: me constou, que o Original correcto da Elegia aqui citada não só existe em poder de fugeito de conhecida Litteratura, mas que este projecta dar à luz pública a mesma Elegia, talvez enriquecida com algumas annotações suas. O público terá a duplicada vantagem de ver em toda a sua pureza hum poema taõ digno da attenção dos bons engenhos, e de poder conhecer o melindroso escrupulo, com que o nosso author corrigia os seus escritos; exemplo desgraçadamente assaz necessario à maior parte dos que hoje em Portugal se dedicão à Poesia.

Porém, com licença de Faria, vês he a segunda pessoa do presente do indicativo do verbo *vêr*, e he como se eu dicesse: *Ora já que me estás vendo entre tantas afflicções, foccorre-me, tem compaixão de mim &c.* a mesma glosa se pôde dar ao mesmo, de que usou Camões. Todas as Lingoa tem seus termos concisos, cheios de enfase, para interpretação dos quaes se precisa de supplemento da Elipse: muitos destes tem a Lingoa Portugueza.

(8) Se algum julgar os ultimos nove tercetos desta Elegia concebidos em tom declamatorio, sirva-me de desculpa a obrigação, que tenho de ser util. Poema sem utilidade, por mais que deleite, he corpo sem alma.

(9) Este pensamento he de Ovidio; veja como se exprimo este divino Poeta com tanta facilidade no Liv. XIV. dos Metamorfoseos vers. 140:

*Nam genus, et proavos, et quae non fecimus ipsi  
Vix ea nostra voco.*

Do mesmo sentir he Horacio, e todos os Filozofos antigos, e modernos; porque a nobreza despida de costumes pouca attenção merece. Que importa ser Neto dos Ricos Homens do tempo de Nuno Razura, e de Lain Calvo, sem virtudes, que por si só devem illustrar qualquer sujeito bem nascido? Os nossos bons Authores são deste mesmo parecer. Camões tambem he do mesmo sentir, como se pôde vêr nos bellissimos versos das Estanças 95, 96, 97, 98, 99. do Canto VI. da Lusitana. Manoel de Faria e Souza tem tanto a este respeito nos Commentarios de Camões, que basta abrillos para achar Sentenças em abono desta verdade. Duarte Nunes de Leão, na Chronica de D. Fernando com termos bem claros, e expressivos corrobora a mesma Sentença dizendo: » E » como he costume dos que tem algum grão mais de » nobreza de Avós, que da sua propria, que he a verda- » deira, e legitima nobreza, escarnecião do que João » Sanches dissera, alguns que não eraõ para tanto como » elle. »

Eu me havia de demorar mais a respeito da dicção poetica, mais conveniente a esta qualidade de Poema, assim como tambem da pureza da Lingoa; mas o tempo não me dá lugar a mais, eu o farei em outro Poe-

Hh

ma,

ma , que já tenho principiado a emendar de propósito para lhe enviar ; pois se Deos quizer , que eu algum dia venha a ter vida mais descansada , do que a que ao presente tenho , eu dou a v.m. minha palavra de honra , que eu ponha todo o esforço , quanto em mim ha , para mostrar , que eu não degenerarei.

Advirto a v.m. , que todo o Poema deve interessar o Leitor , e isto deve ser misturando com destreza o util com o agradável. Nós já não estamos no tempo em que se estimavaõ as argucias , os jogos pueris de palavras , e os equívocos , que constituhião a belleza da Poesia dos Seiscentistas. A verdadeira Poesia he a de sentimento , isto he , a que toca a alma , e a que exprime nobremente as verdades uteis ; nem as luzes do nosso seculo admittem outro genero de Poesia , senão aquelle , que ajuntando o merecimento da difficuldade vencida na expressão ao da utilidade annunciada com perspicuidade , fórma o espirito , e o dispoem a receber as verdades , que mais concorrem para a felicidade do homem.

(10) Veja-se como Camões exprimio este mesmo pensamento do modo seguinte :

*As bonras , que elle chame proprias suas.*

Lusiada Canto VI. Estança. 97.



## ELEGIA XVII.

Ao SENHOR JOSÉ IGNACIO BARBOSA  
BENEFICIADO DA S. I. P.

**D**OUTO cultor das Musas Portuguezas,  
Censor severo, aos bons Engenhos guia,  
A quem tu tanto estimas, tanto prezas.

Caro amigo Barbosa, em vão porfia  
Contra o merecimento o mundo avaro,  
Contra qualquer insigne fantasia. (1)

A solida virtude he lume claro,  
Que por mais tempestades, que se elevem,  
Sempre apparece alvissimo, e preclaro. (2)

Intentos máos mil oppressões lhe levem,  
Que vencidos do seu valor supremo, (4)  
Honraõ-na em fim, contra ella não se atrevem.

Mas se á razão me inclino, mui mais tremo  
De hum largo tempo de fortuna immensa,  
Do que de hum golpe de apertado extremo.

Este fim gera n'alma dôr intensa,  
Mas aonde ha virtude com a gloria  
Do vencimento illustre se compensa.

Gloria não vã, mas solida, e nótoria,  
A qual bem a pezar da negra inveja, (4)  
Nunca ha de ser no mundo transitoria.

Hh ii

Faça

Faça qualquer por que seguro esteja  
 Na base da virtude, e nada tema;  
 Inda que contra si o mundo veja.

O teu merecimento he ferrea algema,  
 Que a torpe Inveja opprime, oh caro amigo!  
 Fine-se o monstro vil, suspire, e gema.

Porque aos que vivem no sagrado abrigo  
 Das Deusas á memoria consagradas,  
 Sobre hum perigo lhe arma outro perigo. (5)

Almas em vil baixeza sepultadas,  
 Que dos candidos raios da virtude  
 Jámais quizestes ser alumiadas.

Vós dais ao monstro, que vos cega, e illude  
 Infame a sylo, onde aspera fulmina (6)  
 Contra os que armas oppoem ao vicio rude.

Contra os que se consagrao á divina (7)  
 Influencia de Apollo, e os seus cuidados,  
 Cheios de alto saber, pura doutrina.

Contra esses, que altamente penetrados  
 Do sacro influxo, que os domina, e move  
 Guiao com seus escritos sublimados.

Que inda que o cego mundo estime, e aprove  
 Mandos, riquezas, frivolo attractivo  
 Esse he, que nunca os toca, nem commove.

Pois guiados do lume sempre vivo  
 Da sublime razao em nada estimao  
 O trato vil do vulgo inerte, e esquivo.  
 E com

E com meditação, e estudo límaõ  
 Seus espiritos altos, e ao Ceo voaõ.  
 Tanto em suas idéas se sublimaõ!

Entaõ divinos canticos entoãõ,  
 Com que seus nomes claros, e subidos  
 Com fama illustre pelo mundo soaõ.

Assim, oh caro amigo, os teus sentidos  
 Vaõ tanto acima do profano vulgo, (8)  
 Que se elevaõ com gloria aos Ceos erguidos!

Ah! se digno da cithara me julgo  
 Do vivo Apollo, e os feitos, e acções claras  
 Em cantos immortaes louvo, e divulgo:

A pezar de tenções crueis, e avaras,  
 Não deixarei nas mãos do esquecimento  
 Tuas acções, tuas virtudes raras.

Mas que duro pezar, e que tormento,  
 Fel amargo em tua alma derramando,  
 O espirito te occupa, e o pensamento?

Se contra ti armado o duro bando  
 Da estúpida ignorancia te maquina  
 Trabalho urgente, triste, e miserando:

Subjugar te naõ deixes da ferina  
 Malevola intençaõ da iniquidade,  
 Que o teu foccego d'alma contamina.

Armado tu da tua probidade,  
 Dos talentos amaveis, que te assistem  
 Que poderás temer da vil maldade?

Com

Contra a virtude fervidos persistem

Os impetos da inveja, contra os quaes  
Os corações magnanimos resistem.

Por duras oppressões tantas, e tais

Os peitos de hum espirito elevado  
Com saõ louvor se clarificaõ mais.

Que hum galeaõ soberbo, e bem armado (9)

Naõ se pôde saber quanto he potente,  
Se nunca foi das ondas contrastado.

Se elle nunca se vio em mar tumente,

Nem nos combates fervidos de Marte,  
Que lhe monta estructure alta, excellente?

Hum pinho, que na mais sublime parte

De hum monte está dos ventos combatido;  
Para mais se offerece á fabril arte.

E vem a ser ás vezes mastro erguido

De alguma não de audazes navegantes,  
Que em busca vai de hum mundo não sabido.

A qual entre as estrellas radiantes

Venha a ser pelas Musas collocada, (10)  
Com louvores mui altos, e prestantes.

Vida serena nunca perturbada

De cuidados, de duras vexações,  
Sempre a tive por fabula sonhada.

Continuamente vemos sem-razões,

Effeitos máos de hostil perversidade;  
Tyrannicas cruezas, e oppressões.

Que

Que pertendes achar tu nesta idade,  
 Onde interesse fardido só manda,  
 Senão damnos; que excita a iniquidade?

Quanto o tempo mais vai, quanto mais anda,  
 Mais os costumes vêmos corrompidos  
 Com avareza estolida, e nefanda.

Aqui traições, allí rostos fingidos:  
 Além vemos, amigo, mil perigos  
 Entre apparencias boas escondidos.

Oh quantos se nos mostraõ bons amigos,  
 E com razaõ chamar-lhes só devemos  
 Amigos por antifrase inimigos! (11)

Em perpetua peleja assim vivemos  
 Co' as sem-razões do mundo depravado,  
 Postos em asperissimos extremos.

Feliz quem do máo vulgo retirado  
 A's Musas póde dar tal, qual talento  
 De Ceo sereno, e justo lhe foi dado!

Se sente o peito hydropico, e sedento,  
 Não são titulos vãoos, mandos, riquezas, (12)  
 Quem lhe imprime furor no pensamento.

São seus cuidados só, suas empresas,  
 Sciencias, Artes nobres, e subidas,  
 Que tu, vulgo malevolo, não prezas.

O som das tempestades insoffridas,  
 Que a dura inveja accende, não o altera;  
 Suas iras despreza enfurecidas.

Nelle

Nelle taõ alto estimulo se gera,  
 Que por alumiar o mundo errado  
 O pensamento eleva á summa esfera.

Entaõ já noutra effencia transformado  
 Concede altas idéas, que annuncia  
 Em estylo da terra levantado.

Já se erguem monumentos á porfia;  
 Onde o fello immortal da eternidade  
 Indica gloria á humana fantasia.

Já sem temer a iniqua atrocidade  
 D'invido dente, que o vulnere, e córte;  
 Naõ receia o furor da longa idade.

Maior que a inveja, affaz potente, e forte  
 Nas altas producções do seu talento  
 Superior se mostra ao fado, e á morte.

Oh mil vezes feliz contentamento,  
 Que só póde sentir com larga cópia,  
 Quem desta arte levanta o pensamento!

Jazei, profanos, vós na vossa inopia,  
 Crassissimos profanos, cuja vida  
 Nos ermos lá da Arabia, e da Ethiopia  
 Entre as feras parece produzida.

## NOTAS.

**P**OR quanto este Poema talvez poderá parecer concebido em tom declamatorio, a quem só gostar de attractivos daquella Poesia nimiamente cubiçosa de pintar aos olhos; direi pois, que o presente methodo he o que me parece mais conforme á razão; porque se ha genero algum de Poema, que de si peça mais reflexões moraes, he a Elegia, pois nem sempre haõ de nella ter lugar as lagrimas, e os soluços; que não se explica assim a natureza: e com razão diziaõ os antigos Mestres dos Latinos, que não havia cousa, que mais depressa se seccasse, do que as lagrimas; e he natural de quem muito se lamenta dar frequentes pausas ao seu pranto, e nellas introduzir muitas reflexões moraes relativas ao mal, que sente, com o que accrescenta a força do pathetico. Veja-se a excellente doutrina de Cicero, e de Quinctiliano a este respeito. Ora como a Elegia communmente tenha muito de pathetico, os affectos a fazem interessante, e as moralidades util. Sem estas duas qualidades seria este Poema hum vaõ tecido de palavras, sem objecto de utilidade, cousa que não se compadece com as luzes deste seculo.

(1) Em lugar deste, estava o seguinte verso:

*Que não quer conbceer sua valia;*

o qual me não agradou por ser de sentido equívoco, que mui bem se poderia adoptar ao nominativo da oração, o que faria a sentença ambigua, e o estylo confuso, vicio absolutamente opposto á indole da Lingoa Portugueza, cujo andamento foi sempre animado de espirito de clareza, e ordem, que a constituem a mais perfeita das Lingoas vivas.

(2) O epitheto *preclaro* está aqui na sua originaria significação, como o Latino *praeclarus*, e faz as vezes de superlativo com diversa desinencia: o grande abuso, que os seiscentistas Portuguezes fizeraõ deste adjectivo, he a causa, de que neste tempo se abstenhaõ absolutamente delle alguns Engenhos supersticiosamente severos, e timoratos de maneira, que a sorte deste termo foi ser mui-to, ou nada usado. Camões Lus. Cant. V. Estança 47.

*Os crystallinos membros, e preclaros  
A' calma, ao frio, ao ar veraõ despidos.*

Faço esta observação; porque a cultura moderna, quando desta voz se serve, he sempre na significação translata.

(3) *Supremo*: todas as rimas, que neste lugar dependem desta, são legitimas, e naturaes; e assim usadas são de bello artificio: porém isto nem sempre pôde ser; pois que a sentença muitas vezes repugna a estas conformidades. Deste modo de fallar temos exemplo no Cap. XII da Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques de Duarte Galvaõ, a qual pelo estylo bem mostra ser de Fernão Lopes: » Porque as virtudes (onde ha virtude) ausentes » devem ser queridas, e lembradas. »

(4) Em lugar deste verso tambem se poderia usar estoutro:

*Que a pezar do furor da negra Inveja,*  
o qual he mais proprio da magestade Epica, do que da simplicidade Elegiaca, além de que o relativo expresso no principio do verso, que aprovei, ata com hum nexo mui natural este segundo verso do terceto, que he inciso do primeiro, o qual he membro do periodo, que está constituido em todo o terceto, ficando composto de hum membro, e dois incisos, que he o modo mais perfeito de organizar os periodos, sendo estes de tres partes, como neste terceto se observa; julgo que o ficar cada huma dellas em seu verso, não deixará de ter algum merecimento. Note, R. P. Amigo, que a maior parte das minhas composições neste genero seguem o sobredito methodo de construcção. Mais: o monosyllabo *bem*, junto ao adverbio *a pezar*, dá hum tal tòm de candura, e natural simplicidade ao estylo, que pôde facilmente agradar ás pessoas de Gosto, que mui bem conhecem, que nem sempre o estylo reflectido he abundante de graças. Tudo isto he resultado da bem regulada estrutura do nosso Idioma, cheio de combinações energicas, que parece obra da mais pura Filosofia. A natureza da nossa Lingoagem; a regularidade da sua Syntaxe; a infinita cópia de nomes, e verbos regulares; a facilidade das declinações, e conjugações de huns, e outros; as bem notadas desinencias dos generos, e dos numeros; as temporaes terminações dos



dos verbos; as anomalias todas, ou quasi todas formadas, e indicadas pelas regras mais subtiis do Gosto, tudo concorre para se escrever com perspicuidade, pureza, e elegancia no Idioma Portuguez.

(5) Em lugar deste verso, tinha o seguinte:

*Sempre elle arma trás hum outro perigo.*

Estylo muito usado de Bernardes, que nunca me agradau: o verso, que substituihi, tem a mesma organizaçãõ que o que se segue, que he de Jorge de Monte-Mór na parafrase do Psalmo 136 *Super flumina Babylonis*, o qual he o seguinte:

*Sobre hum cuidado venga otro cuidado.*

(6) Onde está aqui por *donde*, o que he mui frequente nos melhores Authores das Lingoas vivas, que tem maior affinidade com a Latina. Petrarca no Soneto LXV. usa deste adverbio na mesma accepção:

*Io avrò sempre in odio la finestra,*

*Onde Amor m'avventò già mille strali.*

O seu Commentador João André Gesualdo, explicando este adverbio de lugar, diz: *Onde*: di quella finestra.

(7) Em lugar deste estava o seguinte verso:

*Tão longe voaõ do profano vulgo,*

o qual mudei por variar o estylo.

(8) Todo este lugar não sei, que tenha semelhança com outro algum de Poeta anterior:

*Est Deus in nobis agitante calescimus illo.*

(9) *E venha a ser*. Esta frase he a mesma que a do primeiro verso do terceto anterior, que não quiz variar, por não offender a sentença, e ser esta de mui relevante sentido. De abundante riqueza no dizer era o Camões, e mais não teve dúvida dizer na Estança 65 do Canto V. da Lusíada:

*Aquelle Ilheo deixamos, onde veio*

*Outra armada primeira, que buscava*

*O tormentoso Cabo, e descoberto,*

*Naquelle Ilheo fez seu limite certo.*

Repetindo em tão curto espaço huma mesma clausula. Desta frase temos exemplo no mesmo Camões, Estança 29, Canto VI. da Lusíada:

*Venham Deoses a ser, e nos humanos.*

A autoridade antecedente fornece exemplo do verbo *buscar*, mui censurado da cultura moderna, com quem menos quizera eu acertar, do que errar com o divino Camões.

(10) *Amigos por antifraxe*, &c. Camões, na bellissima Canção, que principia:

*Junto de hum secco, fero, e esteril monte,*  
fallando da Arabia, diz:

*Felice por antifraxe infelice*

(11) *Mandos, riquezas*. Já neste Poema se achão estes dous substantivos com a mesma combinação, e nem por isso se repete pobreza. Agrada-me esta clausula; por isso faço della mais frequente uso. Todos os Authores tem ditto. Lembro-me a este respeito, que Escaligero na sua Poetica diz, que Tibullo a ninguem imitára senão a si mesmo; e isto porque usa de varias frases, termos, e pensamentos particulares a elle, muito principalmente pela grande semelhança que ha de conceitos, e dicção no Exordio da V. Elegia do Livro III., com a III. do Livro I.: e diz mais, que este Poeta labora sempre com certas clausulas, e conceitos proprios seus, fazendo-os andar n'um perpétuo gyro nas suas composições; mas eu não me conformo com o parecer deste Critico; porque se em Tibullo se encontraõ formulas de dizer semelhantes entre si, ou he porque são proprias suas, ou porque são tão bellas, que afeiçoáraõ o seu gosto a usar dellas todas as vezes que se lhe offerencia occasião. Homero, Virgilio, e todos os antigos, e modernos assim o fizeraõ; e não só os Poetas, mas tambem os Profistas. Além disso, estas clausulas frequentemente usadas, são huns signaes evidentes, por onde se conhecem os estylos, e se constituem quasi como huns pontos fixos, que contribuem muito para que a luz da boa Critica não vacille na investigação do conhecimento de qualquer obra.

Quando qualquer obra recebe a sua ultima perfeição; sendo esta a maior, a que póde chegar o entendimento humano, a este final, isto he, a este caracter da maior perfeição possivel, se chama sello, formula usada pelos mais notaveis Engenhos. Camões Lusíada Cant. II. Estança 72 fallando de Christo na sua Resurreição, diz:

O.

O *sello* poz a quanto tinha feito.

Deste nome *sello* vem immediatamente o verbo *sellar*, pôr *sello*. Delle tambem se deduz translativamente o verbo *assellar*, certificar, afirmar, e não de *sigillare* Latino, que nunca houve naquelle idioma, no que manifestamente se enganou Manoel de Faria e Sousa no commento ao Soneto LII., dando-lhé a sobredita etymologia de *sigillare*, que nunca existio. Diz mais o dito Escriitor no mencionado lugar, que *El Portuguez (y no bien)* dize *assellar* por *sellar*; *y el Poeta se fue tras lo commum, porque la cultura Portuqueza por la maior parte dixo siempre sellar; selle, sella. Hallarase usado del Poeta (Camões) assi como el quiso (pudolo hazer, porque sué maestro, e nueva luz de su Lengua.* O credito que este grande Critico merece em semelhantes materias me faz crer, que no seu tempo assim se costumava dizer, mas não o acho praticado pelos nossos Clássicos, e seria bem digno de censura quem dissesse: *Eu te sello*, por *Eu te afirmo*. Os Authores, que formárao o nosso Idioma, accrescentárao a este verbo o *a*, *primo*, porque era em significação translata. *Secundo*, porque em muitos dos nossos verbos o *a* he particula augmentativa; assim como: *afirmar* tem mais extenso significado, que *firmar*; *alevantar*, *assinalar* mais que *levantar*, *finalar*, &c. *Tertio*, porque sem augmento faria o estilo confuso, e escuro; porque se poderia equivocar *sellar* com *sellar*, pôr *sella* em besta, e em todas as suas temporaes inflexões, por serem ambos estes verbos de huma mesma natureza, além de se encontrar com *sella*, nome que vem de *sedes* Latino. O mesmo Faria não se lembrou, que commentando a Estança 71 do Canto II. da *Lusiada*, deu ao dito verbo a sua legitima etymologia. Veja-se o Cadern. 1.º das *Observações e Historia da Lingoa Portuqueza*.

(12) *Inopia*, quer dizer neste lugar mais que pobreza de entendimento, e baixa ignorancia, pois só esta pela maior parte costuma opprimir os homens de merecimento. Desta palavra, que he puramente Latina, temos exemplo em Fernão Alvares do Oriente, no Liv. II. da *Lusitan. Transform.* pag. 316 da nova edicção:

... e faz a sorte austera ,

*Que em gram baixeza , e grande inopia caia:*

Este genero de eloquencia he usado dos melhores Poetas ; e com razaõ , pois he por si mui bello , e formoso. Veja-se como o divino Ariosto , hum dos mais resplendentes astros do Parnaso Italiano , se ferve desta elegancia com tão admiravel artificio no I. Canto do feu Furioso.

*Sia vile agli altri , e da quel solo amata ,*

*A cui fece di se si larga copia :*

*Ab Fortuna crudel , Fortuna ingrata !*

*Trionfan gli altri , e ne moro io d'inopia.*

Se alguem nimamente severo julgar , que este Poema tem mais sublimidade do que lhe convem , rogo-lhe não profira censura , sem primeiro lêr a Elegia XV. do Liv. I. dos *Amores de Ovidio* , e outras muitas dos *Tristes* , e *Ponto* , que estão cheias de grandes sublimidades. A Elegia V. do Liv. II. de Tibullo he tão abundante de sublimidade , como se fosse huma elevadissima Ode , e esta razão dominada de grande enthusiasmo , que tem partes em que no curto espaço de vinte versos tem tres , ou quatro apostrofes , e introduzindo além disso huma Sybilla a fallar com o mesmo artificio , que Horacio usa em algumas das suas Odes. Veja a VIII. Elegia do Liv. II. de Propercio , que toda he muito sublime.



CAR-

## C A R T A

AO SENHOR JOAQUIM JOSÉ DE MIRANDA  
R E B E L L O .

**D**EPOIS que o cego Amor, Miranda amigo,  
Derramando em minha alma o seu veneno,  
Me fez ser da razaõ boa inimigo:

Depois que já naõ pifo o campo ameno  
Alegre como dantes, nem cantando  
Faço parar o Tejo aureo, e sereno:

Depois que o sacro gesto venerando  
Da Virtude a meus olhos se escondeu,  
Deixando-me illudir do vicio infando:

Naõ te espantes do vaõ silencio meu,  
Nem do pouco que em mim já permanece  
Daquelle fogo, que me Apollo deu.

Aquelle bom louvor, com que florece  
Qualquer Engenho ardente, e delicado,  
Que estimado das Musas ser merece,

Em mim já naõ excita hum sublimado  
Furor, que a mente humana faz, que veja  
Os Deoses lá no Olympo consagrado.

Minh'alma, que cançada só deseja  
Viver só dentro em si, fallar consigo,  
Nada do mundo em fim lhe causa inveja.  
Mas

Mas adonde achará seguro abrigo  
 Contra as paixões humanas, que continuo  
 Lhe estão tecendo hum aspero castigo.

Que inda que erguer quizesse ao Ceo Divino  
 Nas azas do desejo o pensamento,  
 Não o consentiria o meu Destino.

Mas não seja por hora o meu intento  
 Importunar-te, Amigo, loucamente,  
 Derramando palavras vans ao vento.

Porque posto que faiba claramente,  
 Que sempre em meus desejos enojosos  
 Me serviste de porto alegremente:

E que com fabios ditos valerosos  
 Me serenaste d'alma a tempestade,  
 Apartando-a de casos perigosos;

Não me parece honesta qualidade  
 Cançar com vãos queixumes tanto a gente  
 Quem se arreja de candida amizade.

Nem eu fui degradado indignamente  
 Lá para a Scytha fria por ter visto  
 Os defeitos de Jupiter potente.

Nem da patria apartado me contristto,  
 Lá donde o curvo Ganges corre, e mana,  
 Onde ao Fado chorando em vão resisto.

Ou já experimentando a furia insana,  
 Do embravecido Noto, revolvendo  
 As ondas de Amfitrite soberana:

Ou-

Ouvindo entre a tormenta o ladro horrendo  
De horridos Scyllas ; feios Polyfemos  
Ao longo das adustas praias vendo.

Dos quaes em tempo algum jámais foubemos ,  
Que celebrassem brancas Galatêas ,  
Nem por ellas fizeffem mil extremos.

Humedecendo as férvidas areias ,  
Travando mil contendias bellicofas  
Por espessuras horridas , e feias.

Mas porque não darei vozes queixofas ,  
Vendo-me importunado de parentes  
De altivas condições ambiciosas ?

Que isto em comparação dos mui urgentes  
Casos , que opprimem peitos esforçados ,  
Cousas na vida humana tão frequentes ;

São como os leves fumos levantados  
Pelos ligeiros ventos , lá nos ares  
N'um momento por elles dissipados.

Mas se na sorte humana reparares ,  
Verás que a todos são de igual pezar  
Pequenos , ou quaesquer grandes azares.

Hum que nunca se viu no vasto mar  
Das irritadas ondas compelido ,  
N'um rochedo propinquo a naufragar :

Andando pelo Tejo divertido  
Em concavo batel , vendo alteradas  
Hum pouco as agoas , julga-se perdido.

Kk

Mas

Mas para que são frases levantadas,  
Aonde se requer humilde estylo,  
E palavras de adôrno despojadas?

Tanto em meus pensamentos me aniquillo,  
Que n'um momento leve, e arrebatado  
Me parece voar do Tejo ao Nilo.

Hora vê, caro amigo, quam coutado,  
Anda o meu siso sempre vagabundo,  
Como roto baixel em mar irado.

Hora os Delfins do pelago profundo  
Faz habitar as selvas, e no mar  
O Javalí cerdofo, e iracundo.

Hora se entrega tanto ao seu pezar,  
Que só feias imagens de tristeza  
O poderao de todo consolar.

Entao com furiosa ligeireza  
Busca lugares asperos, e escuros,  
Proprios de feras de horrida crueza.

Do Tartaro infernal os negros muros,  
A languida corrente do Cocyto,  
Do fordido Charonte os membros duros,

As nestas sombras, o confuso grito  
D'aquella multidao atormentada,  
O tormento das Furias infinito;

A roda de Ixion accelerada,  
Do fero Rhadamantho a fatal urna,  
Onde a dura justiça he bem guardada,

Do



Do lento Somno a habitaçãõ futurna ,  
 Muito , e muito ladrar Seylla , e Charybdes ,  
 Por onde só se vê fombra nocturna.

Vós , oh Filhas de Danao , aonde ides ?  
 Sibilantes Pythões , Gorgonas pallidos ,  
 Perfeigui-as , vós Hydras , que de Alcides

Sentistes noutro tempo os membros validos :  
 Harpias feras de crueis intentos ,  
 De gestos horrendissimos , e esqualidos.

Aonde me levais ? vãos pensamentos ,  
 Assim me ministraes frases singelas ,  
 Nuas de ambiciosos ornamentos ?

Porque me ergueis ás lucidas estrellas  
 Sem forças , e sem arte , engenho , e siso ,  
 Sem o favor das Sacras Irmãs bellas ?

Ah ! nunca imaginei , que taõ confuso  
 Andasse o meu espirito , envolvido  
 Na cega escuridaõ de hum negro abuso !

Se eu me víra de amor desimpedido ,  
 E de seus máos feitiços me não dera ,  
 Que tanto me tem feito distrahido ;

Meus humidos vestidos suspendêra  
 A' fanta Liberdade . ao Céu sereno  
 Mais solto cá da terra entaõ me erguera.

Ao som das limpas agoas do ameno ,  
 E crystallino Téjo cantaria  
 Versos dignos de Tityro , ou Sitenor

Kk ii

Lá

Lá do feio das ondas ouviria,  
Sobre a urna luzente reclinado,  
O peregrino Canto, e melodia.

Seria entã de louro coroado  
Por mãos das lindas Tagides, encanto  
De qualquer peito a Apollo dedicado.

Co' a crespa fronte ornada de amarantho  
Viria Pan allí, viria Apollo,  
Que infunde em mortal peito immortal Canto.

As riquezas do aurifero Pactolo  
Trarieis, vós Nereidas, assentadas  
Sobre os Delfins do mais distante Pólo.

E nas candidas azas delicadas  
Suaves cheiros Zefiro traria  
Das regiões Eóas celebradas.

A nua Venus, Deosa da alegria,  
Pelos eburneos hombros esparfidas  
As tranças de ouro, allí não faltaria.

As arvores de flores revestidas  
Dariaõ fresca sombra ás Nynfas puras,  
Por entre as frescas folhas escondidas.

Fóra das lapas concavas, e escuras  
En danças, e coréas concertadas,  
Dos petulantes Satyros seguras;

Passariaõ as noites focogadas  
Ao claro resplendor da branca Lua,  
Ao som das crespas ondas prateadas.

E fo-

E solitario lá na praia nua,  
 O namorado Gallo em seu lamento  
 Queixára-se da Nynfa amada sua.

Eila lá vai ligeira mais que o vento  
 Pelas Alpinas ferras taõ fragosas,  
 O Capitaõ seguindo fraudulento.

» Oh Nynfa bella mais que as frescas rosas,  
 » Com tanto desamor assim me deixas  
 » Entre lagrimas tristes, e amargosas?

» Já naõ escutas, fera, as minhas queixas  
 » De mim por montes asperos fugindo  
 » Nua dos pés, e soltas as madeixas.

» Tem dos candidos pés, que vás ferindo  
 » Por espinhos agudos, piedade.  
 » Ah naõ te offenda a neve o chaõ cubrindo!

» Mitiga, Nynfa, a tua crueldade:  
 » Naõ ligas esse perfido guerreiro,  
 » Que o peito nutre só de falsidade.

» Amor nascido d'alma verdadeiro  
 » Naõ guardará quem segue Marte horrendo,  
 » E entra nos trances seus com rosto inteiro.

» Desta rocha huma fonte está correndo,  
 » Cujas limpidas aguas vaõ regando  
 » As flores, que no prado estaõ crescendo.

» Por cima hum alto louro lhe está dando  
 » Suavissima sombra, em cujos ramos  
 » Está Zefiro as azas meneando.

» Aqui

- » Aqui, onde outro tempo já gozámos;  
 » Bella Lycoris minha, docemente  
 » Nossos amores, tanto nos amámos;
- » Em lagrimas banhado tristemente,  
 » Sem consolação passo noites, dias,  
 » Movendo a grande pena a toda a gente.
- » Oh! E se aqui tornasses, tu verias  
 » O roxo Apollô, Pan, e as fantás Mufas  
 » Culpando minhas loucas fantásias.
- » As Nynfas lá das agoas circunfusas  
 » Meitas verias escutando o pranto,  
 » E minhas vozes tristes, e çonfusas.
- » Verias o bom Tityro em seu canto  
 » Lamentar os meus casos desastrados,  
 » Em novo estylo vindo do Erymantho.
- » Mas para que dou gritos magoados  
 » A quem de mim não cura, e mui distante  
 » Prodigaliza a outro os seus agrados,  
 » Com gesto todo puro, e todo amante! »

ODES

**ODES.**

o.

2140

o

# O D E S.

---

## O D E I.

A SUA ALTEZA REAL

O PRINCEPE

D. JOSÉ NOSSO SENHOR.

### I.

**M**USA, tu que presides aos louvores,  
 Que excitaõ n'alma heroica heroicos feitos,  
 Mostra-me, oh Deosa, as flores  
 Da immortal Eloquencia: altos conceitos,  
 Altos nobres furores,  
 Proprios para louvar illustres peitos,  
 Me inspira, e me illumina o pensamento  
 Para voar da terra ao ethereo assento.

### II.

Profanar naõ pertendo o dom sagrado,  
 Que em mim depositou o Ceo benigno:  
 Assumpto sublimado  
 Digno de verso altissimo, e divino,  
 Digno de ser cantado  
 Na aurea lyra do excelso Venusino,  
 A' minha fantasia se offerece,  
 E me manda cantar, e m' esclarece.

LI

III.

## III.

Vós Príncipe sublime , alta esperança  
 Do Lusitano Imperio , amor , e gloria ;  
 Vós nossa segurança ,  
 Vós , que assumpto fereis de longa historia ,  
 E de immortal lembrança ,  
 Pois que já mereceis clara memoria  
 Por illustres acções , em canto eterno  
 Levantado fereis ao Ceo superno.

## IV.

A vós , Senhor , que eu por meu Sol adoro ,  
 Confagro a lyra , e o canto. Em alto estylo  
 Claro , puro , e sonoro  
 Ouça-me o Tejo , ouça-me o Gange , e o Nilo  
 Louvar Cysne canoro  
 Vosso nome ; jámais deixem de ouvillo  
 Tantas Nações , que esperaõ ser regidas  
 Por vós com justas leis esclarecidas.

## V.

Já vos vejo no Throno Soberano  
 Jove potente , e justo , fulminando  
 O Vicio horrendo , e infano ,  
 Soberbos Licaontes aterrando ;  
 E com semblante humano  
 Os humildes do abismo levantando ,  
 Erguendo do profundo abatimento  
 A Virtude , e o gentil Merecimento.

## VI.



## VI.

Novo Apollo a Ignorancia confundindo,  
 Protegereis as Artes, e Sciencias;  
     Benefico infundindo  
 Nas fantasias nobres influencias,  
     Ireis a porta abrindo  
 A seculos de altivas excellencias,  
 Fazendo-vos famoso em proza, ou rima,  
 De alta invenção, e de immortal estima

## VII.

Vós o Pindo abrireis, e largamente  
 Fareis correr as fontes do Parnazo:  
     Aquelle fogo ardente,  
 Fogo divino, em que me accendo, e abraço,  
     Mais vivo, e mais potente  
 Para cantar qualquer illustre caso  
 Será por vosso influxo Soberano,  
 Combatendo o furor do Tempo insano.

## VIII.

A'quella Poesia, que suspira  
 Entre os braços de Amor languida, e preza,  
     Ao som da imbellyra,  
 Succederá na Scena Portugueza  
     Melpomene, que iníspira  
 Domar das paixões feras a crueza;  
 Igualando o cothurno sem mudança  
 Da antiga Grecia, e da moderna França.

## IX.

Accenderá Calliope altamente  
 De outro novo Camões a fantasia.  
 Irá de gente em gente  
 Desde a torrida Zona á plaga fria,  
 Voando eternamente  
 Novo prodigio de alta Poesia,  
 Do qual fereis Heroe sublime, e dino.  
 Febo m'ò diz, e a Vós o vaticino.

## X.

Verá o mundo allí em toda a idade  
 Ceres, por vosso auspicio Soberano,  
 D'aurea fertilidade  
 Encher o largo campo Lusitano;  
 Mantendo em dignidade  
 O Portuguez cultor alegre, e ufano:  
 Prezado o illustre artifice, que tece  
 A lan, que a Tyria còr tanto enobrece.

## XI.

Voando irá por toda a redondeza  
 A Pintura immortal, mostrando ao mundo  
 A gente Portugueza  
 Dominando o furor do mar profundo;  
 Com inclyta inteireza  
 Levar trato honorifico, e fecundo,  
 Limpo de proceder duro, e perverso  
 A's mais remotas praias do Univerfo.

## XII.

## XII.

Com magestoso accento, e voz canora  
 Do illustre Tejo ás Regiões famosas,  
 Aonde nasce a Aurora,  
 Irão vossas victorias gloriosas  
 Se a Inveja, que devora  
 As almas de vil lucro cubiçosas,  
 Suscitar furiosa tempestade  
 Para offuscar a Lufa Magestade.

## XIII.

Será por vós, Senhor, resuscitada  
 Aquella antiga gloria Portugueza  
 Taõ clara, e taõ cantada  
 Da voz da Fama em toda a redondeza.  
 Vêr-se-ha recopilada  
 Em vós toda a magnanima grandeza  
 Desses Heroes no mundo gloriosos,  
 Vossos Avós, Reis inclytos, famosos.

## XIV.

Fareis como Alexandre, e o claro Augusto  
 Grande Epoca no mundo em toda a historia.  
 Principe excelso, e justo,  
 Tereis assento eterno na memoria,  
 Se eu co' a razaõ me ajusto,  
 Já de illustrados seculos de gloria  
 Nova altissima serie vem nascendo  
 De Heroes de esforço indomito, e estupendo.

## XV.

## XV.

Do feio da opulencia renascida  
Terá Lisboa o Sceptro do Oceano :  
Vós a fareis subida  
Em policia, em costumes, trato humano;  
Famosa, e esclarecida  
Em Sciencias, e com valor ufano  
Emporio do Universo, e de igual forte  
Centro das Artes, Templo de Mavorte.



## NOTAS,

*Ou Observações sobre a Ode.*

**T**odos sabem, que a Ode he hum Poema breve, tecido de expressões sublimes. Os antigos, que mais resplendecêrao neste genero de Poesia, quasi sempre a consagrarao ao louvor da Divindade, ou dos homens illustres. Pindaro entre os Gregos, e Horacio entre os Latinos, fôrao os que levarao a Ode á sua maior perfeição, servindo-se cada hum de methodo differente. O primeiro constrangido da esterilidade dos assumptos, que tratou, servio-se de infinitas digressões, e conformando-se com aquelle impero proprio da eloquencia Grega, organizou as suas Odes de expressões mais vivas, que instructivas, usando de figuras mui atrevidas, e enfaticas, de maneira que o seu estylo parecerá hum tanto escuro, e defunido a quem não estiver familiarizado com a leitura dos seus Poemas. Pelo contrario Horacio, não sendo tão sublime, instrue mais; os seus pensamentos são mais bem deduzidos, e o seu enthusiasmo, se não he tão brilhante como o de Pindaro, he certamente mais racional, como resultado de huma fantasia verdadeiramente filosofica; o seu estylo he purissimo, e claro, qualidades que sempre o fizerao mais lido, e imitado. Os nossos antigos, que melhor compozerao na Ode, seguirao sempre o methodo Horaciano. O mesmo fez o Garção, o unico bom dos nossos modernos; mas o espirito de novidade tem introduzido na composição da Ode hum novo estylo tão defunido, e corrado de interrogações, reticencias, e exclamações, e além disso tão pouco deduzido nos pensamentos, que mais parecem delirios, que racionalidades. He bem verdade, que estes chamados furros poeticos costumao ser desculpados com a bella deform de Boileau, preceito que ainda até agora não tem os Sabios definido cabalmente; o que obrigou a dizer a Mr. d'Alambert, que as melhores Odes não erao aquellas, que rinhao: *Que v. jo? Que escuto? Onde eston? Que sinto?*

Esta Ode he feita ao mais amavel Principe, que hoje conhece a Europa, e que por suas grandes virtudes,

tudes , e fabledoria promette ser hum dos mais notaveis Reis do mundo. Puz todo o cuidado possivel porque resplendecesse neste Poema o decóro , e a magestade conveniente á grandeza de tão alto assumpto , sem intrometter cousa , que respire lisonja , fallando com o artificio possivel ás minhas forças daquellas cousas , que mais devem merecer a attenção de hum bom Monarca desejozo do augmento dos seus Reinos , e felicidade dos seus Vassallos , como são Artes , Sciencias , Agricultura , Manufacturas , Leis , Navegação , Milicia &c. Nenhuma outra cousa me moveu a esta composição , mais do que louvar a virtude , e o merecimento.

A Epistola , a Satyra , o Soneto , e o Epigramma são os Poemas , que não admittem invocações : os dois primeiros porque nelles não tem lugar o enthusiasmo ; os ultimos pela sua brevidade. Os Antigos usaraõ dellas nas Odes , e em Pindaro são triviaes as invocações ; e para dar alguma idéa do modo , com que este grande Poeta invocava no principio das suas Odes , transcreverei aqui huma debil traducção das primeiras Estrofes da Ode primeira das Pythias , e de caminho se observará o methodo digressivo , com que elle hia avultando a sua composição , que , como já disse , quasi sempre celebrava assumptos estereis. A traducção he livre , e para não causar embaraço na intelligencia refumo a antistrophe , e epodo primeiro , porque tem varias digressões de outras digressões , que não deixaõ de causar sua confusão , mórmemente a quem não tiver lição deste admiravel Poeta.

*Traducção da Ode I. das Pythias de Pindaro.*

Aurea lyra de Apollo ,  
 Suave possessão das doutas Musas ,  
 Em cujos bellos hombros de alabastro  
 Negras tranças ondeiaõ.  
 Tu , a quem se une o metro delicioso ,  
 Fonte de alto prazer ,  
 Tu , a cujos harmonicos accentos  
 Os Cantores divinos obedecem ,  
 Quando nos brandos côros

Os

Os preludios dos Canticos entoas,  
 Cujo som faz cair o raio ardente  
 Das poderozas mãos do eterno Jove,  
 E faz, que á sombra durma do seu Septro  
 A Rainha das aves  
 Veloz Aguia sublime.

Tú, que amansas a furia de Mavorte,  
 Pois que em fim tuas graças docemente  
 Os Supremos Celicolas encantaõ,  
 E lá no fundo Tartaro, onde jazem  
 Os que as Musas amaveis aborrecem,  
 Aos tenebrosos Deoses adormecem;

Allí tormento eterno  
 Afflige o Centimano impio Tyfeu,  
 Opprimido do Ethna,  
 De cujo feio interno docemente  
 Manaõ fontes amenas,  
 Mui puras, e serenas;  
 E do seu cume excelso, eternamente

De neve coroadó,  
 Rios de fogo arroja, e pó sulfureo  
 Com temeroso estrondo: espanto horrendo,  
 Aos que ouvem, e aos que passaõ . . . .  
 E tu, Febo, que em Delo, e Licia mandas,  
 E tanto estimas a Castalia fonte,  
 Imprime no meu animo as acções  
 Do claro Heroe, que celebrar pertendo,  
 E dá-me hum nobre estylo, que aos vindouros  
 Seu nome illustre mande &c.

O methodo da invocar de Horacio era mais resumido, e analogo ao assumpto, que pertendia tratar, como se pôde ver do seguinte exemplo da Ode IV. do L. III.

*Desce do Ceo, Calliope Rainha,*

*Do sacro Aonio Coro:*

*Com doce som canoro*

*Canta na frauta, ou na Apollinea lyra.*

De forte que estas, e outras invocações, que se encontram no Lyrico Latino, são mui breves; no que foi imitado de quasi todos os modernos, que pela maior parte as fecháraõ em huma só Estrofe, como se pode vêr

Mm

dos

dos seguintes exemplos. Seja o primeiro a invocação da Ode IX. do Conde Fulvio Testi, que he hum dos Lyricos de Italia, que mais seguio a norma da composição Pindarica.

*Mentre umile m'inchino al tuo gran Nume ,  
O Febo , e di divoti  
Incensi io spargo il riverito altare ,  
De l'innocente cor le non avare  
Pregbiere , e i casti voti  
Seconda tu con fortunato lume :  
Ben sai , che non presume  
L'alma gran cose , e che fra se contenta  
Mentre poco desia , nulla paventa.*

Guido Casone , Lyrico que seguio muito a composição Horaciana, na primeira Ode da segunda parte nos dá o seguinte exemplo:

*Con regolati errori  
Gira il Ciel ; fiammeggiando non risplende  
Il foco , ora la luce , ora gli horrori  
L'aria accoglie , la terra immobil pende ;  
Treme rinchiuso entro i suoi lidi il mare ,  
Musa , canta il Fattor d'opre si rare*

Bernardo Tasso , Pai do grande Torcato Tasso , reputado pelo maior Lyrico do seu tempo na Italia, nos fornece hum exemplo da mesma qualidade na Ode III. á Lua :

*Pon freno , Musa , a quel si lungo pianto ,  
Cb' Amor t'apre del core ;  
Et vestita de ricco , e lieto manto ,  
Rendiamo a quella honore ,  
Che col vago splendore  
Facendo il Cielo adorno ,  
Mostra , quando è più oscuro , un chiaro giorno.*

Vejamos agora como o grande Camões invocou , e seja o exemplo a invocação, que tem na primeira Ode á Lua, gentil immitação da dita Ode de Tasso Pai, e de caminho observará o curioso Leitor a liberdade, e bizzarria, com que costuma imitar hum Engenho original, servindo-se do melhor do texto imitado, e aperfeiçoando o que achou menos congruente á razão, como se verá, que este grande



de Poeta fez principalmente na imitação do ultimo verso, cujo sentido abraça huma antithese, que não deixa de ser hum tanto pueril. A passagem he a seguinte :

*Detem hum pouco, Musa, o largo pranto,*

*Que Amor te abre do peito.*

*E vestida de rico, e ledo manto,*

*Demos honra, e respeito*

*A aquella, cujo objecto*

*Todo o mundo alumia,*

*Trocando a noite escura em claro dia.*

Costumão os Poetas invocar, quando tem que tratar assumpto grande, que julgaõ superior ás suas forças. Verdade he, que a longa invocação acima descrita de Pindaro he mais para dar extenção a hum assumpto estéril; do que para excitar as idéas, mórmente em argumento, que só contém huma victoria inutil de hum Heroe trivial dos Jogos Pythios. Estas invocações são indices da modestia do Poeta, ou Poetas, que dellas usão nos grandes assumptos, mostrando-se de algum modo inspirados para haver de fallar de huma maneira extraordinaria daquellas cousas, que parecem exceder as forças do engenho humano. Assim o fez Horacio na Ode XII. do Livro I. para cantar os louvores dos Deozes: na IV. do Liv. III. onde celebra prodigios das Musas, declinando por meio de huma maravilhosa transição em os louvores de Augusto; e na XXV do mesmo Liv. onde com admiravel vehemencia de enthusiasmo celebra, e louva Augusto. Seraõ de parecer alguns, que este artificio de composição só se deva praticar na Ode; mas o uso dos melhores Poetas nos mostra, que nas melhores Elegias, e ainda mesmo nas Eclogas, tem lugar as invocações, quando nestes Poemas pertendem tratar cousas mais elevadas, como vêmos praticado por Tibullo na Elegia V. do Liv. II., e na I. do Liv. III.: por Propercio na Elegia I. do Liv. III.: e por Virgilio na Ecloga IV, na VI, e na X.; a razão he, porque estes Poemas são capazes de enthusiasmo, o que affaz se mostra de todas as Poésias acima indicadas, e em especial da VI. Ecloga de Virgilio, o que tem sido muito imitado dos modernos, e em especial dos nossos Poetas Portuguezes. Se alguém pertende saber qual

dos exemplos allegados he o mais bello no meu concei-  
to, posto que todos tem qualidades de bellezas estima-  
veis, com tudo eu julgo, que a de Horacio he superior  
á de Pindaro pela brevidade, e doçura; fe bem que o  
ultimo verso da primeira Estrofe me parece hum tanto  
incorrecto, por huma especie de pleonasma, que ao meu  
parecer está constituido em *fidibus*, *cytharave Phoebi*,  
fe por *fidibus* se não deve entender outro instrumento di-  
verso da *cithara* pela figura synecdoche. He bem verdade,  
que este meu reparo de pouco deve montar, á huma, pe-  
la minha ignorancia, e pelo silencio de todos os Criticos  
nesta passagem; á outra, porque assim como os modernos  
não podem entrar em hum cabal conhecimento de todas  
as graças da Lingoa Latina, por ser idioma que se não  
falla á mais de 14 seculos, pela mesma razão não po-  
dem conhecer muitos defeitos dos seus antigos Escri-  
tores, especialmente sendo relativos ao estylo; e muitas  
vezes acontecerá, que o que elles tinhaõ por defeito, os  
modernos avaliem por huma belleza, e assim o que elles  
estimavaõ belleza, nós o julgamos defeito.

---

## O D E II.

## À LINGOA PORTUGUEZA.

**L**INGOA, cuja suave melodia, (1)  
 Cuja enchente fecunda de expressões (2)  
 Clara te faz entre as viventes Lingoas,  
 Mais que todas illustre.

Se aquelle, que imitando o Cysne Argivo  
 Tanto as Latinas Mufas illustrou,  
 Que as fez voar eternas pelo mundo,  
 Vencidas quasi as Gregas:

Que as armas, e o Varaõ pio cantando,  
 Que o caro Pai, que os caros seus Penates  
 Salvou por entre chammas, e armas horridas  
 Dos férvidos Achivos:

Se o que as causas orando ante os Conscrittos  
 Na magestosa Curia, ou ante o povo,  
 No fundo lá dos peltos accendia  
 Mil diversas paixões:

Cuja copia grandiloqua, e facunda  
 As fedições feroces profligava,  
 Que a Roma apparelhavaõ ferro, e flamma,  
 Sepultura fatal:

Ouvillem como seas doce, e branda;  
 Tua indole grave, e magestosa, (3)  
 Flexivel para todos os assumptos, (4)  
 Attentos contemplassem:

Do

Do mais polido seio da Latina (5)  
 Diriaõ ser nascida a Lusa Lingoa,  
 A mais propria de assumptos magestosos, (6)  
 De engenhos levantados.

Que a Lingoa dos soberbos vencedores  
 D'Africa, d'Asia, e da famosa Europa,  
 Fallavaõ os illustres Lusitanos,  
 Gente inclyta no mundo.

Que impavidos fendendo o mar tumente,  
 Sem temer as horrendas tempestades,  
 Novas estrellas viraõ, novos climas,  
 Novos mundos acháraõ.

E por armas sanguineas se fizeraõ (7)  
 Famosos mais que Cezar, e Pompeo;  
 E onde nunca chegar pôde Trajano  
 Fôraõ suas victorias.

Viraõ os seus triunfos, e trofeos  
 As ondas Eritréas, o Indo adusto:  
 Vio-os o curvo Ganges, e o Japaõ  
 Lá nos confins do mundo.

Vio-os de immortal gloria coroados  
 A Brazilica terra immensa, e grande,  
 Fundar Reinos, Imperios, e domar  
 Barbariffimos povos.

Se hum grande Barros, se hum sublime, e grande, (8)  
 Hum divino Camões cantar ouvissem,  
 Ou em solta oraçaõ alta, e pomposa, (9)  
 Ou em suave metro: (10)

Com

Com vivas côres de immortal tranfumpto,  
Formadas pela mão do engenho, e d'arte,  
Veriaõ retratar Provincias, Reinos, (11)  
Vastiffimos Imperios.

Varios costumes, varios ritos, e ufos (12)  
De diversas Nações feras, e eſtranhas,  
Naõ fabidas jámais, nem conhecidas  
Dos antigos Filoſofos. (13)

No meio allí dos mares ſe levantaõ,  
Como nuvens futís, ilhas ignotas: (14)  
Aqui ſe alarga a fóz de hum curvo porto:  
Álem ſe elevaõ montes.

Vaõ-ſe eſtendendo aquaticas ribeiras;  
E as maritimas coſtas alongando;  
Fervem nos baixos turbidos as ondas  
Com temoroſo eſtrondo.

As enfeadas concavas ſe encurvaõ,  
Levantaõ-ſe os convexos promontorios (15)  
Longamente eſtendidos pelos mares,  
Das ondas combatidos.

Tal no Templo da Fama retratou,  
Para ter longa vida, e nome eterno,  
O grande Livio grandes as proezas (16)  
Dos potentes Romanos.

Eu já te vejo, oh Maro envolto em medo, (17)  
Vendo nas ſombras horridas da noite  
Lá do fundo dos mares levantar-ſe  
O fero Adamaſtor.

Co' a cabeça de nuvens coroada, (18)  
 De chuvas, ventos, raios, e tormentas,  
 De horrorosos trovões, de horriveis fogos  
 Dos férvidos relampagos.

Os horrifonos sons das tempestades,  
 Os bramidos dos ventos, e das ondas,  
 Dando, e batendo ao longe nos rochedos  
 N'alma espanto te imprimem.

Oh! como escutas pavidó, e infiado  
 A voz horrenda; rouca, e pezarosa (19)  
 Do colerico monstro ameaçando  
 Aos Portuguezes nautas!

Mortes, estragos, e crueis destinos  
 Pronosticando, e miseros naufragios  
 Aos que ousáraõ tentar a vez primeira  
 Seus incognitos mares.

Oh invençaõ altissima, e divina, (20)  
 Nunca de peregrina fantasia,  
 De quantas inflammou o vivo Apollo,  
 Sonhada, ou concebida!

Já retumba nos campos de Mavorte (21)  
 O som da tuba, qu' enfurece, e accende  
 Os corações ferozes para a guerra:  
 Oh como te embraveces!

Allí o mundo atroa o estrondo horrendo (22)  
 Da ardente artilheria furibunda:  
 Como se eleva, e com ruina estalla  
 A mortifera bomba! (23)

Soa a solida terra rude estrepito, (24)  
 Quadrupedando os férvidos ginetes: (25)  
 Soão armas horrificas, e soão (26)  
 Os roucos atambores. (27)

Com destreza gentil de tom mudando,  
 Já vês fahir da lyra enrouquecida,  
 Interrompido com soluços, e ais, (28)  
 O som do pranto amargo.

Qual musico excellente, que passando  
 De alegre, arrebatada synfonia,  
 Com modulação doce em grave tom (29)  
 Chora, geme, e suspira; (30)

Allí com vivas côres retratando  
 O mais robusto peito afflige, e move  
 O caso acerbo da gentil Donzella,  
 Da triste linda Inez. (31)

Aquella, cuja vista soberana,  
 Throno excelso de Amor, era alma, e vida  
 Do claro Infante, e cuja formosura  
 Rendêra o mesmo Olympo, (32)

Pallida jaz da vida despojada,  
 Languido o niveo collo, e o branco peito  
 No proprio fangue seu banhado, e tinto;  
 Mortos os lindos olhos.

Estaõ as Nynfas candidas chorando  
 Sobre o frio cadaver lastimosas,  
 E os mesmos ais do concavo das grutas  
 Ecco triste repete.

Já se vaõ pouco a pouco convertendo  
 Os membros de alabastro em claras fontes.  
 Tanto nellas a magoa penetrou,  
 A dôr intensa, e viva! (33)

Adornado de extrema perfeiçãõ,  
 Sempre illustre serás, sempre famoso,  
 Sempre de sabios peitos estimado,  
 Purissimo Idioma. (34)

A pezar dos maledicos profanos,  
 A quem as Sacras Musas recusáraõ  
 O dom de conhecer tuas bellezas,  
 E solida energia.

Inda com teu favor me elevarei (35) (36)  
 Com clara fama ás lucidas estrellas, (37)  
 Brando Cysne cantando ao som do Tejo (38)  
 Canticos immortaes.

Isto o vermelho Apollo m'o declara,  
 E a mente me enfurece a roxa flamma;  
 Já se me vaõ os membros transformando (39)  
 N'outra nova figura.

E de alvas pennas mil vestido, e ornado (40)  
 Já me sinto da terra levantar:  
 Eis nas candidas azas suspendido  
 Novos cantos medito.

Já novos seres vejo, novas fórmas: (31)  
 Já me occupaõ a mente altos assumptos.  
 Ficai, profanos, que das doces Musas  
 Os dons vituperaes.



## N O T A S.

**A** Maior parte dos homens de talentos relevantes estimou o Idioma , que no berço lhe foi ensinado; assim o persuade a razão , e o ensina a boa philosophia. Quantos Varões sapientíssimos não possuího a Italia até ao fim do seculo decimo sexto , os quaes tanto não desprezaráo a sua Lingoa , que compozêrao obras de immortal merecimento , com que a illustrárao , e polírao , podendo estes escrever na Latina com muita pureza , e elegancia? Dante , Petrarca , Ariosto , Sannazzaro , Bembo , e outros escrevêrao insignemente na Lingoa Latina; mas os escritos de alta composição , que escrevêrao no seu Idioma , fôrao os que lhes conciliárao nome eterno no mundo. O mesmo vêmos , que tem obrado com os seus Idiomas os Castelhanos , Francezes , e Inglezes , além das muitas observações , e analyses , que as suas Academias tem publicado sobre a natureza das Lingoas , que fallaão , elegancias , e construcções particulares a muitos dos seus Authores Clássicos , onde dertamárao afaz de louvores aos ditos Idiomas , o que he notorio a todos os que se dão a esta qualidade de estudos. A Nação Portugueza , como desde o principio do Reino andou sempre envolvida em guerras , nunca pôde possuir nenhum destes Córpos authorizados de homens de Letras , senão tão sómente no Reinado de D. João V. a Academia Real da Historia Portugueza instituhida pelo mesmo Rei , dá qual não me consta , que sahisse escrito algum relativo ao estudo da Lingoa: (\*) porém se esta Congregação de doutos persistisse , he verosimil , que publicasse neste genero de erudição obras de muita utilidade , e gloria para a Nação Portugueza. Com tudo homens doutos , e sabios , que conhecem a elegancia , e formosura do nosso Idioma , escrevêrao obras de muito abalizado merecimento compondo Grammaticas , e Discursos sobre

---

(\*) A Academia Real da Historia Portugueza tinha por objecto a Historia Civil , e Ecclesiastica da Nação Portugueza , ramo da Litteratura Nacional , que em si não abrange o que diz respeito á linguagem , mas tão sómente aos acontecimentos publicos.

a natureza da Lingoagem Portugueza , além de outros muitos , que a louvárao nos seus escritos , tanto nacionaes como estrangeiros , varões doutos , e de grande merecimento. Os que compozeráo Grammaticas , e Discursos sobre a nossa Lingoa , de que eu tenho noticia são os seguintes : João de Barros , Duarte Nunes de Leão , Manoel Severim de Faria , Amaro de Reboredo , Pedro de Magalhães Gandavo , Alvaro Ferreira de Vera , o Bispo D. António Pinheiro , João Franco Barreto , e quasi em os nossos días D. Jeronymo Contador de Argore , e outros muitos , que escrevêrao com grande acerto , e magisterio. Louvárao-na , e fizeram nella doudas observações o Doutor Antonio Ferrar , George Ferreira , Fr. Bernardo de Britto , o grande Camões , Damiaão de Goes , Fr. Amador Arraes , Manoel de Faria e Sousa , Antonio de Sousa de Macedo , o P. Antonio Vieira na Censura á III. Parte da Historia de S. Domingos de Fr. Luiz de Sousa , que vem no XIV. Tom. fol. 289 , e outros. Dos Estrangeiros fôrao Anibal Caro , o P. João de Mariana , Miguel de Cervantes , Lope da Vega Carpio , Fr. Bento Feijó , Vicente Espinel &c. Este ultimo costumava dizer ao nosso Manoel de Faria e Sousa , que a Lingoa Portugueza era hum encanto ; e com razaão , pois o nosso Idioma contém em si as cinco condições , que deve ter toda a Lingoa perfeita , e culta , que são , cópia , doçura , energia , capacidade para todos os assumptos , e escrever-se como se falla. A estreiteza destas notas não me permite maior discurso sobre cada huma destas partes , a existencia das quaes he evidente aos estudiosos da Lingoa ; direi com tudo , que o nosso Idioma tem tal medida , e compasso entre vogaes e consoantes , que a frequencia destas nunca atropella , e abafa o som expressivo daquelloutras , além de não ter dicção alguma , que termine em consoantes asperas , como são *ff* , *pp* , *tt* , assim como a Lingoa Latina , a Franceza , e muitas das polidas da Europa , qualidade que muito contribue para a suavidade , e número , de que se vê ornada. As bem notadas desinencias de todos os seus pluraes em *as* , *es* , *is* , *iz* , *os* , *us*. As anomalias todas formadas pelas mais puras regras do Gosto ; a facilidade das con-

jugas:

jugações dos verbos , e das declinações dos nomes ; a evidencia dos generos , tudo concorre para a sua perfeição , e facilita os meios de se aprender , pois a cada passo vêmos mininos de tres annos , e ainda de menos , que fallaõ de modo , que raros solecismos commettem ; e qualquer Estrangeiro pôde traduzir com facilidade , e prefezta na sua Lingoagem todo o pedaço de prosa dos nossos bons Authores , visto ser a Syntaxe da nossa Lingoa mui natural , e correctã , sem a immensidade das inversões , que vêmos nos outros Idiomas antigos , e modernos ; circumstancia que os faz de difficil accesso a quem nelles pertende ser instruido , e obsta á sua propagação ; porque , exceptuando algumas pessoas eruditas da Europa , fóra della não são muito conhecidos estes Idiomas. E frequentando tantas Nações da Europa todas as costas , que vão desde o Cabo de Nam até ao Japão , nenhuma Lingoa he mais conhecida , e fallada de tantas Nações , que habitaõ ao longo de todas essas Costas , e Certões , que a Portugueza , o que resulta não só do trato continuo com os Portuguezes , mas tambem da facilidade da Syntaxe , e pronunciação da Lingoagem Portugueza. Em louvor da qual ha mais de doze annos compuz esta Ode , não porque o nosso Idioma necessitasse dos elogios , que lhe podesse traçar o meu fraco engenho , que affaz de louvores lhe conciliaõ as graças energicas , de que se acha ornado , e as obras immortaes , que nelle compozeraõ tantos Varões de assignalado merecimento ; mas sim por vêr o quanto sem motivo , nem razão , o desacreditaõ muitas pessoas indouras , e ignorantes , que tendo leve conhecimento de algumas Lingoas Estrangeiras , estas só louvaõ , e prezaõ , culpando frequentemente a nossa de pobre , e difficil de se aprender , como se os taes tivessem os precisos requisitos para decidirem do merecimento de hum Idioma tão antigo , fixado , e authorized com tanto número de escriptos , que muitos delles em nada cedem no seu genero aos Antigos. E porque no tempo , em que compuz este Poema , ainda não me achava familiarizado com as verdadeiras regras do Gosto , esse foi o motivo porque fahio com muitos defeitos de locução , por cuja causa lhe fiz mais de quarenta e duas emendas , ficando ,

cando, isso não obstante, affaz defeitoso em ser de grande extensão, e organizado em verso solto, qualidade de metro, que excepto nos Poemas Dramaticos, em todos os mais he de natureza repugnante, e contraria ao bom Gosto, e mui remota da índole do nosso Idioma, cuja Profodia he absolutamente diversa da do Grego, e Latino. Além de que, em huma Lingoa tão abundante de simulcadenias em todo o genero como a Portugueza, não ha necessidade, que obrigue a deixar o uso da rima, a qual parece essencial ao nosso verso, e o não usar della pôde ser reputado por fraqueza, e temor de não poder ir pelo caminho, que os nossos Avós com tanta gloria frequentárao: nem concluem nada os que dizem ser a rima hum pezadissimo grilhão para exprimir com felicidade os conceitos; pois só o pôde ser aos que sem engenho, e sem conhecimento profundo da Lingoa intentao poetar. Antes pelo contrario do fundo deste mesmo obstaculo succede nascerem talvez as mais admiraveis bellezas de estylo, como bem advertirão Torcato Tasso, e Voltaire, e experimentao todos os dias, os que procurao metrificar com Gosto. E se me dizem, que alguns excellentes Engenhos compozerao Poemas de grande merecimento sem usar de rima, respondo, que estes muito mais dignos seriao de applauso, se nelles se empregasse a rima com destreza, e arte. Digaó-me, que quem não rima he porque não pôde rimar, e pertende compôr de pressa, e não que seja repugnante á estrutura de qualquer Poema o bello uso das simulcadenias,

(1) A doçura, e harmonia da Lingoa Portugueza he manifesta não só aos Nacionaes, mas tambem aos Estrangeiros; e para tratar amores, e todas as mais qualidades de affectos, nenhuma se lhe iguala. Procede isto não só do genio da Nação Portugueza, por ser naturalmente inclinada á paixáo do amor, e mui dezechosa de a publicar em frase de extrema suavidade, mas tambem por ser a Lingoa mui cheia de rimas de suavissima harmonia, e letras consoantes de mui doce pronunciação, como *bb*, *dd*, *ll*, *mm*, *nn*, *ff*, *zz*; e talvez, que á sobredita paixáo se deva em grande parte a belleza, e ordem natural da nossa Syntaxe, porque quem se sente

te

re possuhido deste affecto , põe toda a diligencia em o manifestar com clareza ao objecto , que lh'o faz sentir , donde só espera o remedio do mal , que sente. E se o amor não foi o que inventou as Lingoas , foi certamente quem as aperteçoou , e polio.

(2) A cópia de palavras he mui necessaria a qualquer Idioma ; porque aliás difficil cousa seria deixar de repetir os mesmos termos , o que obstaria muito á variedade do estylo. A abundancia da Lingoa Portugueza , como já bem advertio o judicioso , e elegante Manoel Severim de Faria , se patenteia por quatro demonstrações. A primeira nos muitos verbos , que significação huma só acção , como vemos nos que se seguem , os quaes exprimem a acção de reduzir hum livro a menos leitura , a saber. *Abbreviar , recopilar , resumir , epilogar , epitomar , compendiar , e encurtar.* Veja-se o *Epitome da Lingoa Portugueza* de Faria na Europa. A segunda , no número de nomes , que ha para huma mesma coisa , quaes são : *Adagio , Proverbio , Rifaõ , Exemplo , Sentença , Ditado , Annexim* , e além destes , que traz o sobredito Author , *Dito , Falla , Fallar* , usados por Fernão Lopes , e Jorge Ferreira. A terceira na multidaõ dos vocabulos , que nascem de huma só palavra , o exemplo dos quaes derivados de hum só nome mostrou já largamente Duarte Nunes de Leão na *Origem da Lingoa Portugueza* , e se vê bem nos que se derivaõ desta palavra *pedra* , de que os Latinos não tem mais do que seis , e nós dezeseis , ou dezefete , que são *Pedra , Pedreiro , Pedreira , Pedraria , Pedral , Pedrado , Empedrar , Desempedrar , Apedrejar , Pedrada , Pedroso , Pedregoso , Pedranceira , Pedrouço , Pedregulho , Pederneira , e Pedernal.* (\*) Vieira Tom.IV. fol. 407. Da quarta , e ultima demonstração de palavras , que se não achão nas outras Lingoas , senão só na Portugueza , seja exemplo : *Agazalhar , Alvoicoço , Atinar* ,

---

(\*) Aos dezefete vocabulos derivados do nome *Pedra* , aqui declarados se podem ainda ajuntar os seguintes : *Pedregal , Pedrez , Pedrinha , Pedrisco , Apedrar , Apedrejador , Impedernir , Empedrenecer , Empedernido , Empedernir-se , Empedrador , e Empedradura* : e talvez mais alguns.

*Bonina, Enxergar, Encampar, Encerrar, Geito, Infar, Lembrança, Magoar, Maviofo, Praguajar, Pairo, Parar, Primor, Tomar-se de alguma cousa, Mano, Saudade, Sofreço, Desenvoltura, Desenvolto, e outros muitos.* Não fallo já dos infinitos modos de fallar elegantíffimamente particulares ao noſſo Idioma: e para formar delles alguma idéa apontarei alguns exemplos tirados das Decadas do grande João de Barros. Seja o primeiro no Cap. X. da Decada I., » Posto que as Ilhas em ſi nam » ſam mais que huns ilheos eſcaldados dos ventos, e ro- » cio da agoa das ondas do mar. » E no Cap. II. Liv. II. da Decada I. . . » E iſto não com palavras taxadas, e » avaras, ſegundo o uſo dos Principes, mas com modo » eloquente, e de prodigo Orador, como quem ſe preza- » va diſſo. » Fallando de Chriſtovoão Colon, diz o ſeguinte no Liv. III. Cap. XI. da Decada I.: » Onde tam- » bem andou ladrando eſte requerimento. » Em o Cap. I. do Liv. VIII. da Decada I. fallando da queixa, que os Mouros da India fizeram dos Portuguezes ao Soldão do Cairo diz: » E ſobre tudo ſão (os Portugue- » zes) huma bofetada da Casa de Meca. » Elegancia talvez intraduzível em os outros Idiomas. Os que nunca deixáráo de ſeguir nas ſuas composições a rotina do vulgo dos que eſcrevem, não admiráo eſtas, e outras muitas bellezas da meſma qualidade; porque o conhecimento do ſeu valor he inacceſſível á intelligencia dos taes, e ſemelhantes elegancias ſó podem ſer concebidas, e calculadas por Engenhos privilegiados, e verdadeiramente aſſiſtidos das Muſas. Em ſim a cópia do noſſo Idioma, não ſó he patente aos que ſe dão ao eſtudo delle por ſimples leitura, e analytica obſervação dos ſeus Eſcritores Cláſſicos, mas muito mais aos que nella põe toda a diligencia em compôr com correccão, e emenda; pois ſuccede infinitas vezes a eſtes verem-se em aperto pela eſcolha, que tem de fazer na abundancia de termos, que ſe lhes offerecem para exprimir os ſeus conceitos, como ingenuamente • teſtifica de ſi proprio o Biſpo de Leiria D. Antonio Pinheiro, Varaõ douto, e mui benemeritõ da noſſa Lingoa, na Dedicatoria da Traducção do Panegyrico de Plinio, onde diz, que muitas vezes

ſe

*se vira em afronta, e necessidade de escolher.* Do mesmo parecer fôraõ os acima allegados Duarte Nunes de Leão, o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, e outros Varões doutos, e benemeritos da nossa Litteratura Portugueza.

(3) A magestade da Lingoa Portugueza, assim como a gravidade da sua eloquencia he notoria, não só aos Nacionaes, mas tambem aos Estrangeiros. Não consistem estas duas bellas virtudes do estylo em huma longa serie de palavras, mais cheias de estrondo, do que significado; nem tão pouco em hum modo de fallar continuamente reflectido, e estudado, signaes evidentissimos de affectação, como vêmos na maior parte dos escritos, que formão o sólido da Lingoa Castelhana, mas sim nos grandes, e magestosos assumptos historicos, e epicos, de que abunda a Nação Portugueza, e na sublimidade dos conceitos, e no modo de os annunciar com perpiscuidade, pureza, e elegancia.

(4) Que a Lingoa Portugueza seja capaz de tratar todos os assumptos, tambem se faz visível pelas excellentes obras de toda a qualidade, que nella se tem composto. E quando assim não fosse, bastava haver tratado a Historia, e a Epopéa com tanta magestade, e elegancia para se lhe facilitarem todos os assumptos. Porque como a composição Epica, e Historica seja a mais difficil de executar, claro está, que quem estas executa com perfeição, melhor comporá nas outras, ao menos na parte relativa ao estylo, que he talvez a de mais consequencia, e baixo em que muitos naufragão; como o estylo seja o colorido das idéas, e este para ter dignidade conveniente á grandeza, e sublimidade dos assumptos, e dos conceitos sublimes pede os mais vigorosos esforços da fantasia, por isso mesmo que a sua esfera não se estende senão aos termos, e frases mais nobres, e puras da Lingoa, manifestamente se mostra, que muito mais facil seria compôr Comedias, e outras composições do mesmo jaez, visto que estas requerem estylo vulgar, e pedestre, o qual se serve das palavras mais usuas do vulgo, e raras vezes lhes podem quadrar os termos da dicção sublime. A Nação Portugueza tem no seu Idioma os mais preciosos monumentos de Historia. As historias da India

Oo

com-

compostas por João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Affonso de Albuquerque, onde está reconcentrado todo o bom Gosto do verdadeiro Atticismo, formão hum corpo de Historia, que visto por todos os lados, he o mais authorizado, o mais vasto, o mais novo, e interessante, que nunca vio o mundo até áquelles tempos, nem nos modernos ha esperança de outro semelhante. Não fallo já das Chronicas dos nossos Reis antigos até D. Affonso V., compostas por Fernão Lopes, pai da prosa Portugueza, e o primeiro talvez que na Europa escreveu a historia dignamente; nem na que escreveu Gomes Eannes de Azurara, Garcia de Rezende, Ruy de Pina, Damião de Goes, Duarte Nunes de Leão, Duarte Galvão, Pedro de Mariz, Francisco de Andrade, Fr. Bernardo de Brito, Fr. Antonio Brandaõ, Fr. Luiz de Sousa, Fr. Marcos de Lisboa, o P. João de Lucena; afora os que escrevêraõ historias fabulosas de Cavallaria, como o mesmo João de Barros, Bernardim Ribeiro, Francisco de Moraes, o Author do Memorial dos Cavalleiros da Tabula redonda, e outros que não nomeio por não fazer longo processo. Em huma palavra, a Nação Portugueza pode-se affirmar, que ensinou como se devia escrever a historia em lingua vulgar, como já disse hum celebre Author Estrangeiro, de cujo nome me não lembro ao presente. A Historia das Viagens de Fernão Mendes Pinto he tão admiravel, e interessante, que não conhece outra o Orbe Litterario. Na Oratoria tambem possui a nossa Lingoa bellissimos monumentos. João de Barros, Antonio de Castilho nos Panegyricos de D. João III., e da Infante D. Maria, mostraõ, quam apta he a Lingoa Portugueza para o genero demonstrativo. Os Sermões de Diogo de Paiva de Andrade, os de Fr. Antonio Feio, e os do grande Vieira feraõ em todas as idades eternos monumentos de gloria para o Idioma Portuguez. E nas composições que requerem estylo medio, temos cousas de mui noravel merecimento. Os Dialogos de Fr. Heitor Pinto, e os de Fr. Amador Arraes merecem a estimacão de todos os bons Litterarios; assim como os de Francisco de Moraes, Author da primeira Parte do Palmeirim de Inglaterra, e

os



os de João de Barros, em cuja classe tambem deve entrar a bella, e elegante traducção do Cathecismo do Concilio de Trento, que he huma das boas prozas, que ha na Lingoa Portugueza. Querem vêr huma verdadeira imagem da eloquencia dos Dialogos do divino Platao, e do eloquentissimo Cicero, leiaõ os de Fr. Heitor Pinto. Além da mais pura, e santa moral Christãa, que constituem o fundo especial dos ditos Dialogos, nelles admirará quem os ler em grão superior todas as graças de estylo o mais puro, e correcto. A Poesia foi a primeira inclinação da Nação Portugueza, como o affirmão muitos Authores nossos, e estranhos; entre estes o Author da Bibliotheca Hispana, no Tom. II. na Classe dos Poetas, diz: *Lusitani in Poetica, ut et in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti*. Ella foi a primeira, que na Hespanha a cultivou, como consta de antigos monumentos, que existem, quaes são: As Poesias do Infante D. Pedro, Filho delRei D. João I, as do nosso Rei D. Diniz, as de Gonçalo Hormiges, que floreceu no tempo do Conde D. Henrique, as de Affonso Giraldes, que escreveu em Redondilhas hum Poema, em que conta as proezas dos Portuguezes na batalha do Salado, onde o dito Poeta se achou, e o Poema da Cava, que mostra ser composto na Lingoa Portugueza pouco tempo depois da perda de Hespanha; usando estes Authores do verso endecassylabo, o que claramente mostra o engano, em que cahio Fernando de Herrera Commentador de Garcilasso de la Vega, quando affirmou, que este, e João Boscan fôraõ os que primeiro na Hespanha se serviraõ do endecassylabo, á imitação dos Italianos. N'uma palavra, a Lingoa Portugueza foi sempre tão apta para a Poesia, que até ao fim do Reinado d'ElRei D. Henrique III de Castella, todas as coplas, e composições Poeticas, que se faziaõ naquelle Reino commumente, e pela maior parte, eraõ no Idioma Portuguez, como o attestaõ muitos, e graves Authores Castelhanos, entre os quaes he de grande pezo o Marquez de Santilhana Don Inigo Lopes de Mendoza na Carta, que escreveu ao Condestavel de Portugal, Filho do Infante D. Pedro, que morreu na batalha de Alfarrobeira, e Gonçalo de Argo-

te ; á pezar de todas as conjecturas que em contrario produz D. Thomaz Antonio no erudito prefacio da Collecção das Poemas anteriores ao Seculo de 500, que publicou o anno passado em Madrid. A respeito da apriadao, que a nossa Lingoa tem para o estylo humilde, e faceto, diz o bom Manoel Severim de Faria, que parece, que nenhuma outra Lingoa pode ter a graça, e elegancia, com que Lourenço de Caceres, Fernaldo Cardoso, e Luiz de Camões compozerao as suas Cartas, e Satyras, e outras semelhantes obras. Eu nunca vi os dois primeiros, mas julgo que merecem o louvor, que o dito Manoel Severim lhes dá, fiado no grande, e sólido juizo critico deste Author, que a respeito das Cartas de Camões fallou com muito acerto, e do mesmo sentir he Manoel de Faria e Souza. O mencionado Manoel Severim diz, que as Eclogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Francisco Rodrigues Lobo são de tanta suavidade, que Lope da Vega confessava, que os escritos de Diogo Bernardes o haviaõ ensinado a fazer versos Pastoris. A este respeito não sei como este Author se não lembrou das bellissimas Eclogas de Bernardim Ribeiro, que são as mais antigas, que em Hespanha se conhecem, e segundo o meu parecer são as melhores, que ha escritas em verso de arte menor, e onde como na mais pura fonte se deve beber o verdadeiro estylo Pastoral. Na Comica tem a nossa Lingoa excellentes composições, que assaz fazem notoria a propriedade, que tem para este genero; e certifica o acima allegado Manoel Severim de Faria, que « a tudo excede » o estylo Comico, que os antigos chamaraõ Togado de » Francisco de Sá de Miranda, que foi o primeiro, que » na nossa lingua Portugueza o descobriu com geral » miraçoão de todos. » É diz mais em outro lugar, que » essa brevidade, graça, e decoro que os Latinos dese- » javaõ se vêm tão praticadas nas Comedias Portuguezas » de Francisco de Sá, e Antonio Ferreira, e algumas » de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos não » tem superior. » Este ultimo, no meu entender, leva a preferencia a todos, e tem scenas inimitaveis, especialmente na Eufrosina; e enfim as suas Comedias são fontes

res inexauriveis do verdadeiro estylo comico. Diz mais o sobredito Severim de Faria : « Que não he para esquecer o louvor que se deve nas nossas Farças a Gil Vicente , o qual imitando as Fabulas Atellanas , que incluião em si as representações , que chamaõ Planipedias , e Tabernarias , por serem dos infimos da Republica , de que tambem já Aristoteles na sua Poetica fez menção , compoz algumas Farças com tão graciosa eloquencia , que do nosso João de Barros he por isso muito louvado ; e o Mestre André de Rezende affirma , que se como escreveu na nossa Lingoa particular , compuzera na Latina , que he commum a todos , não alcançara menor nome que Menandro , Plauto , e Terencio. » Não julgue quem isto ler , que o juizo de Rezende procedeu com excessõ , e ignorancia , visto ser exaggeraçã poetica em hum Poema Latino , que o dito compoz ao nascimento do Principe D. João , Pai d'ElRei D. Sebastião. A propriedade , que a Lingoa Portugueza tem para a Poesia Epica , he notoria a todos pelos admiraveis monumentos , que nesse genero possuiue. A grande , e altissima Epopéa do divino Camões he para a Nação Portugueza de tanta , ou de maior gloria , que o assumpto da mesma ; e não me demoro neste ponto , visto que todo o dizer por mais largo , e copioso que fosse , seria diminuto. Emfim a Lingoa Portugueza he para tudo : a sua extrema suavidade , e abundancia não se negaõ a toda a qualidade de assumpto como com justa razão o affirmou Duarte Nunes de Leão no Cap. XXII. da origem da Lingoa Portugueza , dizendo : « Não ha para que se negue a facilidade , e suavidade da Lingoa Portugueza , que para tudo tem graça , e energia , e he capaz de nella se escrever em todas as materias dignissimamente affim em prosa , como em verso. »

(5) He certo , que a nossa Lingoa Portugueza he de todas as da Europa a mais chegada á Latina , e tanto , que até nos termos do uso commum , nos sordidos , e pudendos mui pouco declina della , conservando quasi sempre a simplicidade da sua syntaxe , as desinencias dos nomes , e verbos , das primeiras , segundas , e terceiras declinações , e observando quasi que a mesma economia nos gene-

generos, e anomalias. Esta verdade he manifesta a todos os que tem estudo profundo de ambos os Idiomas; de maneira que se podem compôr muitos periodos, e orações, que juntamente sejaõ Latinos, e Portuguezes, como se poderá vêr no seguinte exemplo allegado por Manoel Severim de Faria em louvor da Lingoa Portugueza:

*O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, nobillissima Lingua Lusitana, com tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflammas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos esperas, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias Latinas.*

Deste modo se podem encher muitas paginas não só em prosa, mas, o que he mais de estimar, em verso de todas as medidas, dos quaes diz o mesmo Manoel Severim, víra muitos, e Duarte Nunes de Leão traz alguns, dos quaes se pôde dar o louvor ao insigne Escriitor João de Barros, que foi o primeiro, que na sua Grammatica Portugueza os compoz, e publicou, como affirma o dito Author: para exemplo porei aqui hum Epigramma feito em louvor de Roma, e Belem.

*Roma infinitos sanctissima vive per annos;  
Pacifica gentes (vive quieta) tuas.  
Castiga grandes violenta morte tyrannos;  
Ingratos animos (es generosa) fuge.  
Acquire insignes varia de gente triumphos.*

*Distantes terras imperiosa rege.  
Tanto maiores titulos, Bethlem alta, celebra,  
Quanto Romano maiores imperio.  
Maior amor, maior magnificencia, maior  
Fama, tuas Christo dando benigna casas.*

Ainda que a Lingoagem deste Epigramma, parece que vai hum pouco fóra do uso commum, he mais por causa do metro, e rigor da quantidade syllabica, que obriga aos Poetas á não fallar como os Authores da prosa, do que por falta de palavras. Diz mais o mesmo Author, e com razão, que estes exemplos não podem com facilidade mostrar na sua Lingoa os Italianos, e Francezes, e por elles se

se prova a grande affinidade, que com a Lingoa Latina tem a nossa : e com razão fingio Camões, que Venus se affeioára aos Portuguezes por vêr nelles, não só o valor Romano, mas ainda a mesma Lingoa dizendo :

. . . . . *Na qual, quando imagina*

*Com pouca corrupção cre, que he a Latina.*

(6) A propriedade, que o Idioma Portuguez tem para assumptos graves, e magestosos, que de si pedem estylo magnifico, e grande, he por si tão clara como a luz do sol. A Historia, e a Épopea são sem contradicção alguma os dois generos de escriptura, que mais alto estylo requerem. Hora a Historia Portugueza como em si contém factos maravilhosos, e acontecimentos nunca vistos no mundo, mórmente os que dizem relação a todos os descobrimentos, e Conquistas, que fizeraõ os Portuguezes em Africa, Asia, e America, parece que tambem pedia com muita maior razão ser tratada, e escripta com a mais nobre, e grandiloqua facundia, que imaginar se podesse. Assim succedeu, pois que houveraõ Varões dotados de tão alta fantasia, que escrevêraõ a Historia dos feitos gloriosos da Nação Portugueza com tanta dignidade, que não tem ella nesta parte que invejar ás outras Nações. E parece, que assim devia succeder; porque todos se explicaõ com grande vehemencia naquellas causas, para que tem natural inclinação. Os Gregos, e os Romanos, depois que chegáraõ ao seu maior auge, celebráraõ as suas acções em escripturas mui cheias de eloquencia. Assim a Nação Portugueza, a qual como de seu principio mostrasse huma constante propensão para executar acções verdadeiramente heroicas, tanto que chegou ao ponto mais sublime de gloria, qual foi o dos descobrimentos, até á passagem do Cabo da Boa-Esperança por Vasco da Gama, e descobrimento da Região immensa do Brazil por Pedro Alvares Cabral na era de 1500, e o estabelecimento do seu Imperio no Oriente pelo grande Affonso de Albuquerque, entrou logo a expôr a todo o mundo os incriveis progressos dos seus descobrimentos, as navegações tão dilatadas, as suas expedições, e gloriosissimos feitos d'armas por meio das mais eloquentes pennas, que os seculos modernos tem visto,

quias

quaes fôrao as de Joaó de Barros , Diogo de Couto , Fernão Lopes de Castanheda , Damiaó de Goes , Affonso de Albuquerque , e outros. Com os novos pensamentos , que inspirava o maravilhoso dos assumptos de huma natureza toda diversa da dos acontecimentos , que formavao o corpo de todas as historias anteriores áquella grande Epoca , vierao caindo das pennas desses grandes Historiadores innumeraveis vocabulos , frases , e elegancias energicas , e vivas , que tanto enriquecêrao o Idioma , communicando-lhe hum novo espirito de vivacidade , e de impeto fagrado , que preparou os materiaes para a magestosa fabrica da Lusíada , que foi a primeira Epopea , que appareceu no mundo depois da Eneida , escrita com regularidade , e elegancia ; donde se originarao outras Epopeas , que ainda que sejao da segunda ordem , com tudo saõ dignas de immortal louvor , porque longe de manchar a reputaçaõ do Idioma , accrescentarao no seu esplendor , por isso mesmo que observando os preceitos da arte , escreverao com assaz de correcçaõ , e o enriquecêrao de novas elegancias , e syntaxes , como fôrao Gabriel Pereira de Castro , Vasco Mouzinho de Quevedo , Jeronymo de Côte Real , e ainda Francisco de Sá de Menezes , Author da Malaca Conquistada , posto que esta seja a mais inferior das nossas Epopeas regulares. De manei-  
ra , que quem tiver alcançado huma cabal instrucçaõ do nosso Idioma por meio de maduras reflexões , e analyfes profundas nos seus bons escritos , compondo , e imitando delles o melhor , claramente conhecerá , que a nossa Lingoa tem todas as virtudes , quantas se pode desejar , para tratar todo o genero de assumptos com dignidade , e decoro. Vêr-se-ha , que para bem pintar costumes he excellente , e para excitar affectos admiravel , especialmente os de amor , e compaixaõ , como se pode vêr nas Eclogas de Bernardes , Ferreira , e Camões , e no Epi-  
fodio de D. Inez de Castro , de D. Leonor de Sá , e em outros lugares da Lusíada , donde se pode inferir o quanto idonea seja a nossa Lingoa para a Tragedia , que he o terceiro genero de composiçaõ de estylo grave , e sublime , e onde com mais vigor se accende o impeto das paixões. Esta qualidade de composiçaõ he a quem  
o nos-

o nosso Idioma menos deve, porque os grandes trabalhos, em que se vio Portugal, não deoão lugar a composições Tragicas, as quaes costumão nascer do socego, e alegria da Nação; assim como as Comicas muitas vezes da melancolia, e tristeza; e tanto humas como outras composições quasi sempre procedem em razão inverfa da austeridade, e ligeireza das Nações; porque sendo os Gregos de natureza prazenteira, e alegre, e dados a delicias, entregárao-se mais á Tragica, do que á Comica, produzindo, e deixando á posteridade monumentos naquelle genero os mais perfectos. Pelo contrario os Romanos, Nação grave, e severa, cultivárao mais o genio Comico, do que o Tragico. A mesma observação se póde fazer da Nação Franceza, a qual sendo dotada de humor alegre, e festival, a pezar da grande reputação, que grangeárao ao seu Idioma o Tartuso, e o Misanthrope de Moliere, a gloria do seu Theatro mais resplendece na Tragedia, do que na Comedia. Em contrario os Inglezes, e Castelhanos, Nações pensativas, e melancolicas, mais se recreiao com o faceto irrisorio da Comedia, do que com a gravidade da locução Tragica; e a razão he, quanto a mim, que as Nações de genio alegre, e ligeiro não fazem tão vivos esforços, por chegarem ao mais alto gráo de perfeição na Comica, como na Tragica, á huma por não vêr os seus defeitos expostos na Scena, á outra porque tendo em si mesmas bastante fundo de humor faceto, quando o vêm exposto no theatro, não concebem aquelle prazer, que sentem, quando se representao difficuldades vencidas, as quaes deixaõ de o ser para aquellas pessoas, que se sentem levadas das mesmas inclinações. Nos povos dotados de gravidade austera, com a muita frequencia de representações Tragicas se augmentaria com tal excessõ o furor do espirito melancolico, que mais lhes servissem de tormento, que de deleitação. Com tudo a Nação Portugueza póde gloriar-se, que foi quem com a Italiana produzio na Europa a primeira Tragedia regular em estylo correctõ, e puro, qual he a *Castro* do Doutor Antonio Ferreira; este homem grande em mais de hum genero, e hum dos mais resplendecentes astros do Parnazo Portuguez, foi quem com

Pp

o gran-

o grande Camões poz o nosso Idioma no maior auge da sua perfeição , enriquecendo-o de infinitas elegancias bebidas nas mais puras fontes da Lingoa Grega , e da Latina , em as quaes foi mui versado. A sua *Castro* sim tem algumas durezas de estylo , que de nenhum modo devem prejudicar ao merecimento solido da peça , visto que algumas dellas eraõ usadas naquelles tempos pelas Nações , que mais cultivavaõ a Poesia , quaes eraõ a Italiana , a Portugueza , e Castelhana , os quaes Idiomas tendo mui proxima affinidade entre si , como os mais derivados do Latino , e Grego , adoptáraõ as mesmas regras de economia metrica , que os Provençaes lhes communicáraõ , e com ellas as mesmas liberdades , as quaes se fôraõ mais , e menos modificando nos ditos Idiomas , segundo o grão de perfeição , que estes fôraõ recebendo : por exemplo ; em *sua* , parte feminina do possessivo *seu* , raramente deixavaõ de contrahir todos os melhores Poetas , que escrevêraõ nos sobreditos Idiomas modernos , fazendo de *sua sa* , á maneira dos Provençaes. Assim se ufou em Italia desde Dante até ao Tasso , o mesmo em Castella desde Gonçalo Berceo até D. Alonço de Ercilla ; e o mesmo se praticou em Portugal desde o nosso Rei D. Diniz até ao grande Camões. E antigamente se costumava dizer , quer fosse no verso , quer na Prosa , *sa madre* , *sa vida* , *sa inclinação* , por *sua madre* , *sua vida* , *sua inclinação* , como se pôde vêr nos dois Sonetos do dito Rei D. Diniz , os quaes andaõ nas Obras de Antonio Ferreira. Este uso prevaleceu até ao Reinado de D. João II. Tambem contrahiaõ em *a* , e *o* varias desinencias em *ia* , e *io* , cuja liberdade foi mais dos Italianos , que dos Portuguezes , e ainda aquelles o praticaõ fazendo de *Maria* , *via* , *mio* , *Mara* , *va* , *mo* , &c. o que he facil de encontrar-se , e por isso não aponto exemplos. Donde se colhe , que muitas das durezas , que se notaõ na dita Tragedia o não eraõ naquelle tempo , em que a pronunciação era em parte differente da do nosso , e por consequencia não ferãõ durezas , senãõ relativas ao modo de pronunciar de agora : e se assim não fosse não deixaria Camões , que he o mais harmonico de todos os Poetas modernos na Europa , este verso quasi no principio da Lusida :

Da



*Da gente tam amada sua Romana,*

Além de que, estas durezas não são tantas em número, que possam escurecer o merecimento de todo o Poema, pois constando de 1683 versos, entre elles só se encontra 100, que mereçam verdadeiramente o nome de duros, o que justamente vem a 6 por 100, calculo bem diminuto em comparação das infinitas bellezas, em que abunda este excellente Poema, além do relevante merecimento de ser o seu Author hum dos mais assignalados aperfeiçoadores da nossa Lingoa, tanto no verso, como na Prosa. A observancia das unidades: o nexa natural, e subtil, que deve unir entre si as partes proporcionalmente correspondentes, e que formão hum todo extenso: o interesse, que reina em toda a composição; e a moral pura, e solida, que constitue a utilidade da obra: o admiravel modo de tractar os affectos, que desde o primeiro acto se vão accendendo, e elevando ao maior auge de commoção: a pintura dos costumes: e em fim as virtudes do estylo puro, e correcto, imitado dos melhores Tragicos Gregos; os bellissimos, os bem cantados Córos, tudo concorre para o relevantissimo merecimento desta Tragedia, a qual por si só deu ao Idioma Portuguez mais elegancias, e frases concisas, e nobres, do que algumas obras de dez vezes mais avultado volume: como se poderá ver das seguintes passagens, as quaes poderão dar alguma idéa da eloquencia, e força no dizer deste grande homem.

Em primeiro lugar note-se a ternissima faudade amorosa, que infunde n'alma do Leitor sensível a seguinte passagem:

*Suspira, e geme, e chora; a alma cativa*

*Forçada da brandura, e doce força,*

*Sogeita ao cruel jugo, que pezado*

*A seu desejo sacudir deseja.*

*Nam poode, nam convem, a furia cresce.*

*Lavra a doce peçonha nas entranhas.*

*Os homens foge, foge a luz do dia.*

*So passa, só falla, triste cuida.*

*Castro na boca, Castro n'alma, Castro*

*Em toda a parte tem ante si presente.*

Pp ii

Que

Que alegria não inspiraõ os seguintes versos !

*Honrai o claro dia,  
Meu dia tam ditoso ! a minha gloria,  
Com brandas lyras, com suaves vozes.*

Pondere-se a vivissima pintura de amor concebida nos seguintes versos, nos quaes respira aquelle puro Atticifimo, que tanto resplendece nas obras de Horacio, de quem Ferreira tirou os seguintes versos :

..... *Infante Pedro,  
Meu doce amor, minha esperança, e honra :  
Sabes como em sabindo dos teus braços,  
Ama, na viva flor da minha idade,  
Ou fosse fado seu, ou minha estrella,  
Cos olhos lhe acendi no petto fogo,  
Fogo, que sempre ardeo, e inda arde agora  
Na primeira viveza inteiro, e puro.*

Dos seguintes versos se pôde colligir, e conhecer a facil concisaõ com que exprimia as sentenças, que vieraõ a ficar por Adagios :

*Ama, na criaçam ama, no amor Mãi.*

———— *amanbeceome hum alvo dia  
Dia do meu descanso.*

*Mas quem o fogo guardaraa no seo?*

*Quem esconderaa amor, que em seus sinaes  
A pezar da vontade se descobre?*

*Se te nam conselhar, meus sam teus erros.*

———— *A Deos temo,  
Tu no corpo soo poderes, elle nalma.*

*Amor,*

*Amor em ti so reina, amor te manda;  
Peçonha doce dalma, de honra, e vida.*

*A clemencia por certo he gram virtude,  
E digna mais dos Reis, que outras virtudes.*

*Matar injustamente he gram crueza.*

*Socorrer o mal publico he piedade.*

Veja-se a facilidade com que exprime a seguinte sentença na bocca de hum Rei:

*Oh vida felicissima a que vive  
O pobre Lavrador so no seu campo,  
Seguro da fortuna, e descansado  
Livre destes desastres, que cá reynam.*

Se a Nação Portugueza fosse mais amiga de louvar as suas cousas, não se esquecerá de engrandecer esta ultima passagem, assim como tem feito os Francezes a outra semelhante do seu Tragico Racine, a qual em nada he superior á do nosso. A dita passagem he na Ifigenia, e tambem proferida por hum Rei.

*Heureux qui satisfait de son humble fortune,  
Livre du joug superbe où je suis attaché,  
Vit dans l'état obscur où les Dieux l'ont caché.*

Aqui se pôde fazer huma pequena reflexão da abundancia, graça, e simplicidade da nossa Lingoa, pois nos quatro versos Portuguezes se não vê repetição de palavra, porque os dois *que, que* relativos, que se achão no primeiro, e quarto verso, além de estarem mui distantes, nunca se devem julgar repetições, e defeitos de variedade; porque os relativos, e as conjunções são os laços, que atão, e unem os incisos aos membros, de maneira, que huns, e outros por meio de junctura artificial venhão a formar o corpo do periodo, ficando deste modo a oração de textura natural. Ao contrario tendo a passagem Franceza o mes-

o mesmo pensamento, se bem menos circumstanciado, e sendo além disso manejado pelo mais feliz Engenho, que conheceu a França no Seculo de Luiz XIV., não pôde ser exprimido sem repetição do adverbio *où*, repetido nos dois ultimos versos, e na mesma collocação syllabica, formando n'um, e n'outro verso a mesma cadencia metrica, e tão proxima, que augmenta a monotonia, que nunca deixa de causar tedio. Daqui se colhe pois, que a Lingoa Portugueza não só abunda de vocabulos, e frases de expressão de extrema vivacidade em todo o genero, mas tambem em tons, e clausulas de diversa estrutura, que muito concorrem para a variedade do estylo, sem a qual não pôde haver oração, que não fique peçada, e fastidiosa.

Que admiravel não he o seguinte discurso na bocca de hum Rei?

*Aquelle he Rei somente, que assi vive  
 (Inda que ca seu nome nunca s'onça, )  
 Que de medo, e desejo, e de esperança  
 Livre passa seus dias. Oh bons dias!  
 Com que eu todos meus annos tam cançados  
 Trocara alegremente. Temo os homens:  
 Com outros dissimulo, outros nam posso  
 Castigar, ou nam ouso. Hum Rei nam ouso?  
 Tambem teme seu povo: tambem soffre.  
 Tambem suspira, e geme, e dissimula.  
 Nam sou Rei: sou cativo, e tam cativo  
 Como quem nunca tem vontade livre.*

*Mais quero perdoar, que ser injusto.*

*Injusto he quem perdoa a pena justa.*

Em fim, eu não pertendo fazer hum acabado, e perfeito exame deste excellente Poema, que isso pedia mais larga escriptura, do que permite a brevidade destas notas. Que ponderar tantas bellezas, que em si contém, seria trabalho de immensa fadiga, e de agudissima penetração de entendimento, formado pelas melhores regras do Goffico, não só na theorica, mas tambem na prática. Os Tragicos Gregos fóraó sempre a todas as Nações do mundo

os

os mais perfeitos modellos neste genero , pois certamente se não encontrará nas suas Tragedias tanta , e tão vehemente força de pathetico daquella intensissima commoção , que costuma penetrar os corações mais duros , como no quarto acto da nossa *Castro* ; tambem se não achará com facilidade tamanha , e tão violenta cópia de dizer como no derradeiro acto , o qual só por si póde fazer honra ao Idioma. O papel do Secretario he inimitavel ; o Dialogo em toda a peça he bem sustentado ; em fim , alguns defeitos , que se possaõ descobrir nesta Tragedia , todos se perdem na immensidade de bellezas , de que está cheia : *Ubi plura nitent in carmine , non ego paucis offendar maeculis* , diz o bom Horacio.

(7) Nobre , e magestosa elegancia , mais ufada pelos Authores Portuguezes , e talvez por elles achada. Temos exemplo em Camões na Estança 45. do Canto II. da *Luz* . :

*Novos mundos ao mundo iram mostrando.*

Barros Decad. I. Liv. IV. Cap. 11. » Huma Naçam (falla da Portugueza ) a que Deos deu tanto animo , que se tivera creado *outros mundos* , ja la tivera metido outros padrões de victorias. » O mesmo Barros na Decada I. Liv. V. Cap. 1.º » Abrir as portas de outro *no vo mundo* de infieis. » Outro conquistador de *novos mundos*. Vieira Tom. I. Sermaõ de Santo Ignacio fol. 436. Mr. de Voltaire na Introducção do Seculo de Luiz XIV. usa da mesma elegancia ; que a boa expressão he de toda a penna eloquente : *Is faisaient des Tcurnois , pendant que les Portuguais , et les Espagnols decouvraient , et conqueriaient de nouveaux Mondes à l'Orient , e à l'Occident du Monde connu* » Elles (falla dos Francezes ) faziaõ » Torneios , em quanto os Portuguezes , e Espanhoes » descobriaõ , e conquistavaõ novos mundos ao Oriente , e Occidente do mundo conhecido. »

(8) He certo , que os dois maiores lumes da Litteratura Portugueza são Luiz de Camões , e Joãõ de Barros : e porque do primeiro assaz tem dito os seus Commentadores , e outros muitos Criticos Nacionaes , e Estrangeiros , direi o que sentir das Historias escritas pelo segundo. A Historia he o mais nobre assumpto , que póde emprender qualquer sabio , que deseja instruir o gene-

genero humano , não só porque elle nada deve ignorar para bem escrever , mas porque o Historiador he de todos os Authores , o que mais vasto plano abraça , e o que em tribunal sublime dicta lições a todo o mundo , decidindo do merecimento das acções dos grandes da terra , e mandando-as á posteridade com aquellas côres , com que haõ de ficar eternamente impressas na memoria dos vindouros. O Historiador deve ser hum Varaõ sapientissimo , de notoria probidade , e dotado de bom fundo de razão , despido de interesse , e parcialidade , que possa diminuir o merecimento das obras dignas de louvor. Elle se constitue soberano Juiz , que faz a devida justiça ao merecimento , e á virtude , eternizando as acções virtuosas. Sendo pois censor severo , e incorrupto , que só dá approvaçãõ ao verdadeiro merecimento , tudo o que escreve he conforme á razão , e bom senso , expondo os factos nobremente , mas com simplicidade , e pureza , porque quando deste modo se escreve sempre se agrada. Estes principios são universaes , solidos , e permanentes no Gosto de todas as Nações. Por este modo se fizeraõ eternamente lidos Thucidedes , Tito Livio , Sallustio , João de Barros , Diogo de Couto , e outros , posto que escrevessem em tempos , e Nações diversas. Todas as qualidades , que constituem hum perfeito Historiador se achaõ em João de Barros. O seu assumpto he o maior , e mais novo , que nunca vio o mundo. A scena he vastissima , e mui cheia de variedade. Alli tudo he consagrado á verdade , e á razão , que são os verdadeiros nortes da Historia. Os factos são annunciados com perspicuidade , nobreza , simplicidade , e pureza : sem estas quatro condições he impossivel escrever dignamente a Historia. Finalmente não será facil encontrar entre os Historiadores modernos , quem melhor imitasse a Tito Livio , do que João de Barros , o merecimento do qual foi de graves , e excellentes Authores tanto Nacionaes , como Estrangeiros , conhecido , e celebrado com muitos louvores , e titulos honorificos , quaes fõraõ Fr. Vicente Justiniano , o P. Mafeu , João de Pineda , o Author das Viagens do Mundo , Fr. Simão Coelho , Pedro de Magalhães Gandavo , Manõel Severim de Faria , Pedro de

de Mariz , Diogo de Couto , Manoel de Faria e Soufa , Joaõ Baptista Lavanha , Antonio Possivino na sua Bibliotheca Selecta , tratando dos Historiadores , diz ; *Joannes de Barros Lusitanus in Asia a se scripta , qui egregium se scriptorem hac nostra aetate praestitit , &c.* O P. Fr. Antonio de S. Romão lhe chama Livio Portuguez , dizendo : » Juan de Barros unico Tito Livio de » aquellos Reinos , cuias Decadas , aunque se traduxie- » ron en Italiano , se han consumido de manera , que » non se hallan , aun entre sus mismos naturales , devien- » do perpetuarse cosa tan memorable en tablas de bron- » ce &c. » D. Fernando Alvia de Castro na Dedicatoria dos Aforismos , que tirou das mesmas Decadas de Joaõ de Barros diz : » Juan de Barros excellente historiador » Portuguez lo escribe con tanta perfeccion , que se el » mismo Alexandro le alcanzara , no embidiara a Achil- » les por Homero. » Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da Traducção Italiana ao Duque de Mantua afirma ser esta huma das mais excellentes , que se compozêraõ no mundo : » Ed una delle rare , e preziose cose che in ques- » to foggeto fin oggidì sieno state vedute. » N'uma palavra foi geral a estimação , que tiveraõ as obras deste excellente escritor em toda a Europa. Em Venezia se poz a sua imagem entre as dos Varões famosos , e o Papa Pio IV. a fez collocar no Vaticano , como dizem Pero de Magalhães Gandavo , no Dialogo da Lingoa Portugueza , e Fr. Simão Coelho na Chronica do Carmo. Philippe II. mandou imprimir á custa de sua fazenda a IV. Decada , que Joaõ de Barros deixára imperfeita , não obstante estarem os factos , de que ella constava , escritos por Fernão Lopes de Castanheda , Diogo de Couto , e Francisco de Andrade. E foi tal o gasto , que tiveraõ as suas Decadas , que afirma o mesmo Diogo de Couto , que na India não havia mais que hum jogo , e em Portugal poucos mais de dez , e que os Estrangeiros as haviaõ levado por tão excessivos preços , que quasi parecia incrível. Sendo pois traduzidas na Lingoa Italiana por Affonso de Ulhoa , gastáraõ-se de maneira , que diz Manoel Severim , que nem em Italiano , nem em Portuguez se achavaõ de venda em parte alguma. Este traz huma au-

thoridade de D. Fernando Alvia de Castro no Prologo dos Aforismos , que extrahio das mesmas Decadas , a qual diz o seguinte : » Viendo que cara a cara no podia calumniar sus Decadas por haver guardado con » igualdad y primor las trez partes necessarias a una buena historia , verdad , claridad , y discurso , como rabiosa traydora , y de mala casta , parece dispuo para dis- » simulacion de su gloria , se ayan acabado tanto , que » ay mui pocas , y quasi ningunas de venta , aun a » mucho precio , que qualquiera merecera mejor , que el » gran , que se dió por el prínzel de Apelles , cuias figuras , aunque de suma perfeccion , eran al fin muertas , y Barros con su pluma dexa vivos en la fama , e » celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes , » que murieron victoriosos de varios , admirables , e felices successos. » E accrescenta o mesmo Severim : » De » maneira , que quem alcança hoje hum livro destes o » tem em preço de huma joia de grão valor. » Em fim podemos afirmar , que as Decadas de João de Barros se achão escritas conforme o manda a doutrina de Cicero , Luciano , Dionysio de Halicarnasso , e Quinctiliano. E por quanto as seis Estrofes , que depois desta se seguem , são quasi como hum resumo das principaes virtudes de estylo , que nesta grande Historia resplendem , hirei corroborando as minhas amplificações com alguns exemplos tirados das Decadas do mesmo Author , na melhor forma , que permite a estreiteza destas notas , e das minhas luzes.

(9) O epitheto *pomposa* , que se acha neste verso , já o vi condemnado quasi como Francez , se o he , ou não , perguntem-no ao bom Ferreira , que na Ecloga ao Natal diz :

*Mor milagre , mor prova hi , onde jaz*

*Faz teu Filho , e de Deos , que se pomposo*

*Viera . . . . .*

E no II. Acto de Castro faz dizer a ElRei D. Affonso o Bravo , que a Dignidade de Rei era :

*Huma servidam pomposa , hum gram trabalho.*

A Lingoa Franceza no tempo de Ferreira não estava polida , nem aperfeçoada com escritos de fama , que servissem de objecto de imitação aos Escritores das Nações cultas.

*Sol:*



*Solta oração*, indica esta frase a prosa por ser mais livre das Leis da metrificacão, não he isto dizer, que a prosa, ou Romance não tenha harmonia, pois sabem todos, que tambem tem seu número particular a ella, cujas leis são mais inspiradas pelo Gosto, que por doutrina positiva. Igual elegancia encontrei em hum Soneto de Bernardo Capelo a Joáo da Casa, quatorze annos depois, que compuz este Poema, a qual he a seguinte:

*Casa., che in versi, ed in sermone sciolto &c.*

(10) *Metro, por verso*: metonymia usada com frequencia pelos Authores Portuguezes; os nossos Seiscentistas gostarão tanto della, que quasi desterrarão o termo *verso*: mas o máo Gosto delles não ha de prevalecer contra as regras da natureza, que sempre segue o que a razão approva. Deste modo de dizer temos exemplo em Joáo de Barros, no começo do Panegyrico a ElRei D. Joáo III. » Cantavaõ antigamente em *metro* os feitos » notaveis dos grandes homens. » Ajuntei-lhe o epitheto *suave*; porque a doçura, e a harmonia são indispensaveis ao verso, e toda a dureza he insupportavel, mórmente nos Poemas compostos em Lingoas, que tem adquirido a ultima perfeicão, por meio de escritos de estylo o mais puro, e castigado. Podem-se relevar algumas durezas, quando o Escriitor compoem em hum Idioma ainda não acabado de aperfeiçoar: ou quando elle compoem nmiamente ligado ás regras do bom senso, tanto na frase, como no discurso, qual foi o nosso Ferreira: ou n'uma Epopéa, pela grandeza do assumpto; e quando o pensamento for de grande sublimidade: e a sentença mui relevante.

(11) Não he exaggeracão Poetica; onde se achará Historiador antigo, ou moderno, que descreva com tanta propriedade, viveza, e energia Costas, Ilhas, e regiões dilatadas? O que mais augmenta o merecimento das descrições deste insigne Escriitor, he a magestade, elegancia, e perspicuidade dellas, limpas, e purificadas da mais leve mancha de affectacão, que he o baixo onde naufragão quasi todos os Historiadores; porque rarissimos conhecem como devem em taes lugares usar da Poesia com a dignidade conveniente, por cuja causa ca-

hem no sobredito vicio da affectação. Não foi preciso a João de Barros acompanhar a sua historia de Cartas Geograficas ; porque soube com o seu admiravel estylo , fazendo comparação com algum signal conhecido , pintar de tal modo as Costas , mares , e regiões , que parece as poem ante os olhos do Leitor visivelmente , como se naquellas paragens se achasse. Sirva de exemplo entre muitas a notavel descripção das terras , que jazem entre o rio Gambêa , e Çanagá , a qual vem no Cap. VIII. Liv. III. da Decada I. , e a do curso dos mesmos rios , as quaes são tão curiosas , e interessantes a respeito da Geografia , costumes , agricultura , e producções animaes ; e além disso contém em si taes bellezas de estylo , que as fazem dignas de eterno apreço. Este admiravel Escriitor não tem competidor nas descripções. Prolemeu , Pomponio Mella , Plinio poderiaõ aprender delle a escrever com acerto nesta materia , e dar cõr , e viveza agradavel ao seu estylo , que algum tanto foi secco , e duro. A magestosa descripção da India no Cap. VII. do Liv. IV. da Decada I. , he de tão avultado merecimento , que segundo o meu entender , não acho nos melhores Historiadores outra , que com ella possa competir. Tambem he admiravel a descripção dos Estados do Soldaõ do Cairo antes de entrarem na Casa Ottomana , pela variedade de elegancias , e especialmente pela delicadeza , com que usa dos verbos : Decada I. Liv. VIII. Cap. I. Ainda mais notavel , e cheia de evidencia , he a descripção da Costa de Zanguebar na Africa , no Cap. IV. do Liv. IX. da Decada I. E outras muitas descripções , de que aquella maravilhosa historia está cheia , as quaes todas são do mais superior merecimento.

(12) *Varios ritos , e usos* : Este modo de fallar he muito usado dos mais insignes Poetas , e por isso não he de admirar , encontrarem-se , e repetirem os mesmos verbos hũns dos outros , como se pôde vêr dos seguintes exemplos , os quaes podem mostrar a quem fizer hum serio estudo da boa Poesia , o modo de variar a frase , e o quanto qualquer Poeta deve porém variar o seu estylo. Virgilio no Liv. VIII. da Eneida :

*Quam variae linguis , habitu tam vestis , et armis.*  
 Petrar.

Petrarca na Canção XLVIII.

*Dure genti, e costumi.*

E na XXXV.

*Chi mi fecer cangiar vita, e costume.*

E no Cap. II. do Triunfo do Amor:

*Varii di lingui, varii di costumi.*

João Pibaldeo na Epistola II.

*Veder varii costumi, e varie genti.*

Guarini na Scena I. do Acto V. do Pastor Fido:

*Stato, vita, pensier, costumi, &c.*

Bernardo Tasso no Cap. VIII. do Flofidante:

*E varie terre vide, e varie genti.*

Torcato Tasso Cant. XV. da Liberata:

*Diversi han riti, et habiti, e favelle.*

D. Alonço de Ercilla na Araucana Cant. XXVII.

*En Leys, y en costumbres diferentes.*

Cujo verso he do nosso Sá de Miranda na Estança 3.<sup>a</sup> da Ecloga V.

*Vi terras, vi costumbres diferentes.*

Mas quem mais usou desta expressão foi Camões. Vejão como este divino Poeta varia com tanta destreza o seu estylo. No Cant. IV. da Lusitana Estança 65.

*Vendo varios costumes, varias manhas.*

Na Estança 54. do Cant. VI.

*Varias gentes, e Leis, e varias manhas.*

Na Estança 68. do Cant. X.

*Varios de gestos, varios de costumes.*

Que he quasi o mesmo verso allegado de Petrarca no Cap. II. do Triunfo de Amor. Na Estança 19. do mesmo Cant.

*Varias Nações. . . . .*

*Varios costumes seus, e varias Leis.*

E na admiravel Canção X.

*Vendo Nações, linguagens, e costumes.*

O grande João de Barros foi talvez o primeiro, que para o nosso Idioma trouxe esta elegancia na Decada I. Liv. III. Cap. VI. » E como he cousa dura em breve tempo a gente barbara leixar os ritos, e usos com que se criaraõ. » E no Liv. IV. Cap. VII. fallando das terras do Induſtaõ, e dos povos, que as habitaõ, diz: » Mui varia em ritos, e costumes. » Do estudo, que tenho feito

feito das obras deste grande Historiador collijo, que elle foi quem preparou a bella Lingoagem para os nossos Epicos. Se me perguntaõ agora a qual das allegadas passagens dou a preferencia digo, que a de Torcato Tasso, he a melhor de todas; e que a do Petrarca no Triunfo, e todas as do Camões, menos a da Canção X. por ter huma dureza no assento, originada pela contracção das duas vogaes no termo *lingoagem*, são as immediatas em merecimento.

(13) *Dos antigos Filozofos*: Para desenganar a minha barbaridade, e a dos mais, que n'uma Lingoa tão bella, e tão abundante de rimas fazem Poemas em verso solto, transcreverei aqui a celebre passagem de Camões na Estança 23. do Cant. V., que expressa quasi o mesmo:

*Se os antigos Filozofos, que andaram  
Tantas terras por ver segredos dellas,  
As maravilhas, que eu passei, passaram  
A tam diversos ventos dando as velas;*

Todo o resto da Estança contém pensamentos relativos a estes quatro versos allegados, e são hum pinho de ouro. Tanto he superior o verso rimado, ao que o não he!

(14) *Como nuvens subtlis*: Camões na Estança 19 do Cant. V.:

*..... Levantarse  
No ar hum vapor sinho, e futil fumo.*

E na Estança 25 do dito:

*A' maneira de nuvens se começam  
A descobrir os montes, que enxergamos.*

Não he possivel apontar aqui exemplos de pinturas vivissimas em Joáo de Barros, sem avultar nimiamente o corpo destas annotações. Em qualquer pagina das suas Historias encontrará, quem quer, pinturas vivas, e elegantes em summo gráo.

(15) *Convexo*: he epitheto, que muito quadra aos promontorios, que pela maior parte tem esta figura: que o continuado movimento das agoas lhes faz tomar, veja-se a bella doutrina, que a este respeito expoem Mr. de Buffon na sua Historia Natural, e nas Epocas da natureza. Parece-me, que posso seguramente afirmar, que se

se não acha este epitheto empregado desta maneira em Poesia alguma impressa em Portugal até o 1.º de Novembro de 1783, em que esta escrevo.

(16) Tito Livio foi o modello de João de Barros, de quem foi consideravelmente excedido; no assumpto; por ser o mais novo, que o mundo vio; nos factos, porque não são apocryfos, como muitos da Historia de Livio: no interesse, porque trata de costumes, ritos, trajes, regiões, Imperios, povos, mares, Ilhas, producções, commercios, e navegações nunca fohadas dos antigos. E no estylo, sendo pelo commum igual a elle, em muitos lugares o excedeu, como verá quem desapaixonadamente poder combinar os melhores lançes de eloquencia de hum e outro Escriitor. Nesta Estrofe fiz mui consideravel mudança.

(17) Tambem nesta Estrofe fiz mudança notavel, com que, segundo o meu parecer, melhorei consideravelmente.

(18) Este o maior, e mais poderoso lance do maravilhoso Epico, que se tem visto até ao presente, e como tal julgado dos Sabios de todas as Nações, por cujo motivo faço delle especial menção, como mais relevante resplendor da eloquencia Portugueza. A pintura, que fiz, ainda que na essencia seja imitação da de Camões, com tudo nos accidentes do estylo he minha, como se poderá ver fazendo-se combinaçãõ dos dois lugares. Mas não fôra materia de riso querer comparar esta pintura com a daquelle divino Engenho? Seria querer tirar a maça das mãos a Hercules, quem tentasse igualallo nas graças inimitaveis da locuçaõ, na magestade, e na harmonia dos versos, e na bella escolha das rimas. Conta-se, que o famoso Lope da Vega estando pela primeira vez lendo este admiravel Epifodio, e chegando áquelle bello verso:

*Nam fiquei homem, nam, mas mudo, e quedo.*

Parou, e fez toda a diligencia para acabar a Estança com pensamento, e frase proporcionada ao assumpto; vendo pois que toda a fadiga lhe era inutil, continuou na leitura, e ficou cheio de pasmo, quando vio a facilidade, com que Camões havia concluido o fecho da Estança com este verso:

*E jun-*

*E. junto de hum penedo outro penedo.*

Desenganem-se os que metrificaçõ , que a rima longe de fer nociva , he proveitosa aos bons Poetas , digo , aquelles que pertendem compôr de modo , que illustrem os seus Idiomas , e seus escritos fiquem eternos na memoria dos homens. Mas isso não obstante , não deixo de conhecer a inimitavel harmonia da nossa Lingoa sobre todas as cultas da Europa , que pôde sustentar-se na Poesia algumas vezes sem o favor da rima , quasi com tanta magestade como na Lingoa Grega , ou na Latina , como se pôde vêr em Ferreira na Tragedia de D. Ignês de Castro , e modernamente nas Poesias de Garçaõ. Eu conheço mui bem a pobreza do meu engenho , a quem a escuridade da vida , em que me acho , não permite a necessaria cultura para florecer , de modo que possa vir a honrar a minha Lingoa ; além disso desejava , que sempre a modestia andasse retratada em todas as minhas acções , e palavras , por cujo motivo não m'o attribuaõ a vaidade , se afirmar , que os melhores Engenhos dos Idiomas estranhos nunca poderaõ compôr versos , que guardadas as proporções excedaõ a estes na harmonia , o que mais se deve attribuir á riqueza , e suavidade da nossa Lingoaagem , do que ao meu engenho. Note-se que em toda esta passagem não se encontra verso , ou frase de Camões , tirado do sobredito lugar , o que lá prova não pequena cópia do Idioma.

(19) Este verso está rouco por arte , pela combinaçãõ das consoantes asperas , que tem , cousa que todos os bons executáraõ , quando a natureza da composiçãõ lh'o pedio.

(20) Esta Estrofe está organizada de duas antigas , e segundo o meu parecer , esta he a melhor de todas as emendas , que fiz neste poema. Este Episodio não tirou o Camões de Poeta algum. Elle nasceu , e se aperfeiçoou na sua fantasia.

(21) Quando Joãõ de Barros , e o divino Camões pintaõ batalhas , parece , que se ouve o estrondo da artilleria , e o som das trombetas ; de modo que se sente movimento n'alma.

(22) Tambem este verso he por arte composto de consoan

soantes rudes, e estrondosas para melhor pintar. O mesmo se observa no que se segue, cujo final exprime a dilatação do tom da artilheria. Hum Poeta Italiano forçosamente havia de servir-se neste lugar de *rimbomba*, que pinta menos; porque o primeiro *m* algum tanto retarda o movimento velocissimo do tiro, e o *o* antes do segundo *m* he muito surdo, em comparação do *u* do nosso *retumba*.

(23) Fazer endecasyllabos, que exprimaõ hum som, vê-se a cada passo, mas nem sempre acontece exprimir n'um settenario o som de qualquer instrumento bellico com harmonia correspondente. Para esta operação he necessario huma particular harmonia. A terceira, e a sexta devem ser manifestamente longas. Mas não he só esta qualidade, que faz este verso de harmonia expressiva, mas tambem o esdruxulo *mortifera*, o qual (deixem-me assim explicar) dá hum certo elasterio ao estylo, proprio para se elevar; assim como fez Camões no Epifodio de Adamastor, dizendo:

..... *Huma figura*

*Se nos mostra no ar robusta, e valida.*

Estes esdruxulos contribuem muito para o sublime sendo collocados em seu devido lugar, e podem-se reputar palavras sesquipedaes das lingoas vivas, que mais affinidade tem com a Latina. O termo *bomba*, por set mui soante e expressivo, ajuda muito a exprimir o estrondo, que faz este instrumento mortifero quando rebenta.

(24) Para exprimir sons desagradaveis são mui proprias as consoantes asperas como *pp*, *tt*, *rr*, esta foi sempre a pratica de todos os homens de engenho, quer no verso, quer na prosa. Cicero no Liv. I. do Orador diz: *ac nulla in re rudis*; não apontarei mais que hum exemplo de Camões, pois he este uso tão frequente nos Poetas, que a cada passo se encontraõ. O exemplo he na Ecloga II.:

*As roucas rans soavam.*

A copula dos *rr* em *terra rudo* he artificial, e exprime a aspereza do estrepito da Cavallaria.

(25) Este verso está feito á imitação do de Virgílio no Liv. VIII. da Eneida:

Rr

Qua

*Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.*  
 Verso dignamente louvado em todos os tempos. Parece-me, que em trazer para o nosso Idioma o participio *quadrupedando* não mereço censura, pois m'o permittio a qualidade da composição, por ser daquellas onde mais reina o enthusiasmo. Eu vi modernamente usar de palavras novas em Sonetos, sem que por isso se condemnasse o Author de pouco puro. Ora pois eu espero, que se use a mesma indulgencia com quem enriqueceu o Idioma com huma das mais formosas elegancias, que se encontra no mais cordato, e elegante de todos os Poetas. Substituij *ginete* ao termo *cavallo*, por ser mais poetico, e menos vulgar. A palavra *ginete* he muito antiga nas Lingoas de Hespanha, e creio que he derivada do termo Grego *γινος*, e usado, por Aristoteles, cujo vocabu-lo significa o *parto da egora*, como attestaõ os Lexicografos. De *quadrupedante* usou Camões, Veja-se Cant. X. Estança 72. da Lusíada.

(26) Este verso no seu final está propagando o som; he propriedade, que tem a conjugação deste verbo em a nossa Lingoagem, o que não succede nas estranhas.

(27) Não sei qual foi o motivo, que obrigou ao Conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, e a outros do seu tempo a exprimir o termo *tambor*, ou *atambor* com o de *calça*, não expressando este cousa alguma nesta significação, por não ser formado por onomatopéa como *atambor*, além de ser de significado equivoco. Certamente o máo Gosto daquelles tempos os fez usar de hum termo de tão remota metáfora: e se algum moderno digno de louvor usou d'elle, foi pela lição, que teve destes authores, no que se não fez digno de imitação.

(28) Este verso tambem estende no termo final o som que exprime, como o verso acima num. 26.

(29) Os versos que terminão em hum monosyllabem pela maior parte força, energia, e gravidade como se vê neste, seguro na authoridade de Virgilio, que no Liv. I. da Eneida vers. 109. terminou assim o seguinte verso:

... Insequitur cumulo praeruptus aquae mons.

No



No Liv. V. vers. 481.

*Stornitur, exanimisque tremens procumbit bumi bos.*

No Liv. 10. vers. 361.

*Haeret pede pes, densusque viro vir.*

E no vers. 770.

*Manet imperterritus ille*

*Hostem magnanimum opperiens, et mole sua stat.*

(30) Neste verso todas as vogaes são de menos aberto som, para exprimir affecto de diversa natureza da dos que vão expressados nos anteriores versos.

(31) O Episodio de D. Ignês de Castro na Lusíada he tambem o mais resplendente lance de Eloquencia affectuosa, que possui a Lingoa Portugueza. Eu nunca o li, que não chorasse; muitos tem discorrido a respeito delle. Manoel de Faria e Sousa melhor que nenhum: quem quizer pôde-o consultar no excellente Commentario, que fez a este Poema.

(32) Este pensamento quasi que se assemelha a outro do maravilhoso Soneto III. de Camões.

*Com grandes esperanças já cantei*

*Com que os Deozes no Olimpo conquistára.*

(33) Neste lugar não me demorei tanto, por ser pintura de affecto compassivo, segundo a doutrina dos melhores Rhetoricos, que manda não demorar na pintura dos affectos, que movem a compaixão. Neste lance todo o estylo he facil e natural, sem inversões, nem frases estudadas; porque, assim como diz Quintiliano no Cap. IV. do Liv. X. das Instituições Oratorias, o nimio cuidado das palavras diminue a fé aos affectos, e donde a arte muito se manifesta, parece que a verdade se ausenta.

(34) A pureza de hum Idioma consiste especialmente em ser huma syntaxe bem regular, e conforme á boa Filosofia, cujos idiotismos não pareçam estranhos ao systema da mais pura Grammatica, e que a construcção do seu periodo não admitta hyperbatos, nem outras inversões viciosas, que trazem consigo escuridade, e que absolutamente não soffra o mais leve solecismo. Tambem concorre para a pureza do Idioma a cópia de frases de sentido perspicuo e natural, e a abundancia de

nomes , e verbos regulares ; e que além disso as suas anomalias sejam conformes ao bom Gosto , e cooperem para a doçura , e harmonia do discurso , cujas qualidades concorrem muito para a clareza , e elegancia , que são os mais nobres attributos de huma boa Linguagem. A dicção quanto mais congruente , tanto he mais pura. Vêmos , que desde que se começou a escrever em Portugal , a pureza , a elegancia , e a perspicuidade fôrão as principaes virtudes das composições dos nossos Escriitores , que formáráo , e poliráo o Idioma ; porque sendo dotados de Gosto annunciavao as suas idéas em estylo , que nada tinha de incongruente , isto he , de impuro , e barbaro. Pois assim como a modestia foi sempre a virtude , que assaz resplendeceu no todo dos costumes da Nação Portugueza , esta mesma virtude se communicou á sua eloquencia , exprimindo os seus pensamentos sem amplificações audaces , que communmente gerao impureza , e escuridade na oração , como vêmos em a maior parte dos Escriitores , que fôrão o solido da Lingoa Castelhana , os quaes sendo mais abundantes de engenho , do que sequazes das regras , que ensinao a escrever com toda a possível correcção , empregárao mais os seus talentos em se exprimir com huma mal entendida sublimidade , enchendo o discurso de metáforas excessivamente audazes. Daqui veio o costume de se escrever naquelle Idioma em estylo estudado , donde nasce muitas vezes a affectação , que costuma degenerar em a inchação , que he o mais odioso de todos os vicios do estylo. Ora como a natureza do discurso Portuguez seja o ser mui conforme ás mais puras regras da boa Grammatica , livre de amplificações atrevidas , e outros muitos modos de fallar viciosos , claro está , que com muita justiça lhe compete o epitheto *purissimo* ; pois sem pureza não pôde haver bons escritos , nos quaes se funda a gloria de qualquer Idioma.

(35) Afortunado aquelle que recebendo de Deos o dom de poetar , teve hum Idioma , que ajudasse o seu engenho. A Lingoa Portugueza he tão preciosa , que pôde por meio da sua grande cópia , e melodia fazer florescer qualquer engenho , ainda que este não seja dos  
mais

mais promptos e felices. He bem verdade, que se poderá dizer, que quem nasceu Poeta pôde melhor compôr na Lingoa Latina por ser mais poetica, e abundante de tons, do que qualquer das Lingoas vivas por cultura que seja; mas segundo o meu parecer ninguem deve escrever senão no seu Idioma, para haver de o enriquecer, e augmentar. Neste seculo de luzes, já se não soffre practica em contrario. Todas as Nações se esforçam em ampliar, e polir os seus Idiomas; e por consequencia he mais conforme á razão poetar em Lingoa materna, do que em huma, que por bella que seja não se falla ha XIV Seculos, o que a faz de natureza mais occulta a nós, especialmente na parte relativa á sua Profodia; e número, e além de não ser commua a todos, não se pôde nella innovar cousa alguma.

(36) Toda esta passagem he imitação da excellente Ode de Horacio:

*Non usitata nec tenui ferar, &c.*

As imitações sempre se devem fazer de longe; isto he, apartando o texto para que se possa fazer com liberdade, e não degenerem em plagios grosseiros, para a qual operação, deve-se em primeiro lugar pôr todo o cuidado em entender extremamente bem o sentido do texto, pezando a força, e energia de cada termo de per si, e a qualidade das suas translações; feita esta observação entre a formar o plano da eloquencia, com que ha de exprimir os pensamentos imitados, dispondo-os de modo, que fiquem proprios do assumpto, que trata, esforçando-se pelos exprimir com igual força á do texto, já pospondo, já antepondo, já encurtando, já ampliando o sentido, ou frase de maneira, que a hum mesmo tempo se conheça ser imitação, e lance de eloquencia não transferida de outro Idioma, isto he, no modo com que for exprimido, o qual deve ser com termos mui claros, e em frase muito elegante e pura, que nada tenha de constrangida, nem forçada. E para se vêr o modo, com que me portei na minha imitação, apontarei os lugares, para que possam com mais facilidade entrar na censura do judicioso Leitor, e este os avalie como bem lhe parecer.

( 37 )

(37) *Me elevarei  
Com clara fama ds lucidas estrellas,*

He imitação de

*Non astitata nec tenui ferar  
Penna . . . . . Per liquidam aethera*

(38) *Brando Cysne: he de  
Album mator in alitem:*

Quiz antes o epitheto *brando* por me parecer mais proprio; pois a doçura, e a harmonia são inseparaveis da boa Poesia.

(39) *Já se me vão os membros transformando  
N'outra nova figura:*

He imitação de

*Jam jam residunt cruribus asperae  
Pelles: et album mator in alitem.*

(4) *E de alvas pennas mil. vestido, e ornado*  
Imitação de

*. . . . . Nascunturque leves  
Per digitos humerosque plumae.*

Tirci *album* para as pennas, significando por isso, que o Poeta deve não tratar materias sordidas, e impuras, tanto no moral, como no fysico.

(41) *Já novos seres vejo &c.* imitação de

*Jam . . . . .  
Visam gementis littora Bospori &c.*

O D E III.

A RAINHA NOSSA SENHORA

*Por haver estabelecido a paz entre estes Reinos,  
e os de Castella.*

**N**ão mais, oh Musa, demos  
O triste peito a choros lacrimosos,  
Nem façamos extremos  
De dôr com ais, e gritos lastimosos,  
Chorando sobre a triste sepultura  
Do grande Rei José a morte escura;

Que em perenne existencia  
Já lá no Ceo não cessa de exaltar  
De Deos a Summa Essencia:  
E a dura força do cruel pezar,  
Que fez em nós do fado a tyraannia,  
Não se extingue chorando noite, e dia.

Cingida d'aureo manto,  
E ornada de sublimes resplendores,  
Entoa novo canto:  
Ensina-me a teçer altos louvores  
Da singular Maria, illustre filha  
De hum claro Heroi, do mundo maravilha.

Apenas te elevaste  
Rainha excelsa, ao throno magestoso,  
E segura empunhaste  
Dos grandes teus Avós o glorioso  
E sempre invicto Sceptro, á Lusã gente  
Dêste mostras de teu valor potente.

E qual luzente estrella  
 De influencias benéficas dotada,  
 A fervida procella  
 Foi por ti n'um momento dissipada;  
 E todo o Portugal larga esperança  
 Em ti fundou, e sua segurança.

D'alto valor armada,  
 Tiraste tu da mão de Marte horrendo  
 A sanguinosa espada,  
 Que os furores da guerra hia accendendo,  
 Obrando estragos mil em campo aberto,  
 De fangue, e pó, e de suor cuberto.

Cessou em continente  
 De commetter horrores desgraçados,  
 Acceza em fogo ardente,  
 Bellona c'os cabellos espalhados:  
 Não mais se virão damnos infinitos,  
 Nem se erguerão ao Ceo prantos, e gritos.

A Paz serena, e fãta,  
 Que em teu puro regaço se abrigára,  
 Nos ares se levanta:  
 Já de todo desfaz a sombra avara,  
 Que o máo furor da guerra diffundira,  
 Os povos accendendo em cruel ira.

Não vão rompendo os mares  
 As atrevidas quilhas Portuguezas  
 Cheias de singulares  
 Varões, que tu, Mavorte, tanto prézas,  
 Em cujos peitos ferve a antiga flamma,  
 Que os nossos bons maiores tanto acclama.

Neptu-

Neptuno os vio voando  
 Pelas tumidas ondas furiosos,  
 Os ventos desprezando,  
 Só de morrer na empreza cubiçosos;  
 Ou lavar os defares recebidos  
 Em inimigo sangue enfurecidos.

Que espanto, e que terror!  
 Quantos raios allí não vibraria  
 O fervido furor  
 Da Lusitana impavida ousadia,  
 Se amando mais o bem dos Teus Vassallos  
 Não voasses, Senhora, a desfarmallos!

Affaz de gloria ingente  
 Nos ganhárao Teus inclytos Avós,  
 De quem eternamente  
 Cantando hira da Fama a clara voz  
 Altos tantos troféos, tantas victorias,  
 Tantas triunfaes palmas, tantas glorias.

Hum mais luzente lume  
 Alumiou Teu vivo pensamento:  
 Já lá no excelso cume  
 Da mais solida Gloria claro assento  
 Immortal te prepara, adonde em vaõ  
 Tenta subir mundana comprehensão.

Se muito o mundo acclama  
 A gloria, que se alcança nas batalhas,  
 Onde o furor se inflamma  
 Cubrindo os campos de luzentes malhas;  
 De esquadrões destroçados, exhalando  
 A doce vida, em sangue fluctuando:

Cidades arrazadas ,  
 Mortos a ferro frio os habitantes ;  
 Provincias deffoladas  
 Por ferozes exercitos possantes ;  
 Voando ao longe , e ao perto o medo , o espanto  
 De tristeza cercado , e choro , e pranto.

Nestas scenas de horror  
 Se funda a gloria , antes cruel vaidade  
 Do vaõ Conquistador :  
 Quanto mais se naõ deve em toda a idade  
 Louvar aquella pia inclinaçaõ ,  
 Que as vidas poupa á humana geraçaõ.

Maldito seja aquelle ,  
 Que no mundo inventou guerra cruenta ,  
 Que o peito humano impelle  
 A tanta desventura , e se apacenta  
 De cruezas , de incendios , vituperios ,  
 De estragos mil , de mortes , e adulterios.

Seu nome embora fique  
 Em longo esquecimento sepultado :  
 Nunca a Fama o publique ,  
 Nem seja d'alto Engenho celebrado ;  
 Antes fique em horror a toda a gente ,  
 Detestado no mundo eternamente.

Outra mais alta gloria ,  
 Digna mais do pregaõ da illustre Fama ,  
 E de immortal memoria ,  
 Teu nome augusto em todo o mundo acclama  
 Sempre serás , Rainha , illustre , e grande  
 Por mais que a vã Fortuna o Fado mande.

Na



Na paz o Lavrador  
 Arando vai contente a terra dura ;  
 Na paz o fegador  
 Alegre corta a espiga já madura ;  
 Brancos lyrios na paz , vermelhas rofas  
 Nascem junto das agoas deleitosas.

As Artes resplendemem :  
 Apuraõ-se as altissimas Sciencias ,  
 Que as mentes esclarecem :  
 E fem temer de Eólo as inclemencias ;  
 Largamente o Commercio voa ufano  
 Pelas ondas do tumido Oceano.

Tu , Senhora , firmaste  
 Num , e noutro Emisferio a paz dourada :  
 Com gloria annunciafte  
 A serena concordia desejada  
 A mil nações d'um mundo , e d'outro mundo ;  
 Penetrada de amor , saber profundo.

Em vaõ naõ concebêraõ  
 De Ti , Senhora , altissima esperanza ,  
 Quando ao throno Te erguêraõ  
 Teus póvos , e com summa confiança  
 Real , Real , disseraõ por MARIA  
 De Portugal Rainha clara , e pia.

Se a minha voz foára  
 Qual do candido Cysne a voz canora ,  
 Teu nome se espalhára  
 Do Tejo lá té donde nasce a Aurora ;  
 Porém o meu engenho he curto , he breve ,  
 E a taõ sublime empreza naõ se atreve.

## O D E IV.

**J** Á não posso, já sinto  
 D'agudo frio os membros traspassados :  
 Aquí m'acolherei :  
 As negras longas azas sacudindo  
 Está o crespo Boreas, derramando  
 Sobre a medida terra a fria neve.

Em vaõ pelote aperto ; ( 1 )  
 Em vaõ na longa capa do felpudo ;  
 Do molle baetaõ  
 Me envolvo, e enrollo ; em vaõ por mim bradando  
 Lá do centro das concavas cavernas  
 Está o ruivo Bacco ebrifestante.

Eu não te escuto, não :  
 Não, letifico Deos, as roixas brazas,  
 A crepitante flamma,  
 Que as orlas lambe do estridente vaso,  
 Onde a cheirosa fordida vianda  
 Está chamando o bebedor hydropico :

Nem os luzentes copos  
 Do rubicundo mosto, e a curva bomba  
 Intrusa no tonel,  
 Perenne diffundindo o alegre çumo  
 Na rotunda caneca, me compellem  
 A profligar contigo os meus contrarios.

Natu-

Natural averfaõ ,  
 Tu bem sabes , me obriga a desprezar  
 Teus dons , e teus encantos :  
 Não foge tanto o cauto navegante  
 Do baixo , a que infamou triste naufragio ,  
 Como eu de algum lagar , ou longa adegã.

Mas a neve não cessa :  
 Treme , treme-me o corpo ; os dentes batem ;  
 O sangue se congela ;  
 E os pétulantes Bacchicos cultores  
 Com fardonico riso me escarnecem ;  
 Pulhas me dizem ; mil negaças fazem.

O teu foccorro imploro ,  
 Faceto Joaquim , só tu me podes  
 Livrar de taes insultos ,  
 Que estes vís tabaréos me estaõ fazendo :  
 Dá-me do louro chá , dá-me café ,  
 Café , que dá vigor á fantasia.

Porém como he possível ,  
 Que me esqueça o suave chocolate ?  
 Não he taõ agradavel  
 A Jupiter o flavo Ganymedes ,  
 Quando em taças de lucido diamante  
 Almo neectar alegre lhe prepara ,

Como quando sereno  
 Te vejo vir com passo tardo , e lento  
 Co'a bandeja do Ganges  
 Coroada de vasos de espumoso ,  
 Nobre liquor , que eleva o tenue fumo ,  
 Que co'as bochechas tumidas affopras.

Po-

Porém se fer pertendes  
 Famoso como o fulvo Ligurino,  
 Do Venusino Vate  
 Tanto no tempo antigo celebrado;  
 Dá-me do mais recondito, e subido  
 Almo liquor, que tanto me enfeitiga.

Em premio te darei  
 Olhos travessos, faces rubicundas,  
 Ondadas loiras tranças,  
 Taes que venção do Sol os claros raios;  
 Posto que escassas, e da côr da noite,  
 Raras t'obumbrem pallido o semblante.

Vê a quanto se atrevem  
 As presumpções altivas dos Poetas!  
 Nunca damno lhes faças:  
 Da-lhes do mais supremo chocolate,  
 Se não te queres vêr triste, e melquinho  
 Em saltante bugio convertido.

Mas és chegado em fim  
 C'o suave liquor, que a alma me encanta:  
 Dize agora, que bramem,  
 Que sibilem os ventos furiosos;  
 Dize, que me appareção lobishomens,  
 Nocturnas sombras, pallidas fantasmas.

Dize, que ouvidos dê  
 Aos cançados discursos dos que fondam  
 Seccos calculadores  
 As forças dos Estados, dos que ostentaõ  
 Fantásticos arbitrios, que annunciaõ  
 Encantados thesouros descubertos.

Tal

Tal com fronte severa,  
 Longa barba, comprida vestidura,  
 De grizalhos remendos  
 Recamada, hum pomposo Charlataõ  
 Converte em alto estylo o ferro em ouro,  
 Sepultado em miseria, e vil pobreza.

Que os sentidos me prenda  
 A sonorosa voz de hum recitante  
 De tristes panegyricos,  
 Que em frio estylo pobre d'artificio,  
 Erriçado de horrendos Gallicismos,  
 Ao mundo ostenta hum vaõ declamador.

Está de parte hum douto  
 Dando pezo, e valor aos ditos vãos:  
 Eu delle não me fio;  
 Parece-me, que astuto se recreia  
 Longe a pella lançando, porque veja  
 Esforços vãos de garrulos molossos.

Bebamos pois, amigo;  
 Fogem bebendo, cortaõ-se os cuidados,  
 Os mordazes cuidados;  
 Rispidas sogras, momos insoffridos  
 De soberbos parentes idiotas  
 Não te lembrem jámais, nem t'amofinem.

Mune o peito innocente  
 De innocentes costumes: deixa em vaõ  
 Bramar o negro vento,  
 E qual Piloto impavido despreza  
 A negra tempestade, que sibila  
 No tope excelso das aerias gaveas.

## N O T A.

(1) *Pelote* era hum genero de vestido antigo ; que corresponde á casaca do tempo de agora ; de modo que o mesmo era dizer *em pelote*, que *em corpo* ; como bem se mostra do seguinte exemplo de Fernão Lopes de Castanheda na sua Historia da India Liv. I. Cap. II. fol. 5.

» E ao embarcar fairoem todos em procissam de nossa Senhora de Belem, que he agora hum mosteiro de Sam Hieronymo, e hiam *em pelote*, e cirios accesos nas mãos, e os frades rezando.» Usei deste termo por me parecer mais poetico, como assim he, que casaca, fazendo assim a composiçãõ mais digna, e grave. Este termo já foi censurado de antigo, sendo usado de Vieira no sermão da Quarta feira de Cinza Tom. I. §. 2.º diz elle.» Pois trazaõ as suas pelles, as suas mantas, os seus *pelotes* de panno da terra.»



## O D E . V .

## A' FORTUNA.

**T**u, que os peitos humanos  
 Nutres de fementidas esperanças,  
 Tu, que com mil enganços  
 D'aura fallaz de audaces confianças  
 Levantas aos ethereos apozentenos  
 Seus arduos, temerarios pensamentos,


Falsifica Fortuna,  
 Sombra mendaz, fantastica deidade,  
 És fantasma importuna,  
 Aereo throno, aerea magestade,  
 Vá potencia, que em sonhos se exercita,  
 Entre o credulo povo te acredita.

És ser sem fórma, e essencia;  
 Vaõ tecido de mil contradicções:  
 Naõ póde haver sciencia,  
 Nem força de facundas expressões,  
 Que te defina tuas qualidades,  
 Sem que se envolva em mil contrariedades.

E se és alguma cousa,  
 Ou no mundo faz vulto o teu poder,  
 Que erguer-se em fim tanto ousa,  
 Teu imperio sómente deve ser  
 De idiotas estupidos formado, (1)  
 De infamissimos peitos habitado.

Ts

O po-

O pobre Lavrador (2)   
 Com sollicitas supplicas implore  
 Teu frivolo favor:  
 Rodeie o teu altar; teu vulto adore: (3)  
 Em vaõ com mil devotos sacrificios  
 Tente ganhar teus prosperos auspicios.

Por senhora dos mares (4)  
 Embora o Nauta intrepido te acclame  
 Longe dos patrios lares:  
 Por ti na tempestade grite, e chame;  
 Porque ao porto conduza a rica não,  
 Livre dos casos do confuso váo.

Temaõ teus crueis damnos, (5)  
 Temaõ-te em fim os fêrvidos Guerreiros;  
 E os purpureos Tyrannos:  
 Temaõ-te os fraudulentos Lisongeiros:  
 Que os limpos corações limpos, e puros  
 Vivem sem ti munidos, e seguros.

As mudanças, que faz  
 A mão do tempo avaro, que confome,  
 Que tudo contrafaz  
 Não lhes daõ não do titulo, e vaõ nome  
 De Fortuna, ou de acaso mentiroso,  
 Triste invenção de espirito ocioso.

A justa providencia  
 Do Supremo Motor, que os alumia,  
 He a certa sciencia,  
 Que o seu fraco baixel conduz, e guia  
 Pelo meio das Syrtes arenosas,  
 Das procellas da vida trabalhosas.



Oh bem-aventurado  
 Quem o caminho segue da Virtude!  
 Delle não he lembrado  
 Teu nome, oh van Fortuna, nem se illude  
 Com as tuas fantásticas promessas,  
 Com que tanto os vis peitos interessas.

Ah! que se hum vivo engenho (6)  
 Me accende, e me enfurece o pensamento,  
 Se excelso me sostenho  
 Nas regiões do eterno firmamento,  
 Imperio das sublimes invenções,  
 D'altas idéas, d'altas sensações;

Que gelado temor  
 Não consente, que o genio vigilante  
 Com fervido vigor  
 Dos tenebrosos valles se levante,  
 Onde a baixos assumptos applicado  
 Jaz em torpe delirio sepultado.

Sacras Musas do Pindo,  
 Eu não profano o dom divino, e santo;  
 Meu vôo despedindo  
 Novo Cyfne ás estrellas me levanto:  
 Longe, oh longe do profano vulgo  
 Vosso valor altissimo divulgo.

Elle já me premeia  
 Co dom benigno de immortaes talentos;  
 E se inda não se ateia  
 A flamma dos altivos pensamentos,  
 Que haõ de, oh Nynfas, levar o nome, e a gloria  
 Da minha patria ao templo da Memoria;

Hum pouco ah ! desculpai (7)  
 Do cego entendimento o vaõ furor :  
 Naõ se excita , naõ fai  
 Ao primo impulso o vivo resplendor , (8) (9)  
 Que hum vasto incendio move , e tanto espanta ,  
 Quando ás nuvens mais alto se levanta.

Na juvenil idade  
 Fervem no peito as turbidas paixões  
 Com fera tempestade  
 De indomitos desejos : sans tenções,  
 Altos nobres projectos todos jazem,  
 Todos em subtil fumo se desfazem.

Mas se naõ for cortada  
 Em flor a tela de meus aureos dias ,  
 Será de mim levada ,  
 Sem que finta do tempo as tyrannias ,  
 A fama illustre , e a gloria Portugueza  
 Com claro som por toda a redondeza.

As idéas fermentaõ ;  
 Parte já se levanta do edificio , (10)  
 Que ellas formar intentaõ ;  
 Sendo-me o Vate Delfico propicio ,  
 Ouvirá o seu nome o Gange , e o Nilo.  
 Em alto canto , em levantado estylo.

Como eu veja completos ,  
 E de immortalidade revestidos (11)  
 Meus audaces projectos ;  
 Naõ temerei , que sejaõ confundidos  
 Os affectos do vivo pensamento  
 Nos abissos do negro esquecimento.

Ao

Ao tenebroso Accafo

Eu não suspenderei taboa votiva : (12)

Nem mais hum grande vaso

De mosto esparzirei na fragoa viva (13)

Por taõ divina dadiva estimada :

Sim, ligeira Fortuna, és sombra, és nada. (14)



NO-

O Assumpto desta Ode hê a Fortuna ; que nella he considerada como hum ente aerio , a quem deu fer a ignorancia. Na mesma conta a teve Juvenal tratando della na Satyra X.

*Nullum numen habes , si sit prudentia : nos te  
Nos facimus , Fortuna , Deam , coeloque locamus.*

Do mesmo sentir he na satyra XIV. vers. 315. onde repete quasi que os mesmos versos acima.

Quasi todos os grandes Poetas , tanto dos antigos , como dos modernos , que tratáráo este assumpto , mais o fizeram como sectarios das opiniões do vulgo , do que como Filozofos , profanando o sagrado dom , o qual nunca foi dado por Deos , senão para utilidade do genero humano. Por cuja razão haverá dez para doze annos , que me atrevi a tratar este assumpto , mais por experimentar se em o nosso Idioma se poderia tratar com clareza , e magestade propria de huma boa filozofia , e moral pura , que serve de base á nossa Religião : e como achasse eu a dita composiçãõ com defeitos , tanto na deducçãõ do discurso , como na pureza da Lingoagem , por não ter ainda o engenho familiarizado com as regras do Gosto , que communica a liçãõ dos excellentes modellos da antiguidade ; determinei agora emendalla , no que puz toda a possivel diligencia , para que fosse nos pensamentos mui conforme , e ajustada aos documentos da boa filozofia , e na dicçãõ poetica á elegancia , e pureza , com que todo o genio dotado de talentos deve escrever , sem manchar a pureza do seu Idioma , e ao mesmo passo , augmentando-o com elegancias analogas á indole da mesma Lingoagem , virtudes que tão avultado fizeram o merecimento de Virgilio , Horacio , Camões , e Ferreira ; e se não conseguí , deve-se-me ao menos o louvor da diligencia , que nisso puz.

(1) O termo *idiota* tem sido censurado por pouco , ou nada Portuguez , dizendo , que a frequente leitura dos authores Francezes deste seculo o trouxe para o nosso Idioma. Dois generos ha de Poemas a quem he permittido o uso de palavras novas o Epico , e o Lyrico ; aquel-

aquelle não fômente as póde hir buscar á todas as lingoas , ou mortas , ou vivas , mas tambem inventallas absolutamente , como fez Virgilio. O Lyrico porém não as póde hir buscar fenaõ ás duas Lingoas Grega , e Latina. Isto assentado , a palavra *idiota* não he originariamente Franceza , nem a sua terminaçãõ o indica ; porque *idiota* he sem nenhuma corrupçãõ *idiota* , ae dos Latinos , e este he o Grego *ιδίωτης* , e , o que mostra , que não errei em usar deste nome. Além de que este termo tem mais de duzentos annos na nossa Lingoa : não só na prosa , mas ainda no verso tem sido usado por Authores de nome. Joaõ de Barros *Dial. da Ling. Portug.* pag. 234. Vieir. tom. VI. pag. 3. Hieronymo de Cõrte Real Poeta , que floreceu nos Reinados de D. Joaõ III. , e de D. Sebastiaõ usou desta palavra no Livr. XI. do *Naufragio de Sepulveda* :

Conbece ser o Mago Simam falso ,  
Com infernaes milagres espantando  
O povo idiota facil , e ligeiro.

Fr. Heitor Pinto Dialogo da *Verdadeira Amizade* Cap. 19.  
» E quando os Letrados tem tregoaõs com os vicios , difficil he terem os *idiotas* paz com as virtudes. » Fernãõ Ximenes de Aragaõ *Traçtado da Doutrina Christã , e Catholica* impresso em 1624 Cap. 5.º fol. 28... » Taõ » *idiotas* , e sem letras , que nunca haviaõ aprendido. »  
(2) Esta he imitaçãõ de huma passagem da bellissima Ode de Horacio á Fortuna , Poema que só por si lhe ganhãra hum immortal nome. As imitações ou se fazem augmentando , como fez Camões na Ode IX. na qual imitou a VII. do Liv. IV. das de Horacio , ou encurtando , como fez o mesmo Camões no II. Canto da *Lusiada* na Estança 53 , que principia :

*Nunca com Marte instructo , e furioso.*

Onde mete dez , ou doze versos de Virgilio em oito Portuguezes ; e esta he a mais rara de todas as imitações , de quantas tenho visto nos Poetas , que hei lido. A minha imitaçãõ he do primeiro genero ; de

*Te pauper ambit sollicita prece  
Ruris colonus . . . . .*

Fiz huma estrofe : o verbo *ambit* no texto tem tanto enfa-

ênfasi, que só elle forneceu assumpto para os quatro ultimos versos da dita estrofe, e julgo não ser hum dos menos felices lances deste poema.

Era do antigo ritual tanto dos idolatras, como dos Hebreos rodear o que fazia as deprecações o altar, onde se fazia o sacrificio, como se vê da já mencionada passagem de Horacio nas notas; e tambem da seguinte do Salmo XXV. *Lavabo inter innocentes manus meas, et circumdabo altare tuum.*

(3) Esta estrofe tambem he imitação do mesmo Horacio na mesma Ode:

. . . . . *Te dominam aequoris,  
Quicumque Bithyna laceffit  
Carpasium pelagus carina.*

(4) Tambem esta he imitada da Estrofe: *Te Dacus asper &c.* *Purpureos tyrannos* he imitação ao pé da letra de *Purpurei metuunt tyranni*; e se me não engano, esta he a primeira vez, que apparece esta elegancia na Lingoa Portugueza. Na Lingoa Italiana já della usou Torcato Tasso na Estança 52. do Canto VII. da *Jeruf. Liber.*

*A i purpurei Tiranni infausta luce.*

(5) Aquí haviaõ quatro estrofes de mais, que cortei, por me não parecerem dignas tanto em discurso, como em dicção; em fim quando a emenda corta, quasi sempre he melhor, que quando accrescenta. Huma das causas por que ellas mais me não agradaraõ, era o estarem cheias daquelles extasis, ou por melhor dizer, delirios, exclamações, e apóstrofes, de que tanto abundaõ as composições Lyricas deste tempo. He possível, que as anaforas, apóstrofes, exclamações, repetições, reticencias &c. que por frequentes fazem o estylo solto, e desunido, devaõ só contribuir para a belleza desta qualidade de Poemas? Não: isto só pôde ser consequencia infallivel da corrupção do Gosto, que quasi sempre acompanha os Engenhos mediocres; nem eu tal uso vejo nos bons Mestres da antiguidade. Huma das Odes de Horacio mais bella, mais cheia daquelle impero sagrado, que procede de hum verdadeiro enthusiasmo he a XXV. do Liv. III. pois eu não vejo nella estas desordens, á que

os

os modernos chamaõ bellas. O mesmo digo da IX. do Liv. III. as quaes por unanime consenso dos Criticos faõ as melhores do grande Lyrico Latino. Alli só vejo hum enthusiasmo de razaõ, e não hum furor defatinado de imaginação delirante. Tudo alli he conforme ao bom senso; todas as idéas faõ derivadas por huma consequencia taõ natural, que bem mostraõ serem produzidas por hum entendimento nutrido com as puras maximas da mais excellente philosophia, que vê, e observa por todos os lados os assumptos que trata, isto he, que por acudir ao enthusiasmo, não deixa a natural, e legitima ordem do discurso; que por cumprir com ambos, não se esquece de escrever com pureza, elegancia, e doçura, que he o verdadeiro colorido das idéas, e talvez, o que na realidade he, que as graças do estylo sejaõ quem transmittaõ á posteridade os partos da facundia poetica. Aquí entro pois a affastar-me do assumpto, cuja transição fiz com aquella arte, que permite o meu engenho tal, ou qual elle he; se ella não agradar a algum Leitor, que por acaso haja de lêr este Poema, caia embora no seu defagrado, que eu não sube fazer melhor; ao menos poderá estar certo, que neste Poema não achará jogos pueris de palavras, equivocos, antitheses mal collocadas, construcções impuras, e outros muitos vicios, que constituaõ a inchação infoffrivel dos versificadores dos Reinados de D. Pedro II., e D. Joaõ V. Sempre puz todo o esforço, para que as minhas pinturas fossem simples, e na sua imitação se achasse verdade, e interesse.

(6) Esta estrofe tem os primeiros quatro versos, que finalizaõ em agudos, cousa que a cultura moderna muito abomina: no ultimo artigo destas notas direi alguma cousa a este respeito.

(7) *Primo* por primeiro, obrigou-me a isto a precisão do metro, e muito mais a dignidade do estylo, no que me parece em nada violei as leis da boa Poesia, nem as da pureza do Idioma. *Primo* por primeiro, he, e sempre foi mui Portuguez: semelhante uso he frequente nos nossos bons Authores. Jorge Ferreira, hum dos mais benemeritos da nossa Lingoa, na sua *Eufrosina* usa frequen-

temente deste termo. No Prologo da mencionada Comedia fol. 5. vers. temos o seguinte exemplo : » Arre- » negay do velho que não adivinha, que por muito que » o tempo como *primo mobil* faça &c. » Camões na Estança 69. do Canto IV.

*Aquí se lhe apresenta, que subia*

*Tam alto que tocava a prima Esfera.*

Tambem modernamente usou deste termo o Conde da Ericeira, o qual posto que não tenha a maior authoridade no estylo, com tudo he hum dos Autores do Seculo de prata da nossa Lingoa, com quem se deve allegar. No Tomo I. da primeira Edição do *Portugal Restaurado* a fol. 666. diz elle : » Passarão a alagoa com a » agoa pelos peitos á *prima* noure. » Sempre se disse no nosso Idioma *obra prima*, por cousa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da Lingoa chamaõ *chefe d'obra*, clausula absolutamente Franzeza, que em nossa Lingoagem de nenhum modo pôde ser admittida; por lhe não ser analoga nem em sentença, nem em soido; por ser de rude, e dissonante pronunciação; e porque no meio tem desagradavel cacafonia. Quando commumente dizemos *primo, segundo primo* &c. deve-se entender por Elipse a palavra *parente*, ou parente em primeiro grão: quando porém se diz *segundo primo*, he o mesmo que dizer *segundo primeiro*, o que he formalmente hum idiotismo, cousa que todas as lingoas tem: são os idiotismos huns abusos introduzidos pelo vulgo idiota, e daqui vem *idiotismo*.

(8) *Resplendor*, effeito pela causa; este genero de translação he patente a todos os que se dão aos estudos amenos; esta imagem não he mui vulgar nos Poetas; estimarei que alguém me assigne outra semelhante em algum Poeta antigo, ou moderno; porque se não for melhor que a minha, alegrar-me-hei com a gloria da superioridade, e se for de mais relevante merecimento, tentarei novas fadigas, para com a imitação de objecto mais perfeito dar novo colorido ao meu quadro. A que tem Gabriel Pereira na *Ulysséa* Canto II. Estança 94. não he a mesma comparação, ainda que o pareça.

(9) Poema que tem por assumpto as acções, proezas, e pen-



e pensamentos altivos do Grande Henrique Infante de Portugal filho d'ElRei D. João o primeiro.

(10) Elegancia femelhante a esta usou o Orador Vieira no primeiro Sermao do Tom. V., e he a seguinte: » A primeira scena deste theatro; foi o Paraizo Terreal, » no qual appareceu o mundo *vestido de immortalidade.* »

(11) *Taboa votiva*: imitação de Horacio na Ode V. do Liv. I.

..... *Me tabula sacer*

*Votiva paries indicat humida*

*Suspendisse potenti*

*Vestimenta maris Deo.*

(12) Allude ao uso que havia de esparzir vinho nas brazas dos altares dos sacrificios antigos.

(13) Aquí me torno a lembrar do assumpto deste Poema; não se repete o monosyllabo *sim* por *Gallicismo*; esta particula he mui Portuguêza, mas o uso immoderado, que neste tempo tem feito della Poetas, e Oradores, quando servilmente imitaõ os Authores Francezes, e principalmente em clausulas tão proprias da Lingoa Franceza, como estranhas da nossa, a constituirão *Gallicismo*.

Resta-me agora dizer alguma cousa a respeito dos agudos, como prometti na setima annotação, o que faço, não só por ter empregado alguns neste Poema, como por fazer madura reflexão na investigação da causa, que modernamente fez abolir o seu uso, cousa que nunca veio á imaginação dos bons antigos, tanto Italianos, como Portuguezes. Em primeiro lugar deve-se attender, que todo o verso endecasyllabo he verdadeiramente agudo; porque a ultima he muda, ou quasi que se não pronuncia, assim como a primeira, que só tem a pronuncia algum tanto mais aberta. Consta pois de onze syllabas, cinco longas e seis breves, que se reduzem quasi como a cinco pés todos jambos, que constaõ de huma breve e outra longa, e no fim césura, quasi á imitação do pentametro dos Latinos, e se deve medir da maneira seguinte:

Asãro-mãseõsu-vãrõensu-ãlãstõ-nãlãc-dos césura,  
é assim todos os mais. Os grandes mestres de Italia sempre

pre usáram de agudos todas as vezes que se lhes offereceu occasião, sem a menor dúvida, nem reparo. Dante Alighieri, Padre das Musas Italianas, usa delles com frequencia. Petrarca, o primeiro Poeta vulgar que escreveu com correção e emenda, nunca teve dúvida em servir-se de agudos nos mesmos Sonetos, que he hum genero de composição delicada, que por sua brevidade se lhe não permite licença, como se pode vêr no terceiro da Parte L., onde ha quatro agudos; no quinto outros quatro; em fim de tres em tres, de dois em dois Sonetos se achão agudos. Ariosto, Tasso Pai, e Filho, os mais resplendentes lumes da Poesia Toscana, usáram frequentissimamente delles. O Cardeal Bembo, e o Sannazzaro, cujas rimas depois das de Petrarca são as melhores de Italia, sem a minima difficuldade se servirão delles. Joáo das Casas o mais seверо Aristarco do Parnaso Italiano, usou delles huma e muitas vezes nos Sonetos. Pois que direi do Comendador Annibal Caro, engenho de igual severidade, que o precedente, na sua Canção ou Ode, que principia:

*Venite a l'ombra de i gran Gigli d'oro.*

que foi reputada por hum prodigio de arte? Em huma das estrofes della ha nem menos de quatro agudos todos de iguaes consonancias, e nem por isso deixou de ser a admiração do seu seculo, e dos vindouros. He possivel, que todos estes grandes Engenhos se enganassem? he certo, que não. Seria talvez porque o seu Idioma abunde em terminações longas? tambem não; pois se me não engano apenas terá oito, quando a Lingoa Portugueza tem mais de trinta desinencias agudas, o que poem em indispensavel precisão o seu uso; e seria encurtar a riqueza da Lingoa, e reduzir o mechanismo metrico a huns estreitissimos limites, do qual procede muitas vezes a felicidade de exprimir o pensamento. Camões, Ferreira, Bernardes, e todos os nossos bons Poetas se servirão de agudos com a mesma liberdade, que os Italianos. Os Areades, que ha annos florecerão, fóram os que suscitáram tão frivola questão. O Garção foi o mais acerrimo propugnador desta opinão, tanto assim, que nas suas obras nunca pude achar mais do que hum só agudo na Satira, e quatro nos Deryrambos. Mas se este Poeta insigne vivesse mais tempo, com

que.

que podesse emendar as suas obras ; talvez que as purgasse de alguma affectação , que nellas reina , tanto por isso , como pelas vozes estrondosas , que nellas empregou , e viera a merecer o justo titulo de restaurador da boa Poesia em Portugal. O mesmo era o P. Francisco José Freire , pois se me não engano nem hum só agudo se encontra na traducção da Poetica de Horacio , mas este Litterato nisso não admira , pois algum tanto foi sustentador de paradoxos , como o de que o verso solto era de mais difficil execução do que o rimado. Em fim , eu antes quero errar com esses grandes engenhos , que eternamente serão as delicias de toda a gente de gosto , do que acertar com os propugnadores de opiniões extravagantes e futeis , que não se fundão em razão solida.

## O D E VI.

AO SENHOR JOSÉ ANTONIO CARDOSO,

TRADUCTOR DA NOIVA DE LUTO TRAGEDIA  
DE CONGRÈVE.

NEM sempre, como os ventos,  
Fogem com pé ligeiro, e arrebatado  
As horas, e os momentos:  
Qualquer triste cuidado  
Faz o tempo yeoz: duro, e pezado.

Pobres, ou ricos, todos  
Honesto passatempo ter procuraõ  
Por mil diversos modos:  
Quaes na caça se apuraõ,  
Quaes na Musica, quaes de nada curaõ.

Ser destes naõ quizera,  
Andando vivos, mortos me parecem;  
Porém, quem tal dissera!  
Immenfos apparecent  
Destes, e doutros, que inda mais empecem.

Mas veio a scena, e deu  
A tantos males efficaz remedio,  
Em fumo os converteu:  
Foi-se o pezado tedio,  
Que ao peito humano poz em duro affedio.

Deraõ altas lições  
Em luzente espectáculo nocturno  
As nobres producções  
Das Netas de Saturno,  
Em focco humilde, e tragico Cothurno.

N'u-

N'umas os negros vicios  
 Com irrisorio tom ao fundo fóraõ.  
 Dos altos precipicios,  
 De que inda Avaros choraõ,  
 Os Ciosos tambem, mas naõ melhoraõ.

Quanto he difficultoso  
 Lançar qualquer defeito intruso n'alma!  
 Mil vezes venturoso  
 Quem seus vicios acalma,  
 E delles com victoria alcança a palma!

Das furias agitado  
 Vio-se o nefario Orestes vagabundo:  
 E em lagrimas banhado  
 O gesto alvo, e jucundo  
 Da Dama, que se queixa a Deos, e ao mundo.

A vil Superstiçaõ  
 Lhe traz seu fim fatal. Lá vem a triste  
 Envolta em affiçaõ,  
 Essa a quem naõ resiste  
 O mesmo Amor, por quem reinando existe.

Junto d'ara odiosa  
 Pallido o lindo gesto se apercebe  
 A' morte rigorosa:  
 Já quasi que a recebe,  
 E o brando collo o agudo ferro embebe.

Deoses do Ceo, descei  
 A soccorrer a triste, que perece  
 A's mãos da iniqua Lei;  
 A' morte se offerece.  
 Ai de mim! já de todo desfallece.

Quem

Quem não chorará, vendo  
 Morta a gentil Princeza? oh crueldade!  
 Oh caso acerbo e horrendo!  
 Cruel iniquidade!  
 Não achou entre os homens piedade!

Taes, e tão más effeitos  
 Nascidos são das fêrvidas paixões,  
 Que agitaõ nossos peitos,  
 Que humanos corações  
 Mais feros fazem que ásperos leões.

Porém a mente altiva  
 Dos Sacros Vates são, e proveitosos  
 Documentos deriva  
 Dos casos horrorosos,  
 Os costumes polindo rigorosos.

Assim á sombra amena  
 Do suave deleite brandamente  
 Ensina a alegre scena  
 O recto, e justo á gente,  
 Que das paixões o incendio n'alma sente.

Que ella em fim communica  
 Terror, e compaixão ao peito humano,  
 Com que alma purifica  
 Do cego, e vil engano  
 Do poder das paixões fero, e tyranno.

Mas tu não necessitas,  
 Bom Cardoso, de scenico espectáculo;  
 Com paixões não te irritas,  
 Nem te servem de obstaculo  
 Para ouvir da Razaõ o santo Oraculo.

Feliz huma, e mil vezes  
Tu, que os affectos vís forte sopeias,  
Naõ temes seus revezes,  
O seu furor refreias,  
E co' as suaves Musas te recreias.

Tu mandas, tu moderas  
As affeições, e dellas o bom tiras:  
Tu n'alma naõ toleras  
Odios, soberbas, iras,  
Nem nos braços de Amor cego deliras.

Qual destro cavalleiro,  
Que o potro ensaia ao bellico exercicio,  
Doma-lhe o ardor primeiro,  
Benéfico, e propicio  
Naõ o deixa correr ao precipicio.

Quanto naõ te rirás,  
Cheio o peito de sã Filosofia,  
Dos delirios, que faz  
A cega fantasia,  
Onde as paixões exercem tyrannia.

○

## O D E VII.

NA PRESENTE ENFERMIDADE  
DA RAINHA NOSSA SENHORA.

## I.

**H**IA do Luso Imperio glorioso (1)  
O potente baxel fendendo as ondas (2)  
Com larga vela, e prospero galerno. (3)  
No polo luminoso  
Aurea Estrella fulgente scintillava; (4)  
Letifico, e amoroso  
Seu resplendor benéfico o guiava, (5)  
Sem temer o rigor da Sorte escura,  
Ao porto da mais inclyta Ventura. (6)

## II.

A diamantina prôa acostumada  
A vencêr o furor das tempestades,  
Syrtes, e Acroceraunios não temia. (7)  
O masto, onde arvorada  
Fuzilla a sacra insignia, em todo o mundo (8)  
Taõ clara e celebrada, (9)  
Affrontava do raio furibundo (10)  
A fêrvida e implacavel inclemencia;  
Tiha c'ò bravo Eólo competencia.

## III.



## III.

Move o aureo timão braço potente (11)  
 Da prudencia mais inclyta, illustrada  
 Do raio santo da benigna Estrella,  
 A quem doce, e clemente  
 Da bella Natureza fulgurava (12)  
 O riso aureo e fulgente,  
 Que á branca vela os Zephyros mandava,  
 E quanto mais as ondas dividia,  
 Tantas mais maravilhas descobria.

## IV.

As Deidades do reino Neptunino (13)  
 Em seu louvor mil cantos entoavaõ:  
 » Vai, oh Náo potentissima, a Ventura  
 » Presida ao teu destino.  
 » Em quanto a fulgurante claridade  
 » Do excelso Astro Divino  
 » Te illumina na vasta immensidade  
 » Do indomito Oceano, alegre e ovante, (14)  
 » Não temas a desgraça fulminante.

## V.

» Rompe as ondas veloz do mar tumente; (15)  
 » Leva de hum pólo a outro a paz serena,  
 » Puros costumes, leis sabias e humanas: (16)  
 » Leva da Lusã Gente  
 » A gloria, e o nome já taõ respeitado  
 » Com culto reverente,  
 » Desde a torrida zonã ao mar gelado.  
 » Dá novo assumpto á Fama: ecco immortal  
 » Te dê louvor, e nome perennal.

## VI.

- » Não por armas fanguineas horrorosas, (17)
- » Mas por grandes e altísimos progressos.
- » Nas Sciencias, nas Artes, nos Costumes, (18)
- » E producções famosas
- » Do Genio audaz e vivo, e dos talentos, (19)
- » Estrellas luminosas,
- » Que dirigem os nobres movimentos,
- » Com que da Gloria se ergue a Magestade
- » Ao Templo da immortal Celebridade.

## VII.

- » As riquezas do aurifero Oriente, (20)
- » As do novo Emisferio no teu seio (21)
- » Buscaõ placido abrigo: alto thesouro
- » Com liberal enchente
- » A' sabia Industria daõ, para que teça
- » Corõa refulgente
- » A' tua gloria, onde immortal flozeça
- » A fama, que a acções inclytas te anime,
- » E acima das Estrellas te sublime.

## VIII.

Assim com claro assento celebraráõ  
 As Nynfas do Oceano o nome, e a gloria (22)  
 Do Lusitano Imperio. De improvizo (23)  
 As ondas se excitáraõ:  
 Do vento horrido, e fero, ao longe, e ao perto  
 Os eccos retumbáraõ,  
 Confuso estrondo, horrivel desconcerto!  
 Rompem do seio do tremendo abismo  
 Negros monstros do Estygio parocismo. (24)

## IX.

IX.

Evaporaõ as fauces odiosas  
 Enferma noite de horridos vapores : (25)  
 Offusca-se o esplendor do Astro sublimo :  
 Mil vozes lastimosas (26)  
 O soccorro do Ceo fereno imploraõ :  
 Mãys, Donzellas, Esposas,  
 Velhos, Varões, pupillos gemem, choraõ.  
 Vacilla a Náo, e perde o norte, e tino ;  
 Detem seu curso prospero, e benigno.

X.

Desçaõ os Deozes do Celeste Assento  
 Em teu soccorro, oh Náo, por quem concebo, (28)  
 Por quem nutro em minha alma intenso affecto :  
 Cesse o furor do vento :  
 Rompe os mares de novo, que já vejo  
 No ethereo firmamento  
 Novo Astro, a quem se deve alto cortejo :  
 Move teu leme já braço robusto :  
 Não entre em ti jámais pallido susto.

XI.

Os eccos da Prudencia, que florece  
 No vivo esmalte da doirada poppa,  
 Já te avizaõ, que em morbido lethargo  
 Não dorme, não perece  
 O teu vigor activo, e vigilante.  
 Foge, desapparece  
 Aos impulsos da força fulminante  
 O contagio mortal, que diffundira  
 Do tremebundo Averno a cruel ira.

XII.

## XII.

Oh queira o Ceo benigno ao braço Augusto,  
 Que teu leme dirige, oh Não potente,  
 Dar força invicta, e intrepida constancia,  
 Com que o furor injusto  
 Das tempestades férvidas profligue;  
 E com vigor robusto  
 Voar com vento prospero te obrigue,  
 Livre dos cegos váos do mar profundo,  
 Desde o Tejo aos fins ultimos do mundo.

## XIII.

Que á sua vista prompta e penetrante  
 Seja bussola eterna o vivo lume  
 Da sólida, vivaz Filosofia:  
 Que com vigor prestante  
 Precipite no Averno o Fanatismo,  
 Sem que se enleve, e encante,  
 Nem se deixe lançar n'um cego abismo  
 Da vil Lisonja ao magico proemio,  
 Para ter da Memoria immortal prémio.



## NOTA S.

**E**STE Poema he huma expressão terna e sensível de hum Cidadão , que evapora a força do sentimento , que concebeu na actual molestia da Rainha Nossa Senhora , a qual pelas suas virtudes , e preciosas qualidades , foi sempre adorada de todos os seus povos , que com as mais vivas demonstraões de pezar mostráráo quanto eraõ sensíveis , e participantes da molestia fatal , que infelizmente insultou a sua preciosa saude , cuja fatalidade seria reputada por huma calamidade publica , se a Prudencia , e summa Benignidade do Principe Nosso Senhor não suavizasse a vehemencia da dôr , que em toda a Nação Portugueza diffundio hum tão triste e lamentavel accidente.

Esta composiçaõ he toda allegorica , na qual debaixo da configuraçaõ symbolica de huma Náo se representa o Estado , e na de hum Astro a Rainha Nossa Senhora. Huma tal norma de composiçaõ foi sempre reputada por muito bella , grave , e summamente artificiosa ; porque , podendo exprimir com maior e mais agradavel sublimidade os sentimentos de hum coração penetrado de dôr , se vem a fazer mais interessante.

Desde a mais alta antiguidade foi conhecido , e usado este artificio de composiçaõ : he patente a todos os estudiosos a bem expressada allegoria da Republica figurada n'uma Náo , que traz Cicero na Oraçaõ contra Pisão , Cap. 9. nos termos seguintes : *Neque tam fui timidus , ut qui in maximis turbinibus ac fluctibus reipublicae navem gubernassem , salvamque in portu collocassem , frontis tuae nubeculam , tum collegae tui contaminatum spiritum pertimescerem. Alios vidi ventos , alias prospexi animo procellas , aliis impendentibus tempestatibus non cessi , sed his unum me pro omnium salute obtuli.* Cujá traducçaõ diz o seguinte : « Nem eu havia de ser tão timido , que de pois de ter com tanta gloria nas mais confusas , e soberbas ondas governado , e ultimamente conduzido ao porto san , e salva a Náo da Republica , houvesse de temer a pequena sombra do teu rosto , e os contaminados sopros do teu Collega : eu já vi outros ventos , ja me ex- » puz.

» puz com valor a outras tormentas, e longe de ceder a  
 » outras muito maiores tempestades; que ameaçavaõ gran-  
 » diffimos estragos, a todas me offereci só pela salvação  
 » de todos »

Naõ só hum baixel, ou tambem outras circumstancias concernentes á navegação servem para exprimir a Republica, mas igualmente para representar o progresso da vida, ou o da fantasia posta em movimento no acto de produzir algum artefacto mental; significando por este modo hora o moral, hora o fysico do homem, e dando corpo, e vida; abstracções, que só na idéa podem ter existencia, e ainda essa precaria; porque se realiza pela reflexaõ suggerida pela mais sublime metafysica. Tal he a configuração, que produzio a penna do celebre Dante no Canto I. do Purgatorio, na qual representa o seu engenho, ou veia Poerica nos seguintes endecasyllabos:

*Per correr miglior'acqua alza le vele  
 Omai la navicella del mio ingegno,  
 Che lascia dietro a se mar sì crudele.*

O mesmo praticou o Ariosto no principio do derradeiro Canto do seu, por todos os respeitos, admiravel Furioso:

*Or, se mi mostra la mia Carta il vero,  
 Non è lontano a scoprirsi il porto,  
 Sì che nel lito i voti scioglier spero  
 A chi nel mar per tanta via m'hà scorto;  
 Ove, o di non tornar col legno intero,  
 O di errar sempre, hebbi già il viso smorto.  
 Ma mi par di veder, naveggo certo:  
 Veggio la terra, veggio il lito aperto.*

Com bastantem artificialio, e notavel clareza usou da mesma configuração para exprimir o seu engenho o antigo Joaõ de Mena, elegantissimo Poeta Castelhana, que floreceu nos tempos d'ElRei D. Joaõ II. de Castella, na seguinte Estança tecida de versos de doze Syllabas como os Alexandrinos Francezes, que he a 98 das suas Trezentas.

*La flaca barquilla de mis pensamientos  
 Veyendo mudanza de tiempos oscuros,  
 Cançada yà toma los puertos seguros,  
 Cã teme mudanza de los elementos.  
 Gimem las ondas, e luchan los vientos,  
 Cança mi mano con el governalle,  
 Las nueve Musas me mandan que calle;  
 Fin me demandan mis largos tormentos.*

Deste gentilissimo artificio se aproveitaraõ muito os nos-  
 sos Poetas, de que serã bastante apontar o seguinte exem-  
 plo do grande Camões na Estança 78 do Canto VII. da  
 Lusíada :

*Hum ramo na mão tinha. Mas ó cego  
 Eu, que commetto insano, e temerario  
 Sem vós, Ninfas do Tejo, e do Mondego;  
 Por caminho tão arduo, longo, e vario!  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar com vento tão contrario,  
 Que se não me ajudais, hei grande medo,  
 Que meu fraco batel se alague cedo.*

Todas estas formulas symbolicas tiveraõ nascimento na  
 antiguidade, como se mostra na segunda Georgica de  
 Virgilio, verso 93, pedindo a Mecenas a sua protecção  
 para continuar aquella obra, que pela sua perfeição veio  
 a ser o mais bello Poema da antiguidade, e o modello  
 mais perfeito do seu genero :

*Tuque ades, inceptumque una decurre laborem  
 O' decus, ó famae merito pars maxima nostrae,  
 Maecenas; pelagoque volans da vela patenti.*

Cujo sentido he o que se mostra na seguinte traducção  
 deste modo :

*O teu favor invoco, oh luz, oh gloria,  
 Oh parte principal da minha fama,  
 Claro Mecenas, digno de memoria:  
 Nesta fadiga, que meu peito inflamma,  
 A tua mão me estende, e largamente  
 Deixa as velas voar do mar patente.*

Yy

Ovi-

Ovidio no principio do primeiro Livro dos Fastos :

*Excipe pacato, Caesar Germanice, vultu  
Hoc opus; et timidæ dirige navis iter.*

Cuja traducção he a que se segue :

*Tu, ob Cesar Germanico, recebe  
Esta obra minha com sereno gesto,  
E a não, que no mar timida se embebe,  
Mostra o caminho claro, e manifesto.*

Tambem esta configuração se applicava, como já disse, a diversos sentidos moraes, como á vida, que sendo rigorosamente abstracto colectivo, significa muitas vezes hum aggregado de acções relativas aos costumes, como se vê praticado pelo famoso Petrarca no Soneto 157, onde nos mostra a mais elegante, e talvez a mais notavel allegoria, que deste genero se acha em toda a Poesia Italiana, pelo modo seguinte :

*Passa la nave mia colma d'oblio  
Per aspro mare a mezza notte il verno,  
Infra Scilla, e Caribde, ed al governo  
Siedi il Signor, anzi il nemico mio.  
A ciascun remo un pensier pronto, e rio,  
Che la tempesta, e' fin par ch'abbia a scberno :  
La vela rompe un vento humido eterno  
Di sospir, di speranza, e di desio :  
Pioggia di lagrimar, nebbia di sdegni  
Bagna, e rallenta le già stanche sarte  
Che son d'error con ignoranza attorto.  
Celanfi i due miei dolci usati segni;  
Morta fra l'onde é la ragion, e l'arte,  
Tal ch' incomincio a disperar del porto.*

Della se tem servido tambem alguns para exprimir affectos, e os inconvenientes, que delles podem nascer, quando sobem a excessso, como se vê n'um excellente Soneto do grande Tasso, que não he allegoria de menos vulto, que a do Petrarca; a saber :

*Chi'l*



Ch'il pelago d'Amor a solcar viene,  
 In cui sperar non lice aure seconde,  
 Te prenda in Duce, e salvo il trarrai donde  
 Huom rado scampa alle bramate arene.  
 Tu le Sirte, e le Scille, e le Sirene,  
 E qual mostro piu fero entro s'asconde,  
 Varchi a tua voglia, e i venti incerti, e l'onda  
 Qual Nume lor, con certe legge affrene.  
 Poi quando addute in porto havrà le care  
 Sue merci, ove le vele altri raccoglie,  
 E il tranquillo de Amor goda sicuro;  
 Te non pur nuovo Tisi, o Palinuro,  
 Ma suo Poluce appelli, e in riva al mare  
 Appenda al Nume tuo votive spoglie.

He tambem digna de apreço pela clareza, pela elegancia, e pela harmonia do estylo, a do celebre Voltaire n'uma das suas Poefias, lançada nos versos seguintes:

*Le bonheur est le port, où tendent les humains.  
 Les écueils sont frequents; les vents sont incertains.  
 Le Ciel, pour aborder cete rive étrangère,  
 Accorde à tout mortel une barque légère,  
 Ainsi que les secours, les dangers sont égaux;  
 Qu'importe, quand l'orage a soulevé les eaux,  
 Que ta poupe soit peinte, et que ton mâc deploye  
 Une voile de pourpre, et des cables de soie,  
 L'art du Pilote est tout; et pour dompter les vents,  
 Il faut la main du sage, et non des ornemens.*

He notavel, he digna de toda a estimaçãõ a bella allegoria, em que nos nossos tempos o Poeta Garçaõ debaixo do emblema de hum Galeaõ representou huma Academia Litteraria; esta he certamente a mais consideravel de todas as allegorias deste genero, que se encontraõ no nosso Idioma; a elegancia do estylo cheio de força, movimento, e harmonia, fará este Poema eternamente recommendavel; mas tem hum defeito notavel, que he, occultar os termos principaes da allegoria, de maneira, que nem pelo texto, nem por circumstancia alguma se

póde conhecer o assumpto, que se encobre debaixo do seu jergolifico (\*); e se esta falta não fosse supprida pelo titulo, que póde muito bem ser de mão estranha, ou deixaria de ser allegoria, ou fôra certamente hum enigma:

Porém a mais famosa de todas as allegorias deste genero em toda a Litteratura, he a da Republica Romana, defenhada debaixo do symbolo de huma Náo na bella Ode XIV. do Liv. I. de Horacio, cujo contheudo he o que se exprime na versãõ seguinte, metrificada em estrofes regulares conforme o original:

*Novas ondas vorazes,  
Atrevido Brixel, ao mar te levaõ:  
Oh vê bem o que fazes:  
Olha que as tempestades já se elevaõ:  
A' vela não te faças:  
Vê que nua de remos te espedaças.*

*Já teus mastos aballaõ  
C'os impulsos do vento furioso.  
As antenas estallaõ;  
E as Ndos em mar tumente, e temeroso  
De enxarcias desprovidas  
Ficarem, he fazerem submergidas.*

*Rotas as brancas velas,  
Opprimido de mal, Deozes não tens;  
Nem amigas Estrellas,  
Por quem chamando esperes já mil bens;  
Nem ser te val, ou presta  
Pinho illustre da Pontica floresta.*

---

(\*) O Author he aqui injusto com o Poeta Garçaõ: ou pelo menos não devia ser tão benigno com Horacio, cuja Ode XIV. do Liv. I. elle trata neste mesmo lugar pela mais famosa de todas as allegorias d'este genero em toda a Litteratura, a pezar de ter a mesma falta, de que a Ode de Garçaõ he accusada: ao mesmo passo, que toda a peçoã, que tiver conhecimento do estabelecimento da nossa Arcadia Lusitana, ao ler o verso do Garçaõ:

*E com louros no Menalo cortados*

facilmente percebe, que a Arcadia he o objecto da allegoria na sua Ode, em tanto que todo o conhecimento da Republica Romana não basta para entender da Ode de Horacio, que ella he com effeito o objecto simbolizado na allegoria da Náo.

*Em*

*Em vão te jactarás,  
De nome inutil, geração de vento;  
Se outras provas não dás,  
Mais que da poppa o futil ornamento;  
Isto na tempestade  
Para o Piloto timido he vaidade.*

*E se não queres ser  
Ludibrio vil do vento, evita os mares;  
Não queiras receber  
Entre as Cycladas funebres desares,  
Tu por quem do odio ardente  
Esquecido me faz o amor presente.*

Mas como he possível, que este Poema de Horacio; seja a mais notavel, e insigne de todas as imitações deste genero, que se podem achar em toda a Poesia antiga, e moderna, e que ninguem se lembre da que vem no Cap. 27. de Ezequiel, onde se vê Tyro representada debaixo do emblema de huma Náo, composição que nunca vi allegada, nem mesmo no artigo *Allegorie* da Encyclopedica Methodica, onde este assumpto se vê tratado com tanta particularidade, que parece estar inteiramente esgorado? Faz-se tão recommendavel a Poesia Sagrada pela vivacidade do enthusiasmo, pela audacia, e movimento da expressão, especialmente nos Profetas, que com mais razão ainda que a Poesia profana pôde dizer: *Est Deus in nobis*. A quem deveu o Tansillo, o Taffo, e o Sannazzaro a maior parte das bellezas de seus Poemas, senão á lição dos Profetas, e de todas as Poesias consignadas nas Sagradas Letras? A melhor obra do admiravel Racine he a Athalia, prodigio de composição Tragica; e não he ella hum aggregado das maiores bellezas, que tanto resplendem nas Poesias Santas dos Profetas? Ora vejamos como o espirito daquella sublime composição se exprime pela primeira vez na Lingoa Portuguesa, na seguinte traducção feita em metros livres assim como o Original: digo pela primeira vez, porque não ha memoria, que existisse jámais no nosso Idioma versão alguma, parafrase, ou imitação, ou verso bel-

bello Poema ; porque as que vemos nas duas traducções em prosa , não podem dar huma completa idéa do seu artificio , da sua norma de pensar , nem do nexu occulto das idéas , de que se compoem , qualidade commua não só a todos os Profetas Sagrados , mas até mesmo aos Poetas Gregos , e Latinos , o que mais se patenteia em Pyndaro , e Horacio : e bellezas consignadas em produções filhas do mais vivo enthusiasmo só o Genio combinado com as luzes as pôde analysar , e fazer sentir pela analogia , e sentimento interior , que em semelhante materia he quem unicamente pôde calcular o mechnismo , e movimentos da fantasia humana em taes operações , que de nenhum modo podem apparecer na seccura de huma traducção Litteral , a que não presidio o conhecimento das Lingoas Orientaes , nem o Genio , nem a Philosofia fundada na frequente lição dos escritos da antiguidade. Entre as singularidades deste Poema faz-se digno de attenção vermos nelle unidas a brevidade de Pyndaro , e a extenção de Homero : a primeira expressada na maior parte do Cantico , a segunda na enumeração , que faz das mercadorias , que formavao a totalidade do Commercio de Tyro descripta desde o número 12 até número 24 ; de sorte , que não he precisa muita fadiga a quem ler o enumeramento das Náos , e tropas , que a Grecia mandou ao cerco de Troia no Liv. II. da Iliada , e o das Troyanas no fim do mesmo Livro , para conhecer a conformidade de Homero com a Escritura , não só nas ditas enumerações comparadas com esta do Cantico de Ezequiel , e com as que vemos no IV. Livro do Pentateuco , onde se verá , que a natureza da expressão daquella idade era a mesma não só na Grecia , e na Asia , mas em outros muitos lugares , que pela brevidade deste escrito escuzo indicar. A dita enumeração distribuida em doze ramos neste Cantico , como se compoem de idéas particulares , resumi em proposições collectivas , e universaes para dar mais nexu ao mencionado Poema , e ficar de mais facil digestão. Além de que , eu tenho para mim , que os ditos doze ramos não fazem corpo do Cantico , e podem ser considerados como huma especie de glosa marginal , ou interlineal feita pelo mesmo Profeta , ou por

por algum Author da Lei para provar ; e facilitar a intelligencia do texto , onde ficáraõ incorporados talvez por descuido de copista , a que o tempo foi dando approvaçaõ por naõ ser cousa muito effencial.

**Canto funebre de Ezechiel , Capitulo 27.**

*Oh Tyro , Não soberba , e poderosa ,*

*Que tanto te jactavas*

*De perfeita , e bellissima estrutura !*

*Tu , que tecida das mais duras faias ,*

*Tu , para cujo masto produzio*

*O Libano frondente*

*O cedro mais gentil , que o mundo vto ;*

*Tu , que audaz , e potente*

*No coraçãõ das ondas te ostentavas*

*Cheia de gloria usana , e dominavas*

*Em toda a vastidaõ do mar profundo.*

*Dos carvalhos fortissimos de Bassan*

*Se puliraõ teus remos vigorosos.*

*Nos bancos dos remeiros valerosos ;*

*Na tua poppa , oh Não , resplendecia*

*Lucido esmalte de Indico marfim.*

*D'aurea antena pendia a vela immensa ;*

*Que Egypcio linho candido tecia.*

*A bandeira de purpura luzente*

*Soberba scintillava ,*

*Ornada , e guarnecida*

*De rica bordadura , onde brilhava*

*Do vermelho Jacintho*

*A flamma resfulgente.*

*Os ricos habitantes*

*Da regiaõ Sydonia te serviaõ*

*De remeiros possantes.*

*Os velhos , e os prudentes de Gibal*

*Te forneceraõ destros marinheiros ,*

*E nautico apparelho.*

*A Sabios de prudencia , e de conselho*

**Foi ;**

Foi, ob Tyro, teu leme confiado.  
 Mil povos do Oriente  
 Com animo valente  
 Defendiaõ teu bordo, onde se viaõ  
 Capacetes, escudos pendurados,  
 Fero apparatus, bellico ornamento  
 Prompto para qualquer hostil intento:

Quantos povos abrange o mundo inteiro  
 Trato contigo tinhaõ:  
 De toda a parte vinhaõ  
 Em teu seio vastissimo esconder  
 As producções immensas, que criavaõ  
 As regiões diversas, que habitavaõ.  
 Tu com tua opulencia alegre, e ufana  
 Hias cortando o mar com largas velas;  
 Mas hum vento cruel, e furioso  
 Deu de encontro contigo n'um rochedo:  
 Cheia de espanto, e medo  
 Allí despedaçada,  
 Num momento te viste sepultada  
 Nos abismos dos mares. Teus thesouros  
 Tuas mercadorias, e riquezas,  
 Tuas altas emprezas,  
 Teus triunfos, e glorias, e teus louros;  
 Teus fortes marinheiros,  
 Teus Pilotos, teus inclytos guerreiros  
 Com toda a multidaõ de povo immenso,  
 Tudo foi, ... que desgraça! confundido,  
 E no seio das ondas submergido.

O triste som dos miseros clamores,  
 Que ao Ceo mandava a tua afflicta gente;  
 Diffundio negro espanto: mil horrores  
 D'outros baixeis ao longe se apossãraõ:  
 Cheios de medo, e dôr seus navegantes  
 Precipitaõ-se em terra:  
 E em tanta confusaõ de fatal guerra  
 No duro chaõ prostrados,  
 Com prantos dessolados

*Teu caso miserando lamentáraõ,*  
*E cinza, e pó funesto derramáraõ*  
*Sobre as miseras frontes;*  
*Seus cabellos cortáraõ,*  
*E cingidos de asperrimo cilicio*  
*No mais intenso excessõ do seu mal,*  
*Da sua dôr fatal,*  
*Inundados de lagrimas sem conto,*  
*Sobre a tua funesta desventura*  
*Flebil canto entodraõ de amargura.*

*» Houve jámais Cidade taõ brilhante*  
*» Outra, diziaõ, outra igual a Tyro?*  
*» Ab! Tyro! Aonde estás? Responde, oh Tyro?*  
*Tu no meio do mar emudeceste?*  
*No meio desse mar, onde Leis deste?*  
*Tu, que com teu commercio immenso e grande*  
*Tantos povos, e Reis enriqueceste,*  
*He possível, que estejas submergida*  
*Nos seios horrorosos*  
*Dos mares tempestuosos*  
*Com todas as Nações, que dominavas!*  
*E que tuas riquezas infinitas*  
*Em ti por tanto tempo accumuladas*  
*Fosses das bravas ondas devoradas!*

Parece-me que não haverá Leitor dotado de bom Gosto, que não ache o Cantico Sagrado digno por todos os respeitoos de se preferir á Ode profana de Horacio, e que não sinta quanto a inspiração verdadeira do Espirito de Deos he superior á inspiração fingida de Apollo, e das Musas.

(1) Começar por hum imperfeito do indicativo não deixa de ter artificio; porque suppõe em acção a composição, que por isso fica tendo mais agitação, mais movimento, e por consequencia mais belleza, o que não deixa de ser proprio deste lugar. Deste modo começa a Eneida, deste a Lusíada, e a Jerusalem de Tasso. *Luso Imperio*, eis-aquí o primeiro signal característico, que faz, com que a configuração allegorica deixe de ser enigma.

O adjectivo *Luso* tem o mesmo significado, que *Lusitano*. Foi aquelle adjectivo patrio incorporado na Lingoa Portugueza pelo Camões, por quem foi inventado: elle he a modificação da generalidade da idéa incluída no termo *Imperio*, cuja combinação de vozes constitue especie. O epitheto *glorioso* he hum predicamento com muita razão adoptado ao sujeito *Imperio*; porque a fundação do Imperio Portuguez, a sua primeira regeneração em o Senhor Rei D. João I., os descobrimentos, a fundação do Dominio Portuguez na Asia, na Africa, e na America, onde aquelles se fizeraõ, fôrmaõ a parte mais brilhante da Historia do genero humano, e que nenhuma analogia tem com a Historia anterior; ultimamente a segunda regeneração do Imperio Portuguez operada pelo Senhor Rei D. João IV., e a sanguinolenta, e porfiada guerra, que se lhe seguiu pelo longo espaço de 28 annos em todas as quatro partes do mundo, são certamente factos, que por extraordinarios, e pasmosos conciliaõ á Nação Portugueza hum genero de gloria tão sublime, tão fóra do commum, que nunca ha de deixar de existir na memoria dos homens.

(2) *Baixel*, nome generico, que se costuma adoptar a todo o genero de embarcação. Este termo tambem existe na Lingoa Castelhana, e he o Latino *Phaselum*, i.

(3) *Galerno* he mais que vento em poppa, como affevera o sábio Manoel de Faria e Sousa na exposição da Estança 67. do Liv. II. da Lusitada. Este adjectivo, que algumas vezes se toma como substantivo, assim como neste lugar, vem do Grego γαλήνιος, α, ο, que significa cousa serena, e este vem de γαλήνη, ης tranquillidade do mar.

(4) *Estrella*: este he o emblema, no qual se representa a Rainha Nossa Senhora.

(5) O epitheto *benéfico*, assim como os antecedentes são propriísimos do sujeito *Estrella*, geroglyfo de Sua Magestade neste Poema. He certo, que o seu Reinado tem sido pela mansidão, e pela beneficencia de huma tão amavel Rainha as delicias de todos os seus póvos, que na sua infeliz molestia tem dado provas nada equivoacas do amor, que lhe consagraõ.

(6)



(6) *Porto da Ventura* : esta elegancia he semelhante ao seguinte lugar do Psalmo 106. : *Et laetati sunt quia quieverunt, et deduxisti eos in portum voluntatis suae*, que em Portuguez diz o seguinte :

*Penetraráo-se entãõ d'alta alegria,  
Porque o termo já viaõ  
Do seu trabalho, e misera agonia :  
E da sua vontade ao porto amado  
Os conduzio teu braço sublimado.*

A Poesia Sagrada he fonte de infinitas graças , e com razaõ ; porque o enthusiasmo Divino , que sempre ha de fer o enthusiasmo da razaõ , he capaz de produzir maiores fenomenos na Poesia , do que o furor profano , que excedendo muitas vezes os limites do bom senso , degenera em delirios , como vemos a cada passo.

(7) *Syrtes e Acrocerantios* , são termos symbolicos ; porque não significaõ neste lugar huns baixos , e vortices assim denominados no mar Mediterraneo , mas sim todo o genero de perigos. Tudo isto he vulgar na *Odyssêa* de Homero , especialmente no Liv. XII. em cuja Poesia nascêraõ estas formulas taõ usadas de todos os grandes Poetas ; mas como os Latinos nos saõ mais familiares , e por não cançar com a leitura de Originaes Gregos , transcreverei os lugares daquelles , donde teve nascimento esta imitação. Virgilio no Liv. I. da *Eneida* , vers. 204.

*Vos et Scyllaeam rabiem , penitusque sonantes  
Acceftis scopulos . . . . .*

*Vós a raiva de Scylla experimentastes,  
E aos sonantes rochedos vos chegastes.*

O mesmo no Liv. III. da *Eneida* , vers. 420.

*Dextrum Scylla latus , laevum implacata Charybdis  
Obsidet , atque imo barathri ter gurgite vastos  
Sorbet in abruptum fluctus , rursusque sub auras  
Erigit alternos , et fidera verberat unda.*

Zz ii

Lo

*Ao dextro lado Scylla se appresenta ,  
E do esquerdo Charybdís implacavel ,  
Na profunda voragem violenta  
Tres vezes sorve as ondas formidavel ;  
E outras tantas com furia turbulenta  
As arremessa férvida , e indomavel  
Com força tanta aos ares transparentes ,  
Que as estrellas agoita resfulgentes.*

No Liv. VII. vers. 302.

*Quid Syrtes , aut Scylla mihi , quid vasta Charybdís  
Profuit . . . . .*

*Que tirei de vencer duros perigos  
De Scylla , e de Charybdís inimigos ?*

Horacio na Ode III. do Liv. I.

*Qui vidit mare turgidum , et  
Infames scopulos Acroceraunia.*

*Quem pôde vêr jámais sem susto ou medo  
Os mares levantados ,  
Do horrendo Acroceraunio  
Os infames rochedos fulminados.*

Estes termos *Syrtes* , e *Acroceraunios* communmente são tomados por quaesquer baixos , ou lugares tormentosos ; porque sendo *Syrtes* huns baixos vizinhos á Costa de Africa , pôde-se igualmente chamar *Syrtes* quaesquer baixos sejaõ em que parte for do mar. Assim como se explicaõ as Letras Sagradas no Cap. 27. dos Actos dos Apostolos , narrando o perigo , em que se achou a não , que transportava S. Paulo a Roma , que miraculosamente se salvou de huma *Syrte* , isto he de hum baixo , onde esteve quasi fazendo naufragio , a que allude Camões no seguinte lugar na Estança 81. do Canto VI. da Lusíada.

*Divina guarda , Angelica , e Celeste ,*  
.....  
.....

*Tu que livraste a Paulo , e defendeste  
Das Syrtes arenosas , e ondas feias . . . . .*

O qual logo adiante na Estança 82. se serve das mesmas formulas de expressar , de que usei , por modo summamente elegante , e poetico a saber :

*Se*

*Se tenho novos medos perigosos  
De outro Scylla, e Charybdis já passados  
Outras Syrtes, e baixos arenosos  
Outros Acroceranios infamados.*

E neste quadro estão todas as bellezas, que apparecem na passagem dos Poetas Latinos, que allegamos.

(8) O verbo *fuzilar* significa propriamente a emissão instantanea do fogo de pederneira no choque do fuzil, donde este verbo procede, cujo significado se applica ao relampago do raio, ao da artilheria no acto de disparar, e ao da espingarda, que tambem ficou conservando a denominação de *fuzil*: e como este fogo he trémulo, e vibratorio, por isso se applicou o verbo *fuzilar* ao termo insignia, isto he bandeira, como se dissesse: *ondêa a sacra bandeira*. Esta expressão pinta a illusão optica, que ao longe faz huma bandeira arvorada no tope do masto de huma não, especialmente quando he agitada de vento rijo, que parece huma especie de flamula de quando em quando agitada, e de flamma veio flamula. Julgo que já o Garção usou deste verbo no mesmo sentido. O epitheto *sacra* convem por todas as razões á bandeira Portugueza: a historia, e a tradição tem feito isto tão conhecido de grandes, e pequenos, que escuso demorar-me neste ponto.

(9) *Tão clara, e celebrada*: a gloria da Nação Portugueza, que isto quer dizer *Sacra insignia*, está consignada em monumentos da primeira ordem. A Historia composta pelo antigo Fernão Lopes, pelo grande Barros, e seu continuador Couto, por Fernão Lopes de Castanheda; a immortal Lusiada de Camões, e outros muitos escritos não deixão nesta parte a menor dúvida, antes são verdadeiros testemunhos da sua gloria, que por elles ha de ter eterna duração.

(10) O adjectivo *furibundo* foi introduzido na nossa Lingoa pelo Camões, que o tirou da Latina, onde verdadeiramente he hum participio de *furio*, *is*, verbo anormal. Elle tem grandissima energia no nosso Idioma, e significa furioso em grão superlativo: póde ter significação futura, e significação presente; porque de ambos os modos he usado dos nossos Escriitores.

( 11 )

(11) *Aurco timão*: designa leme, que na Língua antiga, tanto Portugueza, como Castelhana era *governalho*, termo Francez, ou Latino *gubernaculo*.

(12) O verbo *fulgurar* faz neste lugar o mesmo effeito, que massa de tinta forte n'um quadro para dar maior expressão á pintura.

(13) Nesta estrofe começa o Canto das Nereidas, ou Ninfas do Oceano, sem preparatorio algum, operação propria da vehemencia do genero sublime. Deste artificio fizeraõ uso frequente todos os antigos. Tal he aquelle com que o Lyrico Latino introduz a fallar o Filosofo Archyta na bella Ode, que compoz á morte deste Filosofo no Liv. I. Da mesma forte vemos, que usou na composição da II. do Liv. III. O mesmo lance se observa na Ode III. do mesmo Livro, onde introduz Juno a fallar no Concilio dos Deoses; Atilio Regulo na V., e em outras. O mesmo se vê praticado no Salmista. Tambem esta norma de composição não esqueceu aos modernos, de que bastará que aponte hum notavel exemplo de Camões por ser mais conhecido de nós, e de artificio igual ao que se observa nesta passagem da Ode IV. onde introduz Safo prompta a despenhar-se no mar dizendo de improviso, e sem preparatorio as palavras seguintes:

» *Tomai-me bravos mares,*  
» *Tomai-me vos, pois outrem me deixou,*  
» *E assim dos altos ares*  
*Pendendo, com furor se arremessou.*

Esta pintura, com a que se lhe segue, he hum dos lances mais notaveis e brilhantes da Lyrica Portugueza.

(14) *Ovante*, quer dizer *triunfante*: he propriamente o Latino *ovans* participio presente do verbo *ovo* transportado pelo Camões para o nosso Idioma. He mui significante, e sonoro.

(15) O mesmo se deve dizer da palavra *tumente* participio do verbo *tumeo*, que o mesmo Poeta trouxe do Latim para o Portuguez. Tambem he de muita força e harmonia: significa inchado, soberbo &c.

(16) *Affim o dicta a boa Filosofia*. Parece moralmente impossivel, que Leis sábias deixem de ser humanas. O espirito de humanidade, que se tem diffundido por toda a Eu-

a Europa , e tanto honra este seculo , he huma verdadeira , e legitima emanação da mais sublimè Filofophia , sem as luzes da qual tudo he cegueira , tudo he erro , tudo infelicidade.

(17) A gloria das armas já não he considerada como noutros tempos a mais solida , a não ser em defeza propria. Nenhuma Nação tem mais de que se gloriar a este respeito , do que a Portugueza ; porque quasi todas as suas guerras tem sido em defeza da Patria , e por isso alcançou os maiores , e mais esclarecidos triunfos , quaes os dos Senhores Reis D. Affonso Henriques , D. Sancho I. , D. Diniz , D. Affonso IV. , D. João I. , que pelo seu valor , e amabilidade foi para Portugal o mesmo que Henrique IV. foi para França ; e ultimamente os do Senhor Rei D. João IV. , e D. Affonso VI. A paz será sempre o estado natural do homem em sociedade : com a paz vem todos os bens ; assim como da guerra procedem todos os males.

(18) He certo , e por todos os respeitos evidente , que a cultura das Sciencias faz aperfeçoar as Artes , onde a industria acha o seu verdadeiro alimento. Da feliz affociação de humas , e outras procede a melhora dos costumes , que se vão aperfeçoando á proporção dos conhecimentos , que o espirito vai adquirindo pela applicação das Artes uteis : daqui se vê , que quanto mais industria tem os povos , e mais occupados são , melhores inclinações tem , e mais virtudes nelles resplendem. Por isso vemos ainda mesmo no trato commum , que nos dias de semana , em que ha mais occupação , e menos distracções , ha mais socego , e não são tão frequentes as desordens. Os povos da Suissa , e especialmente os de Genebra , são os mais quietos , pelo muito que se applicão ao trabalho. A agricultura , ( que sem ella não ha nada ) a relogiaria , a tanoagem , e outras artes necessarias , são as suas eternas occupações. Estas são as verdadeiras fontes da riqueza , e felicidade pública.

(19) As produções das Artes de Genio , sendo mais de deleite , e de ornamento , que de utilidade , não deixão de contribuir com o maior esplendor á gloria de huma Nação. As victorias , os triunfos dos Gregos , e dos Roma-

manos não lhes adquirirão certamente maior gloria, nem fama mais perduravel do que os grandes monumentos, que deixarão consignados em tantos escritos immortaes. O exercicio levado ao mais sublime ponto de perfeição na Poesia, na Eloquencia, na Pintura, na Escultura, na Musica, &c. he a base onde a verdadeira gloria eternamente descança; como se afirma nos versos, que se seguem.

(20) Este verso falla das riquezas, que a Nação Portugueza tira da Asia por via do Commercio.

(21) Neste se indica os immensos proveitos, que a industria Nacional tira da America, já pela Agricultura, já pela excavação das preciosissimas Minas, que excitão a industria, e fazem florescer a Navegação, e o Commercio.

(22) Canto das Nynfas do Oceano, symbolo, ou allegoria, pela qual se representaõ as honras, e os applausos, com que a Fama corõa o merecimento; assim como disse Camões na Estança 89. do Canto IX. da Lusíada.

*Que as Nynfas do Oceano taõ formosas,  
Thetis, ea Ilha angelica pintada,  
Outra cousa não he que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada.*

(23) Aqui apparece nova scena em tudo diversa da que até aquí tem feito parte do Poema, a qual por isso fórma a essencia do contraste ideal, e harmonico de todo o quadro, artificio muito necessario nas artes imitativas, como a Pintura, e a Poesia, onde se exprime a força do claro escuro, que produz a variedade, donde procede o deleite, que depois da utilidade, he o primario fim da Poesia. Deste modo a amenidade da pintura antecedente succede a terribilidade da que se segue.

(24) Este verso he todo allegorico: monstros são males fysicos e moraes, que affligem a triste humanidade, o que os antigos representãõ com altissima Filosofia na boceta de Pandora. O termo *parocismo* he todo Grego *παροξισμός* e neste lugar significa enfermidade, assim como no original: este vocabulo foi introduzido no nosso Idioma pelos Escritores do Seculo passado; e alguns do nosso tempo, especialmente os Arcades, que se tinhão por

por Arbitros soberanos em Bellas Letras o reprovavao como impuro, e inchado; como se não valesse mais que as suas decisões a authoridade do Orador Vieira, que no Sermao do Santissimo Sacramento do Tom. VII. pag. 117 ufou delle pela maneira seguinte: » E quando finalmente » chegar seu fim, a falta, ou a rotura desta uniao será » o ultimo *parocismo*, de que ha de morrer o mundo. » Gabriel Pereira de Castro, Joao Franco Barreto, e outros ufarao delle. He imitacao de Virgilio no vers. 215. Liv. III.

*Pestis et ira Deum stygiis se se extulit undis.*

*Peste, ira dos Deoses, fero estrago,  
Que do abismo se ergueu do Estygio Lago.*

(25) *Enferma noite; isto he: enferma escuridade. Audacia de expressao permittida com especialidade na Poesia deste genero; esta formula he ufada da Poesia antiga.*

## O D E VIII.

A O CASAMENTO

DO SENHOR THOMAZ MARCHE,

NEGOCIANTE INGLEZ.

**D**E innocentes prazeres rodeado  
 Vem, alegre Hymineo,  
 E ao generoso Marche afortunado,  
 A quem benigno o Ceo  
 Mil dotes concedeo,  
 Traze a gentil Esposa,  
 Com que a vida lhe seja venturosa.

Tu accendes a flamma da virtude  
 Nas almas dos amantes,  
 A quem torpeza vil naõ cega, e illude:  
 Os chõros incessantes,  
 Mil dôres penetrantes,  
 Paixões, e tyrannias  
 Lhes convertes em gostos, e alegrias.

Tu prefides aos votos innocentes  
 Dos corações, que se amaõ.  
 Tu és prazer da vida, e amor das gentes.  
 Por ti contino clamaõ,  
 E lagrimas derramaõ  
 Os tristes, que padecem  
 As cruzas de Amor, que n'alma crecem.

Já



Já vejo ao longe as fachas rutilantes,  
E os cantos de alegria  
Chegaõ té ás estrellas radiantes.  
Com doce melodia  
A alegre companhia  
Das Graças, dos Amores  
Vem de Martha cantando mil louvores.

O Ceo quando nasceste te dotou,  
Martha gentil, e bella,  
De inextimaveis dons, e te adornou,  
Qual reluzente estrella,  
Do resplendor daquella  
Luz perennal, e eterna  
Da candida Virtude alta, e superna.

O rubicundo pejo, que em teu gesto  
Fórma as purpureas rosas,  
He a todos indicio manifesto  
D'altas, e preciosas  
Condições generosas,  
Que habitaõ no teu peito,  
Bons dezejos, e amor casto, e perfeito.

Em premio das virtudes, que exercitas,  
O Ceo te entrega agora  
Ao bom Marche, a quem n'alma estaõ escritas  
Tantas graças, que adora  
Em ti, gentil Senhora,  
Por quem tanto suspira,  
Por quem cheio de amor quasi delira.

Elle só era digno de gozar  
 Teu gesto, e formosura,  
 A gentileza tua singular,  
 Elle, cuja alma pura  
 Anciosa procura  
 Ser sublime thesouro  
 De dons de mais valor, que prata, ou ouro

Liberal condiçãõ, e genio affavel,  
 Alma serena, e bella  
 O farãõ a teus olhos sempre amavel.  
 Assim t'õ affirma, e affella  
 Do seu semblante aquella  
 Mais que viril belleza,  
 Indicio de benigna natureza.

Olha como as virtudes mais perfeitas  
 Seu thalamo rodeiaõ!  
 Allí em prizões doces, mas estreitas,  
 Que os sentidos recreiaõ,  
 E eternamente enleiaõ  
 Dois ternos corações,  
 Ah! sentirás de Amor as illusões.

Largo vos seja o Ceo com seus favores,  
 Oh felices Esposos,  
 E de vossos purissimos amores  
 Tenhaes fructos ditosos,  
 Gentís, e generosos,  
 Que com saber profundo  
 Os vejaes Cidadões de todo o mundo.

## O D E IX.

AO SENHOR ROBERTO NUNES DA COSTA,  
PROFESSOR REGIO DE GRAMMATICA.

**A**SSIM com maõ benigna  
A poderosa Deosa dos Amores  
Te eleve ao throno excelso  
D'alguma Galatèa branca, e pura,  
Ou Filis de olhos bellos, e divinos;  
Adornada de candidos costumes.

Adonde gozar possas  
A summa quinta essencia do seu nectar;  
Continuo contemplando  
Em seu coração puro a sã virtude,  
Que em ti tem seu assento, e tanto prezas  
Mais que immensas riquezas, largos mandos.

Assim as claras Musas  
Te inspirem novos canticos, diversos  
Dos que até gora ouvia  
O sacro Tejo lá nas frescas grutas,  
A cujo som detenha as curvas ondas;  
E sobre ellas as Tagides te escutem.

Nos cantes, bom Roberto,  
Suaves Cantos mil, sublimes Odes  
Em grande, e raro estylo,  
Qual do conciso Pyndaro servendo  
Nos Olympicos jogos, qual de Horacio;  
Serenos hora correndo, hora empollado.

Aquel-

Aquelle que impellido  
 De divino furor cantou primeiro  
 Em numeroſo verſo  
 Ao ſom da curva Lyra altifonante  
 A Virtude ſantiffima, as acções  
 Dos valeroſos peitos immortaes :

Eſſe foi animado  
 Com o baſo de Deos Omnipotente,  
 A cujo leve aceno  
 As procellas nos mares ſe levantaõ,  
 E lá nas regiões do Ceo profundo  
 Mil, e mil mundos vagaõ, Soes luzentes.

Naõ foi, profanos, eſte  
 Do voſſo ajuntamento vicioſo:  
 Alto tanto voou,  
 Que entre os Deozes do Olympo ſoberano,  
 Onde do mundo jaz o regimento,  
 Ficou eternamente relatado.

Entaõ ſe vio no mundo  
 A vez primeira a vagabunda Fama,  
 Que andando pela terra  
 Eſconde lá no Ceo ſublime a fronte,  
 E vai com ferrea voz de hum polo a outro  
 Apregoando os feitos glorioſos.

Eſte Varaõ Celeſte  
 Quem ſeria? Em que plaga vio da terra  
 O ſeu primeiro dia?  
 Se o engenho me aſſopraffe o roixo Febo,  
 Vós, Muſas, m'ò dirieis, vós a quem  
 Os arcanos recondites ſe moſtraõ.

Immen-

Immenſa multidaõ  
 De gente vaga , e errante ao longe vejo :  
 Diante a vai guiando  
 Hum velho de ſemblante venerando ,  
 Candida a longa barba , hirsuto o peito ,  
 Leva na maõ miraculoſa vara.

Já d'uma , e de outra parte  
 Suspenſas vejo as Eritréas ondas.  
 Seguro avante paſſa  
 A pé enxuto o perſeguido povo.  
 Eis nos fundos abifmos ſubmergidos  
 Tanto cavallo , tanto Cavalleiro.

Já o gelido peito  
 A poetica furia accende , e move ,  
 Já penetra as eſferas  
 O Cantico immortal a Deos potente ,  
 Como ſubito ſai Vulcana flamma ,  
 E envolta em pó ſulfureo ao Ceo ſe eleva.

Ao Solio refulgente ,  
 Onde a gloria de Deos ſe oſtenta , e moſtra ;  
 Chegaõ as vozes timidias  
 Das puras virgens , dos devotos velhos ,  
 Em coros alternados rodeando  
 As Sacras Aras nos excelfos montes.

Depois correndo o tempo  
 Cantáraõ ſe as bataſhas ſanguinoſas ,  
 E Tytiro , e Sileno  
 Fizeraõ repetir á ſelva umbroſa  
 O nome de Amaryllis delicada ,  
 E os trabalhos dos Aſtros luminofos

Nos

Nos braços de Amor puro  
 A Musa Anacreontica suave,  
 Coroada de rosas,  
 A' sombra dos mirtetos celebrou  
 Os brincos amorosos, os banquetes,  
 O férvido liquor do alegre Bacho.

Mas o tempo, que muda  
 Todo qualquer costume honesto, e puro  
 Em outro depravado,  
 Fez que tambem o vicio horrendo, e feio  
 Cingisse a immaculada vestidura  
 Da bella Poesia consagrada.

Affim adorna a fronte  
 Immunda meretriz, venal amante,  
 De pudibundas rosas,  
 Casto adorno das candidas Donzellas;  
 Cujo semblante angelico  
 He gloria, e resplendor da humana gente.

Vós, oh rabidos ventos,  
 Que revolveis as Syrtes arenosas,  
 Aos aridos dezertos  
 Levai as vozes languidas, immundas  
 Dos infanos, que em seus versos profanaõ  
 O sempre amavel dom das Musas fantas.

Suas vozes horriffonas  
 Naõ perturbem a musica suave  
 Dos Cysnes immortaes,  
 Que ao longo das ribeiras crySTALLINAS;  
 Que do Parnaso monte se despenhaõ,  
 Cantos dignos de Apollo ao Ceo levantaõ.

Naõ

Não Cante a Fama d'elles  
 Em tempo algum, seu nome, e patria amada  
 Eternamente seja  
 Em negro esquecimento submergidos:  
 Seus infepultos ossos espalhados  
 Fiquem sem gloria na dezerta arcia.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

O que se segue é uma transcrição de uma obra de arte, provavelmente um gravado, que apresenta uma cena com figuras e elementos arquitetônicos. Devido à baixa resolução e ao fato de ser uma reprodução, os detalhes são difíceis de discernir, mas parece tratar-se de uma obra clássica.

III

Bbb

ODE

## O D I O XI

AO SENHOR DOUTOR DOMINGOS BOTADO GALVAO.

**P**OR mais, e mais que pelas Musas chame,  
 Pelo benigno Apollo, alma do Pindo,  
 Caro Botado meu, naõ ouvem, naõ  
 Os meus supplices rogos.

De vento hum furioso remoinho  
 Para contraria parte os move, e leva,  
 E esperando ouvir musica suave,  
 Horrivel som retumba.

Abre-se a terra, luridos espectros  
 Horrendos, e medonhos, envolvidos  
 Em negros globos, turbidos de fumo,  
 A meus olhos se mostraõ.

Ondeia a rubra flamma, os ares bramaõ,  
 E n'um momento de hum a outro polo,  
 Fendendo os grossos ares, tudo affombraõ  
 Os subitos relampagos.

O rouco som das ondas furiosas  
 Nos rochedos batendo, ao longe escuto;  
 Horrenda confusaõ, triste alarido  
 Me confunde os sentidos.

Que vejo oh Ceos! Triste de mim, que vejo!  
 Que horror! eu tremo: o sangue se me gela:  
 Embaraça-se a falla na garganta:  
 Suspenso, e immoto fico!

Hum



Hum monstro horrendo ao ar se eleva, e sobe,  
 Que inda que voz de ferro; e de bombarda  
 De meu peito sahira, em vaõ tentára,  
 Em vaõ o descrevêra.

» Eu fou aquelle que do Tejo ao Ganges  
 » Do tumido Uraguay, ao frio Tanaes  
 » O vasto mundo todo senhoreio,  
 » De todos adorado.

» Por mim no feio da fazaz industria  
 » O engenhoso China lida, e sua:  
 » De sangue tepido o pomposo Persa  
 « O largo campo inunda.

» Abrem-se as estridentes fechaduras  
 » Do thesouro de ferro tresdobrado,  
 » A cujo fom gentís Georgianas  
 » Nos Serralhos se escondem.

» Faço callar as Leis da Natureza,  
 » E o meu prestigio magico enfeitça  
 » Qualquer peito inclinado ao recto, e justo,  
 Coufa rara na terra.

» Meu Throne he todo o mundo; aqui me adoraõ  
 » Londres, Pekim, Byfancio, e a vasta Roma,  
 » Populosa Pariz, soberba, e grande;  
 » Renovada Lisboa.

» Allí o nobre, o rico, o Sacerdote,  
 » A caprichosa Dama, noites, dias  
 » As horas, os momentos sacrifica,  
 » E incensos me tributa.

» Naõ amo o vil tugurio , onde se escondem  
 » Candidas Filis , innocentes Tytiros ,  
 » Cantando ao som dos rios , e das fontes  
 » Rusticas cantilenas.

» Innumeravel he o meu exercito ;  
 » Os de Sesostris , Xerxes , Gengiscan ,  
 » Que os rios esgotavaõ , nada fõraõ ,  
 » Se c'os meus se comparaõ.

» Os meus Heroes saõ Nero , e o fero Sylla ,  
 » Frouxo Sardanapalo , horrendo Borgia :  
 » Estes eternamente vivirãõ  
 » Na memoria dos homens.

» Tudo em fim contrafaço : eu fui , eu fui .  
 » Quem fez rodar em fêrvida carroça  
 » Tumido Frade , que descaço , e humilde  
 » Professou caminhar.

» Taes ha , que com mais pompa nunca fõraõ  
 » Os Emilios , os Cesares , Pompeos ,  
 » Ao rico Capitolio , triunfando  
 » Nos braços da Victoria.

» Com larga cópia de eloquencia vã  
 » Nas cadeiras , nos pulpitos se tem  
 » Contra mim declamado sem proveito :  
 » Eu sempre triunfante,

» Assim por muito , e muito , que batendo  
 » C'os rijos malhos vá nocturno artifice  
 » Nas sonantes incudes , nunca faz  
 » A mais ligeira moça.

» Eu

» Eu sou o Vicio em fim, a mim invoca,  
 » E só celebra, e canta o meu poder,  
 » Alto poder, que pela redondeza  
 » Largamente se estende.

» Deixa de invocar Musas, novo Apollo,  
 » Que Apollo, e Musas são sombras fantasticas,  
 » Alado Pegaso, e Parnazo umbroso  
 » Sonhados contos vão.

» Que premio tens ganhado, que louvor  
 » Em cantar a Virtude, que se esconde  
 » No peito apenas de hum Botado, ou Filis  
 » D'angelico semblante?

» Olha como acabáraõ tristemente  
 » Cataõ, Lucrecia, Belizario, e Regulo,  
 » Que atraz correndo de huma sombra vã  
 » N'um abismo cahíraõ.

» Canta pois os prazeres defenvoltos,  
 » Meus fieis companheiros, meus cuidados,  
 » Por isso eterna fama ganhará  
 » Teu nome esclarecido.

» De que te serve andar com voz doente  
 » Envolta em choros tristes, e amargosos,  
 » Cantando pelos campos solitarios  
 » A tua amada Filis.

» Que importa, que da candida innocencia  
 » Seja sua alma pura revestida?  
 » Que da gentil modestia em seu semblante  
 » O retrato se leia?

» Por

» Por ella tens andado louco, e cego  
 » Desde a tua mais tenra mocidade;  
 » Meus favores, meu Reino desprezando  
 » Teu duro coração.

» Por ella desprezaste mil riquezas,  
 » E pozeste n'um longo esquecimento  
 » As largas esperanças, que a Fortuna  
 » De longe te guardava.

» Louco, que em vão te cânças, em vão suas,  
 » Em vão por ella gastas noites, dias,  
 » Chorando tristemente, e derramando  
 » Mil ardentes suspiros.

» Não vês, que submergido em vil pobreza,  
 » Não he digna de ti; que a formosura  
 » Sem riqueza he qual arvore sem folha,  
 » Sem sombra deletiosa?

» O meu conselho segue, quando não  
 » No seio austero do trabalho duro,  
 » Por amor dessa Filis gemerás.  
 » Isto te pronóstico.

» Jámais conhecerás os meus feitiços,  
 » Meus suaves prazeres, largos bens,  
 » Com que premeio quem me segue, e adora,  
 » Quem segue minha insignia.

Estas, e outras taes horridas blasfemias  
 Com voz horrenda, rustica, e nefanda  
 Do peito immundo o cruel monstro exhalla:  
 Em fim desaparece.

Vê tu pois, caro amigo, como posso  
 Livrementemente cantar justa Virtude,  
 Puros amores, que de ti nascerao,  
 Amavel Filis minha.

Filis: ah! dos meus olhos, por quem morro,  
 Em quanto eu vir a luz do Sol luzente,  
 Eterna vivirás nest'alma minha  
 A pezar do destino.

AD MUSEM  
 O D E XI

A O SOMNO.

**A**BRE-ME, oh Musa, os teus ricos thesouros;  
 E faze o meu espirito abundante  
 De sentenças idoneas ao assumpto,  
 Que celebrar intento.

Inspira-me hum som lugubre, e sombrio;  
 Hum novo estylo, hum novo modular,  
 E sôe a minha Lyra surda, e piana,  
 Mas doce, e mui suave.

Guia-me, oh sabia Deosa, e tu modera  
 Os meus furores férvidos, e irosos;  
 Que mal posso o meu genio refrear  
 Indomito, e soberbo.

Já sinto a tua amavel influencia:  
 Vamos pé, ante pé, entrando vamos  
 Pelo sagrado bosque, aonde habita  
 O placido Soccego.

Já lá por entre a languida espeffura,  
 Onde nunca brincou suave Zefiro,  
 Diviso a foporifera caverna  
 Morada do Silencio.

Já pizo a praia, adonde mole, e languida  
 A corrente lethargica se estende  
 Do fatigado Lethes, e ouço apenas  
 O som das turvas ondas.

Com

Com voz humilde , e tacita te invoco ,  
 Placidissimo Somno , Rei potente ,  
 Ouve meu canto triste , e melancolico ,  
 Que de cá te dirijo.

Do negro e molle thalamo , onde jazes ,  
 Não levantes a gravida cabeça ,  
 Que sem que o teu repouzo te afugente  
 Ouvirás o meu Canto.

Aquelle que formou o Ceo , e a terra ,  
 O mar tumente , as nitidas estrellas ,  
 Por consolar o lasso peito humano  
 Hum dom lhe concedeu.

Divino dom , recreio dos viventes !  
 Que seria dos miseros humanos  
 Entre tantas fadigas , e canceiras  
 Acerbas , e enojosas ?

A' tua sombra , como a sacro asylo ;  
 Se acolhe o pobre aborrecido quasi .  
 Da molesta , e cançada vida sua :  
 Jaz sem tristes cuidados.

C'os membros defatados sobre a dura  
 Terra goza dos teus doces encantos ;  
 Não lhe lembraõ desgostos , nem pezares ;  
 Que abreviaõ a vida.

Voa ás vezes Morfeu co' as azas d'ouro ;  
 E pinta-lhe na vaga fantasia  
 Riquezas , mandos , Sceptros , e Corôas ,  
 E magnificas pompas.

O que nunca acordado possuhio ,  
 Dormindo senhoreia , aberta , e toca :  
 Acorda , e como dantes pobre fica ;  
 Torna á sua fadiga .

Convertêrao-se em fumo os seus prazeres.  
 Assim passao as cousas desta vida ;  
 Glorias , e gostos , tudo apaga , e fome  
 O tempo gastador .

Foi-lhe em somno a fortuna favoravel :  
 Mas que mais he que somno a vida humana ?  
 He sombra aëria , e vã o resplendor  
 Dos mandos , das riquezas .

Soberbos edificios alevanta  
 O rico , donde vê largas herdades ;  
 Fidalguias procura , e valimentos ,  
 E titulos pomposos .

Vem hum vento contrario da Fortuna ,  
 Jaz por terra desfeita em cinza , e pó  
 Toda a máquina vã de seus intentos ,  
 Tudo desapparece .

Outras vezes lhe traz ao pensamento  
 O rosto de huma Cloris alva , e loura ,  
 Mas não de coração soberbo , e duro ,  
 Affavel , e amorosa .

Tal depois de mil lagrimas amargas ,  
 Mil soluços , e mil sentidos ais ,  
 Em sonhos me apparece aquelle gesto ,  
 Aquelle amavel gesto ,

Ima-



Imagem do sereno Paraíso,  
 Que o meu solto alvedrio me prendeu,  
 Por quem trabalhos asperos, e duros  
 Me feriaõ gostosos.

Tú allí me affiguras a presença,  
 Formosa mais que o Sol, o branco peito,  
 Os olhos formosísimos, brilhantes  
 Como as claras estrellas.

As alvas mãos de neve toço, e bejo,  
 As faces rubicundas, tranças d'ouro,  
 O transparente collo; e lhes tributo  
 Mil, e mil rendimentos.

Com gesto puro é santo attende; e escuta  
 As namoradas magoas, que lhe conto;  
 Mas rouba-m' a dos braços a Fortuna,  
 Iniqua., fero, e injusta.

Vai-se a sombra gentil ao Ceo subindo,  
 E sahe dos olhos meus acerbo pranto,  
 Mais que a mesma tristeza triste fico  
 Envolto em choro, e gritos.

Qual ao Filho d'Anchizes piedoso,  
 A gentil Erycina sua Mãi  
 N'uma candida nuvem se escondia  
 A seus cançados olhos.

Em vaõ estendo os braços, clamo, e grito,  
 Oh Nynfa, minha gloria, não me fujas,  
 Não me deixes assim deserto, e triste  
 Sem vêr teu lindo gesto.

Naõ me deixes , oh Nynfa , naõ me fujas ;  
Assim nunca te fuja a formosura  
Do teu semblante angelico , e divino ,  
Por quem me he doce a vida.

Detem-te hum pouco , ouve o meu triste pranto ,  
Escuta as minhas queixas , minhas magoas ,  
Volve o gesto sereno ao infeliz ,  
Naõ fujas de quem te ama.

Com pranto eterno aquí fico regando  
As hervas , que de mim mostraõ doer-se ;  
E tu de mim te apartas ? Mal conheces  
O meu ardente amor.

Mais gloria em bem querer-te alcanço , e tenho ,  
Do que o Conquistador de Imperios grandes ,  
Depois de muitos póvos debellados  
Em férvidas batalhas . . . . .

Abaixa , Lyra , a voz , de tom naõ mudes ;  
Naõ movas os belligeros arnezes ,  
Que podes acordar o doce Somno ,  
Suavissimo Somno.

## O D E XII.

## O T E J O.

**P**ERIGRINO, que estás da excelsa poppa,  
 Attonito, e confuso contemplando  
 Quanto póde formar o engenho, e arte  
 De mais péfeito, e raro:

Esta he do grande Rei José primeiro  
 A Augusta Effigie, illustre monumento;  
 Que ás sublimes virtudes do seu peito  
 Levanta o Luso povo.

Naõ por vastas conquistas alcançou  
 Eterno nome, e fama em todo o mundo,  
 Instigado dos férvidos estímulos  
 De hydropica Ambição.

Naõ foi, oh Lusitanos, porque o visseis  
 Armado do furor da mesma morte,  
 Nos mavorticos campos destruindo  
 Formidaveis exercitos.

Que se o monstro da Guerra levantasse  
 A tumida cabeça, ameaçando  
 Tristes males, tristissimos destinos  
 Aos Portuguezes póvos;

Fogosos esquadrões, ferreas falanges  
 Naõ soffreriaõ vêr com rosto inteiro,  
 O magestoso aspecto enfurecido  
 Do Rei sublime, e grande.

Ro:

Rotos , e fulminados jazeriaõ  
 Pela força de seu potente braço  
 Firmísimos , cerrados batalhões  
 Sem gloria pelo campo.

Mas outras glorias mais avantajadas,  
 Mais dignas de louvor, e eterna fama,  
 Outras virtudes mais esclarecidas,  
 Outros mais altos feitos,

Te fizeraõ no mundo illustre, e grande,  
 Sublime Rei, amado dos teus póvos,  
 E das Nações estranhas respeitado  
 N'um, e noutro emisferio.

Maiores inimigos debellaste,  
 Perseguidores mais crueis, e injustos,  
 Do que effes, que nos férvidos combates  
 Se ostentaõ furiosos.

As mundanas paixões, as densas trevas  
 Da pezada ignorancia tenebroza,  
 Estes, estes, os fortes inimigos,  
 Que invencivel domaste.

Na verde flor dos annos, quando mais  
 A's suas illusões, e vãos prestigios  
 Jaz o espirito humano exposto, e inermes,  
 Patente a seus affaltos;

Com força summa lá do Regio Solio  
 Contra ellas os teus raios fulminaste:  
 Jazem no fundo abissmo submergidas  
 Do Tartaro profundo.

Rei

Rei pacífico, e justo, Rei clemente,  
 Das Artes, das Sciencias protector  
 Te acclamarão os seculos vindouros,  
 A longa eternidade.

Serás modello tu de grandes Reis,  
 Aprenderão de ti a moderar  
 Seus povos com prudencia, e paz profunda,  
 Com Leis justas, e fantás.

Santas Leis, bons costumes, paz ferena,  
 Sciencias, Artes uteis, e agradaveis,  
 Co' as azas d'ouro os ares vem cortando,  
 Já rodeião teu Throno.

Tu lhes estendes teu potente braço,  
 Tu as tiras do abismo do desprezo,  
 E novo Augusto altas grandezas, e honras  
 Liberal lhes concedes.

A boa Poesia já levanta  
 Pela minha ribeira a voz divina,  
 Com que suspende as ondas apressadas,  
 Que ao falso mar envio.

Vão-se elevando mil suaves Cysnes,  
 Renovando os Cantares excellentes  
 Dos bons passados, que famoso, e illustre  
 Aos astros me levirão.

Taes ha que já na vasta fantasia  
 Cantos meditaõ de alto, e nobre assumpto;  
 Movei-lhes, Musas, placidos semblantes,  
 Prosperai seus intentos.

Nel-

Nelles serás tambem cantado , oh Rei ,  
 Que no Templo da Fama a par te vejas  
 C'os Enéas ; c'os férvidos Achilles  
 Isto te affirmo , e affello.

Teu nome voará pelo Univerfo ;  
 Ouvillo-ha o Nilo , e o claro Ganges ,  
 Que já vio os triunfos , e troféos  
 Dos claros teus Avós.

Naõ os perturbará o rouco canto  
 Dos negros Corvos , ávidas harpias ,  
 Que intentáraõ manchar as tuas mezas ,  
 Uivar tristes agouros.

Desses que se jactavaõ fer nascidos  
 Para cantar a Deos celestes Hymnos ,  
 A' sombra dos fagrados arvoredos ,  
 Ao fom dos brandos Orgãos.

Eu vejo , oh Ceos , nos ares levantado  
 Da turbida Discordia o horrendo aspecto ;  
 De tristes guerras , de iras , de traições  
 A fronte rodeada.

De horridas furias , infernaes flagellos ;  
 De asperos males , e de acerbos danos  
 O temeroso exercito a seu mando  
 Prompto se ostenta , e mostra.

Vós do profundo Averno a concitastes ,  
 Em vaõ , impios , em vaõ , negros hypocritas ;  
 Dos Regios dias a dourada tela  
 Tentastes dissolver.

Já

Já sôa a furiosa tempestade :  
 Já quasi que naufraga a Regia vida . . .  
 Genios Celestes , que dos justos Reis  
 Guardais as grandes almas ;

Descei do Ceo em feu favor , e amparo :  
 Protegei os seus dias preciosos.  
 Já vos vejo , Celestes esquadrões , . . .  
 Fugí monstros infames.

Já sobre o Throno qual luzente Estrella  
 Coroado de gloria resplendece  
 O justo Rei , dos Ceos favorecido  
 Para audaces emprezas.

Eis por terra abatida a audacia estolida ,  
 Com que o mundo , tyrannos , insultaveis ,  
 Atado ao vosso carro vencedor ,  
 Ultrajado , e rendido.

Por longo espaço de estendidos seculos  
 Mil invictos Heroes em vaõ tentáraõ  
 Aniquilar a máquina infernal  
 De tantos vís intentos.

Hydra Tartarea , parto abominavel  
 Do tremebundo Averno , já diante  
 Tens o possante Alcides , que em si traz  
 O teu extremo fado.

Já por ares , e ventos compellidos  
 Voaõ teus odiosos torpes membros ;  
 Já nos vorazes vortices da morte  
 Submergida te vejo.

Ddd

Assim

Assim como do fumo arrebatado  
 Pelo férvido vento nunca fica  
 O minimo final, vestigio, ou sombra  
 Da fórma, ou ser, que teve:

Tal de todo se apague a fama, e nome,  
 As infames acções, os impios feitos,  
 A funesta existencia, o ser, a historia  
 De taes pestes do mundo.

E se voa por toda a redondeza  
 Ulysséas gentis edificadas,  
 Vastas Nações ornadas, e pulidas  
 Com artes, e sciencias:

Muito mais ás effrellas se remonta  
 A fama excelsa deste illustre feito:  
 Já soa nas esferas mais distantes,  
 José, invicto Rei.

Inclyto Rei, magnanimo, elevado  
 Pelas tuas virtudes já te vejo,  
 Onde alçar-se não póde a minha Musa  
 Pobre d'arte, e de engenho.

Venhaõ do mundo todas as Nações,  
 Junto ao teu simulacro te celebrem,  
 Em todo o tempo, em todas as idades  
 Aos astros te levantem.



## O D E XIII.

A EXCELLENTISSIMA SENHORA DE ISABEL GALDINA  
PIMENTEL,

*Em nome de huma menina por ella educada.*

**S**E a minha tenra infancia permittira,  
Que eu dirigisse ao Ceo votos ardentes,  
Nao lhe pedira rara gentileza,  
Nem pompas, nem riqueza.  
Mas só com vivas supplicas ferventes  
Implorára virtudes a milhares,  
Alto saber, talentos singulares.

E se os rios da placida eloquencia,  
Que Apollo inspira aos genios illustrados,  
De meus labios manasse largamente,  
Cantára docemente  
As virtudes, e os dotes extremados,  
Que se inflammão com inclyto conceito  
Da nobre Pimentel no illustre peito.

Mil vezes invocára as fantas Musas,  
Para cantar na cithara dourada,  
A sua perigrina formosura,  
Su'alma nobre, e pura,  
A liberalidade sublimada,  
Por quem Deosa se faz do Ceo propicio,  
Digna de templo, altar, e sacrificio.

Cantára a Deosa amavel estendendo  
 A dextra liberal, e compassiva  
 Ao misero indigente, combatido  
 Do golpe enfurecido.  
 Da desgraça cruel, e forte esquiva:  
 Celebrára com inclyta harmonia  
 Seu puro agrado, e nobre cortezia.

Mostrára em fim, que a gloria verdadeira  
 Com que tanto se illustra hum gentil peito,  
 Não tem sómente illustre fundamento  
 No claro nascimento,  
 Mas nas virtudes de inclyto respeito,  
 Quaes as que hum quadro egregio nos exprime  
 Da nobre Pimentel n'alma sublime.

Mas já que erguer não posso a voz de Cysne  
 Para cautar taõ nobres qualidades,  
 Rogos ao Ceo farei vivos, e puros,  
 Porque os fados escuros  
 Jámais turbem com feras tempestades  
 Da amavel Pimentel os aureos dias,  
 No seio das serenas alegrias.

Que no abrigo da placida ventura  
 Lhe envie venturosos natalicios,  
 Illustrados da Aurora matutina.  
 Da luz sacra, e divina  
 Dos celestes beneficos auspicios,  
 Que adornem a sua alma pura, e amavel,  
 Onde as Virtudes tem throno adoravel.

QUAR

## QUARTETOS

QUE ACOMPANHAVAO A ODE ANTECEDENTE.

**V**ENDO acafo a negra Inveja  
Da minina Marianna  
A belleza mais que humana,  
Arde, freme, e defatina.

No feu peito se enfurece  
Flamma hostile de odio cruente,  
De ver nella hum tal portento  
De belleza singular.

E naõ podendo soffrer  
Tanta forca de pezar,  
Foi feu mal manifestar  
A' Vingança, Furia horrenda.

Entre huns asperos rochedos  
N'um valle cheio de espanto,  
Onde foa eterno pranto,  
E o furor das tempestades :

N'uma cova muito escura  
Achou a Furia implacavel,  
Envolta em fangue execravel,  
Voz em grito, olhos em fogo.

Junto della allí habitaõ  
Muitas Furias odiosas,  
Negras pestes horrorosas  
Das Virtudes inimigas.

Tane

Tanto, que ouve as tristes queixas;  
 Dallí logo sem detença  
 Manda a pallida Doença  
 A's ordens da negra Inveja.

Contra a rara gentileza  
 Da adoravel Marianna  
 Cheia de cólera infana  
 Se arma o monstro horrido, e infame.

Da garganta venenosa  
 Mortal halito evapora:  
 D'improvizo se descora  
 O carmim das bellas faces.

Aquelle fogo brilhante  
 De seus olhos taõ formosos  
 Em vapores tenebrosos  
 Ficou logo amortecido.

A graça do riso ameno,  
 Aurora da gentileza  
 Em as sombras da tristeza  
 Logo foi precipitada.

Frouxo o collo de alabastro  
 Jazia a gentil menina,  
 Como candida bonina  
 Cortada do duro arado.

Naõ soffreu taõ vivo insulto  
 A Virtude, que no peito  
 Habita em alto conceito  
 Da formosa Pimentel.

De

De improvizo os raios vibra  
 Contra o monstro abominavel,  
 Que com bramido execravel  
 Foge para o negro Averno.

Já no gesto delicado  
 Da minina bella, e pura  
 Resplendece a formosura  
 De mil graças adornada.

Já fulgura o bello riso  
 Da pupilla venturosa,  
 Entre os braços da formosa,  
 Da adoravel Pimentel.

Sobre ti, Nynfa gentil,  
 Dotes mil, mil excellencias,  
 E mil santas influencias  
 Largamente o Ceo derrame.

Para ti se esmalte o campo  
 De boninas de mil côres;  
 Para ti cantem Pastores,  
 E murmurem frescas fontes.

Para ti alegremente  
 Cantem doces passarinhos  
 Pendurados nos raminhos  
 Do almo Zefiro agitados.

Para ti teço grinaldas  
 De mil perolas luzentes  
 Junto ás agoas transparentes  
 As Nynfas do Tejo, e Ganges.

As

As Virtudes enobrecão  
Tu'alma, Nynta ditosa,  
Para gloria da formosa,  
Da adoravel Pimentel.

---

CAN.

# CANTOS.

Ecc





# CANTOS.

---

## CANTO

*De desafio antes de se romper a famosa batalha  
de Aljubarrota.*

*Hum Soldado.* **A'** Lerta, oh Portuguezes,  
Eilos lá vem, áleria áleria estai.

*Exercito.* Sem temermos revezes,  
Áleria estamos já promptos: andai;  
Oh lá vinde, e vereis como arrojados  
Os nossos golpes saõ, como pezados!

*Soldado.* Já descem furiosos  
Os nossos inimigos. Como estendem  
Soberbos, e vaidosos,  
Seus esquadrões, que em vaõ lançar pretendem;  
Armados do furor da iniquidade,  
Duros grilhões á nossa liberdade!

*Exercito.* Assim a grossa enchente,  
Quando dos altos montes se despenha  
Horrifona, e potente,  
Tudo arraza, naõ ha quem a sustenha,  
Sõmente os edificios d'alto muro  
De fundamento solido, e seguro.

*Soldado.* Tendes razaõ, amigos,  
Que se vêdes os campos inundados,  
Cubertos de inimigos,  
Naõ os temais; seraõ desbaratados:  
Pois voffo esforço tanto se sublima,  
Que o seu poder immenso em nada estima.

Eee ii

*Exer-*

*Exercito.* Em pouco, ou nada temos  
 A sua multidão horrenda, e fêra.  
 Vinde, oh! Vinde, e veremos  
 Quem mais com força indomita, e severa  
 Seu direito defende: em nós audacia  
 Achareis contra a vossa contumacia.

*Soldado.* Áleria, oh gente, áleria,  
 Que elles já chegado; prompto o ferro esteja.

*Exercito.* Com mente audace, e esperta  
 Promptos estamos já, venha a peleja,  
 Venha, que ou nós havemos de vencer, (1)  
 Ou ás mãos do inimigo aqui morrer.

*Soldado.* Quão doce, e illustre cousa  
 He morrer pela Patria! Avante, amigos,  
 Tanto erguer-se não ousa  
 Huma alma fraca, e vil. Venhaõ perigos,  
 Venhaõ mortes, que em nada se consterna  
 Quem quer alcançar nome, e fama eterna.

*Exercito.* A nossa causa he justa;  
 He justo o nosso Rei: he valeroso:  
 Nada em fim nos affusta:  
 Deos he por nós: com impeto horroroso  
 Venha todo o poder do mundo inteiro,  
 Vêr-se-ha por nós no extremo derradeiro.

*Soldado.* Quem tem taes pensamentos  
 Ha de por força fer sua a victoria;  
 Claros, nobres intentos!  
 Assim se alcança illustre nome, e gloria  
 Pela Patria arriscando a cara vida,  
 E pela liberdade appetecida.

*Exer-*

*Exercito.* Que não fará quem ama  
 A cara Patria, e a doce liberdade?  
 Se assim se alcança fama,  
 Inda que somos pouca quantidade;  
 Ou havemos vencer, ou acabar  
 Raro exemplo de esforço singular.

Esses temão a morte  
 A quem huma alma inerte ao ocio entrega,  
 Que os casos de Mavorte  
 Não são para quem mais se illude, e cega  
 C'o frivolo attractivo dos descansos,  
 Dos momentos pacificos, e mansos.

*Soldado.* Sentido, oh companheiros,  
 Que a batalha começaõ fanguinosa.  
 Sede audazes guerreiros.....  
 Porém que estrondo horrendo, e voz irosa (2)  
 Nos ares se diffunde! Animo, amigos,  
 Não temamos desastres, nem perigos.

*Exercito.* Em nós não entra medo,  
 Nem frio susto nosso esforço abate.  
 Nós aqui a pé quedo  
 Esperamos a furia do combate;  
 Em nossas mãos, nossos remedios temos:  
 Seus máos estratagemas não tememos.

*Soldado.* Com vãos ardiz intentaõ  
 Alterar vossos peitos valerosos.

*Exercito.* Assim não se amedrentaõ  
 Os corações de fama cubiçosos,  
 Que a Patria haõ de livrar de iniqua sorte  
 A pezar da fortuna, fado, e morte.

Aquí

Aquí com nosco temos  
 O mui valente Nuno, e o nosso Rei.  
 Cedo nós mostraremos,  
 Que da fanguinea guerra, a forte, e a Lei  
 Está nas nossas mãos, que alta victoria  
 Nos haõ de dar de grande fama, e gloria

*Soldado.* Sigamos todos já  
 O nosso Rei, que aos inimigos corre.  
*Exercito.* Sim, oh Rei, jazerá  
 A Hispanica soberba, que discorre  
 Ufana, e audaz por toda a Lusitania:  
 Será por nós desfeita a fera infania.

Verá o mundo entãõ,  
 Que naõ ha Rei mais digno de mandar  
 A taõ leal Naçaõ,  
 Nem Povos de valor mais singular,  
 Nem mais prompts a dar o fangue, e a vida  
 Por seu Rei, pela Patria amortecida.

Nós todos affirmamos,  
 Seja-nos testemunha o Ceo, e a terra;  
 Pela Patria o juramos,  
 Pelo valor, e fé, que em nós se encerra,  
 Relejando a teu lado venceremos,  
 Ou neste campo mortos jazeremos.

(1) Esta repetição he mui propria do animo Portuguez quando está irado,

(2) Com o estrondo de huma peça de artilheria, que se disparou do Campo Castelhana, e matou dois Portuguezes, ficaraõ estes duvidosos por ser cousa nunca por elles vista até áquelle tempo.

CANTO

*De Victória depois da famosa batalha  
de Aljubarrota.*

*Soldado.* **E**m fim, oh companheiros,  
Temos vencido; he já nossa a victoria:  
Fortísimos guerreiros,  
S'alcançámos agora inclyta gloria,  
Fazendo no inimigo alto destroço,  
Mais foi a mão de Deos, que o poder nosso.

*Exercito.* Dizes mui bem, amigo,  
Que ao immenso vigor, que em nós sentimos,  
Quando no inimigo  
Com valor mais que intrepido ferimos,  
Claro vimos, que o braço omnipotente  
Era em favor de nós, e nossa gente.

*Soldado.* Ora pois levantemos  
Mil louvores, a Deos puros, e dignos,  
Alegres lhe entoemos  
Hymnos Celestes, Canticos Divinos;  
Pois que nos deu triunfos, e victorias  
De nossos inimigos taõ notorias.

*Exercito.* Seu nome eternamente  
Seja bendito em toda a redondeza,  
Conheça o mundo, e a gente  
Seu immenso poder, sua grandeza,  
Quando contra os soberbos poderosos  
Levanta os abatidos desditosos.

*Sol-*

*Soldado.* Senhor, nós te adoramos.  
 Graças mil te rendemos, mil louvores  
 A ti, Senhor, mandamos  
 Por taes misericórdias, e favores:  
 Das inimigas mãos nos libertaste;  
 Tu das portas da morte nos salvaste.

*Exercito.* Nós eramos mui poucos,  
 E mal armados contra tanta gente:  
 Tiverão-nos por loucos  
 Quando com peito intrepido, e valente  
 Nos virão commetter cruel batalha  
 Mais fiados em Ti, que em peito, ou malha;

*Soldado.* Cegos não conhecião,  
 Que hum tão immenso esforço de Ti vinha,  
 Que audazes commettião!  
 Nem arte, ou força seu furor detinha;  
 E com o teu favor alto, e profundo  
 Hum só bastára contra todo o mundo.

*Exercito.* Sem ti, Senhor, quem póde  
 Mover hum braço, ou dedo? Se a tormenta  
 Horrisona facode  
 As tenebrosas azas, se amedrenta,  
 E apaga a vida, e nome dos malvados,  
 Tu lhe infundes furores indignados.

*Soldado.* Amante illuminaste  
 Do nosso Rei o invicto coração:  
 Em nós depositaste  
 O flagello da Tua indignação  
 Contra os impios tyrannos; que intentavaõ  
 Soppear nossa Patria, que assolavaõ.

*Exer-*

*Exercito.* Como ufanos desciaõ  
 Confiados no seu poder immenso :  
 Campos, montes cobriaõ.  
 O colerico fogo d'odio intenso,  
 Mortes, vinganças, iras fulminantes ;  
 Tudo vinha pintado em seus semblantes.

*Soldado.* Pompa, fausto, e riqueza,  
 A soberba inherente ao peito Hispano,  
 Magestade, e grandeza  
 Acompanhavaõ com furor infano,  
 Sem que temessem bellicas fadigas,  
 As Hispanicas turmas inimigas.

*Exercito.* Que sería de nós  
 Aos ardores do Sol hum dia inteiro  
 Em campo aberto sós ?  
 Que dizemos ! No trance derradeiro  
 Naõ tinha-mos, Senhor, vossa assistencia ?  
 Quem contra nós teria resistencia ?

*Soldado.* As trombetas soavaõ  
 Chamaõ pela peleja os inimigos :  
 No meio nos cercavaõ,  
 Sem de nós temer damnos, nem perigos ;  
 Mil affrontas nos dizem, mil dicterios,  
 Opprobrios mil, infames vituperios.

Mas eis que o valor vosso  
 Rompe com furia horrenda, e temerosa . . . .  
 Amigos, eu naõ posso,  
 Eu naõ tenho eloquencia poderosa  
 Para pintar com vivida energia ( I )  
 As proezas da vossa valentia.

*Exercito.* Tu és de Deos amado,  
 Que de dons soberanos te adornou  
 O engenho sublimado;  
 Emprega-o em louvar quem derramou  
 Sobre nós os influxos da concordia,  
 E as enchentes da sua misericordia.

*Soldado.* Eu devo dedicar  
 A Deos, pois d'elle vem, os meus talentos:  
 E tambem celebrar  
 A cara Patria, e altos pensamentos  
 Da Nação minha, quando em dura guerra  
 Obraõ acções, que espantaõ toda a terra.

*Exercito.* Deos nos deu boa forte,  
 E nas pontas das nossas lanças poz  
 O medo, o espanto, e a morte:  
 Elle os animos firmes nos dispoz  
 A vencermos os nossos inimigos,  
 E a desprezar da morte os vãos perigos.

*Soldado.* Pelejámos; vencemos;  
 Todos fôraõ dispersos n'um momento;  
 A pezar dos extremos, (2)  
 Que de valor fizeraõ: qual do vento  
 O secco feno, ou palha he compellida,  
 Tal se vio sua audacia destruida.

*Exercito.* Onde estaõ as soberbas,  
 .. As feroces razões? Onde as injurias  
 Taõ asperas, e acerbas?  
 Convertêraõ-se em fumo as vossas furias?  
 Onde estaõ os desprezos, e as jactancias?  
 Onde as affrontas? Onde as arrogancias?

Que



Que he de tantos inventos? (3)  
 Tantas infernaes máquinas de effeitos  
 Cruéis, sanguinolentos?  
 Que he de tanto valor de heroicos peitós?  
 Que foi dos bellicosos esquadrões  
 D'aço armados, terror dos coraçõs?

*Soldado.* Tudo cedeu ao pezo  
 Do vosso braço, e do invencivel Nuno,  
 Nuno, que em fogo accezo  
 De glória, vence o indomito, e importuno  
 Furor da aduersidade; cujo nome  
 Impossivel será que o tempo o dome.

*Exercito.* Nós outros que diremos,  
 Sublime Rei, de teus heroicos feitos?  
 Saõ grandes, naõ podemos  
 Taõ altamente erguer nossos conceitos:  
 Venhaõ mais elevadas fantasias,  
 Que celebrem as tuas valentias.

Póvos de Portugal,  
 Exemplo em nós tomai para o futuro;  
 Se hum dia em caso igual  
 Vos achardes, com animo seguro  
 Correi, Póvos, ás armas, defendei  
 A vossa liberdade, a Patria, e o Rei.

Nunca em tanto perigo,  
 Qual este, em que nos vimos, vos vereis:  
 E se o fado inimigo  
 Vos opprimir com suas duras leis,  
 Morrei com gloria, e esforço invicto, e bravo;  
 Que mais vale morrer, que ser escravo.

Amai a Patria terra,  
E concebei por ella altos furores :  
Os defaltres da guerra  
Naõ receeis, nem seus crueis horrores ;  
Naõ temais morte, oh peitos bem nascidos,  
Vencedores fereis, nunca vencidos.



NO

## NOTAS.

(1) *Energia* poderá parecer termo improprio da boa Poesia Lusitana, por ser termo grammatical; mas muito bem se deve saber, que todo o termo he proprio da gravidade da Poesia, se he com destreza posto em seu lugar: he termo usado dos nossos antigos do Seculo de quinhentos. Duarte Nunes de Leão *Orig. da Ling. Port.* Cap. 22. *apud Sever. de Far.* Disc. II. pag. 84. » Não ha para » que se negue a facilidade e suavidade da Lingoa Portuguesa, que para tudo tem graça, e *energia* » Vieira Tom. III. pag. 492. §. 597. » *Job* já tinha declarado a » força deste seu argumento nas palavras antecedentes » com *energia* para Deos muito forte. » O mesmo Tom. II. pag. 9. §. 3. num. 13. » Ainda o diz com maior *energia* o » Apostolo. »

*La Facezia, e l'Argúzia, e l'Energia.* Diz o Cavalleiro Marino na Estança 123. do Canto V. do *Adonis*.

(2) Jorge Ferreira, Scena 7.<sup>a</sup> do Acto 2.<sup>o</sup> da *Eufrosina* fol. 94. vers. tem quasi a mesma fórmula; diz pois: » E outros muitos de grande *extremo* nesta virtude. »

(3) Os nossos antigos humas vezes escreviao *que he*, outras *qué*; he esta huma formula de fallar propria do nosso Idioma, como se dissesse por abreviatura: *que he feito disto, ou daquillo*. Francisco Rodrigues Lobo na *Floresta* VI. da Primavera.

*Se aqui me despojou*

*Aquella formosura sobre humana*

*Do ser, e liberdade, que antes tinha,*

*Que he de quem me roubou.*

## CANTO

## DE DESAFIO

*Na famosa Batalha das Linhas d'Elvas.*

*Hum Granadeiro.* **S**AHI feroz milicia ao raso campo ;  
 Deixai vallos , deixai grossas trincheiras ,  
 E a peito descuberto  
 Desenvolvei vossas Reaes Bandeiras.  
 Quem he na guerra esperto , (1)  
 E quem de valor alto se enobrece ,  
 Em campo ao seu contrario se offerece.

*Exercito.* Se ao furor da soberba , que exhalaes , (2)  
 Corresponde o valor dos vossos peitos ,  
 Tendes occasiaõ  
 De executar agora heroicos feitos.  
 Sahi com promptidaõ :  
 Vinde vencer-nos em campal batalha ,  
 Sem ser munidos de trincheira , ou malha.

*Gran.* Quem nascido de Heroes , de Heroe se jacta (3)  
 Nunca deve esperar duro combate  
 No forte alojamento ,  
 Que he desar , que o valor humilha , e abate.  
 Ora pois , se alto intento  
 Tendes de conquistar a illustre terra ,  
 Vinde aqui ; como Heroes fazei a guerra.

Naõ

Não tereis de saltar fossos profundos,  
 Nem de expugnar fortificados muros;  
     Encontrareis sómente  
 Robustos peitos, e animos seguros  
     De valerosa gente,  
 Pelo Rei, pela Patria offerecida  
 A vencer, ou perder no campo a vida.

*Exercito.* Elles não vem, não querem, não se atrevem  
 A combater comnosco peito, a peito;  
     Oh illustres Varões,  
 Que julgaes ser o mundo campo estreito  
     Para as vossas acções,  
 Não vos dome o valor, que a gente aclama,  
 Pobre, bisonho exercito sem fama. (4)

*Granadeiro.* Tanto não nos receião, que dão vozes  
 De tumida jactancia, em vil desprezo  
     Da gente pouca nossa;  
 Confiados na força, e vasto pezo  
     Da immensa tropa, e grossa  
 Artilheria horrenda, que fulmina  
 Os fortes peitos com fatal ruina.

*Exercito.* Como se enganão! Gente, oh gente invicta,  
 A subjugar Nações acostumada,  
     Mandai dez vezes tantos;  
 Mandai de toda a Hesperia dilatada  
     Os Varões todos, quantos  
 Podem sanguineo ferro manejar;  
 Que vencidos por nós haõ de ficar.

Do Ceo a nossa causa he protegida :  
 Elle nos infundio nobre ousadia , ( 5 )  
 Para n'um só momento ( 6 )  
 Quebrar da vossa horrivel tyrannia ( 7 )  
 O jugo violento ;  
 E levantar com gloria ao Throno Augusto  
 Rei da nossa Nação , Rei bom , Rei justo.

No Throno dos seus inclytos Avós , ( 8 )  
 Doces memorias dos bons Reis passados ,  
 Hemos de sustentallo ,  
 A pezar dos impulsos agitados ,  
 Do furioso aballo  
 Das tempestades horridas , que ergueis  
 Contra nós-outros , contra nossos Reis.

Nós fomos verdadeiros descendentes  
 Dos famosos Varões , que tantas vezes  
 Em campo vos vencêraõ :  
 Claros Heroes , invictos Portuguezes !  
 Inda naõ se escondêraõ  
 Seus nomes para nós na immensidade  
 Do vortice voraz da longa idade.

O Sacro nome de hum primeiro Affonso ,  
 Padre do Luso Imperio , o nome invicto  
 De hum Sancho , e de hum Diniz ,  
 De hum bravo Affonso , temos n'alma escrito.  
 As proezas gentís  
 Do Heroe Joanne , e Nuno alto , e estupendo ,  
 Nos fazem desprezar Mavorte horrendo. ( 9 )

Logo de que vos val a furia horrivel  
Do cavo bronze, que vomita a morte? (10)

Esquadrões bellicosos,  
E multidão de gente audaz, e forte?

Haõ de dos valerosos  
Braços noffos aquí jazer vencidos,  
Nas voragens da morte confundidos.

Que já vós sabereis dos bravos peitos  
Que defendido tem d'Elvas os muros,

Quanto feraõ possantes,  
Quaõ pezados, quaõ fervidos, e duros

Os gôlpes fulminantes,  
Da nolla espada, que sem susto, ou damno  
Nos fará triunfar do ferro Hispano.

Quereis já vêr ó nobre Cantanhede,  
Ó valeroso, e impavido Albuquerque,  
Ganhar clara victoria?

Quereis que o vosso nome o mundo cerque  
Com fama alta, e notoria?

Mandai accommetter, que n'um momento,  
Nas nollas mãos vereis o vencimento.



A Maior afflicção, em que se vio a Monarchia Portugueza, depois da entrada do exercito de Castella em Portugal no principio do Reinado do grande Rei D. João IV., foi quando vio Elvas, chave do Reino, sitiada por hum poderoso exercito no anno de 1658. Achava-se a este tempo extincta a flor da milicia de Portugal com a peste, que lhe sobreveio no sitio de Badajoz, a qual se diffundio com tão horroroso estrago por todo o Reino, que não houve Aldeia, por pequena que fosse, que não padecesse os funestos effectos de hum tão mortal contagio. Via além disso a Provincia d'Entre Douro e Minho occupada ao mesmo tempo por outro exercito poderoso, que depois de haver rendido Lapella, intentava a conquista de Monção, que conseguiu. Via mais, que constando a guarnição d'Elvas no principio do sitio de 17000 homens pagos, e auxiliares, se achava ristemente reduzida por causa da peste a pouco mais de mil homens capazes de pegar em armas, o que punha em manifesto perigo aquella Praça, a qual perdida, com ella se perdia toda a Provincia de Além-Téjo, Lisboa, e por consequencia o Reino todo. Em cujo aperto nomeou a Rainha D. Luiza de Gusmão o Conde de Cantanhede General do exercito, que se havia de formar para o soccorro d'Elvas. Este Fidalgo nunca havia militado, mas o Reino nelle poz toda a sua esperança, confiado no seu grande coração, juizo, e prudencia, acompanhada de hum vehementissimo zelo, e amor da Patria, que em todo o tempo mostrára; mas a pezar de todas as diligencias deste grande homem, quando sahio de Estremoz para soccorrer Elvas, apenas passava o nosso exercito de onze-mil homens, entre Cavallaria, e Infantaria, e destes só quatro mil homens eraõ pagos, dos quaes menos de ametade era tropa veterana, todo o mais resto do exercito, que eraõ sete mil, e tantos homens, era tropa auxiliar, sem disciplina, tumultuariamente levantada; mas suppria a todos estes defeitos o prodigioso valor da Nação Portugueza, e a grande pericia militar dos Officiaes experimentados em muitos annos de guerra, e dotados de eximio valor.

As



As composições Lyricas pedem por sua natureza estylo conciso, assim o usáráo os Mestres da antiguidade, e assim manda a razão, que deve ser o norte de quem escreve; porque sendo a maior parte dos Poemas Lyricos de curta extensão, necessario será, que os pensamentos sejam contheudos em mais estreito ambito de palavras, para assim poder ter principio, meio, e fim, sem exceder o termo da extensão, que deve ter; esse o motivo, porque as Odes de Horacio se vem organizadas de periodos curtos, cujos membros, e incisos são tão breves, que muitas vezes os constitue huma só palavra, sendo o nexço destas partes do periodo muitas vezes imperceptivel de modo, que he preciso supprir-lho a imaginação do Leitor sábio, e communicando-se as delicadezas do estylo, e da sentença, deu isso motivo a dizer-se, que huma bella desordem era a indole verdadeira da Ode, quando a desordem nunca pôde constituir belleza nos artefactos da imaginação guiada pela boa razão. Posto que neste Poema não falle o Poeta, com tudo eu revesti os pensamentos do exercito Portuguez composto de gente andouta, e rustica, do mais racional artificio poetico, que pude, não julgando alheia da fervorosa imaginação de Soldados valerosos vehementissimamente possuidos do amor da sua patria toda a magestade de expressão, e toda a vehemencia de hum verdadeiro enthusiasmo; no que supponho não excedi os limites da Natureza.

(1) *Experto*: este termo pôde significar experimentado, e tambem sagaz, vivo, sutil &c. Na primeira significação he o participio do preterito do verbo Latino *experior*, e he significado primario, e o segundo procede do mesmo, mas translativamente; e em ambos estes sentidos se pôde entender o dito termo neste lugar.

(2) *Notário* he a todos, que a Nação Castelhana na sua colera he muy palavrosa, e hyperbolica, o que talvez proceda menos de vaidade, do que do grande coraçáo, de que he dotada, o que faz mais gloriosos os triunfos, que della temos alcançado.

(3) Tambem a todos he patente o grande apreço, que a mesma Nação faz dos seus Heroes passados, e o quanto se abona da nobreza, que delles procede, e com razão,

pois tem havido nella mui grandes, e esclarecidos Varões tanto em letras como em armas, dignos de immortal memoria.

(4) Por isso mesmo que era bisonho, estava até áquella hora privado de gloria militar, e por consequencia sem fama.

(5) *Elle nos infundio*: desconfio da pureza desta frase: o uso commum de fallar assim diz, mas a razão differa: *Elle em nós infundio*: em quanto examino este ponto com mais attenção não alterarei nada na dita frase, e se antes disso vier este Poema a ser lido de algum douto, humildemente lhe rogo, me communique as suas luzes a este respeito. Este verbo *infundir* na sua fonte sempre tem depois de si ablativo. Veremos que uso fazem delle os nossos Meistres.

(6) Não he exageração. Em o 1.º de Dezembro de 1640 apenas deu o relógio da Sé nove horas se principiou a grande empreza da restauração de Portugal, e ás dez para as onze horas andavaõ as regateiras vendendo pelas ruas com tanto socego, como se estivesse Portugal na mais profunda paz. Todo o Reino seguiu o exemplo da Metropole sem a menor contradicção. Arrancar hum Imperio tão vasto, e de possessões tão distantes do poder de huma Nação tão poderosa, como era naquelle tempo a Castelhana, sem effusão de sangue, e ao depois supportar 28 annos de guerra, em que se ganháraõ sete, ou oito batalhas campaes na Europa, e na America, sem que nunca se perdesse neste espaço de tempo batalha alguma, fóra outros muitos acontecimentos notaveis por mar, e por terra nos seus Dominios nas quatro partes do Orbe, isto só he para a Nação Portugueza, Nação verdadeiramente de Heroes, digna de occupar o primeiro lugar entre todas as Nações mais illustres do mundo.

(7) Os excessos, e atrocidade da Nação Castelhana na Europa, e na America, são patentes ainda a pessoas de mediana instrucção.

(8) Nenhuma Nação se glorieia de ter huma serie de Reis quasi todos Heróes, como a Portugueza.

(9) A glosa deste verso he assim: A memoria das proezas dos Reis de Portugal, que triumpháraõ de Castella nos obriga a não recear os honores da guerra.

(10)

(10) Verso pictóresco, que exprime o som que imita: Os nossos antigos ainda até ao principio do Seculo 17. differaõ bronzo, como na Lingoa Italiana. Mr. Thomaz no Canto IV. do Poema de Jumonville tem outro verso como este, mas certamente não he' tão poetico pelo não ajudar a Lingoa Franceza

*De ces bouches d'airain, qui vomissent la mort.*

## TRADUCCÃO

*Do Cantico de Moysés. Exodo Cap. XV.*

**C** ANTEMOS ao Senhor ;  
 Que em grande Magestade se sublima  
 De gloria , e resplendor :  
 Que as soberbas dos máos em nada estima ;  
 E com rigor inteiro  
 Lançou no mar cavallo , e cavalleiro.

O meu remedio he Deos ,  
 Deos foi meu protector , minha defeza.  
 Nestes Canticos meus  
 Soará seu poder , sua grandeza :  
 Exaltarei cantando  
 O Deos de meus Avós benigno , e brando.

Seu nome Omnipotente  
 Enche todo o Universo , e sua gloria  
 A' mais remota gente  
 Se mostra affaz visível , e notoria :  
 Elle a guerra domina ;  
 He Senhor da victoria , e paz divina.

Lançou no mar profundo  
 As carroças hostís de Faraó ;  
 Terrível , e iracundo  
 Converteu seus exercitos em pó ;  
 Seus Capitães subidos  
 Fôraõ no mar vermelho submergidos.

Se-

Sepultados se víraõ  
 Nos abismos d'os mares; e as áreas  
 Para sempre os cubríraõ;  
 E taes se nos retrataõ nas ideas  
 Bem como immensa mole,  
 Que cahindo no mar o mar a engole.

Vossa Maõ poderosa  
 Tanto ergueu vossa excelsa fortaleza,  
 Que em gloria magestosa  
 Vòu por toda a vasta redondeza:  
 Senhor, a Dextra vossa  
 O inimigo cruel fere, e destroça.

E teus mãos adversarios  
 Com tua immensa gloria anniquilaste:  
 Soberbos, temerarios!  
 Tua ira contr'elles fulminaste,  
 Que a nada os reduzio;  
 Qual leve palha em breve os consumio.

As ondas se eleváraõ  
 Com o sôpro do teu justo furor:  
 E immotas se ficáraõ  
 Como hum monte de solido vigor,  
 Viraõ-fe endurecidas  
 Sobre os fundos abismos estendidas.

Disse o fero inimigo:  
 » Eu o perseguirei; captivo, e prezo  
 » Sem susto, e sem perigo  
 » A ferro o passarei, em ira accezo  
 » Seu despojo sobejo  
 » Repartirei, fartando o meu defejo.

So,

Sopraſte tu , Senhor ,  
 Horrendamente os mares ſe empoláraõ  
 Cheios d'ira , e furor ;  
 Todos as cruas ondas devoráraõ ,  
 E fôraõ ſubmergidõs ,  
 Qual pezo enorme em mares revolvidõs.

Quem ha entre os Celeſtes  
 Eſpíritos potentes ſemelhante  
 A ti , Senhor , que dêſtes  
 De tua fantidade alta , e preſtante  
 Magníficos ſignaes ?  
 Por taes milagres louvem-te os mortaes.

Tua Mão eſtendete ,  
 E n'um momento a terra os devorou ;  
 Guia a teu povo dêſte ,  
 Tua miſericordia nos ſalvou :  
 Levou-nos tua Mão  
 Da tua Gloria á Santa Habitação.

Oh Pay , quando o ſouberem  
 Os póvos , que de ti não ſaõ amados ,  
 Que cultos te não derem ,  
 Oh quanto bramaráõ féros , e irados !  
 Os impíos Filíſteos  
 Em dores paſſaráõ os dias ſeus.

Em confuſa inclemencia  
 Os Principes de Edon impíos , e féros  
 Veráõ ſua potencia ;  
 E de Moab os Capitães auſteros ,  
 E os Cananeos entãõ  
 Traſpaſſados de medo jazeráõ :

Caia

Caia sobre elles , caia  
Com impeto tremendo , o medo , o espanto ;  
Já feu furor desfmaia :  
Immoveis fiquem como hum monte , em quanto  
Passar , Senhor , teu povo  
Este teu povo , que amparaes de novo.

Vós o introduzireis ,  
E no monte da Sacra Herança vossa  
Vós , Senhor , o poreis ,  
Onde hum templo , que oppôr-se ao tempo possa  
Nos deixes por memoria ,  
Por vós , Senhor , erguido á vossa gloria.

O Senhor reinará  
Eternamente além da eternidade :  
Elle nos livrará  
Das mãos da dura , e fera iniquidade :  
Eia pois não temamos  
As obras más dos mãos , avante vamos.

Pelos mares entrando  
Faraó , com feus carros , e esquadrões  
Indo avante passando ,  
Todo o pezo das ondas em tufões  
Bramindo horrendamente  
Lançou sobre elles Deos Omnipotente.

Porém os perseguidos ,  
Os Filhos de Iſrael ſem medo avante  
Seguros , e munidos  
A pé enxuto fôraõ n'um instante.  
Seja ſempre louvado  
Seu nome eternamente levantado.





# E R R A T A S.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
26	31	96 - - - - -	95
27	26	Hracio - - - - -	Horacio
32	11	fet - - - - -	fer
35	36	confitituida - - - - -	constituida
38	41	convinha - - - - -	convinhaõ
39	17	Poeta. - - - - -	Poeta
42	9	lhe - - - - -	lhes
57	15	tornarmos, - - - - -	tornarmos
58	27	contamentos - - - - -	contentamentos
66	13	Despertar - - - - -	Desprezar
82	37	<i>Jette</i> - - - - -	<i>Jette</i>
131	18	Genoroso - - - - -	Generoso
132	14	vez - - - - -	vês
139	39	elaboratorio - - - - -	elaboratorio
143	2	Encida - - - - -	Eneida
146	17	Aquillo - - - - -	Aquilo
189	4	<i>e nubilosi</i> - - - - -	<i>e i nubilosi</i>
190	37	ar seguintes - - - - -	as seguintes
205	39	<i>oh alma, soccego</i> - - - - -	<i>alma, o soccego</i>
211	ultim.	fenaõ - - - - -	fe naõ
234	25	(20) - - - - -	(10)
256	21	Scytha - - - - -	Scythia
306	38	Huma - - - - -	Hũa
321	17	hira - - - - -	irá
330	20	As mudanças - - - - -	A's mudanças
Ibid.	23	do titulo - - - - -	o titulo
336	20	Italaina - - - - -	Italiana
340	40	Detyrambos - - - - -	Dythyrambos
353	6	<i>e luchan</i> - - - - -	<i>y luchan</i>
Ibid.	7	<i>Cança mi</i> - - - - -	<i>Cança yã mi</i>
379	7	Tanaes - - - - -	Tãnaes

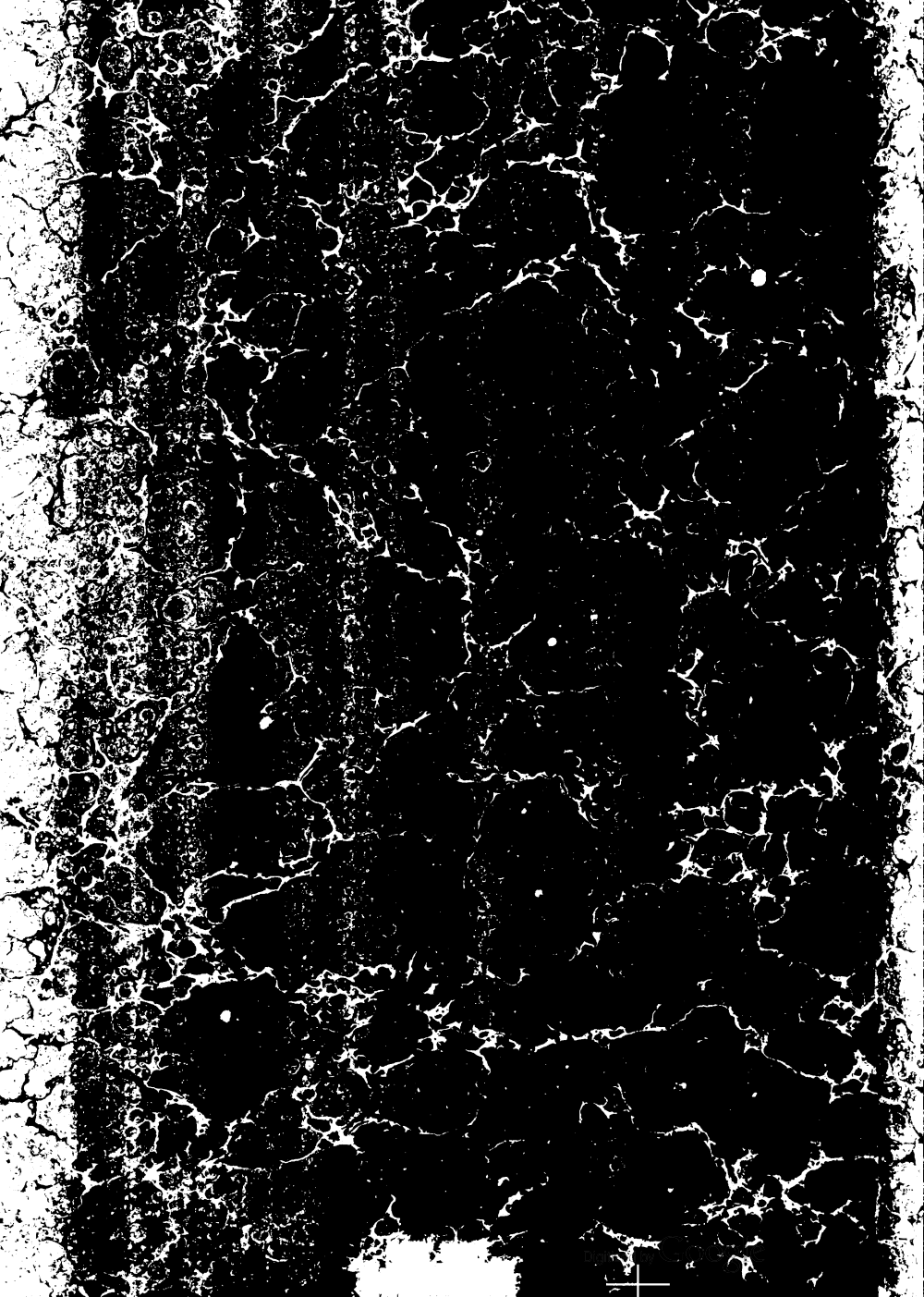
Todos os mais erros e faltas de pontuação, e de accentes, poderaõ ser facilmente suppridos pelo Leitor.











PQ  
9261  
.D55  
1799

DIAS GOMES  
Obras poeticas

*for* A. Naro *Inc*

PQ  
9261  
.D55  
1799

Dias Gomes  
Obras poeticas



PQ9261.D55 1799 c.1

Obras poeticas de Francisco Dias Gom



087 832 242

UNIVERSITY OF CHICAGO